

Este livro conta a história das meninas e jovens mulheres que pegaram em armas ao lado dos homens e lutaram pela independência nacional contra a dominação colonial portuguesa, na província do Niassa no Norte de Moçambique. Através das histórias individuais de trinta e cinco antigas combatentes, tece uma narrativa histórica rica dos dez anos de guerra (1964–1974), que nos traz novos conhecimentos sobre o Destacamento Feminino da FRELIMO e sobre as mulheres cujas vidas está tão interligada com a história nacional.

This book tells the history of the girls and young women who alongside men took up arms and fought for national independence against Portuguese colonial rule in the province of Niassa, northern Mozambique. Through the individual stories of thirty-five female ex-combatants, it weaves a rich historical narrative of the ten-year war (1964–1974) that brings us new knowledge about FRELIMO's Female Detachment and the women whose lives so closely intertwined with national history.



ISBN 978-952-94-0830-6



9 789529 408306

A Avó foi Guerrilheira Grandma was a Guerrilla Fighter

Jonna Katto



‘A Avó foi Guerrilheira’

Memórias de Vida das Mulheres que Lutaram pela
Independência de Moçambique no Norte do Niassa

‘Grandma was a Guerrilla Fighter’

Life Memories of the Women who Fought for
Mozambique's Independence in Northern Niassa



Jonna Katto

‘A Avó foi Guerrilheira’

Memórias de Vida das Mulheres que Lutaram pela
Independência de Moçambique no Norte do Niassa

‘Grandma was a Guerrilla Fighter’

Life Memories of the Women who Fought for
Mozambique’s Independence in Northern Niassa

Jonna Katto

Título / Title

‘A Avó Foi Guerrilheira’: Memórias de Vida das Mulheres que Lutaram pela Independência de Moçambique no Norte do Niassa

‘Grandma was a Guerrilla Fighter’: Life Memories of the Women who Fought for Mozambique’s Independence in Northern Niassa

Autora / Author

Jonna Katto

Tradução / Portuguese translation

João Figueiredo

Revisão / Editing

Emilia Miettinen

Ilustração de mapas / Map illustration

Noora Katto

Fotografias / Photographs

Jonna Katto

Edição fotográfica / Photo editing

Mikko Kankaanpää

Fotografia de capa / Cover image

Maria Ajaba indicando o caminho nos arredores de Mbagadila, Sanga, 2013. / Maria Ajaba leading the way in the surroundings of Mbagadila, Sanga, 2013.

© Jonna Katto

ISBN 978-952-94-0830-6 (hbk.)

ISBN 978-952-94-0831-3 (PDF)

Tallinna Raamatutrükikoda

Tallinna 2018

Dedicatória / Dedication

Este livro é dedicado às DFs do Niassa, às suas famílias e especialmente aos seus netos.

This book is dedicated to the DFs in Niassa, their families and especially their grandchildren.

Agradecimentos / Acknowledgements

1

Os meus mais sinceros agradecimentos vão para todos os veteranos da luta de libertação, que tão generosamente partilharam o seu tempo, ideias e experiências comigo. Agradeço especialmente a todas as DFs a sua participação neste projecto. Estendo a minha mais profunda gratidão a Helena Baide, pelo seu apoio incansável e dedicação a esta pesquisa, e por me ter ensinado tanto durante as nossas viagens pelo norte do Niassa.

Este projecto foi realizado com o apoio do Ministério dos Combatentes (MICO), e eu agradeço a todos em Maputo e no Niassa que, de forma tão generosa, me ofereceram o seu auxílio. Eu agradeço especialmente ao antigo Ministro dos Combatentes, Mateus Óscar Kida. Sou também muito agradecida ao CPHLLN (Centro de Pesquisa da História da Luta de Libertação Nacional, do Ministério dos Combatentes), e especialmente ao seu Director, Dr. Carlos Jorge Siliya.

Durante o meu trabalho com antigos combatentes no Niassa, eu tive o apoio da Associação dos Combatentes da Luta de Libertação Nacional (ACLLN). Eu agradeço sinceramente a todos a sua muito generosa hospitalidade e apoio em Maputo e Lichinga, bem como nos distritos de Mavago, Muembe, Sanga e Lago. Eu agradeço especialmente ao Secretário Geral da ACLLN, Fernando Faustino, e ao Secretário Provincial do ACLLN no Niassa, Rui Cabinda, e a todo o seu gabinete, por me terem recebido de forma tão calorosa. Eu também estendo a minha gratidão a Geraldina Valerio Mwito, do gabinete da ACLLN em Maputo, por todo o seu auxílio ao longo dos anos.

My sincerest gratitude goes to all the veterans of the liberation struggle who so generously shared their time, ideas and experiences with me. I especially thank all the DFs for their engagement in the project. I extend my deepest gratitude to Helena Baide for her untiring support and dedication to this research and for teaching me so much on our travels around northern Niassa.

This project was conducted with the backing of the Ministry of Combatants (*Ministério dos Combatentes*, MICO) and I thank everyone in Maputo and Niassa who so very graciously offered their support. I especially thank the former Minister of Combatants, Mateus Óscar Kida. I am also very grateful to CPHLLN (*Centro de Pesquisa da História da Luta de Libertação Nacional*, *Ministério dos Combatentes*) and especially their Director, Carlos Jorge Siliya.

During my work with ex-combatants in Niassa, I had the support of the Association of the Former Combatants of the Liberation Struggle (*Associação dos Combatentes da Luta de Libertação Nacional*, ACLLN). I sincerely thank everyone for their very generous hospitality and assistance in Maputo and Lichinga, as well as the districts of Mavago, Muembe, Sanga and Lago. I especially thank the Secretary General Fernando Faustino, and the Provincial Secretary of ACLLN in Niassa, Rui Cabinda, and his whole office for welcoming me so warmly. I also thank Geraldina Valerio Mwito at the ACLLN office in Maputo for her support over the years.

While this book focused on DFs, I also interviewed many male ex-combatants in Niassa,

Apesar deste livro se focar nas DFs, eu também entrevistei muitos antigos combatentes masculinos no Niassa, e gostava de reconhecer a sua contribuição para este projecto de pesquisa. Eu agradeço a Bernardo Moisés Goy-Goy, Andre Ambrózio, Makolombela, Jadi Assani, Amido Cimanje, Mwemedi Alifa, Mwemedi N'tawula, Cassimo Dilondo, Mawasi Assane, Raul Candulo, Fernando Mbuana Chibakuli, Rajabo Aly, Bakari Mario Saide, Opesi Saide, e a Tito Brás Cassimo. Eu também estou grata a Eduardo da Silva Nihia, que entrevistei em Maputo.

Eu tive também o privilégio de entrevistar muitas mulheres antigas combatentes em Maputo. Apesar das suas entrevistas terem contribuído bastante para a minha compreensão do Destacamento Feminino da Frente do Niassa, este livro apenas apresenta as histórias de vida das DFs que neste momento vivem no Niassa. Em Maputo, eu agradeço às seguintes DFs da Frente do Niassa: Mónica Chitupila, Lúcia Mustafa, Lúcia Tazama, Helena Assumane, Lúcia Nsuachi e Maria Cristina Cristovão. Eu agradeço também a todas as outras DFs das várias províncias que, ao longo dos anos, partilharam de forma tão generosa as suas histórias de vida comigo.

Uma vez que este livro resulta do meu projecto de investigação de Doutoramento, eu agradeço aos meus orientadores, Professor Axel Fleisch (Universidade de Helsínquia, Finlândia), Doutora Isabel Maria Casimiro (Universidade Eduardo Mondlane) e Doutora Tuija Saresma (Universidade de Jyväskylä, Finlândia) pela sua orientação académica e apoio moral. Fico em grande dívida para com o Professor Armindo Ngunga, e para com todos os meus colegas do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, por todo o seu apoio gentil. Agradeço também ao Doutor Benigna Zimba,

and I wish to acknowledge their contribution to this research project. I thank Bernardo Moisés Goy-Goy, Andre Ambrózio, Makolombela, Jadi Assani, Amido Cimanje, Mwemedi Alifa, Mwemedi N'tawula, Cassimo Dilondo, Mawasi Assane, Raul Candulo, Fernando Mbuana Chibakuli, Rajabo Aly, Bakari Mario Saide, Opesi Saide and Tito Brás Cassimo. I am also grateful to Eduardo da Silva Nihia whom I interviewed in Maputo.

I have also had the great privilege to interview female ex-combatants in Maputo. While their interviews importantly contributed to my understanding of the Female Detachment of the Niassa Front, this book only presents the life histories of the DFs currently living in Niassa. In Maputo, I thank the following DFs of the Niassa Front: Mónica Chitupila, Lúcia Mustafa, Lúcia Tazama, Helena Assumane, Lúcia Nsuachi and Maria Cristina Zouane. I also thank all the other DFs from the various provinces who over the years have so generously shared their life histories with me.

As this book stems from my PhD research project, I thank my supervisors, Dr Isabel Maria Casimiro (Eduardo Mondlane University), Professor Axel Fleisch (University of Helsinki, Finland) and Dr Tuija Saresma (University of Jyväskylä, Finland) for their academic guidance and moral support. I am deeply indebted to Professor Armindo Ngunga and all my colleagues at the Centre of African Studies at Eduardo Mondlane University for their kind support. I am also very grateful to Dr Benigna Zimba, Dr José Alberto Raimundo and Dr Alda Saúte Saide for sharing with me their research on the DF and the liberation struggle in Niassa.

I also thank my Ciyaawo language research assistant Bernardo Aubi Silajo for his invaluable

2

Doutor José Alberto Raimundo e à Doutora Alda Saúte Saide, por terem partilhado comigo as suas pesquisas sobre as DFs e a luta de libertação no Niassa.

Agradeço também ao meu assistente de pesquisa de língua Ciyaawo, Bernardo Aubi Silajo, pela sua ajuda preciosa, e a toda a sua família de Lichinga, pela sua hospitalidade acolhedora. Pela tradução portuguesa deste livro, fico em dívida para com o Doutor João Figueiredo pelo seu trabalho meticuloso.

Agradeço a todos os meus colegas e amigos que fizeram parte deste percurso. Desejo estender a minha profunda gratidão especialmente a Emilia Miettinen, Noora Katto, Mikko Kankaanpää, Tobias Houston, Janne Rantala e Päivi Katto, pela sua inestimável ajuda e apoio moral na realização deste livro. Finalmente, e muito especialmente, o meu sentido obrigada a Bartosz Kopczynski pelo seu apoio inquebrantável, encorajamento, e paciência ao longo dos muitos anos em que este projecto fez parte das nossas vidas.

Helsínquia, 26 de Julho de 2018

help, and his whole family in Lichinga for their embracing hospitality. For the Portuguese translation of this book, I am greatly indebted to Dr João Figueiredo for his meticulous work.

I am thankful to all my colleagues and friends who have been a part of this journey. I wish to extend my deepest gratitude especially to Emilia Miettinen, Noora Katto, Mikko Kankaanpää, Tobias Houston, Janne Rantala and Päivi Katto for their invaluable help and moral support in the making of this book. Finally yet importantly, my heartfelt thanks go to Bartosz Kopczynski for his unwavering support, encouragement and patience over the many years that this project has been a part of our lives.

Helsinki, 26 July 2018

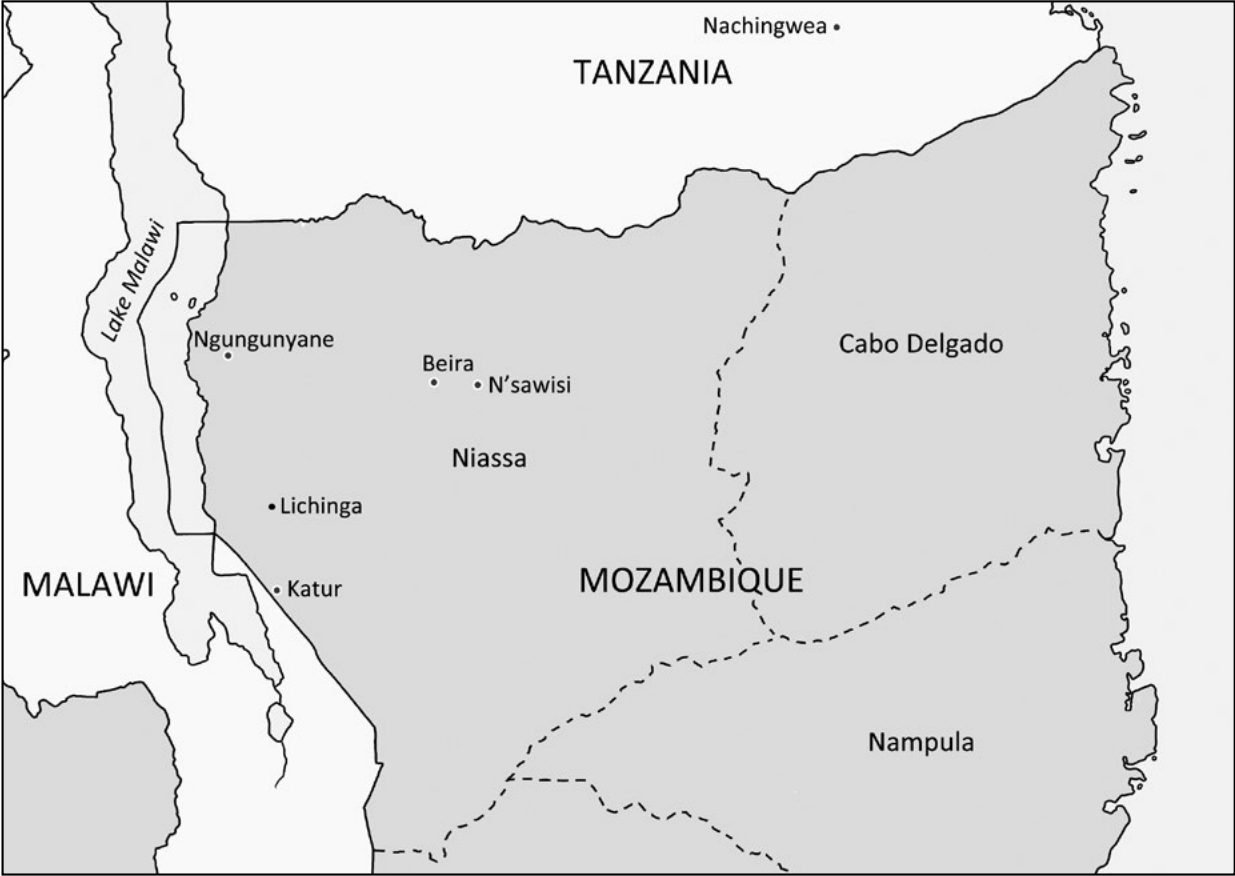
Índice / Contents

Agradecimentos / Acknowledgements	1
Mapas / Maps	6
Introdução / Introduction	8
O Destacamento Feminino do Niassa Ocidental / The Female Detachment of <i>Niassa Ocidental</i>	24
Amélia Omar	25
Amina Ndaala	31
Fátima Aide Namboka	37
Fátima Omar Mombajia	43
Lúcia Ali Abdala	49
Madalena Bitete	55
Madyatu Issa	61
Maria Ajaba	65
Rosa Cassimo Namate	71
Teresa Bernardo Macotoa	76
O Destacamento Feminino do Niassa Oriental / The Female Detachment of <i>Niassa Oriental</i>	82
Helena Baide	83
Adya Matola	91
Ana Alane	97
Assiato Muemedi	103
Beatriz Assima	109
Bendita Ntuma	115
Fátima Buanadi	121
Carolina Saide	127
Catarina Mbuana	133

Celina Saide	139
Fátima Issa Chipande	145
Fátima Saide Assume.....	151
Fátima Walusa	156
Fátima Wesje.....	161
Lúcia Bala	165
Maria Issa	172
Maria Kambongwe.....	178
Maria Mota	183
Maria Yassine.....	189
Rosa Chalamanda	194
Rosa Mustaffa	199
Rosa Saide	205
O Destacamento Feminino do Niassa Austral / The Female Detachment of <i>Niassa Austral</i>	211
Fátima Aquili	212
Helena Caisse.....	219
Rosa Salimu	225
Notas / Notes.....	231
Glossário e Abreviações / Glossary and Abbreviations.....	234



Mapa 1. Moçambique, de Rovuma a Maputo.
Map 1. Mozambique from Rovuma to Maputo



Mapa 2. As principais bases militares da FRELIMO no Niassa, durante a guerra (marcadas com círculos brancos no mapa).
Map 2. FRELIMO's principal military bases (marked with white circles on the map) in Niassa during the war.

Introdução / Introduction

Este livro conta a história das meninas e jovens mulheres que, ao lado dos homens, tomaram armas e lutaram pela independência nacional contra o domínio colonial português, na província do Niassa, no norte de Moçambique. Apesar de centenas de meninas terem participado na luta armada (1964–1974), liderada pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), em grande medida as suas vozes femininas ainda estão em falha no registo da história oral.

Embora nos anos recentes muitos antigos combatentes idosos terem começado a publicar as suas memórias de guerra, determinados a legar as suas narrativas de vida às futuras gerações de moçambicanos, as vozes das mulheres antigas guerrilheiras têm estado notavelmente ausentes. Apenas um livro, *A mulher moçambicana na luta de libertação nacional: memórias do destacamento feminino*, da antiga Secretária Geral da OMM, Paulina Mateus N’Kunda, e da historiadora Benigna Zimba (2012), se concentrou especificamente no trabalho das mulheres durante a guerra. Focando especialmente os testemunhos das líderes do Destacamento Feminino (DF), o seu livro reivindica notavelmente o espaço que as mulheres ocuparam enquanto actores indispensáveis, ao lado dos homens, na história da luta de libertação.

O meu livro procura complementar o de N’kunda e Zimba, ao alargar ainda mais o registo da história oral, e ao dar espaço às vozes e memórias de antigas combatentes menos conhecidas, do norte do Niassa. Através das histórias de trinta e cinco DFs, este livro tece uma narrativa histórica da guerra rica, que nos trás novos conhecimentos

This book tells the history of the girls and young women who alongside men took up arms and fought for national independence against Portuguese colonial rule in the province of Niassa, northern Mozambique. While hundreds of girls participated in the armed struggle (1964–1974), led by the Mozambique Liberation Front (FRELIMO), these female voices are still largely missing from the oral history record.

While in recent years many aging ex-combatants have started publishing their war memoirs, determined to leave their life narratives for the future generations of Mozambicans, the voices of female ex-combatants have been notably absent. Only one book, *A mulher moçambicana na luta de libertação nacional: memórias do destacamento feminino*, by the former Secretary-General of OMM Paulina Mateus N’kunda and historian Benigna Zimba (2012) has specifically concentrated on women’s work during the war. Focusing mainly on the testimonies of the leaders of the Female Detachment (*Destacamento Feminino*, DF), their book importantly claims women as indispensable actors alongside men in the history of the liberation struggle.

My book seeks to complement N’kunda’s and Zimba’s publication by further broadening the oral historical record and giving space to the voices and memories of lesser known female ex-combatants in northern Niassa. Through the individual stories of thirty-five DFs, it weaves a rich historical narrative of the war that brings

sobre o Destacamento Feminino da FRELIMO, e as mulheres cujas vidas estão tão fortemente ligadas à história nacional.

Destacamento Feminino da FRELIMO no Niassa

O Destacamento Feminino da FRELIMO foi oficialmente criado por um decreto do Comité Central, em Outubro de 1966. Em Maputo, eu entrevistei as líderes do DF de Cabo Delgado, que defenderam que foi apenas graças ao envolvimen-to activo das mulheres nas actividades militares que a FRELIMO foi forçada a tomar a decisão de permitir a participação total das mulheres nas forças de guerrilha.¹ Um pelotão de vinte e quatro meninas do Cabo Delgado foi o primeiro grupo feminino a receber treino político-militar em Nachingwea, no sul da Tanzânia (ver Mapa 2 na página 7), em 1967. Depois do seu treino de seis meses ter sido completado, elas foram seguidas de um grupo de meninas e mulheres jovens do Niassa.

Como em Cabo Delgado, também no Niassa meninas e mulheres participaram nas actividades militares antes da criação dos DF.² Muitas das recrutas femininas tinham idades abaixo dos quinze anos quando, em 1965, a FRELIMO começou as suas campanhas militares nas suas terras natais, na zona rural do norte do Niassa.³ De acordo com David Francisco Xadrique Ndegue, a Base Central de Mbembe no Niassa Ocidental recebeu o primeiro grupo de meninas em 1965.⁴ As minhas entrevistas com ex-combatentes também indicam que as guerrilhas da FRELIMO já recrutavam meninas e mulheres jovens desde os primeiros dias da mobilização militar no Niassa.⁵

us new knowledge about FRELIMO’s Female Detachment and the women whose lives so closely intertwined with national history.

FRELIMO’s Female Detachment in Niassa

FRELIMO’s Female Detachment was officially created by the decree of the Central Committee in October 1966. In Maputo, I interviewed DF lead-ers from Cabo Delgado who argued that it was only through women’s active engagement in mili-tary activities that FRELIMO was forced to make the decision to allow women’s full participation in the guerrilla forces.¹ A platoon of twenty-five girls from Cabo Delgado was the first female group to receive political-military training in Nachingwea in southern Tanzania (see Map 2 on page 7) in 1967. After their six-month training was com-plete, they were followed by a group of girls and young women from Niassa.

Like in Cabo Delgado, also in Niassa girls and women were participating in military activities before the creation of the DF.² Many of the female recruits were under the age of fifteen when in 1965 FRELIMO started its military campaign in their home areas in the countryside of northern Niassa.³ According to David Francisco Xadrique Ndegue, the Central Base of Mbembe in western Niassa received its first group of girls in 1965.⁴ My interviews with ex-combatants also indicate that FRELIMO guerrillas were recruiting girls and young women since the early days of military mobilization in Niassa.⁵

In the beginning many girls were first recruited to carry the food contributed by the population to the bases. Then they were ordered to stay at the bases to cook for the soldiers. Once living at

No começo, muitas meninas foram inicial-mente recrutadas para transportar os contribu-tos alimentares da população para as bases. De seguida receberam ordens para ficarem nas bases e cozinhareм para os soldados. Já vivendo nas bases, as meninas rapidamente começaram a re-ceber outras tarefas, como a de mobilizar a popu-lação para o apoio à FRELIMO na sua campanha político-militar. O número de recrutas femininas cresceu gradualmente. Para o final de 1965, o seu número tinha crescido tanto que, por exemplo, no Niassa Ocidental elas estavam reunidas na Base Feminina de Chityale, onde elas receberam algum treino rudimentar em como se defende-rem.⁶ De acordo com as minhas entrevistas, havia ‘mais de cem’ meninas na base. No total, estima-se que 200 a 250 meninas e mulheres (aproxima-damente dez por cento do total da força guerri-lheira no Niassa) foram integradas como soldados na Frente do Niassa.⁷

No Niassa, a luta de libertação começou na região do Lago Niassa, em 1964.⁸ Daí, as guer-rilhas avançaram para o sul, até à área de Katur, em 1965. No final de 1965, uma frente de guerra foi também aberta a Este, na área de Ce-Mataka, em Mavago. Como o Niassa engloba uma área vasta, quando a estrutura de comando provincial foi reorganizada em 1966, a frente do Niassa foi dividida em três sectores de combate: o sector ocidental (Niassa Ocidental), o sector oriental (Niassa Oriental), e o sector do sul (Niassa Austral).⁹

O sector ocidental incluía as áreas do Lago, Sanga, Cidade de Lichinga e distrito de Lichinga. A sede do sector ficava junto da sede do comando provincial, localizado no distrito do Lago. O sec-tor oriental incluía as áreas de Mavago, Mwembe, Mecula, Majune, Marrupa, Maúa e Metarica.

the bases, the girls soon started receiving other tasks, such as mobilising the population to support FRELIMO in its political-military campaign. The number of female recruits gradually grew. Towards the end of 1965, their numbers had grown so that, for instance, in western Niassa they were gathered into the female-only base of Chityale, where they received some rudimentary training on how to defend themselves.⁶ According to my interviewees, there were ‘more than a hundred’ girls at the base. In total an estimated 200 to 250 girls and women (approximately ten percent of the total guerrilla force in Niassa) were integrated as soldiers into the Niassa front of the liberation struggle.⁷

In Niassa the liberation struggle was first initiated in the region of Niassa Lake in 1964.⁸ From there, the guerrillas advanced south to the area of Katur in 1965. In late 1965 a military front was also opened in the east, in the area of Ce-Mataka in Mavago. As Niassa comprises a vast area, when the provincial command structure was reorganized in 1966, the Niassa front was divided into three sectors of combat: the western sector (*Niassa Ocidental*), the eastern sector (*Niassa Oriental*), and the southern sector (*Niassa Austral*).⁹

The western sector encompassed the areas of Lago, Sanga, the municipality of Lichinga and the district of Lichinga. The sectorial and provincial command had joint headquarters located in the district of Lago. The eastern sector included the areas of Mavago, Mwembe, Mecula, Majune, Marrupa, Maúa and Metarica. Its headquarters were located in Mavago by the river N’tiringwe. The southern sector covered the districts of Ngaúma, Mandimba, Mecanhelas, Cuamba and a part of the district of Lichinga. Its headquarters were located in the mountains of Kwisimba.¹⁰

A sede do sector localizava-se em Mavago, junto ao rio N’tiringwe. O sector austral cobria os distritos de Ngaúma, Mandimba, Mecanhelas, Cuamba e parte do distrito de Lichinga. A sede do comando do Niassa Austral era localizada nas montanhas de Kwisimba.¹⁰

Os sectores tinham autonomia operacional.¹¹ Os comandantes provinciais residiam no sector ocidental, enquanto os comandantes adjuntos se situavam no sector oriental. Também era assim com o Destacamento Feminino. Mónica Chitupila, a Comandante Provincial do DF, estava posicionada no Niassa Ocidental, enquanto Teresa Amuli, a Comandante Provincial Adjunta, ficava no Niassa Oriental.

‘Não há homens, não há mulheres—todos nós temos que lutar!’

No começo da luta armada, não havia ainda um discurso acentuado sobre a ‘libertação da mulher’. A partir do começo da década de 1970, o grupo que reclamava uma linha revolucionária no interior da liderança da FRELIMO assumiu o controlo do partido, e a luta começou a ser mais solidamente enquadrada dentro de um discurso socialista.¹² Foi apenas por esta altura que a ‘libertação da mulher’ se tornou uma parte integral da educação política das guerrilhas.¹³

É assim que Maria Ajaba, uma comissária política da Base Ngungunyane, recorda o discurso sobre a libertação da mulher no período da guerra:

Esta guerra—não é apenas para nós homens, que somos colonizados! Também para vocês

The sectors had operational autonomy.¹¹ The provincial commanders were stationed in the western sector while the vice commanders were situated in the eastern sector. This was the case also with the Female Detachment. Mónica Chitupila, the Provincial Commander of DF, was positioned in *Niassa Ocidental* while Teresa Amuli, the Deputy Provincial Commander was stationed in *Niassa Oriental*.

‘There are no men, there are no women—we all have to fight!’

In the beginning of the armed struggle, there was yet no pronounced discourse on ‘women’s liberation’. From the beginning of the 1970s, the group inside FRELIMO leadership that claimed a revolutionary line assumed control of the party, and the struggle became framed more strongly within a socialist discourse.¹² It was only around this time that ‘women’s liberation’ became an integral part of the political education of the guerrillas.¹³

This is how Maria Ajaba, a political commissar at Base Ngungunyane, remembers the wartime talk about women’s liberation:

This war—it isn’t only for us men that are colonized! Also for you it’s worse. For you it’s double: the settler is colonizing you, the man also is colonizing you. The man can go together with you to the *machamba*, when you return, you with firewood on your head. Hmm? When you arrive there, there is no water. You go to get water. The man already sat down. Because he is very tired. His coat—you took the firewood—he is putting on top of your head. That is to colonize. You arrive there, you arrive there at home, the man just

é pior. Para vocês é o dobro: o colono está a vos colonizar, e o homem também vos está a colonizar. O homem pode ir junto contigo para a *machamba*, quando regressam, você com a lenha à cabeça. Hmm? Quando chegam lá, lá não há água. Você vai buscar água. O homem já se sentou. Porque ele está muito cansado. O seu casaco—você levou a lenha—ele está a por na tua cabeça. Isso é colonizar. Você chega lá, você chega lá a casa, o homem é só ficar. Você cozinha água para lhe dar! Você pila e extrai farinha. O caril já está pronto, cozinha *chima*—para ele. Você não descansa nada! Enquanto o homem, quando ele regressou da *machamba*—pronto. Por isso também vocês têm que se reconhecer que é para libertar o vosso corpo de mulher. Esse é o papel da mulher.¹⁴

De acordo com a retórica da FRELIMO, as mulheres estavam sujeitas a uma opressão dupla: tal como os homens elas eram oprimidas pelo colonialismo mas, para além disso, elas também eram oprimidas pelos homens devido aos papéis tradicionais femininos que ocupavam na sociedade. Contudo, como a FRELIMO defendia, as mulheres poderiam atingir a sua libertação ao participarem na luta armada, numa parceria igualitária com os homens. O envolvimento activo das mulheres na luta conduziria à transformação radical da sua auto-conceptualização de género.¹⁵ Os homens também eram considerados de importância crucial neste processo. Enquanto as mulheres eram educadas no sentido de tomarem o seu lugar ao lado dos homens, os homens eram ensinados a reconhecer a nova posição das mulheres enquanto suas camaradas de luta. É assim que Cassimo Dilondo recorda a educação política que ouvia durante a guerra:

rests. You boil water and give to him! You pound maize to make flour. The sauce is already prepared, you cook *chima*—for him. You don’t rest at all! While the man, when he returned from the *machamba*—that’s it, he’s done. So also you have to recognize to liberate your body of the woman. This is the role of the woman.¹⁴

According to FRELIMO’s rhetoric, women were subject to double oppression: together with men they were oppressed by colonialism but, on top of that, they were also oppressed by men in their traditional female roles in society. However, as FRELIMO claimed, women could achieve their freedom by participating in the struggle in equal partnership with men. Women’s active engagement in the struggle would lead to the radical transformation of their gendered self-conceptualization.¹⁵ Men were also considered crucially important to this process. While women were educated to take their space next to men, men were taught to recognize women’s new position as their comrades-in-arms. This is how Cassimo Dilondo remembers the wartime talk:

They spoke that the women—they are our women and we will fight together. Those times as the women were being colonized a lot! We used to give them coats to carry. But today we can no longer give coats to the ladies. Because they are the ladies who no longer can be mobilized to carry our coats. It is with them that we will also fight together in combat to liberate Mozambique from Rovuma to Maputo! And we really obeyed. The ladies now no longer—They aren’t ladies! They are our comrades. We suffered together in combat. We ate together in combat and returned to live at the bases together.¹⁶

Eles falavam que as mulheres—elas são as nossas mulheres e nós vamos lutar juntos. Nessa altura como as mulheres estavam a ser muito colonizadas! Nós costumávamos dar os casacos para elas carregarem. Mas hoje não podemos mais dar os casacos para as senhoras. Porque elas são as senhoras que não podem mais ser mobilizadas para carregar os nossos casacos. É com elas que nós vamos também lutar juntos no combate para libertar Moçambique do Rovuma a Maputo! E nós cumpríamos mesmo. As senhoras já agora—Elas não são senhoras! Elas são as nossas camaradas. Nós sofremos juntos em combate. Nós comemos juntos em combate e voltamos para viver juntos nas bases.¹⁶

Muitos antigos combatentes falam de como durante a guerra eles aprenderam que não havia separação entre o trabalho dos homens e o das mulheres. Nessa altura igualdade significava que todo o trabalho tinha de ser feito em conjunto. Os homens faziam trabalhos de mulher, como recolher lenha, cozinhar e lavar os pratos, e as mulheres iam para o combate, faziam discursos em público e construíam palhotas. Contudo, as experiências de diferentes homens e mulheres variavam. A vida nas bases também dependia muito do comandante ou comissário político responsável. Também existiam muitas bases em que apenas trabalhavam homens, como por exemplo, as bases de avanço. O nível de educação política também variava. Os oficiais recebiam um treino político mais vigoroso do que o dos quadros simples. A experiência de algumas DFs que eu entrevistei foi a de que o discurso sobre a emancipação da mulher se tornou mais decidido e reconhecível apenas depois da guerra, especialmente através do trabalho da

Many ex-combatants speak of how during the war they learned that there was no separation between men’s and women’s work. At the time equality meant that all work had to be done together. Men did women’s jobs, such as collecting firewood, cooking and cleaning dishes, and women went to combat, gave public speeches and built cabanas. Still, experiences between different women and men vary. Camp life also depended a lot on the specific commander and political commissar in charge. There were also many bases where only men worked, for instance, bases of advance. Also, the level of political education varied. Officers received more vigorous political training than regular cadres. The experience of some DFs that I interviewed was that the discourse on women’s emancipation became more decided and noticeable only after the war, especially through the work of the Organization of Mozambican Women (*Organização da Mulher Moçambicana*, OMM). During the armed struggle, the main objective for everyone was to work together for the same goal: to expel the Portuguese and liberate the country.

Work of the Female Detachment

Receiving the same basic military training as their male comrades, DFs worked as medics, nurses, teachers, political commissioners, military instructors, and regular soldiers.¹⁷ Moreover, their tasks also involved the political mobilisation of the population, the transportation of war material and taking care of children in FRELIMO’s *infantários* (childcare centres) in the bush. To a varying degree, they engaged in direct combat together with male soldiers.

In the excerpt below, Rosa Mustaffa speaks of the work that the DFs did during the war

Organização da Mulher Moçambicana, OMM. Durante a luta armada, o principal objectivo de toda a gente era trabalhar conjuntamente pelo mesmo fim: a expulsão dos portugueses e a libertação do país.

Trabalho do Destacamento Feminino

Recebendo o mesmo treino militar básico que os seus camaradas masculinos, as DFs trabalhavam como enfermeiras, socorristas, professoras, comissárias políticas, instrutoras militares, e soldados simples.¹⁷ Para além do mais, as suas tarefas também envolviam a mobilização política da população, o transporte de material de guerra e o cuidar das crianças nos infantários da FRELIMO no mato. Em graus variáveis, elas participaram no combate juntamente com os soldados homens.

No excerto abaixo, Rosa Mustaffa fala do trabalho que as DFs faziam durante a guerra, transportando cargas pesadas de material de guerra, da fronteira da Tanzânia para as bases no interior de Moçambique.

JONNA: Então, que tipo de coisas vocês carregavam?

ROSA: Nós—nós carregávamos, iih, nós carregávamos coisas da guerra, não é? Aah, munição de armas pesadas.

JONNA: Então pesava—

ROSA: Pesava muito, sim. Porque, eih, nós carregávamos muito!

JONNA: Então de Tanzânia até?

ROSA: De Tanzânia até em Moçambique. Até para aqui mesmo, em Moçambique, podia

transporting heavy loads of war material from the Tanzanian border to bases inside Mozambique.

JONNA: So, what kind of things did you carry?

ROSA: We—we carried, iih, we carried war material, isn’t it? Aah, ammunition of heavy weapons.

JONNA: So it weighed—

ROSA: It weighed a lot, yes. Because, eih, we carried a lot!

JONNA: So from Tanzania to?

ROSA: From Tanzania to Mozambique. To even here in Mozambique you could carry from here to other bases. Because also there in the bush, there existed places, distant-distant-distant places! So, we had to carry those things from here to the other side for others to use there. Taking from Tanzania to Mozambique. So in Mozambique there also were big bases that could store those things so that they could be divided to the other bases. So all of that it was us carrying—

JONNA: Aah, the female detachment?

ROSA: The female detachment. And with the population itself—Going to mobilize that population, going together with them, carrying the material to the other side.¹⁸

Apart from the transportation of war material, the other important job that the DFs had was that of political mobilization. They mobilized both the civilian population and their male comrades, as Helena Baide describes:

The work of the female detachment was to mobilize the people and to mobilize the

carregar daqui para outras bases. Porque também, lá no mato, existiam lugares, lugares distantes-distantes-distantes! Então, nós tínhamos que carregar aquelas coisas daqui para outro lado, para outros as usarem lá. Carregando da Tanzânia para Moçambique. Então, em Moçambique, também havia bases grandes que podiam guardar essas coisas para que elas pudessem ser divididas para as outras bases. Portanto tudo isso éramos nós carregando—

JONNA: Aah, o destacamento feminino?

ROSA: O destacamento feminino. E mesmo com a população—Indo mobilizar a população, indo juntamente com ela, carregando o material de guerra para o outro lado.¹⁸

Para além do transporte de material de guerra, o outro trabalho importante que as DFs tinham era o de fazer mobilização política. Elas mobilizavam quer a população civil quer os seus camaradas masculinos, como Helena Baide descreve:

O trabalho do destacamento feminino era mobilizar o povo e mobilizar os combatentes. Quando aqueles homens queriam fugir, nós dizíamos: ‘Huh-huh [negação], ouve lá, vocês não podem fugir. Aqueles lá vieram nos enganar. É para que nós fugíssemos e deixássemos as nossas riquezas com eles. E isso é o que nós não queremos! É bom que vocês se reforcem, mordam os vossos dentes! E matem aqueles lá. Até que eles fujam!’ E nós conseguíamos. E havia muitos combatentes que fugiam. Se deixados na base sem um destacamento feminino, essa base ia ser destruída. Eles fugiam! Outros fugiam para a Base Central, outros para a Base Beira, outros iam para outras bases. ‘Eh, não, esta guerra dói.’ Mas bastava chegar lá

combatants. When those men wanted to flee, we said: ‘Huh-huh [negation], listen, you can’t flee. Those there came to deceive us. It is so that we would flee and leave our riches with them. And those are things that we don’t want! It is good to strengthen, bite your teeth! And kill those there. Until they flee!’ And we managed. And there were many combatants who fled. If left at the base without members of the female detachment, that base is going to be destroyed. They ran away! Others fled to the Central Base, others to Base Beira, others went to other bases. ‘Eh, no, this war is hurting.’ But just to arrive where there are women there—no one fled! No one managed to flee. Going to combat, returning. When they arrive there at the base, they give their report, there standing in formation, done. That’s it. Approaching them there and sitting down, conversing with them, conversing, conversing! That’s it. They also become like this—they become like this happy! We are working well. That’s it. That was our work.¹⁹

Political mobilization was officially recognized as the DFs’ most important job during the war.²⁰ And as Helena’s account shows, the DFs took great pride in this. During the war, mobilization involved convincing people on FRELIMO’s politics. At the same time, its goal was to give soldiers the courage and strength to continue to fight and survive, despite all the difficulties.

Combat was not a common activity for the DFs. As Helena Baide says, ‘the female detachment didn’t have a lot of program of going to combat.’²¹ Normally the number of men participating in each combat mission was also significantly higher than the number of women. Lúcia Bala spoke of how in the beginning of the war

onde há mulheres—ninguém fugia! Ninguém conseguia fugir. Indo para o combate, regressando. Quando eles chegavam lá na base, eles davam o seu relatório, lá ficando em formatura, acabou. Pronto. Aproximando deles lá, sentando e conversando com eles, conversando, conversando! Pronto. Eles assim também se ficavam —eles assim se ficavam com alegria! Nós estamos a trabalhar bem. É isso. Esse era o nosso trabalho.¹⁹

A mobilização política foi oficialmente reconhecida como o trabalho mais importante das DFs durante a guerra.²⁰ E, como o testemunho de Helena demonstra, as DFs tinham grande orgulho no facto. Durante a guerra, a mobilização envolvia convencer as pessoas das políticas da FRELIMO. Ao mesmo tempo, o seu objectivo era dar aos soldados coragem e força para continuarem a lutar e a sobreviver, apesar de todas as dificuldades.

O combate não era uma actividade comum para as DFs. Como Helena Baide diz, ‘o destacamento feminino não tinha muito programa de ir para combate.’²¹ Normalmente o número de homens que participavam em cada missão de combate também era significativamente mais alto que o de mulheres. Lúcia Bala fala de como no começo da guerra as mulheres participavam no combate mais regularmente mas, depois, uma decisão foi tomada contra esta prática.²² De acordo com ela, as DFs eram consideradas mais um risco para a segurança do que uma mais valia em combate. Apesar de a maioria das minhas entrevistadas falar de ter participado apenas algumas vezes em combate, algumas DFs dizem ter tido experiências diferentes. Muitas DFs que trabalharam na Base Ngungunyane defenderam que esta tinha sido uma prática regular para elas. O mesmo foi defendido por Fátima Aquili, que

women participated in combat more regularly but then a decision was made against this practice.²² According to her, the DFs were considered to be more a security risk than an asset. Though most of my interviewees spoke of only participating a few times in combat, some DFs expressed different experiences. Many DFs who had worked at Base Ngungunyane argued that it had been a regular practice for them. The same was argued by Fátima Aquili, who worked as Commander of DF at Base Katur. While Fátima insisted that she engaged in the shooting, other DFs argued that their main task in combat was to carry the ammunition and guard the ammunition in a secure location at a distance from the male soldiers who engaged the enemy with fire. When the men ran out of ammunition, they would run over to the DFs to replenish their supplies.

Motherhood during the war

As the war prolonged, the girls grew into young women, and many DFs also had children during the war. The women’s narratives speak of the difficulty of combining motherhood with their military duties. For instance, it was uncommon for DFs to carry both their weapon and child at the same time. When a pregnancy was so far along that it hindered the performance of one’s military activities, the DF had her army uniform and weapon removed from her, and she was sent to live with the civilian population. The DF stayed there until her child turned one (or about the age that they could walk), and then she was called back to the base to assume her military duties.

When the *infantários* were created, the children were sent there to be taken care of by other DFs.²³ Yet practices varied between bases.

trabalhava como Comandante do DF na Base Katur. Apesar de Fátima insistir que elas se envolviam nos tiroteios, outras DFs argumentaram que a sua principal tarefa em combate era carregar munição e guardar a munição em local seguro, a alguma distância dos soldados masculinos que se envolviam em tiroteios com o inimigo. Quando os homens ficavam sem munição, eles correriam para as DFs, para reabastecerem as suas reservas.

Maternidade durante a guerra

Conforme a guerra se prolongou, as meninas cresceram até se tornarem mulheres jovens, e muitas DFs também tiveram filhos durante a guerra. As narrativas das mulheres falam da dificuldade em combinar a maternidade com os seus deveres militares. Era incomum, por exemplo, que as DFs transportassem a sua arma e a sua criança ao mesmo tempo. Quando uma gravidez ia tão avançada que atrapalhava o desempenho das suas actividades militares, era retirada a arma e o fardamento militar às DFs, que eram enviadas para viver com a população civil. A DF ficava aí até que a sua criança atingisse um ano de idade (ou mais ou menos a idade em que começasse a andar), e então ela era chamada de volta para a base, para continuar com os seus deveres militares.

Quando os infantários foram criados, as crianças eram enviadas para lá para serem cuidadas por outras DFs.²³ Contudo, as práticas variavam entre as diferentes bases. Havia algumas bases em que as mulheres viviam juntas com as suas crianças, por exemplo, a Base Lutyambila no Niassa Oriental. Algumas mulheres também falaram da sua experiência de ter que carregar material de

There were some bases where women lived together with their children, for instance, Base Lutyambila in *Niassa Oriental*. Some women also spoke of their experiences of having to carry war material while they were nursing, until their child was old enough to be put in the FRELIMO nursery. When the DFs talked about the movement they did with their children in the war, they told many stories of the experienced horror of almost dropping their children, or momentarily losing them, when having to run for cover. Beatriz Assima remembers dropping her child in a river during one attack. Many children were also lost during the war. Maria Issa tells of how she was working at the Base of Mateceta when she received news that her child together with four others had disappeared never to be found again in an attack on the *infantário* in Cilolo in *Niassa Oriental*.

Interviewing DFs in Niassa

The narratives in this book are based on the life history interviews that I conducted in northern Niassa between 2012 and 2014.²⁴ During this period, I worked in the districts of Sanga (the localities of Malulu, Macaloge and Matchedje); Mavago (Mavago-Sede, N’sawisi and N’kalapa); Muembe (Muembe-Sede, Chiconono and Nzizi); Lago (Maniamba); district of Lichinga and the municipality of Lichinga.

Altogether I conducted life history interviews with thirty-five female ex-combatants. This is in no way an exhaustive list; rather, these are the DFs that I managed to meet and who agreed to be interviewed. In my research, I wanted to focus on those DFs whose voices are less heard in the public sphere. Other important testimonials have been published elsewhere. For instance, the

guerra enquanto estavam a amamentar, até que as suas crianças fossem crescidas que chegasse para serem postas nos infantários da FRELIMO. Quando as DFs falaram sobre as movimentações que faziam com as suas crianças durante a guerra, elas contaram muitas histórias sobre a o horror que sentiam de quase deixar cair as suas crianças, ou de as perder momentaneamente, quando tinham de correr para se abrigarem. Beatriz Assima recorda ter deixado cair o seu filho no rio durante um ataque. Muitas crianças também se perderam durante a guerra. Maria Issa conta como ela estava a trabalhar na Base de Mateceta, quando ela recebeu notícias de que a sua criança, juntamente com outras quatro, tinha desaparecido para nunca mais ser encontrada, num ataque ao infantário de Cilolo, no Niassa Oriental.

Entrevistando DFs no Niassa

As narrativas que fazem parte deste livro são baseadas nas entrevistas de história de vida que eu realizei no norte do Niassa, entre 2012 e 2014.²⁴ Durante este período, eu trabalhei nos distritos de Sanga (nas localidades de Malulu, Macaloge e Matchedje); Mavago (Mavago-Sede, N’sawisi e N’kalapa); Muembe (Muembe-Sede, Chiconono, e Nzizi); Lago (Maniamba); no distrito de Lichinga (Kolongo e Mussa) e na Municipalidade de Lichinga.

No total eu realizei entrevistas de história de vida com trinta e cinco ex-combatentes. Esta não é, em nenhum sentido, uma lista exaustiva; pelo contrário, estas são as DFs que eu consegui conhecer, e que aceitaram ser entrevistadas. Na minha pesquisa, eu queria me focar naquelas DFs cujas vozes fossem menos ouvidas na esfera pública. Outros testemunhos importantes têm

testimonials of Teresa António Chaiba Anaiva, Teresa Amuli, Mónica Chitupila and Julieta Alves Aide can be found in the book by N’kunda and Zimba.²⁵ My interviews with DFs were further complemented by interviews with male ex-combatants (see ‘Acknowledgments’). However, the focus of this book is on the female detachment.

I decided to focus mainly on the Ciyaawo-speaking population because their voices are rarely heard in the public space. There are very few Ciyaawo-speakers among the leading figures of the liberation struggle that later gained important positions in the Frelimo-government. This is largely due to the fact that many of the Muslim Ayaawo resisted sending their children to the mission schools during colonial times. In the post-independence period, many of the Ciyaawo-speaking ex-combatants were marginalized because of their lack of formal education.

All the interviews were conducted in Ciyaawo or Portuguese, depending which language the women felt more comfortable using. Throughout the interview process I worked very closely with Helena Baide, who is a DF and who had been introduced to me at the provincial office of the Association of the Former Combatants of the National Liberation Struggle (*Associação dos Combatentes da Luta de Libertação Nacional*, ACLLN). Together with her we travelled with *chapa* to the different districts to meet with these women and to talk to them about their experiences in the DF during the armed struggle. During the interviews, Helena translated for me, and later Bernardo Aubi Silajo transcribed the interviews and worked with me on the Ciyaawo-Portuguese translations.

I conducted at least three interviews with each DF. Most of the interviews lasted for one to two

sido publicados em outros sítios. Por exemplo, os testemunhos de Teresa António Chaiba Anaiva, Teresa Amuli, Mónica Chitupila e Julieta Alves Aide podem ser encontrados no livro de N’kunda e Zimba.²⁵ As minhas entrevistas com DFs foram complementadas com entrevistas feitas a antigos combatentes masculinos (ver ‘Agradecimentos’). Contudo, o foco deste livro é o destacamento feminino.

Eu decidi manter um foco especial na população falante de Ciyaawo, porque as suas vozes raramente são ouvidas na esfera pública. Havia muito poucos falantes de Ciyaawo por entre as figuras cimeiras da luta de libertação que posteriormen-te assumiram posições de destaque no governo da Frelimo. Tal se deve ao facto de que muitos muçulmanos Ayaawo resistiram a mandar as suas crianças para as escolas das missões, durante o período colonial. No período pós-independência, muitos dos antigos combatentes falantes de Ciyaawo foram marginalizados por causa de lhes faltar uma educação formal.

Todas as entrevistas foram realizadas em Ciyaawo ou em Português, dependendo da língua que as mulheres se sentiam mais confortáveis a usar. Durante o processo de entrevista, eu trabalhei muito proximamente com Helena Baide, que é uma DF e que me apresentou ao gabinete provincial da Associação dos Combatentes da Luta de Libertação Nacional (ACLLN). Juntamente com ela, viajei de *chapa* para os diferentes distritos para conhecer estas mulheres, e falar com elas sobre as suas experiências no DF durante a luta armada. Durante as entrevistas, Helena traduziu para mim e, mais tarde, Bernardo Aubi Silajo transcreveu as entrevistas e trabalhou comigo nas traduções entre Ciyaawo e Português.

hours, and took place at the women’s homes and occasionally their *machambas*. The first interview focused on memories of childhood and homeplace before the war. The second interview dealt with the women’s memories of their experiences of the liberation struggle. The third and last life history interview focused on experience of life and sense of homeplace in the post-independence period.

This book follows the structure of the inter-views. Each life history is divided into three parts: Memories of childhood before the war, Participa-tion in the liberation struggle, and Life after inde-pendence. The first part describes the women’s life and living environment before the war, focusing on some of their fondest childhood memories. This reminiscing was something the women found especially enjoyable in the interviews. The second part focuses on the women’s integration into the guerrilla forces and their work during the war. It also documents some of the bases where the women worked during the war. Of course, since the war landscape was constantly shifting, violent and chaotic, these place memories are understandably fragmented. The third and final part is quite short, but importantly it focuses on the women’s experience of life these days. Many of the women wanted especially to express their dissatisfaction with their living conditions as war veterans these days.

Each story can be read separate from the oth-ers. As the women’s backgrounds are so similar, there are many recurring themes in their narra-tives. Yet together they complement each other in many ways.

Eu realizei pelo menos três entrevistas com cada DF. A maioria das entrevistas duraram de uma a duas horas, e tiveram lugar nas casas das mulheres, ou ocasionalmente nas suas *machambas*. A primeira entrevista era centrada nas memórias de infância e das suas terras natais, antes da guerra. A segunda entrevista lidava com as memórias das mulheres das suas experiências durante a luta de libertação. A terceira e última entrevista de história de vida era focada na experiência de vida e sentido de pertença no período pós-independência.

Este livro segue a estrutura das entrevistas. Cada história de vida é dividida em três partes: Memórias de infância antes da guerra, Participação na luta de libertação, e Vida depois da independên-cia. A primeira parte descreve a vida das mulheres e o seu quadro de vida antes da guerra, dando ênfase às suas memórias de infância mais queridas. Este acto de reminiscência foi algo que as mulheres acharam ser especialmente prazeroso durante as entrevistas. A segunda parte é centrada na inte-gração das mulheres nas forças de guerrilha, e no seu trabalho durante a guerra. Esta parte também documenta algumas das bases onde as mulheres trabalharam durante a guerra. Uma vez que a paisagem de guerra mudava constantemente, era violenta e caótica, com certeza que estas memórias de lugar são compreensivelmente fragmentadas. A terceira e última parte é bastante breve, mas é importante porque se foca na experiência de vida das mulheres hoje em dia. Muitas das mulheres queriam especialmente expressar a sua dessatisfa-ção com as condições de vida que hoje em dia têm os veteranos de luta de libertação nacional.

Cada história pode ser lida separadamente das outras. Uma vez que os meios de origem das

Memory of the liberation struggle in Niassa

‘yine cindiwadileje, yine cingumbucile’
‘some things I will forget, other things I will remember’

Niassa is a very interesting geographic location in which to explore the memories of the liberation struggle. As Niassa was one of FRELIMO’s main war fronts during the struggle, its landscapes are intrinsically tied to Mozambique’s national history. Yet since independence the area has been severely marginalized in state politics and spatial practices. In Mozambican national imagery, Niassa is often depicted as a peripheral hinterland. Also, the ex-combatant community is nowadays divided along lines of geographical location and social class.

The ex-combatants in Niassa remember the liberation struggle differently from the elite in the capital Maputo. At independence, while higher ranking officers were transferred to the capital city, and other urban areas, a majority of the rank-and-file soldiers returned to their rural origins. After being demobilized, most ex-com-batants in Niassa sought the location of surviving family members, opened their *machambas* and began their civilian life as farmers. In the ac-counts of ex-combatants in Maputo, the former war landscapes of northern Mozambique often appear as a nostalgic and distant memory, far removed from their lived spaces in the city. For ex-combatants in Niassa, however, the ‘bush’—the soldiers’ lived environment of the war—is not a nostalgic distant memory.

mulheres são tão parecidos, existem muitos temas recorrentes nas suas narrativas. Contudo, juntas elas se complementam umas às outras de várias formas.

Memória da luta de libertação no Niassa

*‘yine cindiwadileje, yine cingumbucile’
‘outras coisas vou esquecer, e outras coisas vou recordar’*

O Niassa é uma localização geográfica onde a investigação das memórias da luta de libertação é muito interessante. Uma vez que o Niassa foi uma das principais frentes de guerra da FRELIMO durante a luta de libertação, as suas paisagens estão intrinsecamente ligadas à história nacional de Moçambique. Contudo, desde a independência que esta área tem sido severamente marginalizada nas políticas e nas práticas estatais do espaço. Na imagética nacional moçambicana, o Niassa é muitas vezes figurado como um sertão periférico. Para além do mais, a comunidade ex-combatente está hoje em dia dividida por linhas que separam localizações geográficas e classes sociais.

Os ex-combatentes do Niassa recordam a guerra de libertação de uma forma diferente que a elite na capital, Maputo. Aquando a independência, enquanto os oficiais com as patentes mais elevadas foram transferidos para a cidade capital, e outras áreas urbanas, a maioria dos soldados de base regressaram às suas origens rurais. Depois de serem desmobilizados, a maioria dos antigos combatentes do Niassa procurou a localização dos membros da sua família sobreviventes, abriram as suas *machambas* e começaram a sua vida civil

Many DFs speak of experiencing that they have not fully escaped this hurtful environment; rather, their experience of independence has been tied to a continued experience of violence in the form of socio-economic and political marginalization. Often in the interviews the women lamented their poor living conditions these days. While most of them are receiving a veteran’s pension, they bemoan that it is not enough to sustain their big families. After all, these days they are no longer young women but grandmothers with grandchildren and many responsibilities. Many of them still dream of building a beautiful and dignified house that they can leave as their legacy for their children.

These difficult experiences of life after independence bear on how the DFs narrate and remember their war experiences. Many of the women I interviewed in Niassa are not practiced tellers of their histories as DFs. While the neat and cohesive narratives of women ex-combatants I interviewed in Maputo suggest that they have been repeated numerous times and have thus achieved a more fixed form conforming with official history, the narratives I heard in Niassa were more fragmented and open. Moreover, they speak of the unfinished business of liberation.

Already forty years have passed since the end of the liberation struggle, and significant social and political changes have taken place in Mozambique during the life times of these women. They have lived through the state-led politics of socialist modernization (1975–1989); civil war (1977–1992); multi-party democracy and neoliberal development practices. The female ex-combatants’ narratives speak of both suffering and joy as they reflect upon these changing times in their own lives.

enquanto camponeses. Nos relatos dos ex-combatentes em Maputo, as antigas paisagens de guerra do norte de Moçambique costumam surgir como uma memória distante e nostálgica, muito removida dos espaços que habitam na cidade. Para os ex-combatentes do Niassa, porém, o ‘mato’—o ambiente em que os soldados viveram durante a guerra—não é uma memória distante e nostálgica.

Muitas DFs falam de sentir que nunca escaparam completamente deste ambiente nocivo; mas, pelo contrário, que as suas experiências da independência têm sido ligadas a uma vivência contínua de violência, manifesta na forma de uma marginalização económica e política. Muitas vezes ao longo das entrevistas as mulheres lamentavam as suas pobres condições de vida actuais. Apesar de a maioria estar a receber uma pensão de veterano, elas deploravam que esta não chegava para sustentar as suas grandes famílias. Afinal, elas hoje em dia não são mais jovens mulheres, mas avós com netos e muitas responsabilidades. Muitas delas ainda sonham em construir uma casa bonita e digna, que elas possam deixar como herança aos seus filhos.

Estas experiências de vida difíceis na pós-independência influenciam a forma como as DFs narram e recordam as suas experiências de guerra. Muitas das mulheres que eu entrevistei no Niassa não são contadoras experientes das suas histórias enquanto DFs. Contrariamente às narrativas límpidas e coesas das mulheres ex-combatentes que eu entrevistei em Maputo, e que sugerem que estas últimas têm sido repetidas inúmeras vezes, e por isso atingiram uma forma mais fixa e em conformidade com a história oficial, as narrativas que eu ouvi no Niassa eram mais fragmentadas e abertas. Para além do mais, estas falam da libertação como uma questão pendente.

Já passaram quarenta anos desde o final da luta de libertação, e mudanças sociais e políticas significativas tiveram lugar em Moçambique durante a vida destas mulheres. Elas viveram durante as políticas estatais de modernização socialista (1975–1989); a guerra civil (1977–1992); a democracia multipartidária e as práticas de desenvolvimento neoliberais. As narrativas das antigas combatentes falam de sofrimento e de alegria, conforme reflectem sobre estes tempos em mudança e sobre as suas próprias vidas.

O Destacamento Feminino do Niassa Ocidental

The Female Detachment of
Niassa Ocidental

Amélia Omar



Amélia Omar nasceu em Likole, no distrito de Sanga. O seu pai foi Omar Asisi, e a sua mãe Anassa Adida.

Memórias de infância e da juventude antes da guerra

Os pais de Amélia eram camponeses e, enquanto crescia antes da guerra, foi essa a ocupação que ela aprendeu com eles. Como ela descreve:

O seu trabalho era serem camponeses. De manhã, ao nascer do sol, eles iam para a *machamba* capinar. A mamã também assim mesmo. Eu também aprendi assim mesmo. Quando a mamã estava a capinar, eu estava lá atrás dela.

Amélia Omar was born in Likole, in the district of Sanga. Her father was Omar Asisi and her mother Anassa Adida.

Memories of childhood and youth before the war

Amélia's parents were farmers, and this was the work that she learned from them when growing up before the liberation struggle. As she describes:

Their work was to be farmers. In the morning at sunrise, they would head to the *machamba* to cultivate there. Mom also like that. This is how I learned. When my mom was working in the fields, I was there behind her.

Enquanto menina, Amélia sempre seguia a sua mãe para as *machambas*. Ela também aprendeu a fazer os trabalhos de casa, como limpar, cozinhar, cartar água e recolher lenha. Os rapazes tinham tarefas diferentes. O seu irmão costumava vigiar os cabritos, os levando para pastar no mato. Os seus pais capinavam milho, batata doce, batata rena, feijão (por exemplo, feijão *jugo*), mandioca, bananas e amendoim. Eles vendiam um pouco de milho, feijão e batata aos comerciantes portugueses que vinham até às aldeias. Com o dinheiro que ganhavam, eles compravam mantimentos como *capulanas*, sal, sabão e óleo de cozinha.

Durante a infância de Amélia, a maioria das crianças Yaawo não iam à escola das missões que existiam na zona. Como ela explica:

Nesses dias, há muito tempo atrás, os mais velhos não aceitavam. Eles não aceitavam que nós fôssemos à escola. Aqueles que aceitavam eram aqueles que eram Cristãos. Entretanto nós, os Muçulmanos, nós não íamos.

Ela também recorda como nessa altura as pessoas tinham que pagar imposto de palhota ao governo colonial. Se não pagassem, elas eram castigadas. As pessoas eram aprisionadas e forçadas a trabalhar no posto administrativo até terem pago a sua dívida. Uma vez, Amélia também foi mantida prisioneira deste jeito.

Participação na luta de libertação

Amélia foi recrutada pela FRELIMO em 1965. Como recorda, uma noite os soldados da FRELIMO vieram levar a população da aldeia para o mato. Lá, no mato, eles fizeram uma reunião para

As a girl, Amélia always followed her mother to the *machambas*. She also learned to do the house work, such as cleaning, cooking, fetching water and collecting firewood. Boys had different tasks. Her brother used to take care of the goats, taking them out to the bush to graze. Her parents cultivated maize, sweet potatoes, regular potatoes, beans (for instance, *jugo* beans), cassava, bananas, and peanuts. They sold some of the maize, beans and potatoes to the Portuguese traders who came to the villages. With the money they earned, they bought household necessities such as *capulanas*, salt, soap and cooking oil.

In Amélia's childhood, most Yaawo children did not go to the mission schools that existed in the area. As she explains:

In those days, a long time ago, the elders didn't accept. They didn't accept for us to go to school. Those who accepted were those that were Christians. Meanwhile we Muslims, we didn't go.

She also remembers how at the time people had to pay taxes to the colonial government. If they did not pay they were punished. People were held as prisoners and forced to work at the administrative post until they had paid their debt. Amélia was also held captive in this way once.

Participation in the liberation struggle

Amélia was recruited by FRELIMO in 1965. As she remembers, one night FRELIMO soldiers came to take the population from the village to the bush. There in the bush they held a meeting to mobilize the youth and to recruit soldiers. As Amélia recalls, they spoke in this manner:

mobilizar a juventude e recrutar soldados. Como Amélia recorda, eles falaram deste jeito:

‘Nessa guerra não há mulheres, não há homens. Todos nós temos de lutar. Porque não é apenas para os homens. É para todos nós. Toda a gente que quiser, entra.’

Como Amélia recorda, com esta conversa ela entendeu que não eram apenas os homens que estavam a sofrer com o colonialismo, mas também as mulheres. Amélia foi uma das sete meninas que se voluntariaram nesse dia. Os soldados disseram que a guerra só ia durar seis meses. Como ela narra:

Como eles disseram que nós íamos lutar seis meses para expulsar os colonialistas que estavam cá, eu entrei. O meu coração—era o meu coração que estava com vontade de entrar. Porque eu vi que havia outras mulheres combatentes que estavam a mobilizar a população. Por isso eu também quis entrar.

Amélia ficou primeiro na Base Central, onde a principal tarefa das recrutas femininas era mobilizar a população e fazê-la compreender porque é que a FRELIMO estava a lutar. Depois de alguns meses, Amélia foi destacada, junto com as outras recrutas femininas, para a Base Feminina de Chityale, que era uma base que tinha sido criada só para mulheres.¹ Em Chityale elas receberam algum treino rudimentar, por exemplo, em como marchar. Quando as tropas portuguesas atacaram

1 De acordo com Ndegue, Chityale foi criada em Outubro de 1965 e, a meados de 1966, cerca de cem meninas estavam a trabalhar na base. Ndegue, *A luta de libertação*, 188.

‘In this war, there are no women, there are no men. All of us have to fight. Because it is not only for men. It is for all of us. Anyone who wants, enters.’

As Amélia remembers, from this talk she understood that not only men were suffering from colonialism but also women. Amélia was one of the seven girls who volunteered that day. The soldiers said that the war would only last six months. As she narrates:

As they said that we will fight for six months to expel the colonialists that are here, I entered. My heart—it was my heart that was willing to enter. Because I saw that there were other female fighters that were there mobilizing the population. So I also wanted to enter.

Amélia first stayed at the Central Base where the female recruits’ main task was to mobilize the population and make them understand why FRELIMO was fighting. After some months, Amélia was moved together with the other female recruits to the Female Base of Chityale, which was a base created just for women.¹ At Chityale they received some rudimentary military training, for instance, on how to march. When the Portuguese troops attacked the base in the beginning of 1967,² the DFs were moved to the Central Base of Mepochi. From there the first group of girls and women was sent for training to Nachingwea in 1967.

After a six-month training period in Tanzania Amélia returned to Mozambique in her uniform

1 According to Ndegue, Chityale was created in October 1965 and by mid-1966 about one hundred girls were working at the base. Ndegue, *A luta de libertação*, 188.

2 Ibid., 189.

a base, no início de 1967,² as DFs foram mudadas para a Base Central de Mepochi. De lá, o primeiro grupo de meninas e mulheres foi enviado para ser treinado em Nachingwea em 1967.

Depois de um período de seis meses de treino na Tanzânia, Amélia regressou a Moçambique já no seu uniforme e com a sua arma. Em Moçambique as tarefas das DFs envolviam transportar material de guerra, mobilizar a população e reunir os órfãos em centros especiais onde, eles eram cuidados pela FRELIMO.

Depois de Nachingwea, Amélia foi destacada para a Base Provincial de Ngungunyane.³ Esta foi a sua base durante a guerra. Contudo, a localização da base mudou ao longo da guerra. Conforme a base era atacada, era reconstruída noutro lugar.

Em termos de patente militar, Amélia progrediu até ao posto de comandante sectorial. Ela era a comandante do Destacamento Feminino da Base Ngungunyane e na Base Katur. A sua superior era Monica Chitupila, que era a comandante provincial do DF.

De acordo com Amélia, as DFs que trabalhavam na Base Ngungunyane participavam em muitos combates nos quais elas também participavam do tiroteio. Como Amélia descreve:

Nós disparávamos as nossas armas. Aquelas que estavam em Ngungunyane, aquelas que estavam na Base Ngungunyane disparavam as suas armas.

A última batalha em que participou foi a batalha de Maniamba, no quartel de Maniamba.

2 Ibid., 189.

3 A Base Provincial de Ngungunyane foi criada em 1967. Entrevista com Tito Brás Cassimo, 19 de Junho de 2014, Lichinga. José Moiane escreve que antes da criação da base provincial, a Base Central do Niassa funcionava em Mbembe, Mepochi e em Ngungunyane. Moiane, *Memórias de um guerrilheiro*, 80.

and with her weapon. In Mozambique the DFs’ tasks involved carrying war material, mobilizing the population and gathering the orphans to special centres where they were taken care of by FRELIMO.

After Nachingwea, Amélia was stationed at the Provincial Base of Ngungunyane.³ This was her home base during the war. However, the location of this base shifted throughout the war. As the base was attacked, it was rebuilt in another place.

In military rank Amélia progressed to sectorial commander. She was commander of the female detachment at Base Ngungunyane and Base Katur. Her superior was Mónica Chitupila, who was the provincial commander of DF.

According to Amélia, the DFs that worked at Base Ngungunyane participated in many combats in which they also engaged in fire. As Amélia describes:

We fired our guns. Those that were at Ngungunyane, those that were at Base Ngungunyane shot their weapons.

The last battle in which she participated was the battle of Maniamba at the barracks of Maniamba.

3 The Provincial Base of Ngungunyane was created in 1967. Interview with Tito Brás Cassimo, 19 June 2014, Lichinga. José Moiane writes that before the creation of the provincial base, the Central Base of Niassa functioned in Mbembe, Mepochi and in Ngungunyane. Moiane, *Memórias de um Guerrilheiro*, 80.

Vida depois da independência

Depois da guerra, Amélia começou por ser colocada em Metangula, onde trabalhou no quartel do destacamento feminino. Nessa altura, a principal tarefa das DFs era mobilizar a população e explicar que, como a Amélia descreve, ‘agora que somos independentes temos que trabalhar’. Ela ficou lá por menos de um ano, até que foi transferida para Maputo. Lá ela trabalhou numa alfaiataria militar, onde ela costurava uniformes militares. Em 1980, quando se separou do seu marido, também um ex-combatente, ela mudou para Lichinga. Ela trabalhou no quartel até que foi desmobilizada.

Amélia diz que hoje em dia se sente em casa em Lichinga, ‘porque é na sua província’. Ela tem dois filhos e seis netos. Ela ainda tem família em Likole, e também construiu casas lá para a sua família. O seu plano é mudar para lá quando for tão velha que não consiga mais capinar a sua própria *machamba*. Mas por agora, a sua *machamba* a mantém ocupada. É assim que ela explica o seu papel como camponesa:

Nós somos todos camponeses, nós estamos a perseguir o trabalho dos nossos avós. Como os nossos avós estavam trabalhando, capinando, nós estamos a seguir o seu caminho. Apesar da avó não ter lutado, eu lutei. Mas quando acabou, como a guerra acabou, eu tenho de fazer o trabalho que os meus avós faziam. Sim, é assim mesmo.

Hoje em dia a única preocupação de Amélia é que a luta entre as forças do governo e da Renamo continue, e que as pessoas não possam capinar. Como ela defende: ‘Moçambique é um bom sítio para viver porque há riquezas em Moçambique, e as pessoas estão a produzir.’

Life after independence

After the war Amélia was first stationed in Metangula where she worked at the barracks of the female detachment. At the time the main task of the DFs was to mobilize the population and explain to them, as Amélia describes, that ‘now we are independent and we need to work’. She stayed in Metangula for less than a year before she was transferred to Maputo. There she worked at a military clothing factory where she sewed army uniforms. In 1980 she separated from her husband, also an ex-combatant, and moved to Lichinga. She worked in the barracks until she was demobilized.

Amélia says that these days she feels at home in Lichinga ‘as it is in her province’. She has two children and six grandchildren. She still has family in Likole, and she has also built houses there for her family. Her plan is to move there when she is so old that she can no longer cultivate her *machamba*. But for now, her *machamba* keeps her busy. This is how she explains her role as a farmer:

We are all farmers, we are pursuing the work of our grandparents. As our grandparents were working, cultivating, we are following in their lead. Although grandmother did not fight, I fought. But when it ended, as the war ended, I have to do the work that my grandparents used to do. Yes, it’s like that.

These days Amélia’s only concern is that if the fighting between government and Renamo forces continue, people will not be able to cultivate. As she argues: ‘Mozambique is a good place to live as there is richness in Mozambique, and people are producing.’



Amélia Omar em frente à sua casa em Lichinga.
Amélia Omar in front of her house in Lichinga.

Amina Ndaala



Amina Ndaala nasceu em Mpoce, em Metangula, em 1939. O seu pai foi Ndala Marinda, e a sua mãe Mwamini Mbwana.

Memórias de infância antes da guerra

Como Amina descreve, no tempo antes da guerra na sua terra as pessoas não vivam em grandes aldeias, mas dispersas em pequenos acampamentos familiares. Amina vivia com o seu tio, pai, mãe e tias maternas. Os seus pais eram camponeses, mas o seu pai também trabalhava como caçador para os portugueses.

Como ela recorda, a educação que ela recebia dos seus pai enquanto crescia era sobre como

Amina Ndaala was born in Mpoce in Metangula, in 1939. Her father was Ndala Marinda and her mother Mwamini Mbwana.

Memories of childhood before the war

In her area in the time before the war, as Amina describes, people did not live in big villages but dispersed in small family settlements. Amina lived with her uncle, dad, mother and maternal aunts. Her parents were farmers, but her father also worked as a hunter for the Portuguese.

As she recalls, the education she received from her parents when she was growing up was to work on the *machamba*. Her mum also taught her to

trabalhar na *machamba*. A sua mãe também lhe ensinava a pilar o milho, extrair farinha, varrer, lavar *capulanas* e cozinhar. Nas suas *machambas* os seus pais cultivavam produtos como arroz, milho, feijões, mandioca, amendoim e *mapira*. A sua comida preferida enquanto criança era arroz com pasta de amendoim. Preparar comida também fazia parte das suas brincadeiras de criança. Para se divertirem, costumavam fazer *masanje* (picnics) atrás da casa.

Nessa altura não havia onde vender os produtos das suas *machambas*. Ter acesso a dinheiro era em geral muito difícil. Por essa razão, muitas famílias tinham problemas em pagar os impostos que eram exigidos pelo governo colonial. Quando as pessoas falhavam na hora de pagar impostos, elas eram aprisionadas e batidas. Como Amina recorda, uma vez, quando os sipaios (soldados africanos que trabalhavam para o governo colonial) vieram procurar pelas suas tias, as suas tias fugiram e se esconderam no mato porque não tinham dinheiro para pagar os impostos. Os sipaios apenas encontraram crianças dentro das casas. Então eles destruíram as casas, mas deixaram as crianças estar. Os pais da Amina foram apanhados depois, e foram obrigados a trabalhar para pagar a sua dívida.

Nessa altura algumas crianças iam à escola porque havia uma escola da missão Anglicana em Chiwanga, em Metangula. Mas os pais da Amina não deixavam as suas crianças ir às aulas, porque tinham medo que ‘eles comessem porco lá’.

Amina cresceu como a mais nova de cinco irmãos. Como era a única menina, ela recebia um tratamento especial dos seus irmãos, que cuidavam bem dela. Antes da guerra um dos seus irmãos viajava muito. Ele fez três viagens para Joyni (a área de Joanesburgo na África do Sul) para trabalhar nas minas do Rand.

pound maize, prepare flour, carry water, sweep, wash *capulanas* and to cook. On their *machambas* her parents grew crops such as rice, maize, beans, manioc, peanuts and *mapira*. Her favourite food as a child was rice with grounded peanuts. Preparing food was also part of their pastime as children. For fun they used to organize *masanje* (picnics) behind the house.

At the time there was no place to sell their produce from the *machambas*. In general having access to money was very difficult. For this reason many families had trouble paying the taxes required by the colonial government. When people failed to pay their taxes, they were imprisoned and beaten. As Amina remembers, once when the *sipaios* (African soldiers working for the colonial government) came searching for her aunts, her aunts fled and hid in the bush as they did not have the money to pay the taxes. The *sipaios* only encountered children inside the houses. They then destroyed the houses but let the children be. Later Amina’s parents were caught and they were forced to work in order pay their debt.

At the time some children went to school as there was an Anglican mission school in Chiwanga in Metangula. But Amina’s parents would not allow their children to attend as they were afraid that ‘they would eat pork there’.

Amina grew up as the youngest of five siblings. As the only girl she received special treatment from her brothers and they took good care of her. Before the war one of her brothers travelled a lot. He made three trips to Joyni (in the area of Johannesburg in South Africa) to work in the Rand mines.

Participação na luta de libertação

Amina ouviu pela primeira vez falar da guerra do seu tio que tinha sido recrutado pela FRELIMO. Quando ele regressou do mato, ele organizou uma reunião com os membros da família, dentro de uma casa fechada, no segredo da noite, e disse a eles para se prepararem que a guerra estava a vir. Depois desta reunião, o seu tio desapareceu de volta para o mato. Uns poucos dias depois ele regressou. Desta vez, ele disse que agora eles tinham de ir para o mato, e que não podiam levar galinhas nem cabritos. Ele disse que regressariam dentro de alguns dias. Como a Amina reflecte com um sorriso, foi assim que o seu tio os enganou a trocar a aldeia pelo mato.

Quando eles saíram da aldeia não tinham ideia para onde iam. Como Amina diz, eles caminham a noite toda. Finalmente, eles chegaram atrás das montanhas, a uma base chamada Chityale. A população ficava no mato, a alguma distância da base. No mato os soldados da FRELIMO fizeram uma reunião e pediram meninos e meninas aos régulos, para se juntarem às guerrilhas. O seu tio disse que aqui no mato apenas tinha duas meninas, uma delas com um bebé. Nessa altura Amina tinha uma criança ainda pequena, que estava a acabar de aprender a gatinhar. Quando Amina foi levada pelas guerrilhas, ela foi forçada a deixar a sua criança com a sua mãe.

No começo as principais tarefas de Amina envolviam carregar material de guerra da Tanzânia para as bases em Moçambique. Como ela recorda, estas viagens demoravam três dias. Eles caminhavam ‘dia e noite, dia e noite’ até chegarem à fronteira no quarto dia.

Participation in the liberation struggle

Amina first heard about the war from her uncle who had been recruited by FRELIMO. When he returned from the bush, he organized a meeting for family members inside a closed house in the secrecy of the night, telling them to be prepared as war was coming. After this meeting her uncle disappeared back into the bush. A few days later he returned. This time he told them that now they had to leave for the bush, but they could not take any chicken or goats. He told them that they would return in a few days. As Amina laughingly reflects, this was how her uncle tricked them to leave their village for the bush.

When they left they had no idea where they were going. As Amina says, they walked for the whole night. Finally, they arrived behind the mountain to a base called Chityale. The population stayed in the bush at some distance from the base. In the bush the FRELIMO soldiers held a meeting and asked the chiefs for girls and boys to join the guerrillas. Her uncle said that here in the bush he only had two girls, one of them with a baby. At the time Amina had a small child who was just learning to crawl. When Amina was taken by the guerrillas, she was forced to leave her child with her mother.

In the beginning Amina’s main tasks involved carrying war material from Tanzania to the bases in Mozambique. As she remembers, these trips took them three days. They walked ‘day and night, day and night’ until arriving at the border on the fourth day.

At the base, the new recruits started receiving political lessons. As Amina recalls, during these lessons they were told that in the army

Na base, os novos recrutas recebiam aulas de política. Como Amina recorda, durante estas aulas diziam a eles que no exército ‘não há mulher, não há homem’. Homens e mulheres, todos têm de trabalhar juntos. Depois de um par de meses, os recrutas começavam a receber treino militar. Eles treinavam com paus antes que lhes fossem dadas armas. Como ela recorda, a marcha longa era a parte mais difícil do seu treino, porque eles caminhavam por Ludimbo todo o dia até N’kalapa, em Mavago, subindo e descendo montanhas. No regresso eles foram emboscados, por isso tiveram de retirar para Lupilice, de onde depois fizeram o seu caminho para Ngungunyane.

Amina trabalhou na base Ngungunyane até ao fim da guerra. Aí a sua tarefa era participar em combates, carregar material de guerra, e mobilizar a população. De acordo com Amina, no começo as DFs também disparavam as suas armas, mas mais tarde a sua principal tarefa era abastecer os soldados de munições.

Como Amina recorda, ‘a guerra doía muito’. Ela viu muita morte, e perdeu a maioria da sua família durante a guerra. Especialmente dolorosa era a maneira desumana como alguns deles eram mortos.

Vida depois da independência

Após a independência, quando Amina deixou o mato, ela foi destacada para o quartel em Mawumbika, em Sanga. Algum tempo depois, ela e as outras DFs foram desmobilizadas e receberam a ordem de ir procurar as suas famílias. Contudo, como Amina não tinham uma família para a qual regressar, ela ficou por mais uns anos em Mawumbika. Apenas quando ela conseguiu contactar o seu irmão, que tinha ficado

‘there is no woman, there is no man’. Men and women all have to work together. After a couple of months, the recruits also started receiving military training. They trained with sticks before they were given weapons. As she remembers, the long march was the toughest part of her training as they walked through Ludimbo all the way to N’kalapa, in Mavago, going up and down the mountains. On the way back they were ambushed so they retreated to Lupilice, after which they made their way to Ngungunyane.

Amina worked at base Ngungunyane until the end of the war. There her task was to participate in combat, carry war material and to mobilize the population. According to Amina, in the beginning the DFs also fired their weapons, but later their main task in combat was to supply the male soldiers with ammunition.

As Amina remembers, ‘the war hurt a lot’. She saw a lot of death and lost most of her family during the war. Especially painful was the dehumanising way some of them were killed.

Life after independence

At independence when Amina left the bush, she was stationed at the barracks in Mawumbika in Sanga. After some time there, she and the other DFs were demobilized and told to go and find their families. However, as Amina did not have family to go to, she stayed for a few years longer in Mawumbika. Only when she managed to get in touch with her brother who had been in Malawi during the war, she moved with him to Mitande.

Later, when she started receiving her pension, she moved to Lichinga. Altogether she had eight children of which five survived to this day. Nowadays she lives together with her

no Malawi durante a guerra, é que ela se mudou para Mitande com ele.

Depois, quando ela começou a receber a sua pensão, ela mudou para Lichinga. No total ela teve oito filhos, dos quais apenas cinco sobreviveram. Hoje em dia ela vive junto com os seus netos na sua casa. Ela participou, junto com quatro pessoas, de um grupo de poupança e empréstimo ('estique'), e foi assim que ela conseguiu construir a sua casa.

Por vezes os seus netos perguntam sobre a guerra. Ela lhes conta:

'Guerra é sofrimento, ela mata as pessoas. Só eu sobrevivi da minha família. Muitas pessoas morreram na guerra.'

Hoje em dia ela considera que Moçambique é um bom lugar para se viver. Mas ela está preocupada com os ataques que ouve que estão a acontecer em algumas partes do país. Agora que tem netos, ela fica preocupada com a forma como eles viveriam se uma nova guerra começasse. O seu sonho de futuro é viver em paz e ter um pequeno projecto gerador de rendimento, em que ela possa trabalhar com os seus filhos e assim melhorar a sua qualidade de vida.

grandchildren in her house. She has taken part in a savings and loan group together with four people, which is how she has managed to build her house.

Sometimes her grandchildren ask her about the war. She tells them:

'War is suffering, it kills people. I alone survived from my family. Lots of people died in the war.'

These days she considers Mozambique to be a good place for a person to live. But she is upset about the fighting she hears going on in some parts of the country. Now that she has grandchildren, she worries how they would live if a new war were to start. Her dream for the future is to live in peace and to have a small income-generating project that she can work on with her children and thus improve the quality of their life.



Amina Ndaala com os seus netos em Lichinga.

Amina Ndaala with her grandchildren in Lichinga.

Fátima Aide Naboka

Fátima Aide Namboka nasceu em Nzizi, em Muembe, em 1952. A sua mãe foi Adija Kawunga, e o seu pai foi Aide Namboka.

Memórias de infância antes da guerra

Quando Fátima era criança, o seu pai tinha muitos trabalhos diferentes. Ele era um camponês, e trabalhava junto com a sua mãe na *machamba* deles. Mas também era um alfaiate, e depois de regressar da *machamba* ele trabalhava na sua máquina de costura, que ele tinha comprado na Tanganica. Para além destes trabalhos, ele também afiava enxadas e fazia a manutenção das armas de caça (chamadas



Fátima Aide Namboka was born in Nzizi, in Muembe, in 1952. Her mother was Adija Kawunga and her father Aide Namboka.

Memories of childhood before the war

When Fátima was a child, her father had many different occupations. He was a farmer and with her mother they worked together on their *machamba*. But he was also a tailor, and after returning from the *machamba* he would work with his sewing machine, which he had bought in Tanganyika. In addition to these jobs, he also sharpened hoes and serviced the hunting weapons (called ‘espera-pouco’ firearms; in Ciyaawo:

então espingardas ‘espera-pouco’; em Ciyaawo: *kanyangulu*) nas aldeias. Por causa do trabalho do seu pai, como Fátima recorda, a família não tinha nenhum problema em pagar os impostos.

Enquanto criança, Fátima não ia à escola. Havia uma escola de missão em Mbagadila, mas era muito longe do lugar onde nessa altura viviam em Nzizi. Crescendo, Fátima costumava ajudar a mãe com as suas tarefas. O seu primeiro trabalho era pilar milho logo pela manhã, depois cartar água, apanhar lenha e lavar os pratos. Depois disso ela punha a panela no fogo e começava a preparar *chima*. Nessa altura ela ainda estava a aprender, e se não conseguisse a sua mãe ajudava. Depois de tratar dessas tarefas, ela saía e ia brincar junto com as outras crianças. Por vezes elas iam e tomavam banho no rio Luciringo. Outras vezes elas iam fazer palhotas no mato e preparavam comida para a sua *masanje*.

Antes da guerra, as pessoas da área de Muembe viviam dispersas em pequenos acampamentos familiares. Enquanto criança pequena Fátima costumava dormir na casa da sua avó. Antes da hora de dormir, a sua avó costumava contar adivinhas e histórias.

Nesses dias antes da guerra, muitos homens Yaawo tinham que migrar para os países vizinhos ‘à procura de dinheiro’. O seu avô também costumava viajar para a Tanganica para comprar velas que ele depois, junto com os seus trabalhadores, transportava para vender em Quelimane. Quando ele regressava ele trazia rebuçados para as crianças. O pai da Fátima também viajava para Tanganica e para as minas em Joyni.

‘kanyangulu’) in the villages. Because of her father’s work, as Fátima remembers, her family did not have any trouble paying the taxes.

As a child, Fátima did not go to school. There was a mission school in Mbagadila but that was very far from where they were living at the time in Nzizi. Growing up, Fátima used to help her mother with her tasks. Her job first thing in the morning was to pound maize, then fetch water, gather firewood and wash dishes. After this she would put the pot on the fire and start to prepare *chima* (stiff maize porridge). She was still learning at the time, and if she did not manage her mother would help her. After taking care of these tasks, she would then go out and play together with the other children. Sometimes they would go and bath in the river Luciringo. Other times they would go and make huts in the bush and prepare food for their *masanje*.

Before the war, people in the area of Muembe lived dispersed in small family settlements. As a small child Fátima used to sleep in her grandmother’s house. Before bedtime her grandmother used to tell them riddles and stories.

In those days before the war, many Yaawo men had to travel abroad to the neighbouring countries ‘in search of money’. Her grandfather also used to travel to Tanganyika to buy candles which he would then together with his workers transport to sell in Quelimane. When he returned he would bring sweets for the children. Also Fátima’s father travelled to Tanganyika and to the mines in Joyni.

Participação na luta de libertação

Fátima recorda que ouviu notícias da guerra que se aproximava do seu pai, que tinha um rádio que ouvia em segredo. O seu pai explicou à sua família que uma guerra estava a vir que seria combatida entre os colonialistas portugueses e os africanos. Como ela ainda era uma criança nessa altura, Fátima não compreendia muito. Mas ela recorda ouvir os seus pais dizerem que eles iam ficar em Moçambique e não fugir para a Tanzânia ou para o Malawi.

Então, uma noite, os soldados da FRELIMO vieram e evacuaram todos para o mato. Primeiro a população ficou na área da Base Michongwe. Havia lá uma pequena ilha no meio do rio Luchiringo. Como ela recorda, muitas pessoas se juntaram aí. Mas quando começou a chover eles tiveram de se mudar porque a água inundou a ilha. Daí eles mudaram para Mitoto. Durante esse período, eles foram forçados a mudar muitas vezes porque eram constantemente atacados. Ela recorda ter ficado, por exemplo, em Lusonese e depois no monte Ngatala.

A população sofreu muito durante essas deslocações porque não tinha comida. Eles tinham de comer as raízes de bananeira. Eles secavam as raízes, que depois pilavam em farinha da qual cozinavam *chima*. Muitas pessoas morreram durante esses anos porque os seus corpos não se acostumavam à comida. Depois eles mudaram para a área da Base Lugwalo, onde ficaram por cerca de quatro anos, e a população pode abrir *machambas*.

Como Fátima era tão nova, ela começou por estudar na escola da FRELIMO no mato. Quando eles viram que ela já tinha crescido, ela foi recrutada para a vida militar. A sua primeira base, como ela

Participation in the liberation struggle

Fátima remembers that she heard news about the approaching war from her father who had a radio that he secretly listened to. Her father explained to them that a war was coming that would be fought between the Portuguese colonialists and the Africans. As she was still a child at the time, Fátima did not understand much. But she remembers hearing her parents say that they were going to stay in Mozambique and not flee to Tanzania or Malawi.

Then one night the FRELIMO soldiers came to evacuate them to the bush. First the population stayed in the area of Base Michongwe. There was a small island in the middle of the river Luciringo. As she remembers, lots of people were gathered there. But when it started raining, they had to move as the water flooded the island. From there they moved to Mitoto. During this time, they were forced to move a lot as they were constantly attacked. She remembers staying, for instance, in Lusonesi and then at Mount Ngatala.

The population suffered a lot during this movement as they did not have food. They had to eat the roots of banana trees. They dried the roots and then pounded them into flour which they cooked into *chima*. Many people died during those years as the food did not agree with their bodies. Later they moved to the area of Base Lugwalo where they stayed up to four years, and the population was able to open *machambas*.

Since Fátima was so young, she first started studying at a FRELIMO school in the bush. When they saw that she had already grown up, she was recruited for military life. Her first base, as she recalls, was Nsiwa. This was towards the end of the

recorda, foi Nsiwa. Isto foi perto do final da guerra, possivelmente em 1972. Quando ela entrou na vida militar ela já tinha percebido o objectivo da guerra porque eles recebiam aulas de política na escola. Isto é o que ela recorda dessas aulas:

‘Eles diziam que este nosso Moçambique pertence a todos nós. Não há mulheres, não há homens. O que é mais importante é que nós resistamos e que expulsemos as pessoas que estão a nos causar confusão e a perturbar o nosso país. Todos temos que ajudar com isso. Não podemos deixar apenas para os homens. Muita força vem de unirmos o povo todo.’

Fátima treinou na base dentro de Moçambique, e o seu treino durou por aproximadamente quatro meses. Como as guerrilhas sofriam com fome, o seu trabalho na base era mobilizar a população para que lhes desse contribuição de farinha. Apenas havia três mulheres na sua base, porque a maioria das mulheres eram enviadas para a Base Ngungunyane.

Vida depois da independência

Depois de guerra acabar, Fátima não ficou na base por muito tempo. Em 1975 ela foi desmobilizada e mandada ir encontrar a sua família. Como a sua família já se tinha mudado para Nzizi, ela seguiu para lá. Em Nzizi, eles viviam primeiro nas suas *machambas*, até que começaram a reconstruir a aldeia. Depois de aproximadamente cinco anos, juntamente com o seu marido, ela foi enviada pa-

war, possibly in 1972. When she entered military life she already understood the objective of the war as they had received political lessons at school. This is what she remembers about those lessons:

‘They said that this our Mozambique belongs to all of us. There are no women, there are no men. What is most important is for us to resist and to expel the people that are causing confusion for us and disrupting our country. We all have to help with this. We cannot just leave it for the men. A lot of strength comes from uniting all the people.’

Fátima trained at the base inside Mozambique and her training lasted about four months. As the guerrillas suffered from hunger, her job at the base was to organize the population to give them food support. There were only three women at her base, since most of the women were sent to Base Ngungunyane.

Life after independence

After the war ended, Fátima did not stay at the base for long. In 1975 she was demobilized and told to go find her family. As her family had already moved back to Nzizi, she followed them there. In Nzizi they first lived on their *machambas* before they started rebuilding their village. After about five years, together with her husband they were sent to Chimbunila to the *Centro de Makasanjilo*, which was a centre for former combatants. There they worked on a state farm, her husband as a tractor operator. However, when

ra Chimbunila para o Centro de Makasanjilo, que era um centro para antigos combatentes. Aí eles trabalharam numa *machamba* estatal, o seu marido como operador de tractores. Contudo, quando a RENAMO atacou o centro, eles foram mudados para Malulu onde também havia um centro para ex-combatentes. Nesta altura, o seu marido foi chamado para lutar contra a RENAMO.

Hoje em dia Fátima continua a trabalhar como camponesa, vivendo junto com a sua irmã e as crianças da sua irmã em Malulu. A sua principal preocupação é que, apesar de ter tratado de todos os documentos, ela ainda não começou a receber a sua pensão. O seu sonho é um dia, quando ela finalmente receber a sua pensão, ser capaz de construir a sua própria casa. Como ela diz, nem precisa sequer de ser uma grande casa. Como ela está sozinha, tudo o que ela precisa é de duas divisões: uma para ela dormir e outra para arrumações.

RENAMO attacked the centre, they were moved to Malulu where there was also a centre for ex-combatants. At this time, her husband was called up to fight in the war against RENAMO.

These days Fátima continues her work as a farmer, living together with her sister and her sister's children in Malulu. Her biggest worry is that despite taking care of the required documents, she has still not started receiving her pension. Her dream is that one day when she finally receives her pension, she will be able to build her own house. As she says, she does not even need a big house. As she is alone, all she needs is two rooms: one for her to sleep in and another one for storage.



É aqui que Fátima Aide Naboka espera que a sua casa seja construída no futuro.

This is where Fátima Aide Naboka hopes her new house will stand in the future.

Fátima Omar Mombajia

Fátima Omar Mombajia nasceu em Nkata, na área de Maniamba. O seu pai foi Omar Saide, e a sua mãe Dunia Issa.

Memórias de infância antes da guerra

Fátima recorda Nkata como um lugar bonito porque a aldeia era bem mantida e arrumada, e as pessoas tinham quintais. A sua aldeia era situada perto do monte Cikaramungu, entre dois rios. Era um sítio especial porque eles tinham pessegueiros, mangueiras e mamoeiros. Eles viviam uma vida simples, e a casa da sua mãe tinha dois quartos e era feita de pau a pique.



Fátima Omar Mombajia was born in Nkata, in the area of Maniamba. Her father was Omar Saide and her mother Dunia Issa.

Memories of childhood before the war

Fátima remembers Nkata as a beautiful place because the village was well-kept and clean, and people had yards. Their village was situated close to mount Cikaramungu between two rivers. It was a special place because they had peach, mango and papaya trees. They lived a simple life, and her mother's house was made of wattle and daub and had two rooms.

O seu pai era carpinteiro. Ele também tinha cabritos e ensinava Fátima a cuidar deles. A principal ocupação da sua mãe era capinar, o que ela também ensinava Fátima a fazer. Na sua *machamba* a sua família cultivava, por exemplo, milho, feijões, mandioca, *mapira*, feijão *jugo*, amendoim e bananas. Por vezes eles vendiam alguns dos seus produtos nas lojas de Mbandesi e de Chiwudika. Mas, como Fátima recorda, eles tinham medo de vender demasiado, e de então passarem fome em casa. Os seus pais faziam a maior parte da capina, mas eles também tinham a trabalhar para eles, a troco de alimentos, pessoas que haviam ficado sem os seus próprios mantimentos. Os seus pais não cultivavam tabaco eles mesmos, mas o seu pai costumava trabalhar nas *machambas* de tabaco das outras pessoas, e costumava também ajudar a carregar o tabaco para Chiwambo.

Fátima aprendeu muitas coisas com a sua mãe. A sua mãe a ensinou a pilar milho, a varrer o quintal, a lavar os pratos e as roupas, a cozinhar, e também a respeitar as outras pessoas. Quando os seus pais trabalhavam na *machamba*, o trabalho da Fátima era pilar milho, vigiar os cabritos e cartar água. Enquanto criança, Fátima teria adorado ir à escola, e algumas das outras crianças da sua aldeia de facto iam. Contudo, os pais de Fátima não a deixavam ir porque ela era a única que podia levar os cabritos a pastar.

Fátima também tinha um irmão mais novo, de quem ela tomava conta e com quem brincava. Ela recorda que gostava de cantar e dançar com os seus amigos, bem como fazer *masanje* no mato.

Os avós da Fátima eram de Ciwegulo. Quando Fátima era criança, eles contavam muitas histórias sobre os tempos antigos. Eles contavam que nesses dias as pessoas faziam enxadas de pau preto, e que, como era difícil capinar com elas, não conseguiam ter *machambas* grandes. Como

Her father was a carpenter. He also had goats and he taught Fátima how to mind them. Her mother's main job was farming, which she also taught Fátima. On their *machamba* her family grew, for instance, maize, beans, manioc, *mapira*, *jugo* beans, peanuts and bananas. Sometimes they sold some of their produce in the shops in Mbandesi and Chiwudika. But, as Fátima remembers, they were afraid to sell too much so that they would not go hungry at home. Her parents did most of the farming, but they also had people who had run out of their own food supplies working for them on food pay. Her parents did not grow tobacco themselves but her father used to work on other people's tobacco *machambas* and he also used to help carry the tobacco to Chiwambo.

Fátima learned many things from her mother. Her mother taught her to pound maize, to sweep the yard, to wash dishes and clothes, to cook, and also to respect other people. When her parents worked at the *machamba*, Fátima's job was to pound maize, take care of the goats and to fetch water. As a child, Fátima would have loved to go to school, and some of the other children from her village did go. But Fátima's parents would not let her go since she was the only one who could take the goats out to graze.

Fátima also had a younger brother whom she took care of and played with. She remembers that she enjoyed to sing and dance with her friends as well as to organize *masanje* in the bush.

Fátima's grandparents came from Ciwegulo. When Fátima was a child they told her many stories about the old times. They told her that in those days people made hoes out of black wood, and as it was difficult to farm with them, they did not manage to have big *machambas*. As her elders told her, people only ate once a day

os mais velhos lhe diziam, as pessoas comiam uma vez por dia, ao final da tarde. Como roupa usavam *mawondo*, um tecido preparado a partir da casca interna de uma árvore. Todos os seus copos, panelas e pratos eram feitos de barro. Os seus avós também lhe contavam sobre a guerra do Ngoni, em Ciwegulo. Quando as pessoas ouviam que os guerreiros Ngoni estavam a vir com as suas zagaias, a população fugia para o cimo da montanha. Os Ngoni não conseguiam atirar as suas zagaias tão alto, e a população defendia-se atirando pedras aos seus atacantes.

Participação na luta de libertação

Fátima ainda era uma criança quando as guerrilhas da FRELIMO começaram a mobilização política da sua zona. Ela recorda ver pessoas a preparar muita comida e a levá-la para o mato. Nessa altura ela não percebeu que estavam a levar comida para as guerrilhas. Ela estava completamente desapercebida do que se estava a passar quando, uma noite, as pessoas da aldeia foram acordadas e, agora que a guerra estava a vir, mandadas sair da aldeia para o mato. No começo elas viviam debaixo das árvores num mato muito denso em Nsangala. Ela recorda viver com medo, porque elas ouviam boatos de que muitas pessoas estavam a ser mortas.

No começo, devido aos ataques contínuos, eram forçadas a mudar muitas vezes. Fátima recorda ficar por um tempo em Lukwisi e em Luwayisi. Então mudaram para a área da Base Kutikuti, onde a sua família conseguiu abrir uma *machamba*. Depois de viver lá por algum tempo, ela foi recrutada para a vida militar e leva-da para Chityale. Ela não ficou muito tempo em

in the evening. For clothes they used *mawondo*, cloth prepared from the inner bark of a tree. All their cups, pots and plates were made of clay. Her grandparents also told her about the war of the Ngoni in Ciwegulu. When the people heard that the Ngoni warriors were coming with their spears, the population climbed on top of the mountain. The Ngoni did not manage to throw their spears so high, and the population defended themselves by throwing rocks on their attackers.

Participation in the liberation struggle

Fátima was still a child when the FRELIMO guerrillas started political mobilization in her home area. She remembers seeing people preparing a lot of food and taking it to the bush. At the time she did not understand that they were taking the food to the guerrillas. She was completely unaware of what was going on when one night the people in the village were woken up and told that now the war was coming and they had to leave their village for the bush. In the beginning they lived under the trees in a very dense bush in Nsangala. She remembers living in fear as they heard rumours of many people being killed.

In the beginning due to continuous attacks they were forced to move a lot. Fátima remembers staying for some time in Lukwisi and in Luwayisi. Then they moved to the area of Base Kutikuti, where her parents managed to open a *machamba*. After living there for a while, she was recruited for military life and was taken to Chityale. She did not get to stay a long time in Chityale as it was soon attacked. At this point the recruits were moved to the Central Base.

Chityale, porque passado pouco tempo a base foi atacada. Nessa altura os recrutas foram transferidos para a Base Central.

Fátima treinou em Nachingwea, num dos últimos grupos a chegar do Niassa. Depois de regressar de Nachingwea, ela trabalhou na base em Matchedje, no local onde o Segundo Congresso da FRELIMO teve lugar, em 1968. Em Matchedje ela trabalhou no infantário.

Vida depois da independência

Depois da guerra, Fátima foi transferida para Macaloge onde ela foi desmobilizada passados alguns meses. Foi então que se mudou para Maniamba. Ela tem estado a viver em Maniamba desde então, e diz ser feliz lá. Ela dorme e come bem, e vive alegremente com os seus filhos e o seu marido. No total ela tem cinco filhos. Ela tem a sua pensão, que começou a receber durante a presidência de Joaquim Chissano, há aproximadamente dez anos atrás. Ela foi capaz de construir a sua casa, e tem até mesmo iluminação eléctrica. Ela tem a sua *machamba* onde produz milho, tanto para as necessidades da sua família, como para vender. Em geral, apesar dos diferentes desafios, Fátima diz estar satisfeita com a sua vida. A única coisa que a preocupa é ouvir sobre os actuais conflitos com a Renamo.

Fátima trained in Nachingwea in one of the later groups arriving from Niassa. After returning from Nachingwea she worked at the base in Matchedje, the place where FRELIMO’s Second Congress had taken place in 1968. At Matchedje she worked at the *infantário*.

Life after independence

After the war, Fátima was transferred to Macaloge where she was demobilized after a few months. That is when she moved to Maniamba. She has been living in Maniamba ever since and expresses being happy there. She sleeps and eats well and lives happily with her children and her husband. Altogether she has five children. She has her pension, which she started receiving during Joaquim Chissano’s presidency about ten years ago. She was able to build her house, and she even has electricity for lights. She has her *machamba* where she produces maize, both for her family’s needs but also to sell. In general, despite different challenges, Fátima says she is content with her life. The only thing that worries her is hearing about the fighting going on with Renamo.



Fátima Omar Mombajia em frente à sua casa em Maniamba.
Fátima Omar Mombajia in front of her house in Maniamba.



Mapira crescendo em Muembe. / Mapira growing in Muembe.



Papaías de Muembe. / Papayas of Muembe.

Lúcia Ali Abdala



Lúcia Ali Abdala nasceu em Unango, em 1945. A sua mãe era Aly Ndala Chiwale, e o seu pai foi Adijila Aidi.

Memórias de infância antes da guerra

Quando ela era pequena, vivia na casa da sua avó, que partilhava o quintal com a casa da sua mãe. Ela recorda jogar *ndondo* com as suas amigas. Elas também adoravam fazer *masanje*. Como Lúcia descreve:

Lúcia Ali Abdala was born in Unango, em 1945. Her mother was Aly Ndala Chiwale and her father Adija Aidi.

Memories of childhood before the war

When she was small, she grew up in her grandmother’s house, which shared the same courtyard with her mother’s house. She remembers playing *ndondo* with her girlfriends. They also loved to have *masanje*. As Lúcia describes:

‘Nós levávamos pequenas panelas, um pouco de farinha da casa das nossas mães, e acendíamos o fogo. Então, nas panelas pequenas nós cozinhávamos hortaliça [por exemplo, folhas de batata doce] e chima. E então comíamos.’

Ela tem boas memórias da sua infância. Para ela era uma vida boa de liberdade. A principal tarefa de toda a gente era capinar. A sua família plantava feijão, milho e mandioca. O seu trabalho, que lhe havia sido dado pela sua avó, era expulsar os macacos para fora das *machambas*. Nesses dias, o seu pai também costumava ir trabalhar na Zâmbia. Quando ele regressou ele trouxe roupas e mantimentos para a sua família.

Participação na luta de libertação

Lúcia ainda era uma criança pequena quando a guerra começou. Ela recorda ouvir os mais velhos falarem sobre uma guerra que estava a vir, e de como as pessoas teriam que fugir para o mato. Mas, nessa altura, ela não tinha sequer ideia do que significava guerra. Ela recorda que era noite quando as guerrilhas vieram até às suas casas para levar a população para o mato. Eles foram primeiro levados para o rio Nundwesi, para um lugar chamado Cete-Cete. Nessa altura eles tinham muito medo dos aviões, por isso estavam sempre escondidos. Durante a noite eles dormiam, e pela manhã eles apagavam os fogos e ficavam quietos, escondendo debaixo das árvores todo o dia. Durante a noite, alguns mais velhos iam juntamente com os guerrilheiros até às suas

‘We took small pots, a bit of flour from our mum’s house, and lit the fire. Then in the little pots we cooked greens [hortaliça; for instance, the leaves of sweet potatoes] and chima. And then we ate.’

She has good memories of her childhood. For her it was a peaceful and happy life. The main job for most people was farming. Her family grew beans, maize and manioc. Her job, given to her by her grandmother, was to chase the monkeys away from the *machambas*. In those days, her father also used to go and work in Zambia. When he returned he brought clothes and basic household supplies for his family.

Participation in the liberation struggle

Lúcia was still a young child when the war started. She remembers hearing the elders talking about a war that was coming and how people would have to flee to the bush. But at the time she had no idea what war even meant. She remembers that it was night when the guerrillas came to their houses to take the population to the bush. They were first taken to the river Nundwesi, to a place called Cete-Cete. At the time they were very afraid of the air planes, and they were in constant hiding. In the night they would sleep, and in the morning they would put the fires out and stay quiet, hiding under the trees all day. In the night some elders together with the guerrillas would go to their abandoned *machambas* to get food for the population.

After about a year, as Lúcia remembers, they were attacked and forced to move to another

machambas abandonadas, para buscar comida para a população.

Depois de aproximadamente um ano, como Lúcia recorda, eles foram atacados e forçados a mudar para outra localidade, Chisawuka. Aí eles ficaram por mais tempo. Mas, depois de um novo ataque, eles mudaram para um outro rio chamado Ngulukulu e depois, como ela recorda, para Nkaloloma. Os bombardeamentos eram muito fortes, pois estava a decorrer a campanha de Kaúlza de Arriaga em 1970. Durante a operação que ficou conhecida como Nó Górdio, a tática militar portuguesa consistia em fazer os aviões de guerra largar bombas de napalm no mato, antes de os helicópteros trazerem tropas terrestres para a área. A vida no mato ficou tão insuportável que a família de Lúcia decidiu fugir para a Tanzânia.

Contudo, a Lúcia não escapou por muito tempo. Em Mitomoni, na Tanzânia, onde ela se foi inscrever para transportar material de guerra para Moçambique, ela foi capturada pelas guerrilhas. Foi-lhe dito que ela não regressaria à Tanzânia, mas que entraria na vida militar. Quando a Lúcia chegou na base em Ngungunyane, ela estava a chorar muito, e os soldados lhe disseram que ela iria de certeza ser enviada de volta para a Tanzânia, por ser tão nova. Contudo, isso não aconteceu. A ordem que ela recebeu era de que iria ficar e fazer o seu treino militar. Então ela treinou na Base Provincial de Ngungunyane. Na base, ela recorda ser bem recebida pelas outras DFs, que a ajudaram a entrar na rotina militar.

A Base Ngungunyane foi a base de Lúcia durante toda a guerra, contudo, o seu trabalho envolvia muita movimentação de base para base. Uma das suas principais tarefas era transportar material de guerra, mas ela também participou em combate, carregando as munições para os homens. Quando não havia missões, os homens e as

location, Chisawuka. There they stayed for a longer time. But after another attack they moved to another river called Ngulukulu and then, as she remembers, to Nkaloloma. The bombings were very bad as it was during Kaúlza de Arriaga’s campaign in 1970. During what was known as the Gordian Knot (*Nó Górdio*), the Portuguese military tactic was to have fighter planes first drop napalm bombs into the bush before helicopters brought ground troops into the area. Life in the bush became so unbearable that Lúcia’s family decided to flee to Tanzania.

Yet Lúcia did not escape for long. In Mitomoni in Tanzania, where she went to enrol to carry war material to Mozambique, she was captured by the guerrillas. She was told that she would not return to Tanzania but would enter military life. When Lúcia arrived at the base in Ngungunyane she was crying a lot, and the soldiers told her that she would surely be sent back to Tanzania as she was so young. However, this did not happen. The order she received was that she would stay and do her military training. So she trained at the Provincial Base of Ngungunyane. At the base, she remembers being well-received by the other DFs, who helped her settle into the military routines.

Base Ngungunyane was Lúcia’s home base throughout the war, but at the same time her work involved a lot of movement from base to base. One of her main tasks was to carry war material, but she also participated in combat carrying ammunition for the men. When there were no missions, the male and female guerrillas would share the tasks at the base. For instance, they would cut grass for the huts; they would go to the population to ask for food assistance; and other times they would pound maize from their own *machambas*. As she argues, the work was equally divided between men and women.

mulheres partilhavam tarefas na base. Por exemplo, eles iam cortar capim para as palhotas; eles iam ter com a população para pedir contribuição de farinha; e outras vezes eles pilavam o milho das suas próprias *machambas*. Como ela defende, o trabalho era dividido igualmente entre homens e mulheres.

Vida depois da independência

Depois de a guerra acabar, Lúcia ficou por algum tempo em Ngungunyane, antes de ser transferida para Metangula. Depois de aproximadamente um ano, ela foi transferida para N’sawisi, onde ela ficou até mais ou menos três anos, trabalhando numa *machamba* estatal. Finalmente, ela foi enviada para Lichinga, onde foi desmobilizada.

Primeiro ela mudou para Mawumbika, para ficar perto da família. Depois, ela mudou para Cantina Dias, onde ela viveu feliz por muitos anos. Há oito anos atrás, ela decidiu mudar para Mawumbika II para cuidar do seu pai idoso. Hoje em dia, ela e o seu marido têm *machambas* e uma horta, que os mantêm muito ocupados lá. Em 2014 ela finalmente recebeu notícia de que começaria a receber a sua pensão de veterana.

O sonho de Lúcia é mudar para Likole e construir a sua casa lá. Como ela descreve, em Mawumbika II ela ainda sente como se estivesse no mato. Sendo uma pessoa que viveu no mato por muitos anos durante a guerra, ela quer finalmente deixá-lo para trás e mudar para perto da cidade.

No total Lúcia teve dez filhos, dos quais cinco sobrevivem até ao dia de hoje. Hoje em dia, ela fala aos seus netos sobre a sua experiência na guerra. Como ela explica:

Life after independence

After the war ended, Lúcia stayed for some time in Ngungunyane before she was transferred to Metangula. After about a year, she was transferred to N’sawisi where she stayed up to three years working on a state farm. Finally, she was sent to Lichinga where she was demobilized.

She first moved to Mawumbika to be close to family. Then she moved to in Cantina Dias where she lived happily for many years. Eight years ago she decided to move to Mawumbika II to take care of her elderly father. These days she and her husband have *machambas* and *horta* (vegetable garden), which keep them very busy there. In 2014 she finally received the news that she would start to receive her veteran’s pension.

Lúcia’s dream is to move to Likole and build her home there. As she describes, in Mawumbika II she still feels like she is in the bush. As a person who lived in the bush for many years during the war, she finally wants to leave it behind and move closer to the city.

Altogether Lúcia had ten children of which five survived to this day. These days she talks to her grandchildren about her experience in the war. As she explains:

‘Eu lhes costume dizer que não me viram como eu era. Eu carregava uma arma às minhas costas. Eu ia para o combate. As crianças perguntam: “Ih, mamã, você disparava a sua arma?” Eu respondo, “Sim, eu disparava porque eu queria libertar o país. Se não tivéssemos libertado o país, mesmo vocês não poderiam ter nascido. Quem é que vos dava parto? Mas eu libertei o país. Quando a guerra acabou, foi então que eu vos dei parto, porque eu tinha libertado o país.” “Iih, iih, mas, mamã, isso é muito perigoso.” Eu respondo: “Existiam coisas perigosas, não era brincadeira.”’

‘I tell them that you did not see me like I was. I carried a weapon on my back. I went to combat. The children ask: “Ih, mom, you fired your weapon?” I answer, “Yes, I fired because I wanted to liberate the country. If we hadn’t liberated the country, even you couldn’t have been born. Who could have given birth to you? But I liberated the country. When the war ended, it is then that I gave birth to you, as I had liberated the country.” “Iih, iih, but, mom, that is dangerous.” I respond: “Dangerous things existed, it was not a joke.”’



Lúcia Ali Abdala com o seu filho em Mawumbika II, Sanga.

Lúcia Ali Abdala with her son in Mawumbika II, Sanga.

Madalena Bitete



Madalena Bitete nasceu em Maniamba, em Metangula, em 1947. A sua mãe era Sayiba Rachide Sembendo, e o seu pai Alifa Amidi.

Memórias de infância e da juventude antes da guerra

Enquanto era criança, Madalena adorava fazer *masanje* com os seus amigos. Eles costumavam trazer feijões de casa das suas mães e cozinhavam juntos, atrás da casa de Madalena.

Na sua primeira infância, Madalena viva com os seus pais, mas quando ela cresceu um pouco a sua avó materna a levou para viver com ela em Mbandesi. Aí ela foi enviada para estudar na

Madalena Bitete was born in Maniamba, in Metangula, in 1947. Her mother was Sayiba Rachide Sembendo and her father Alifa Amidi.

Memories of childhood and youth before the war

As a child Madalena loved to have *masanje* with her friends. They used to each take beans from their mothers' houses and cook them together behind Madalena's house.

In her early childhood Madalena lived with her parents, but when she grew up a bit her paternal grandmother took her to live with her in Mbandesi. There she was sent to study at the

escola da missão. O professor da escola vinha da Missão de Santo António de Unango.

O seu avô era o régulo Maniamba, e o seu pai trabalhava como sipaio na administração em Maniamba. A sua mãe trabalhava nas suas *machambas*, onde Madalena também a ajudava. Nessa altura, eles trocavam na loja parte dos seus produtos por mantimentos como sal, açúcar e *capulanas*. Como Madalena recorda, havia três lojas na zona: em Maniamba, Mbandesi e em Cinyawu. Depois, quando Madalena casou, ela abriu a sua própria *machamba* junto com o seu marido. Ela também teve uma criança antes da guerra.

Participação na luta de libertação

Madalena estava a visitar a sua mãe quando Milagre Mabote uma noite veio para evacuar a população para o mato. Madalena recorda ter medo ao caminhar no mato, porque nenhum deles sabia onde estava a ser levado. Finalmente as guerrilhas os trouxeram para o rio Likwisi. A base que a população estava a apoiar tinha o nome de Nsinje. Enquanto eles ficaram lá, soldados vieram ter uma reunião com a população para fazer uma lista das meninas que iriam cozinhar para a base. Foi assim que Madalena foi levada para a base.

Na Base Nsinje os soldados fizeram uma reunião e disseram aos novos recrutas que eles queriam libertar o país. Foi assim que Madalena ouviu pela primeira vez falar da política da FRELIMO. Na base ela conheceu muitas outras meninas, junto com as quais trabalhou por algum tempo antes de ser enviada para treinar em Nachingwea. Na base elas receberam treino militar rudimentar. Em vez de armas verdadeiras, para praticar elas usavam paus com cordas

mission school. The teacher at the school came from the *Missão de Santo António de Unango*.

Her paternal grandfather was chief Maniamba, and her father worked as a *sipaio* at the administration in Maniamba. Her mother worked in her *machambas*, where Madalene also helped her. At the time, they used to trade part of their produce in the shop for items such as salt, sugar and *capulanas*. As Madalene remembers, there were three shops in the area: in Maniamba, Mbandesi and in Cinyawu. Later when Madalene got married she opened her own *machamba* together with her husband. She also had one child before the start of the war.

Participation in the liberation struggle

Madalene was visiting her mother when Milagre Mabote came one night to evacuate the population to the bush. Madalene remembers being afraid walking in the bush as none of them knew where they were being taken. In the end the guerrillas brought them to the river Likwisi. The base the population was supporting was called Nsinje. While they stayed there, soldiers came to hold a meeting with the population and to make a list of girls who would go and cook at the base. This was how Madalena was taken to the base.

At Base Nsinje the soldiers held a meeting and told the new recruits that they wanted to liberate the country. This is how Madelene first heard about the politics of FRELIMO. At the base she met a lot of other girls, together with whom she worked for some time before she was sent for training to Nachingwea. At the base they received rudimentary military training. Instead of real weapons, they practiced with sticks that had ropes

atadas a fazer de alças. No começo, o trabalho das recrutas femininas era cozinhar e ir buscar comida às *machambas* abandonadas. Como eles eram atacados muitas vezes, os guerrilheiros tinham que estar sempre a mudar a localização de base. Apesar disso, o nome da base continuava a ser o mesmo.

Madalena fez parte do segundo grupo de meninas do Niassa a serem enviadas para treina-rem em Nachingwea. Depois do seu treino de seis meses, ela foi posicionada na Base Ngungunyane. Esta foi a sua base durante toda a guerra, apesar de, como explica, se ter movido muito entre dife-rentes bases para fazer o seu trabalho. Nas bases ela trabalhava como comissária política, e o seu trabalho era mobilizar a população para produzir comida para as guerrilhas. Ela também ia, junto com outras DFs, carregar material de guerra des-de a Tanzânia.

Ela também tinha muitas outras tarefas. Nal-guns dias era-lhe ordenado que fosse assistir no hospital, especialmente quando havia muitas pes-soas feridas e doentes. Noutros dias era preciso que ajudasse no infantário. Ela diz que participou em muitos trabalhos diferentes durante a guerra. Ela também participava no combate quando o inimigo atacava a base. Para além do mais, ela é famosa por entre as outras DFs por causa de um combate durante o qual ela participou no disparo de um morteiro. Como Madalena explica, foi uma situação em que o assistente de artilharia tinha fugido e, como ela estava perto, interveio para ajudar o outro soldado a disparar o morteiro. Eles conseguiram, mas como ela recorda, esse foi um dia horrível porque muitas pessoas morreram.

tied to them as slings. In the beginning, the job of the female recruits was to cook and fetch food from the abandoned *machambas*. As they were attacked a lot, the guerrillas had to move the loca-tion of the base often. Even so, the name of the base stayed the same.

Madalene was in the second group of girls from Niassa to be sent for training in Nachingwea. After her six-month training, she was stationed at Base Ngungunyane. It was her home base throughout the war, although as she explains, she moved a lot between different bases for her work. At the bases she worked as a political commissar and her job was to mobilize the population to produce food for the guerrillas. She also went together with other DFs to carry war material from Tanzania.

She had many other tasks too. Some days she would be ordered to assist at the hospital, espe-cially when there were a lot of sick and injured people. Other days she would be required to help out in the *infantário*. She says that she partici-pated in many different kinds of jobs during war. She also took part in combat when the enemy attacked the base. Moreover, she is famous among other DFs for one combat in which she participat-ed in the firing of a mortar. As Madalene explains, it was a situation in which the male assistant gunner had run away and as she was close by she stepped in to help the other soldier to fire the mortar. They managed, but as she remembers, it was a horrible day because a lot of people died.

Vida depois da independência

Madalena fez parte do grupo que foi enviado para Maputo para aí celebrar o Dia da Independência. Depois de regressar a Lichinga, ela foi transfe-rida para Metangula. O seu principal trabalho era organizar reuniões para a população, para a fazer entender que a FRELIMO tinha libertado Moçambique. O seu trabalho envolvia bastante deslocação. Depois de cerca de um ano, ela foi transferida para Lichinga, onde foi desmobiliza-da. Ela recorda estar muito feliz, pensando que finalmente viveria com a sua família. Contudo, depois da desmobilização, ela ficou muitos anos em Lichinga, apenas regressando a Maniamba há aproximadamente oito anos atrás. Como ela esta-va doente, ela decidiu que era melhor viver perto da sua família.

A sua preocupação hoje em dia é a saúde, que lhe torna difícil o trabalho na sua *machamba*. Ela construiu a sua casa em 2012, mas esta ainda precisa de alguns trabalhos até ficar terminada. Falando dos seus sonhos, ela diz que sempre quis comprar um *chapa* para entrar no negócio dos transportes. Hoje em dia ela cuida das crianças da sua falecida irmã.

Life after independence

Madalene was part of the group that was sent to Maputo to celebrate Independence Day there. After returning to Lichinga, she was transferred to Metangula. Her main job was to organize meetings for the population to make them understand that FRELIMO had liberated Mozambique. Her job involved moving around a lot. After about a year she was transferred to Lichinga where she was demobilized. She remembers being very happy thinking that finally she would live with her family. However, after demobilization, she stayed many years in Lichinga, only returning to Maniamba about eight years ago. As she was sick, she decided it was better to live close to her family.

Her concern these days is her health which is preventing her from working in her *machamba*. She built her house in 2012, but it still needs some work before it is finished. Talking about her dreams, she says that she always wanted to buy a *chapa* and join the transportation business. These days she watches over the children of her late sister.



Madalena Bitete em frente à sua casa em Maniamba.
Madalena Bitete in front of her house in Maniamba.



Limando mapira em Mavago.
Cleaning mapira in Mavago.

Madyatu Issa



61

Madyatu Issa nasceu em Mussa, distrito de Lichinga, em 1950. A sua mãe era Aryana Alifa, e o seu pai Issa Salímo.

Memórias de infância antes da guerra

Madyatu cresceu muito próxima à sua avó. Ela e os outros netos dormiam todos na casa da sua avó, como era comum nessa altura.

Apesar de algumas crianças da sua aldeia frequentarem a escola da missão em Mbemba, os pais da Madyatu não a deixavam ir. Como ela recorda, os seus pais diziam que eles lá iriam comer porco, o que era contra as suas regras alimentares enquanto Muçulmanos. A

Madyatu Issa was born in Mussa, the district of Lichinga, in 1950. Her mother was Aryana Alifa and her father Issa Salímo.

Memories of childhood before the war

Growing up Madyatu was very close to her grandmother. She and the other grandchildren all slept in her grandmother's house as was common in those days.

While some children in her village attended the mission school in Mbemba, Madyatu's parents did not allow her to go. As she remembers, her parents said that she would eat pork there, which was against their dietary rules as Muslims. The

principal educação que ela recebeu dos seus pais foi trabalhar na *machamba*. A sua família tinha grandes *machambas* onde eles capinavam milho e feijão. Eles também criavam patos e galinhas.

No tempo antes de guerra começar, Madyatu era ainda uma criança e não tinha muitas responsabilidades. Enquanto a sua avó estava na *machamba*, os seus netos cartavam água e pilavam o milho. Durante o resto do tempo as crianças eram livres de brincar. Nesses dias eles gostavam especialmente de fazer *masanje*. Como ela descreve, as meninas cozinhavam *chima* que os rapazes depois vinham e comiam.

Participação na luta de libertação

Madyatu recorda ouvir as primeiras notícias sobre a guerra que se aproximava dos seus pais e de outros mais velhos da sua aldeia. Depois dos seus avisos, não demorou muito até que as guerrilhas viessem à sua aldeia para levar a população para o mato. Primeiro eles os levaram para um lugar perto do rio Lusonwesi. Aí a população construiu palhotas para viver. Madyatu recorda que no início os mais velhos diziam que a guerra não duraria muito, e que em breve eles regressariam para a sua aldeia.

As guerrilhas não tinham comida no mato, por isso de noite os mais velhos costumavam ir escondidos para as suas *machambas* abandonadas para ir buscar milho e bananas para eles cozinharem e comerem no mato. Como Madyatu recorda, eles mudavam de acampamento quando as folhas das árvores debaixo das quais eles se escondiam começavam a cair por causa dos fogos do campo. Eles também se mudavam bastante por causa dos bombardeamentos, e acampavam

most important education that she received from her parents was working in the *machamba*. Her family had big *machambas* where they grew maize and beans. They also had ducks and chicken.

At the time before the war, Madyatu was still a child and she did not have many responsibilities. While their grandmother was at the *machamba*, the grandchildren would fetch water and pound the maize. The rest of the time the children were free to play. In those days they especially like to organize *masanje*. As she describes, the girls would cook *chima* which the boys would then come and eat.

Participation in the liberation struggle

Madyatu remembers hearing the first news about the approaching war from her parents and other elders in her village. After their warnings, it did not take long before the guerrillas came to her village to take the population to the bush. They first took them to a place by the river Lusonwesi. There the population constructed huts to live in. Madyatu remembers that in the beginning the elders were saying that the war would not last long and soon they would return to their village.

The guerrillas had no food in the bush, so at night the elders used to sneak into their abandoned *machambas* to get maize and bananas for them to cook and eat in the bush. As Madyatu remembers, they moved camp when the leaves of the trees under which they were hiding started to fall due to the camp fires. They also moved a lot due to the bombings, and set up temporary camp in many places, such as by the river Kambongwe. Many of the places where they camped for shorter times did not even have names. As Madyatu

62

temporariamente em muitos sítios, tal como junto ao rio Kambongwe. Muitos dos lugares onde eles acampavam por períodos mais curtos não tinham sequer nomes. Como Madyatu recorda, um sítio onde eles ficaram por mais tempo foi em Ce-Magomba.

Depois de viver assim com a população por um pouco, Madyatu, juntamente com outra menina, foi capturada pelo Chefe Mabote. Primeiro elas foram levadas para a Base Lugwalo e daí para Ngungunyane. Desde aí ela foi enviada para fazer treino militar em Nachingwea, onde ela treinou no terceiro grupo de meninas do Niassa. Depois do treino, ela foi transferida de volta para Ngungunyane onde ela trabalhou até ao final da guerra.

Vida depois da independência

Quando a guerra acabou, Madyatu foi transferida para Lichinga. Depois das celebrações do Dia da Independência o seu marido foi transferido para Nampula. Por essa altura, Madyatu foi desmobilizada e foi com ele até lá, ficando em Nampula por aproximadamente cinco anos. Quando eles se separaram, ela regressou ao Niassa para Mussa, a sua antiga aldeia natal. Ela viveu lá por alguns anos antes de decidir mudar para Malulu.

Hoje em dia Madyatu diz estar muito feliz por viver em Malulu. Em 2012 ela começou a construir a sua casa, que agora está quase terminada. Ela defende que actualmente o seu trabalho mais importante é capinar. Nas suas *machambas* ela consegue produzir comida para sustentar a sua família: ela tem dez filhos. Ela diz que ‘vive em paz’, passando muito do tempo com os seus netos. O que ela deseja para os seus filhos e netos é que eles estudem e assim construam o seu futuro.

remembers, one place where they stayed for longer was at Ce-Magomba.

After living like this with the population for a while, Madyatu together with another girl were captured by Chief Mabote. First they were taken to Base Lugwalo and from there to Ngungunyane. From there she was sent for military training to Nachingwea where she trained in the third group of girls from Niassa. After her training, she was transferred back to Ngungunyane where she worked until the end of the war.

Life after independence

When the war ended, Madyatu was transferred to Lichinga. After Independence Day celebrations her husband was transferred to Nampula. At this time Madyatu was demobilized and she followed him there, staying in Nampula for about five years. When they separated, she returned to Niassa to Mussa, her old home village. She lived there for a few years before deciding to move to Malulu.

These days Madyatu expresses being very happy living in Malulu. In 2012 she started building her house which is almost finished now. She argues that these days her most important job is farming. In her *machambas* she is able to produce food to sustain her family. She has ten children, and she says she ‘lives in peace’, spending a lot of time with her grandchildren. Her hope for her children and grandchildren is that they study and thus build their own future.



Madyatu Issa em frente à sua casa em Malulu.

Madyatu Issa in front of her house in Malulu.

Maria Ajaba



65

Maria Ajaba nasceu em Mbagarila, no distrito de Sanga, em 1947. O seu pai era Ajaba Njika, e a sua mãe Tabia Aquimo.

Memórias de infância antes da guerra

Como muitos homens Yaawo dessa altura, o pai de Maria viajava muito para trabalhar. Ele costumavam ir até à Tanganica e à Niassalândia. Ele também era um *chehe* (ou seja, o líder de uma mesquita), e ensinava as pessoas a ler o Alcorão. Quando ele não estava viajando, ele costumava trabalhar nas *machambas* da família.

A mãe de Maria morreu quando ela era muito pequena, e ela cresceu na casa da sua

Maria Ajaba was born in Mbagarila, in the district of Sanga, in 1947. Her father was Ajaba Njika and her mother Tabia Aquimo.

Memories of childhood before the war

Like many Yaawo men at the time, Maria's father travelled a lot for work. He used to go to Tanganyika and to Nyasaland. He was also a *chehe* (a leader of a mosque) who taught people to read the Koran. When he was not travelling, he used to work at their family *machambas*.

Maria's mother died when she was very small, and she grew up in her grandmother's house. Living with her grandmother, she heard many stories

avó. Vivendo com a sua avó, ela ouviu muitas histórias sobre como as pessoas costumavam viver antigamente. Por exemplo, como a sua avó lhe disse, nos tempos antigos as pessoas não tinham *capulanas* como hoje, mas se vestiam com um tecido feito das cascas internas do tronco de uma árvore. Esta casca de árvore era chamada *mawondo*. Também, que quando eles começaram a ter *capulanas*, apenas haviam disponíveis duas cores: preto e branco. Foi apenas muito depois que as pessoas conseguiram ter *capulanas* de muitas cores diferentes.

Enquanto menina pequena, Maria foi ensinada a fazer o trabalho de casa. Estava a seu encargo pillar o milho e recolher lenha. Ela também cartava água do rio para que quando a sua mãe chegasse de volta da *machamba* ela tivesse água para tomar um banho e cozinhar. Estas tarefas não demoravam o dia todo. Como Maria recorda, depois de terminar as suas obrigações, ela corria para ir brincar com as outras crianças. Havia um jogo chamado *ndodo* que elas adoravam jogar. Elas também costumavam dançar *mbila*.

Nessa altura, as principais produções da sua *machamba* eram milho e feijão. Eles também capinavam mandioca e batata. A sua família cultivava frutas, como manga, papaia e laranjas, especialmente para as crianças. Como Maria narra, a sua família vendia parte da sua produção para as irmãs e os padres da missão em Mbagarila, em troca de sal, sabão e *capulanas*. Também havia uma escola na missão, mas os pais da Maria não a deixavam estudar lá. O seu argumento era de que ela lá iria 'comer porco'.

about how people used to live in the old times. For instance, as her grandmother told her, back in the old days people did not have *capulanas* like now but they dressed themselves in cloth made from the inner bark of a tree. This bark cloth was called *mawondo*. Also, when they started to have *capulanas*, only two colours were available: black and white. It was only much later that people were able to get *capulanas* of many different colours.

As a young girl, Maria was taught to do house work. It was her job to pound maize and collect firewood. She also fetched water from the river so that when their mother arrived back from the *machamba* she had water for taking a bath and for cooking. These jobs did not take all day. As Maria remembers, after finishing her tasks, she would run off to play with the other children. There was a game called *ndodo* that they loved to play. They also used to dance *mbila*.

At the time, the main crops in their *machamba* were maize and beans. They also grew manioc and potatoes. Especially for the children, her family grew fruits like mangoes, papayas and oranges. As Maria narrates, her family sold a part of their crop to the nuns and priests at the mission in Mbagarila in exchange for salt, soap and *capulanas*. There was also a school at the mission, but Maria's parents did not let her study there. Their argument was that she would 'eat pork' there.

66

Participação na luta de libertação

Como Maria recorda, eles começaram a ouvir boatos sobre a guerra em 1965. Pouco depois disso, os soldados portugueses começaram a chegar. Era falado que estes soldados tinham vindo lutar contra os ‘turras’ que estavam no mato. Isto foi antes das pessoas saberem da FRELIMO. Depois, quando os régulos já haviam sido mobilizados pela FRELIMO, eles começaram a informar o povo que não era para os chamarem de ‘turras’, mas para os chamarem de ‘tios’ (*wanya njomba*).

Maria foi recrutada pela FRELIMO em 1966. Como ela narra, ela estava a caminhar fora da aldeia quando foi capturada pelos guerrilheiros. Quando a levaram para a base, eles a começaram a mobilizar e a explicar que a razão pela qual eles estavam no mato era para libertar o país. Primeiro ela ficou numa base para mulheres chamada Chityale. No princípio a sua tarefa era participar no transporte de comida das *machambas* abandonadas para cozinhar na base. As recrutas femininas também recebiam algum treino rudimentar, em como se defenderem, usando bambu. Depois de Chityale ser destruída pelo inimigo, as mulheres foram mudadas para a Base Central de Mepochi.

Por esta altura, como Maria recorda, as guerrilhas começaram a dizer que também as mulheres tinham de treinar, porque também tinham de lutar contra as tropas coloniais. Por isso, aquelas que eram crescidas que chegue foram enviadas para treinar em Nachingwea. Aquelas que eram muito novas foram enviadas para estudar em Tunduru. Como Maria lembra, ela ficou em Mepochi por menos de um ano até

Participation in the liberation struggle

As Maria remembers, they began hearing rumours about the war in 1965. Soon after that the Portuguese soldiers started arriving. It was rumoured that these soldiers had come to fight the ‘turras’ (an abusive term used by the Portuguese army; a shortened form of the word terrorist) who were in the bush. This was before people knew about FRELIMO. Later, when the chiefs had been mobilized by FRELIMO, they started informing the people not to call them ‘turras’ but to call them ‘uncles’ (*wanya njomba*).

Maria was recruited by FRELIMO in 1966. As she narrates, she was walking outside the village when she was captured and taken by the guerrillas. When they got her to the base, they started mobilizing her and explained to her that the reason that they were in the bush was to liberate the country. She first stayed at a base for women called Chityale. In the beginning her task was to participate in bringing food from the abandoned *machambas* to cook at the base. The female recruits also received some rudimentary training on how to defend themselves using bamboo sticks. After Chityale was destroyed by the enemy, the women were moved to the Central Base of Mepochi.

Around this time, as Maria remembers, the guerrillas started saying that also women have to train because they also need to fight the colonial troops. So those who were old enough were send for training in Nachingwea. Those who were too young were sent to study in Tunduru. As Maria recalls, she stayed at Mepochi for less than a year before she was sent for training to Nachingwea in the first group of girls from Niassa in 1967.

After Nachingwea Maria was sent to the

ser enviada para treinar em Nachingwea, no primeiro grupo de meninas e mulheres do Niassa, em 1967.

Depois de Nachingwea, Maria foi enviada para a Base Provincial de Ngungunyane. Ela trabalhou como comissária política durante toda a guerra. Como ela narra, ela mudava bastante de sítio e trabalhava nas diferentes zonas de Unango, Mepochi e Meponda, mobilizando a população. Ela também foi enviada em missões para transportar comida e material de guerra de Mitomoni, na Tanzânia, para as bases em Moçambique. E, apesar do combate não ser uma das suas principais tarefas, ela participou em missões de combate nos postos coloniais em Cobwe e em Lunho.

Quando Maria em 1972 teve o parto do seu primeiro filho, ela foi transferida para a escola da FRELIMO em Matchedje. Ela também casou nesse mesmo ano. Em 1973 ela teve a sua segunda criança. Depois de a sua criança ter idade que chegue para ir para o infantário, ela foi transferida de volta para Ngungunyane, para aí continuar o seu trabalho.

Vida depois da independência

Depois da independência Maria começou por trabalhar por um ano em Cobwe. Aí, o seu trabalho consistia em organizar reuniões com as pessoas que regressavam da Tanzânia e do Malawi. Maria explicava a essas pessoas o que a FRELIMO tinha feito durante a guerra e dizia para elas não terem medo. Elas podiam agora ficar em Moçambique e construir as suas casas, e ninguém as incomodaria mais. Até ser desmobilizada em 1982, Maria também trabalhou em Metangula por quatro anos, e no quartel do destacamento feminino em Michumwa por dois anos.

Provincial Base of Ngugunyane. She worked as a political commissar throughout the war. As she narrates, she moved a lot and worked in the different zones of Unango, Mepochi and Meponda mobilizing the population. She was also sent on missions to carry food and war material from Mitomoni in Tanzania to the bases in Mozambique. And while combat was not one of her main tasks, she participated in combat missions at the colonial post in Cobwe and in Lunho.

When Maria gave birth to her first child in 1972 she was transferred to the FRELIMO school in Matchedje. She also got married the same year. In 1973 she had her second child. After her child was old enough to go to the *infantário*, she was transferred back to Ngungunyane to continue her work there.

Life after independence

After independence Maria first worked in Cobwe for a year. There her job was to organize meetings with the people returning from Tanzania and Malawi. Maria explained to these people what FRELIMO had done during the war and told them not to be afraid. They could now stay in Mozambique and build their houses there, and no one would trouble them anymore. Maria also worked in Metangula for four years and at the barracks of the female detachment in Michumwa for two years before she was demobilized in 1982.

Since she was demobilized, Maria has lived in Lichinga. These days Maria speaks of feeling at home in Lichinga because she is with family. Her second home Mbagarila is also not far away, and she can easily go and visit her mother and other family members still living there. Altogether she has had eight children but only five survived to

Desde que foi desmobilizada, Maria vive em Lichinga. Hoje em dia Maria diz que se sente em casa em Lichinga, porque ela está com a sua família. A sua segunda casa, Mbagarila, também não é muito longe, e ela pode facilmente ir visitar a sua mãe e os outros membros da sua família que ainda vivem lá. Ela teve oito filhos no total, mas apenas cinco sobreviveram até hoje. Em Lichinga ela vive com os seus filhos e netos, e actualmente até já tem bisnetos. Como ela conta, doze pessoas vivem com ela na sua casa. E, apesar de ser grata pela sua pensão, ela defende que esta não é suficiente para suportar uma família tão grande. Ela tem estado a construir uma casa em Lichinga há já algum tempo, mas a obra é lenta e os materiais de construção são caros. Um dia ela espera poder construir uma casa em Mbagarila. Estas casas são a herança que ela quer deixar às suas crianças antes de morrer.

this day. In Lichinga she lives with her children and grandchildren, and nowadays she even has great-grandchildren. As she counts, twelve people live together with her in her household. And while she is grateful for her pension, she argues that it is not enough to support such a large family. She has been building a house in Lichinga for a while now, but construction is slow as the building materials are expensive. One day she also hopes to build a house in Mbagarila. These houses are the legacy she wants to leave her children before she dies.



Maria Ajaba com a sua neta em Lichinga.
Maria Ajaba with her grandchild in Lichinga.

Rosa Cassimo Namate



Rosa Cassimo Namate nasceu em Maniamba. A sua mãe foi Fátima Machemba, e o seu pai Cassimo Namate.

Memórias de infância antes da guerra

Antes da guerra a família da Rosa vivia em Maniamba, perto da estrada que levava de Lichinga para Metangula. Nessa altura, cada família tinha a sua *machamba* por detrás da casa. Toda a sua família vivia no mesmo quintal, e ela recorda discutir com os seus irmãos e primos por causa de decidir quem é que poderia dormir na casa da sua avó.

Uma vez que Rosa ainda era uma criança, ela não tinha muitas responsabilidades nessa altura.

Rosa Cassimo Namate was born in Maniamba. Her mother was Fátima Machemba and her father Cassimo Namate.

Memories of childhood before the war

Before the war Rosa's family lived in Maniamba, close to the road leading from Lichinga to Metangula. At the time every family had their *machamba* behind their house. Her whole family lived in the same courtyard, and she remembers fighting with her siblings and cousins over who got to sleep in her grandmother's house.

As Rosa was still a child, she did not have a lot of responsibilities in those days. Her job was to

O seu trabalho era ajudar a sua mãe com os trabalhos de casa, como cozinhar, lavar os pratos, varrer e cartar água.

No período colonial, o pai de Rosa era um sipaio. Todas as manhãs, quando ele saía para o seu trabalho no centro administrativo, a mãe de Rosa ia para a *machamba*. O pai de Rosa também trabalhava na *machamba* deles aos sábados. A sua colheita mais importante era milho, mas eles também capinavam mandioca, batata, bananas e cana doce. A sua mãe vendia um pouco de mandioca e batata aos soldados em Maniamba.

Rosa recorda adorar pregar partidas aos seus amigos. Na sua aldeia eles tinham problemas com os porcos que entravam nos seus campos e comiam a mandioca. Numa tentativa de apanhar esses porcos, os seus pais tinham construído valas à volta dos seus campos, que eles cobriram com capim. Como Rosa recorda com um sorriso, um dia ela levou os seus amigos para lá, para brincar a um jogo de saltar. Não sabendo das valas, os seus amigos saltaram bem para o meio delas. Sendo a desordeira que era, Rosa fugiu e deixou os seus amigos presos na vala. Só quando os pais deles começaram a ficar preocupados, é que ela regressou e os ajudou a sair com uma corda. Depois, ela conseguiu fazer as pazes com os amigos graças a um pouco de mandioca. Como ela se lembra rindo, os seus amigos nem sequer ficaram chateados. Mastigando a mandioca, eles voltaram a brincar na estrada.

Participação na luta de libertação

No princípio, antes de guerra iniciar, Rosa recorda como eles começaram a ouvir boatos sobre pessoas que estavam no mato, a se prepararem

help her mother with the housework, such as cooking, washing dishes, sweeping and carrying water.

In the colonial times, Rosa's father was a *sipaio*. Every morning when he left for his work at the administrative centre, Rosa's mom would go to the *machamba*. Rosa's father also worked on their *machamba* on Saturdays. Their most important crop was maize but they also grew manioc, potatoes, bananas and sugar cane. Her mother sold a bit of the manioc and potatoes to the soldiers in Maniamba.

Rosa remembers loving to play practical jokes on her friends. In their village they had problems with pigs entering their fields and eating the manioc. In an attempt to catch these pigs, her parents had dug ditches around their fields, which they covered with grass. As Rosa laughingly remembers, one day she took her friends there to play a jumping game. Not knowing about the ditch, her friends jumped right into it. Being the trouble-maker that she was, Rosa ran away and left her friends stuck in the ditch. Only when their parents started getting worried, she went back and helped them out with a rope. Afterwards she managed to appease them with some manioc. As she laughingly recalls, her friends did not even get mad. Chewing on manioc they went back to playing on the road.

Participation in the liberation struggle

First, before the war began, Rosa remembers how they started hearing rumours about people who were in the bush preparing for war. Then one night they heard shooting, and the next day they saw a truck driving past, carrying bodies of Portuguese soldiers. Soon after this clash between

para a guerra. Então, uma noite eles ouviram tiros e, no dia seguinte, viram um caminhão a passar, carregando os corpos dos soldados portugueses. Pouco tempo depois deste confronto entre os soldados portugueses e a FRELIMO, as guerrilhas vieram evacuar a população para o mato. Como Rosa recorda, o sítio para onde os soldados os levaram era muito longe, e demorou toda a noite para caminhar até lá. O lugar era entre as montanhas.

No começo Rosa vivia com a população no mato. Como ela recorda, eles não paravam de se mudar de um sítio para o outro, porque eram constantemente atacados pelo inimigo. Como ela narra:

Nós ficamos assim: ficando num sítio dois dias ou uma semana, e éramos atacados pelo inimigo. Nós fugíamos. Mudando para outro sítio, ficando lá um mês ou dois meses, até sermos atacados de novo. Nós fugíamos. Assim por anos. Até que chegou o dia em que Celistiano Mabote veio me capturar e me meter na tropa. Mas ele não me levou para a base, ele me carregou até me deixar na escola no centro de Tunduru. Como éramos pequenas, nós ficamos lá e estudamos. Depois de acabar os nossos estudos, fomos levadas para Nachingwea. Completamos o nosso treino. Regressando do nosso treino nós continuamos outra vez na escola. Quando o Presidente Eduardo Mondlane morreu, nós estávamos no centro.

Rosa recorda que apesar de a sua mãe ter aceite o pedido de Mabote para a levar, ela própria fez de tudo o que conseguiu para escapar. Mas ela foi levada à força. Nas suas próprias palavras, ela foi ‘carregada como um cabrito’. Ela chorou e tentou fugir todo o caminho para a Tanzânia. Na Tanzânia ela foi primeiro levada para Nachingwea, mas depois regressou para

Portuguese soldiers and FRELIMO, the guerrillas came to evacuate the population to the bush. As Rosa remembers, the place where the soldiers took them was very far away and it took all night to walk there. The place was in-between the mountains.

In the beginning Rosa lived with the population in the bush. As she remembers, they kept moving from one place to another as they were constantly attacked by the enemy. As she narrates:

We stayed like this: staying in one place two days or one week, and we were attacked by the enemy. We fled. Moving to another place, staying there one month or two months, before we are attacked again. We fled. Like this for years. Until the day come that Celistiano Mabote comes to capture me to put me in the army. But he didn’t take me to the army base, he carried me until leaving me at the school at the centre of Tunduru. As we were small, we stayed there and studied. After finishing our studies, we were taken to Nachingwea. We completed our training. Returning from our training we continued again at the school. When President Eduardo Mondlane died, we were at the centre.

Rosa remembers that while her mother accepted Mabote’s request to take her, she herself did all she could to get away. But she was taken by force. In her own words, she was ‘carried like a goat’. She cried and tried to run away all the way to Tanzania. In Tanzania she was first taken to Nachingwea but then returned to Tunduru as she and nine other girls were thought to be too young for military training.

In Tunduru she also tried to run away but was caught and returned back to the centre. But slowly, as she was surrounded by colleagues, she

Tunduru, porque ela e nove outras meninas foram consideradas novas demais para o treino militar.

Em Tunduru ela também tentou fugir, mas foi apanhada e devolvida para o centro. Mas lentamente, como ela estava rodeada de colegas, ela começou a gradualmente aceitar a sua nova vida. Depois de estudar em Tunduru, ela foi enviada para Nachingwea para finalmente fazer o seu treino militar.

Depois do seu treino em Nachingwea, e de acabar os seus estudos em Tunduru, Rosa foi mandada trabalhar nas bases do Niassa. Ela foi posicionada em Ngungunyane. Aí, como ela recorda, o seu trabalho era fazer sentinela. As suas tarefas também envolviam mobilizar a população para que os pais deixassem as suas meninas se juntarem às guerrilhas. Rosa recorda ter participado em quatro combates durante a guerra.

Vida depois da independência

Depois da guerra, Rosa continuou a trabalhar na tropa em Metangula e Lichinga. Quando ela foi desmobilizada, ela imediatamente seguiu a sua família para Macaloge, onde o seu pai estava a trabalhar no quartel. Mais tarde, Rosa mudou para Lichinga, onde viveu por muitos anos. Ela apenas regressou a Macaloge quando a sua irmã morreu. Recentemente, ela se mudou para Segundo Congresso, onde ela diz que queria viver já desde a luta de libertação. Como ela explica, ela queria mudar para lá porque esse foi o sítio onde Eduardo Mondlane realizou o Segundo Congresso em 1968. Ela planeia construir a sua casa aí. O seu sonho é uma casa com quatro quartos e uma casa de banho interior.

gradually started to accept her new life. After studying in Tunduru she was sent to Nachingwea to finally do her military training.

After her training in Nachingwea and after finishing her studies in Tunduru, Rosa was sent to work at the bases in Niassa. She was stationed at Ngungunyane. There, as she remembers, her job was to guard the base. Her tasks also involved mobilizing the population so that the parents would let their girls join the guerrillas. Rosa remembers participating in four combats during the war.

Life after independence

After the war, Rosa first continued working for the military in Metangula and Lichinga. When she was demobilized, she immediately followed her family to Macaloge, where her father was working at the army barracks. Later Rosa moved to Lichinga, and she lived there for many years. She only returned to Macaloge when her sister died. Recently she has relocated to Segundo Congresso, where she says she has wanted to live ever since the liberation struggle. As she explains, she wanted to move there as it was the place where Eduardo Mondlane held the Second Congress in 1968. She is planning to build her house there. Her dream is a house with four rooms and a bathroom inside.



Rosa Namate em frente ao terreno em Congresso onde ela espera um dia construir a sua casa.

Rosa Namate standing on the piece of land in Congresso where she hopes one day to build her house.

Teresa Bernardo Macotoa

Teresa Bernardo Macotoa nasceu em Muchenga, em Metangula, em 1952. O seu pai foi Bernardo Rachide, e a sua mãe foi Diana Mangasumu Mulembwe.

Memórias de infância antes da guerra

A aldeia da Teresa era ao pé do Lago Niassa, com as montanhas ao fundo. Como Teresa descreve, a sua casa era ao lado do Régulo Chilombe. Um marco importante era um enorme embondeiro, que entretanto caíu.

Durante o período colonial, o seu pai trabalhava como sipaio. Ele também tinha uma rede para apanhar peixe, e costumava vender o peixe que



Teresa Bernardo Macotoa was born in Muchenga, in Metangula, in 1952. Her father was Bernardo Rachide and her mother Diana Mangasumu Mulembwe.

Memories of childhood before the war

Teresa's village was next to Lake Niassa, with mountains rising behind them. As Teresa describes, her house was next to Chief Chilombe. A significant land marker was a huge baobab tree, which has since fallen.

During the colonial period her father worked as a *sipaio*. He also had a net to catch fish, and he used to sell the fish he caught to buy things for

apanhava para comprar coisas para a sua família. Por causa do trabalho do seu pai, eles conseguiam ter uma vida confortável e comer bem. Eles tinham uma bela casa de tijolo, apesar dos tijolos não serem queimados. Nessa altura, todas as casas tinham um telhado de capim. Como ela recorda afectuosamente, o seu pai também havia plantado mangueiras no seu quintal. Essas mangueiras ainda existem hoje em dia, e cresceram até se tornarem muito grandes. Nessa época, eles jogavam jogos como *ndodo* debaixo da sombra dessas árvores. Enquanto crianças também brincavam no lago, chapinhando água uns nos outros.

Nessa altura Teresa vivia com a sua avó, a sua mãe e os seus irmãos mais novos, e enquanto crescia ela ia trabalhando na *machamba* da sua avó. A guerra começou antes de ela ter a chance de ter a sua própria *machamba*.

Participação na luta de libertação

Em Metangula havia uma base militar e muitos portugueses viviam na área. Teresa recorda que conforme a FRELIMO iniciou as suas actividades na zona do Lago, a atmosfera na cidade ficou muito tensa. Os soldados começaram a verificar os documentos das pessoas com maior regularidade, por exemplo. Aqueles que não conseguiam provar que tinham pago os seus impostos eram acusados de vir da Tanzânia, e eram aprisionados. Também era proibido falar o nome de Nyerere, o que, como Teresa recorda, eles achavam muito estranho, porque ‘nyerere’ significava formigas em Cinyanja. Como Teresa era ainda muito nova nessa altura, ela não percebeu o que se estava a passar, mas os mais velhos diziam que a guerra estava a vir.

his family. Because of her father’s work, they were able to live nicely and eat well. They had a beautiful brick house, even if the bricks were not burnt. Also, at the time all houses had grass roofs. As she fondly remembers, her father also planted mango trees in their yard. Those mango trees still exist these days and have grown very big. Back in those days, they would play games like *ndodo* under the shade of those trees. As children they would also play in the lake, splashing water at each other.

At the time Teresa lived with her grandmother, her mother and her younger siblings, and as she grew she worked in her grandmother’s *machamba*. The war started before she had a chance to get her own *machamba*.

Participation in the liberation struggle

In Metangula there was a military army base and lots of Portuguese lived in the area. Teresa remembers that as FRELIMO started its military activities in the Lago area, the atmosphere in the town became very tense. For instance, the soldiers started checking people’s documents more often. Those unable to show that they had paid their taxes were accused of coming from Tanzania, and they were imprisoned. Also, it was forbidden to speak the name of Nyerere, which, as Teresa remembers, they found very strange as ‘nyerere’ means ants in Cinyanja. As Teresa was still very young at the time, she did not understand what was going on, but the elder people were telling them that war was coming.

When FRELIMO entered their village the first time, they mobilized the chief to support their cause. As Teresa describes, this was the group of Mabote, Silva, Moiane, José Maria, and Kadewele.

Quando a FRELIMO entrou na sua aldeia pela primeira vez, eles mobilizaram o régulo para ele apoiar a sua causa. Como Teresa descreve, este foi o grupo de Mabote, Silva, Moiane, José Maria e Kadewele. Depois a população começou a contribuir com comida para as guerrilhas, e Teresa foi recrutada para carregar farinha para a base. Após continuar neste trabalho por algum tempo, um dia foi-lhe dito que ela iria ficar na base. Nesse mesmo dia, os soldados portugueses atacaram a base. Teresa foi enviada a avisar a população, mas quando ela chegou lá as tropas portuguesas já estavam a queimar e a disparar para a aldeia. Ela fugiu então para o mato, onde ela foi capturada pelo mesmo grupo de soldados da FRELIMO, e levada para a base.

No início havia apenas quatro meninas na base. Assim que entraram na base elas começaram logo a receber algum treino militar rudimentar. O principal objectivo do treino era que elas aprendessem a se deslocar e a fugir e, portanto, a não ser um alvo tão fácil para o inimigo.

A primeira base que eles abriram foi Njiwe. Eles foram atacados e por isso mudaram para Maniamba. Teresa fazia parte do grupo que ia às aldeias para mobilizar as pessoas e as trazer para o mato. Mais tarde, eles também se mudaram para Mavago, para abrir bases lá. Eles mudavam de lugar constantemente. Teresa diz que ela na verdade não tinha uma base. O seu trabalho era falar às pessoas para as mobilizar e fazer entender que a FRELIMO estava a trabalhar para expulsar o colonialismo português e libertar Moçambique. Como Teresa recorda, este era um trabalho difícil porque nem todas as pessoas estavam prontas a perceber. Algumas regressavam mesmo para as aldeias, depois de terem sido levadas para o mato. Também era difícil porque nessa altura sofriam

Afterwards the population started contributing food to the guerrillas, and Teresa was recruited to carry flour to the base. After continuing this work for a while, one day she was told that she would be staying at the base. On the same day the Portuguese soldiers attacked the base. Teresa was sent to warn the population, but when she arrived there, the Portuguese troops were already shooting and burning the village. Teresa then fled to the bush where she was captured by the same group of FRELIMO soldiers and taken to the base.

In the beginning there were only four girls at the base. When they entered the base they soon started receiving some rudimentary military training. The main objective of the training was for them to learn how to move and run away and thus not to be an easy target for the enemy.

The first base that they opened was Njiwe. They were attacked there so they moved to Maniamba. Teresa was part of the group that went to the villages to mobilize people and to take them to the bush. Later they also moved to Mavago to open bases there. They moved constantly. Teresa says that she did not really have a home base. Her job was to speak to people and to mobilize them and to make them understand that FRELIMO was working to expel Portuguese colonialism and liberate Mozambique. As Teresa remembers, this was a difficult job because not all the people were ready to understand. Some even returned to the villages after being taken to the bush. It was also very difficult because they suffered a lot from hunger at the time. They ate whatever they could find; sometimes it was monkeys.

While the political mobilization of the people was her most important job, Teresa also took part in other activities. She participated in missions to carry war material from Tanzania to the bases

muito de fome. Eles comiam o que quer que conseguissem encontrar; por vezes isso era macacos. Apesar da mobilização política das pessoas ser o seu trabalho mais importante, Teresa também participava em outras actividades. Ela participava em missões para transportar material de guerra da Tanzânia para as bases em Moçambique. Quando elas encontravam crianças abandonadas nestas viagens, elas também as traziam para o infantário. Ela também participou em combate. O seu primeiro combate foi em Chiwudika, onde eles tiveram a sorte de não ter quaisquer baixas do seu lado.

Vida depois da independência

Teresa estava na Base Ngungunyane quando a guerra acabou. Após a independência ela viveu por alguns anos com o seu marido ex-combatente em Lupiliche e em Chilotoche, mas depois o seu marido foi ordenado regressar para trabalhar no quartel em Ngungunyane. A seguir à guerra da RENAMO, eles mudaram de volta para Maniamba e, dois anos depois, de lá para Macaloge, onde a família do marido de Teresa se realojou depois da guerra. Teresa tem vivido em Congresso desde 2002. Depois de o seu marido morrer, ela foi com o seu filho para lá. Dez dos seus onze filhos vivem com ela em Congresso. Teresa começou a construir a sua casa em 2005, mas ainda não a acabou. Neste momento a sua casa não tem portas, janelas, nem mobília. O seu sonho é Congresso se tornar tão bonita como Maputo: que houvesse lá mais construção e desenvolvimento, que mais pessoas se mudassem para lá e que houvesse melhores e mais baratas ligações a Lichinga. Como ela defende, os ex-combatentes em Congresso também merecem ter casas bonitas, como os seus colegas em Maputo.

in Mozambique. Also, when they encountered abandoned children on these trips they would take them to the *infantário*. She also participated in combat. Her first combat was in Chiwudika, where they were lucky not to have any casualties on their side.

Life after independence

Teresa was at Base Ngungunyane when the war ended. After independence she lived with her ex-combatant husband in Lupiliche and Chilotoche for a few years, but then her husband was ordered to return to work at the barracks in Ngungunyane. After the war of RENAMO, they moved back to Maniamba and from there two years later to Macaloge, where Teresa’s husband’s family had relocated after the war. Teresa has lived in Congresso since 2002. After her husband died, she followed her son there. Ten of her eleven children live with her in Congresso. Teresa started building her house in 2005, but has not yet finished. At the moment her house has no doors, no windows and no furniture. Her dream is for Congresso to become as beautiful as Maputo: for there to be more construction and development, for more people to move there and for there to be better and cheaper connections to Lichinga. As she argues, ex-combatants in Congresso also want and deserve beautiful houses like their colleagues in Maputo.



Teresa Bernardo Macotoa em Congresso, Sanga.
Teresa Bernardo Macotoa in Congresso, Sanga.



As montanhas em Ligogolo, Muembe.
Mountains in Ligogolo, Muembe.

O Destacamento Feminino do Niassa Oriental

The Female Detachment of
Niassa Oriental

Helena Baide



Helena Baide Momade nasceu em Chiuanjota, na área de Chiconono, em 1955. O seu pai foi Mwemedi Aly Baide. Como Helena, ele também treinou em Nachingwea e lutou na luta de libertação. A sua mãe, Jika Mwamadi, trabalhou como miliciana durante a guerra.

Memórias de infância antes da guerra

Helena tem memórias muito felizes da sua casa de infância antes da guerra. Como recorda:

Sobre o lugar onde eu nasci, para nós, nessa altura, nós costumávamos dizer que nós vivíamos num bom lugar: cheio de

Helena Baide Momade was born in Chiuanjota, in the area of Chiconono, in 1955. Her father was Mwemedi Aly Baide. Like Helena, he also trained in Nachingwea and fought in the liberation struggle. Her mother, Jika Mwamadi, worked as a *miliciana* during the war.

Memories of childhood before the war

Helena has very fond memories of her childhood homeplace before the war. As she remembers:

About the place where I was born, for us at the time, we used to say that we are living in a good place: full of mountains, full of rivers,

montanhas, cheio de rios, apesar de frio no centro. Mas nós, como era antes de conhecermos qualquer outro sítio, nós dizíamos, aqui nós estamos a viver bem.

Helena cresceu na casa da sua avó materna. O seu avô era Ce-N'tamila II, um importante régulo regional em Chiconono. Contudo, era a sua avó que era a pessoa mais importante para ela enquanto crescia. A avó era a pessoa que controlava as crianças e preparava a comida para elas. Como Helena conta afectuosamente: 'Nós os netos dizíamos, "A mais velha aqui é a nossa avó. Ela é a grande responsável, a nossa chefe."' Helena fala com orgulho de ter até herdado o seu nome de *unhago* dela.

Capinar era uma parte crucial da forma de vida deles. Nas suas *machambas* os avós de Helena cultivavam milho, feijão e mandioca, e nas hortas produtos como cana doce, couve, tomates e cebola. As únicas coisas que eles tinham de comprar na loja eram sabão, açúcar e sal. Helena recorda que, mesmo antes da guerra, havia uma loja portuguesa em Chiuanjota. Como ela descreve, ela fazia muitas visitas a essa loja. Por vezes ela ia com a sua mãe, por vezes sozinha. Como recorda com afecto:

'Eu tinha um cesto pequeno que o meu pai me tinha comprado que não chegava a carregar cinco kilos. Esse cesto sofria! Todo o dia carregando um produto diferente, se hoje era milho, amanhã era feijão, depois de amanhã batatas!'

though cold in the centre. But we, as it was before we knew any other place, we said, here we are living well.

Helena grew up in her maternal grandparents' house. Her grandfather was Ce-N'tamila II, an important regional chief in Chiconono. However, it was her grandmother who was the most important person for her when she was growing up. Grandmother was the one who controlled the children and prepared food for them. As Helena affectionately accounts: 'We the grandchildren said, "The eldest here is our grandmother. She is the elder in charge, our boss."' Helena proudly speaks of even inheriting her *unhago* name from her.

Farming was a crucial part of their livelihood. On their *machambas* Helena's grandparents grew maize, beans and manioc, and in the vegetable gardens, crops such as sugar cane, cabbage, tomatoes and onions. The only things they needed to buy from the shop were soap, *capulanas*, sugar and salt. Helena remembers how just before the war there was a Portuguese shop in Chiuanjota. As she describes, she made many visits to that shop. Sometimes she went with her mother, sometimes she went alone. As she fondly remembers:

'I had a small basket that my father bought for me that didn't quite carry five kilos. That basket suffered! Today carrying other type of produce, if today it is maize, tomorrow it is beans, after tomorrow, potatoes!'

Antes da guerra, os sítios mais distantes que Helena visitava eram as aldeias vizinhas, onde ela ia ver os seus amigos. Mas graças às viagens do seu pai ela ouvia falar de sítios para lá das fronteiras de Moçambique. Como Helena descreve, o seu pai, sempre preocupado com o bem-estar da sua família, ‘não gostava de ficar em casa mais de dois meses. Ele tinha de ir para a Niassalândia, África do Sul, Quelimane, Tanganica. Ele não gostava que as suas crianças usassem roupas sujas.’

Como os impostos eram altos em Moçambique, e existiam poucas oportunidades de fazer dinheiro, os homens Yaawo, como o pai da Helena, migravam sazonalmente para os países vizinhos, onde havia melhores oportunidades económicas, de ganhar dinheiro para pagar os seus impostos e comprar mantimentos como panelas, *capulanas* e, ocasionalmente, bicicletas para trazer de volta para as suas mulheres e filhos. O pai da Helena trabalhava, por exemplo, nas minas do Rand na África do Sul, e nas *machambas* de cajueiros da Tanganica.

Participação na luta de libertação

Em 1965 a FRELIMO começou a alastrar as suas actividades militares no Niassa. O estado colonial respondeu com medidas extremas, de forma a restringir o contacto da população civil com as guerrilhas. Na zona de Chiconono, as tropas coloniais destruíram as aldeias da população, e a mudaram à força, em camiões, para um aldeamento (conhecido localmente como ‘*waya*’) construído em Ligogolo, o posto administrativo de Chiconono. Este acampamento era cercado de arame farpado e patrulhado por soldados. A

Before the war the furthest places Helena visited were the neighbouring villages where she went to see friends. But through her father’s travels she heard about places beyond the boundaries of Mozambique. As Helena describes, her father, always concerned with the well-being of his family, ‘didn’t like to stay home up to two months. He had to go to Nyasaland, South Africa, Quelimane, Tanganyika. He didn’t like his children to use dirty clothes.’

As taxation was high in Mozambique, and few opportunities existed for making money, Yaawo men, like Helena’s dad, seasonally migrated to neighbouring countries, where there were better economic opportunities to earn money to pay their taxes and buy household goods such and pots and pans, *capulanas*, and occasionally, bicycles to bring back to their wives and children. Helena father worked, for instance, in the Rand mines in South Africa and in the cashew plantations in Tanganyika.

Participation in the liberation struggle

In 1965 FRELIMO started spreading its military activities in Niassa. The colonial state responded with extreme measures to restrict the contact that the civilian population had with the guerrillas. In the area of Chiconono, the colonial troops destroyed the villages of the population, and forcefully moved them by trucks to a fortified village (*aldeamento*; locally known as ‘waya’) constructed in Ligogolo, the administrative post of Chiconono. This settlement was fenced off with barbed wire and patrolled by the soldiers. Helena’s family was also forcefully moved into this camp. Despite this control, the FRELIMO soldiers

família de Helena também foi mudada à força para este acampamento. Apesar de todo este controlo, os soldados da FRELIMO conseguiram organizar várias fugas do acampamento e ajudar as pessoas a escapar para o mato. A família da Helena também conseguiu fugir numa dessas operações de resgate.

Helena apenas tinha dez anos quando entrou no mato. Ela recorda ter ficado por um ano com a sua mãe e os seus pais no mato, antes de ser levada pelas guerrilhas para a base militar. Da Base Central de N’tiringwe, ela foi enviada para treinar em Nachingwea em 1967, no segundo grupo de recrutas femininas do Niassa.

Helena fala de ter sido tão nova na altura que não percebia o que a guerra significava, e de não ter ideia de que as bombas matavam. Ela fala de ser tão pequena que a sua arma tocava o chão quando ela a transportava no seu ombro, e portanto ela era obrigada a transportar a arma na sua cabeça ‘como lenha’. Como Helena explica, a FRELIMO procurava recrutar meninas novas:

‘Porque nós, quando saímos de casa, nós fomos para o mato. Isto foi antes de nós termos crescido. Porque para a nossa vida militar pessoas grandes não entravam. Eles procuravam meninas pequenas para elas não terem estes pensamentos sobre os seus pais, para não se recordarem de casa! Apenas tinhas de pensar no que estavas a fazer. Por isso nós entrávamos antes de termos crescido.’

managed to organize several breakouts from the camp and assist people to escape to the bush. Also Helena’s family managed to get away in one of these breakouts.

Helena was only ten years old when she entered the bush. She remembers staying for a year with her mother and grandparents in the bush before being taken by the guerrillas to the military base. From the Central Base of N’tiringwe, she was sent for training to Nachingwea in 1967 in the second group of female recruits from Niassa.

Helena speaks of being so young at the time that she did not understand what the war meant, and she had no idea that bombs killed. She speaks of being so small that her weapon touched the ground when she carried it on her shoulder, and so she was forced to carry it on her head ‘like firewood’. As Helena explains, FRELIMO sought to recruit young girls:

‘Because we, when we left home, we went to the bush. This was before we had grown up. Because into our military life grown-up people didn’t enter. They sought young girls for them not to have those thoughts about parents, not to remember home! You only have to think about what you are doing. So we went before we had grown up.’

Apesar de ser dura, e de Helena contar que sentia muitas saudades de casa no início, ela rapidamente se acostumou à vida militar. Ela completou o seu treino em Nachingwea e foi enviada de volta para o Niassa, primeiro para a Base Central de N’tiringwe, e depois para a Base Katembe. Mas mesmo então, como Helena recorda, ela ainda não tinha medo da guerra. Um dia, quando a base foi bombardeada, ela nem sequer sabia que era suposto ter fugido. Como ela descreve, ela estava dentro de uma palhota a torrar o seu milho, completamente desapercibida do perigo. Depois, o comandante da base, Chefe Mpangani, decidiu a mandar viver junto com a população até ela ter crescido. Ela foi chamada de volta para a base um ano depois. Então, como Helena descreve, as ‘suas mamãs tinham crescido’. Foi assim que ela começou aos poucos a perceber o significado da guerra.

Helena diz que ao longo da guerra ela não ficava muito tempo numa base, mas estava constantemente a ir de base em base em diferentes missões. No começo ela trabalhava na segurança, o que envolvia transportar documentos secretos da e para a Tanzânia. Para além disso, o trabalho da Helena durante a guerra envolvia principalmente o transporte de material de guerra da Tanzânia para a Base Central, e também para mais longe, para outras bases dentro de Moçambique. De acordo com ela, ela apenas participou em dois combates.

Em termos de patente militar, Helena progrediu de comandante de secção para comandante de pelotão e, finalmente, ela ocupou tanto a posição de comandante distrital das DFs, como a de chefe do Infantário Josina Machel, que nessa altura se localizava no monte Matequenha.

Em 1973, Helena foi ferida na perna num ataque na Base Lugwalo. Ela passou seis meses no hospital da FRELIMO na Tanzânia. Ela regressou a Moçam-

Though it was tough and Helena describes feeling very homesick in the beginning, she quickly adapted to military life. She completed her training in Nachingwea and was sent back to Niassa, first to the Central Base of N’tiringwe and then Base Katembe. But even then, as Helena remembers, she was still not afraid of the war. On day when the base was bombed, she did not even know that she was supposed to flee. As she describes, she was inside a hut toasting her maize completely unaware of the danger. Afterwards the commander of the base, *Chefe* Mpangani, decided to send her to live with the population until she had grown up. She was called back to the base a year later. Now, as Helena describes, her ‘breasts had grown’. This is when she slowly started to understand the meaning of the war.

Helena says that during the war she did not stay at one base for long but was constantly traversing from base to base on different missions. In the beginning she worked in security intelligence, which involved carrying secret documents to and from Tanzania. Apart from this, Helena’s work during the war mostly involved carrying war material from Tanzania to the Central Base and also further to the other bases inside Mozambique. According to her, she only participated in two combats.

In army rank, Helena progressed from section commander to platoon commander, and finally she held both the position of district level commander of DF and the position of commander of the Josina Machel Child Care Centre, which at the time was located on Mount Matequenha.

In 1973 Helena was wounded in her leg in an attack at Base Lugwalo. She spent six months at the FRELIMO hospital in Tanzania. She returned to Mozambique after the signing of the Lusaka Accord.

bique após a assinatura do Acordo de Lusaca.

Durante a guerra, Helena teve a sua primeira filha, Fátima. O seu segundo filho, Ramos, nasceu depois da guerra em 1975, e a sua terceira filha, Emília, nasceu em Nampula. Helena casou com Gonçalves Jonas Ramos, um enfermeiro militar, num casamento militar em Majune, em 1975. Eles começaram a namorar durante a guerra.

Vida depois da independência

Nos primeiros anos após a independência, Helena mudava muito de lugar. Ela ia com o seu marido conforme ele era transferido de um sítio para o outro. Helena tem memórias especialmente queridas do seu tempo em Nampula, onde ela trabalhou no hospital militar. Foi lá que ela foi desmobilizada em 1977. Contudo, quando seu marido morreu de doença, em 1981, Helena recomeçou a sua vida de novo no Niassa. Agora, ela vive em Lichinga já por mais de trinta anos, e considera a cidade a sua casa. Ao longo dos anos ela tem continuado a trabalhar para o partido e para o Gabinete Provincial do Ministério dos Combatentes, e ela é um membro honorário da OMM. Este trabalho a tem levado até aos diferentes distritos do Niassa, bem como às capitais provinciais de Moçambique: por exemplo, Maputo, Nampula, e Quelimane. Como Helena insiste com orgulho, ela conhece ‘quase todo Moçambique’.

Helena defende que ganhou muita experiência de trabalhar e viajar tanto. Ela também insiste que é porque ela tem a experiência de se deslocar muito desde o tempo da guerra que ela continua a ser tão móvel. Ela explica que sabe como se relacionar com as pessoas; que sabe como prestar atenção às pessoas; que sabe como apresentar as pessoas; que sabe como responder às pessoas

During the war, Helena had her first child, Fátima. Her second child Ramos was born after the war in 1975 and her third child Emilia was born in Nampula. Helena married Gonçalves Jonas Ramos, a military nurse, in a military wedding in Majune in 1975. They had started dating during the war.

Life after independence

In the first years of independence, Helena moved around a lot. She followed her husband as he was transferred from one location to the next. Helena has especially fond memories of her time in Nampula where she worked at the military hospital. It was there that she was demobilized in 1977. However, when her husband died of illness in 1981, Helena started her life anew in Niassa. She has now been living in Lichinga for over thirty years and considers it her home. Over the years she has continued to work for the party and the Provincial Office of the Ministry of Combatants, also she is an honorary member of OMM. This work has taken her around the different districts of Niassa as well as the provincial capitals of Mozambique: e.g. Maputo, Nampula, and Quelimane. As Helena proudly insists, she knows ‘almost all of Mozambique’.

Helena argues that she has gained a lot of experience from travelling and working so much. She also insists that it is because she has experience of moving starting from the wartime that she continues to be so mobile. She explains that she knows how to relate to people; she knows how to attend to people; she knows how to present people; she knows how to respond to people asking questions; she knows how to speak publicly.

que perguntam coisas; que sabe como falar em público. Estas, ela declara com orgulho, foram as competências que ela aprendeu no DF durante a guerra.

O maior lamento de Helena hoje em dia é que a sua pensão não corresponda à categoria militar que ela obteve durante a guerra. Como muitas outras DFs com pequenas pensões no Niassa, ela ainda está a lutar para terminar a sua casa melhorada. Contudo, Helena está convencida de que Moçambique, e especialmente o Niassa, tem muitas riquezas para oferecer àqueles que conseguem trabalhar. Ela defende que ainda tem força no seu corpo para trabalhar. Se ela tivesse um pequeno empréstimo para financiar um projeto de geração de renda, ela seria capaz de melhorar as condições de vida dos seus filhos e netos.

These, as she proudly states, are skills she learned in the DF during the war.

Helena's biggest lamentation these days is that her pension does not correspond with the military rank she held during the war. Like many other DFs with small pensions in Niassa, she is still struggling to finish building her *casa melhorada*. Yet Helena is convinced that Mozambique and especially Niassa has a lot of riches to offer for those who are able to work. She argues that she still has strength in her body to work. If she had a small loan to finance an income-generating project, she would be able to improve the living conditions of her children and grandchildren.



Helena Baide em seu uniforme de veterana, em Lichinga.

Helena Baide in her veteran's uniform in Lichinga.

Adya Matola



Adya Matola nasceu em Namitwana, em Mwembe. A sua mãe é Akawala Wasiti, nascida no Lutundo. O seu pai é Matola N’nani, nascido em Chinenje, em Nzizi.

Memórias de infância e da juventude antes da guerra

Adya foi criada pela sua avó. A sua mãe mudou para o Malawi quando ela ainda era bebé, deixando Adya ao cuidado da sua avó. Ela cresceu vivendo junto com os seus dez primos. Como Adya recorda, à noite eles tinham problemas com leões, e todos os netos costumavam dormir juntos na mesma sala. As portas estavam barricadas, para que os leões não conseguissem entrar na casa.

Adya Matola was born in Namitwana, in Mwembe. Her mother is Akawala Wasiti, born in Lutundo. Her father is Matola N’nani, born in Chinenje in Nzizi.

Memories of childhood and youth before the war

Adya was brought up by her grandmother. Her mother moved to Nyasaland (now Malawi) when she was still a baby, leaving Adya in her grandmother’s care. She grew up living together with her ten cousins. As Adya remembers, in the nights they had problems with lions, and all the grandchildren used to sleep together in the same

Eles viviam perto de um rio, e muita da infância de Adya decorreu em torno desse rio. Como ela recorda:

Nós vivíamos, brincávamos, e íamos tomar banhos juntos. Nós íamos pilar milho e estender a farinha no rio, e depois tomávamos de novo um banho no rio.

Enquanto criança, ela costumava jogar *ndodo* com as outras meninas. Ela também ajudava os seus mais velhos nas suas *machambas*, bem como com outras tarefas, como cartar água. Não havia escolas nessa altura, e ninguém da sua aldeia teve a oportunidade de estudar.

Como havia muitos leões nesses dias, as pessoas tinham medo de viajar para muito longe da aldeia. Quando escurecia, era considerado perigoso ir nem que fosse até ao rio. Era melhor ficar dentro de casa. Os mais velhos usavam zagaias e catanas para se defenderem dos leões. As viagens que os homens faziam para a costa para vender tabaco também eram muito perigosas. Por essa razão, as caravanas eram muito numerosas; de acordo com Adya, até vinte homens iam juntos. Como eles viajavam a pé, estas viagens chegavam a durar três meses.

Adya cresceu, foi ao *unhago*, e já tinha casado antes do começo da guerra. Com o seu marido ela construiu a sua casa na aldeia, e abriu a sua própria *machamba*. Ao mesmo tempo, eles continuaram a ajudar a sua família com as suas *machambas*, que eram muito maiores. Eles cultivavam algodão e tabaco, mas também produtos alimentares, como milho, feijão e ervilhas. Os membros da sua família também cultivavam tabaco, que os homens, incluindo os seus tios e o seu pai, iam vender em Chiwambo, trazendo de volta tecido para usar como *capulanas* (era um tipo de tecido diferente do que se usa hoje em dia) e um pouco

room. The doors were then barricaded so that the lions could not enter the house.

They lived close to a river and much of Adya’s childhood life revolved around the river. As she remembers:

We lived, played, and went together to take baths. We went to pound maize flour, soaking it in the river, and then we again took a bath in the river.

As a child, she often played *ndodo* with the other girls. She also helped her elders in the *machambas* as well as with other tasks, such as fetching water. There were no schools at the time, and no one from her village had a chance to study.

As there were a lot of lions in those days, people were afraid to travel too far from the village. When it got dark, it was considered unsafe to even go as far as the river. It was better to stay inside the house. The elders used spears and *catanas* (machetes) to defend themselves against the lions. The trips that men made to the coast to sell tobacco were also very dangerous. For this reason, the caravans were big; according to Adya, up to 20 men went together. As they travelled by foot, these trips lasted up to three months.

Adya grew up, went to *unhago*, and married already before the war. With her husband they built their house in the village and opened their own *machamba*. At the same time, they also continued to help her family with their much bigger *machambas*. They grew cotton and tobacco, but also food crops, such as maize, beans and peas. Her family members also grew tobacco which the men, including her uncles and father, went and sold in Chiwambo, bringing back cloth to use as *capulanas* (it was a different kind of fabric that is used these days) and a bit of salt. At the time, there were no Portuguese shops in the

de sal. Nessa altura, não havia lojas portuguesas na zona. Exceptuando o tecido trazido da costa, as pessoas vestiam roupa feita de *mawondo*. Adya também viajava antes da guerra. Juntamente com o seu marido, ela fez duas viagens para a Tanganica para trabalhar nas plantações de sisal. Da primeira vez ela ficou lá por dois anos, da segunda por quatro anos. Ela regressou a Moçambique no ano em que a Tanzânia ganhou a independência e Nyerere tomou o poder.

Participação na luta de libertação

Depois de regressar da Tanzânia, Adya mudou para Muembe, onde ela viveu por aproximadamente dois anos antes de a guerra começar. Quando a FRELIMO começou as suas actividades militares na zona, as tropas portuguesas removeram à força toda a população da zona para a *waya* (aldeamento) em Chiconono. Aí ela ficou por cerca de dois meses, até que conseguiu escapar numa fuga orquestrada pelos soldados da FRELIMO. Em 1965, quando a guerra começou, ela já tinha quatro crianças, apesar de apenas duas haverem sobrevivido. Quando ela escapou da *waya*, ela conseguiu levar uma criança com ela, mas o seu marido e a sua segunda criança ficaram para trás. No começo ela vivia junto com a população civil no mato. Mas quando os guerrilheiros vieram falar com eles sobre os objectivos da guerra, e recrutar pessoas para trabalhar na base, Adya foi voluntária. Quando ela chegou na base, ela começou por trabalhar como chefe da cozinha na Base Katembe, uma base do destacamento feminino no Niassa Oriental. Ela também participou em missões para transportar material de guerra da Tanzânia para as bases em

area. Except for the fabric brought from the coast, people wore clothing made from *mawondo*. Adya herself also travelled before the war. Together with her husband she made two trips to Tanganyika to work on the sisal plantations. The first time she stayed there for two years, the second time for four years. She returned to Mozambique the year that Tanzania gained independence and Nyerere took power.

Participation in the liberation struggle

After returning from Tanzania, Adya moved to Muembe where she lived for about two years before the war started. When FRELIMO initiated its military activities in the area, the Portuguese troops forcefully removed the whole population of the area to the *waya* (fortified village) in Chiconono. There she stayed for about two months before she managed to escape in a break-out orchestrated by FRELIMO soldiers. In 1965 when the war started, she had already given birth to four children, though only two had survived. When she escaped from the *waya*, she was able to take one child with her, but her husband and her second child were left behind. In the beginning she lived together with the civilian population in the bush. But when the guerrillas came to talk to them about the objective of the war and to recruit people to work at the base, Adya volunteered. When she arrived at the base, she first worked as the head of the kitchen at Base Katembe, a base for the female detachment in *Niassa Oriental*. She also participated in missions to transport war material from Tanzania to the bases in Mozambique. Though she wore a uniform and worked at the military bases with the

Moçambique. Apesar de ela vestir um fardamento e trabalhar nas bases militares com os soldados durante a guerra, ela nunca recebeu treino militar. Depois, devido a problemas de saúde, ela mudou para Makande, uma base próxima da fronteira com a Tanzânia. Adya teve mais duas crianças durante a guerra, mas ela não vivia junto com elas nas bases. Quando as crianças ficavam velhas que chegue, elas eram levadas para o infantário.

Vida depois da independência

Quase imediatamente depois da guerra, Adya foi com o seu marido ex-combatente para Nampula. Ela viveu lá por alguns anos, mas então o seu marido foi enviado em missão para a Rodésia, e morreu na guerra lá. Depois da sua morte, Adya regressou para o Niassa. Primeiro ela viveu por muitos anos em Lutwesi. Ela tinha *machambas* lá, e foi lá que as suas crianças foram ao *unhago*. Ela também voltou a casar enquanto vivia lá. Mas quando a guerra com a RENAMO piorou, o seu marido insistiu que ela regressasse a Chiconono onde era mais seguro. Ela viveu primeiro na aldeia de Syenene, mas depois mudou para Chiuanjota. Hoje em dia ela diz ser feliz vivendo em Chiuanjota, porque ela mesmo escolheu esse lugar. Ela tem a sua *machamba* e não tem de comprar a sua comida. Ela tem cinco crianças. Ao mesmo tempo, ela lamenta que o dinheiro que ela recebe do governo não seja suficiente para tomar conta da sua família, especialmente porque uma das suas crianças tem uma incapacidade. Também não é suficiente para ela acabar a sua casa.

soldiers throughout the war, she never received military training. Later, due to health problems, she was moved to Makande, a base close to the border with Tanzania. Adya had two more children during the war, but she did not live together with them at the bases. When the children were old enough, they were taken to the *infantário*.

Life after independence

Almost immediately after the war, Adya followed her ex-combatant husband to Nampula. She lived there for a few years, but then her husband was sent on mission to Rhodesia, and he died in the war there. After his death, Adya returned to Niassa. She first lived for many years in Lutwesi. She had *machambas* there, and her children went to *unhago* there. She also remarried while living there. But when the RENAMO war worsened, her husband insisted that she return to Chiconono where it was safer. She first lived in the village of Syenene, but later relocated to Chiuanjota. These days she expresses being happy living in Chiuanjota as she herself chose this place. She has her *machamba* and does not have to buy her food. She has five children. At the same time, she laments that the money she receives from the government is not enough to take care of her family, especially as one of her children has a disability. It is also not enough to finish building her house.



Adya Matola em frente à sua casa em Chiuanjota, Muembe.
Adya Matola in front of her house in Chiuanjota, Muembe.



Aldeia de Ligogolo. / Village of Ligogolo.



Estrada de Ligogolo para Muembe. / Road from Ligogolo to Muembe.

Ana Alane



Ana Alane nasceu em Luceta, no distrito de Muembe. O seu pai foi Alane Luwundu, e a sua mãe Layika Ayissa.

Memórias de infância antes da guerra

Naqueles dias os pais da Ana tinham uma grande *machamba* e hortas. Eles cultivavam couve, batata, cana doce, banana, milho, amendoim e feijão. Os seus pais a ensinavam a trabalhar. Ela recorda, com um sorriso, ser boa a pilar o milho mas preguiçosa a ajudar os seus pais na *machamba*. A sua família produzia principalmente para o seu próprio consumo, apesar de na altura também existir uma loja em Chiconono, onde

Ana Alane was born in Luceta in the district of Muembe. Her father was Alane Luwundu and her mother Layika Ayissa.

Memories of childhood before the war

In those days Ana’s parents had a big *machamba* as well as vegetable gardens. They grew cabbage, potatoes, sugar cane, bananas, maize, peanuts and beans. Her parents taught Ana to work. She laughingly remembers that she was good at pounding maize but lazy in helping her parents in the *machamba*. Her family mostly produced for their own consumption, though at the time there was also a shop in Chiconono, where

eles por vezes vendiam os seus produtos. De vez em quando também se deslocavam até Lichinga (então Vila Cabral), para vender feijões de forma a comprarem lá enxadas. Os homens da família da Ana também costumavam viajar em caravanas até Chiwambo, para vender tabaco.

A Ana tem boas memórias da sua casa de infância, como ela descreve:

Nesse tempo toda a gente vivia com a sua família, cada pessoa com a sua família, cada pessoa com a sua família. Então, cada pessoa pensava ‘aah, este lugar onde estamos a viver, estamos bem.’ Como nessa altura não conhecíamos a cidade, não tínhamos a ideia de onde a cidade era. Pensávamos que a forma como vivíamos naquele lugar iria ser a nossa vida, e nós gostávamos dela.

Ela continua:

Ainda não esqueci aquele lugar. Nós brincávamos bem. Nós tínhamos jogos. Havia muitas coisas que fazíamos naquele lugar para brincar. Como brinquedos para as crianças . . . tínhamos brinquedos do mato, lá. Arranjávamos frutas do mato e fingíamos que eram bebés.

Participação na luta de libertação

Quando a FRELIMO começou as suas actividades militares na terra de onde Ana era, os portugueses começaram a deslocar a população para aldeamentos (conhecidos localmente como *waya*) em Chiconono. Eles diziam às pessoas que tinham de se mudar porque a guerra estava a chegar. No entanto, enquanto estavam na *waya*, soldados da FRELIMO chegaram e organizaram uma fuga, ajudando muitas pessoas a escapar.

they sometimes sold their produce. Once in a while they also made trips to Lichinga (then Vila Cabral) to sell beans in order to buy hoes there. Men in Ana’s family also used to travel in caravans to Chiwambo to sell tobacco.

Ana has good memories of her childhood homeplace, as she describes:

That time every person lived with their family, every person with their family, every person with their family. Now, each person lived thinking that ‘aah, this place where we are living, we are well.’ As at that time we didn’t know the city, we had no idea where the city was. We thought that the way we were living there that was our life, and we were enjoying it.

She continues still:

I have still not forgotten that place. We were playing well. We had games. There were many things that we were doing in that place to play. As toys for the children . . . we had toys from the bush there. We organized fruits from the bush and pretended they were babies.

Participation in the liberation struggle

When FRELIMO started its military activities in Ana’s home area, the Portuguese started moving the population into fortified villages (locally known as *waya*) in Chiconono. They told the people that they had to move because war was coming. However, when they were staying at the *waya*, FRELIMO soldiers came and staged a breakout, helping many people to escape.

In the beginning the population lived in the bush without any houses or *machambas*. They hid under the trees, and fled when there were bombings. When they ran out of food, the men

No começo a população vivia no mato, sem quaisquer casas ou *machambas*. Escondiam-se sob as árvores, e fugiam quando havia bombardeamentos. Quando a comida acabava, os homens regressavam às antigas *machambas* para buscar milho, mandioca, bananas e cana doce. As pessoas sofreram muito durante esse tempo. Depois de viverem assim por um período, como a Ana se recorda, eles finalmente conseguiram construir palhotas de capim e abrir *machambas* no seu novo lugar. Por vezes viviam uma semana inteira sem sofrer bombardeamentos. Mas então os aviões chegavam e queimavam aquelas casas. Enquanto viviam no mato, os guerrilheiros vieram recrutar as meninas para as suas fileiras. Como Ana conta:

‘Eles organizaram uma reunião assim. Os soldados chamaram a população junto. Fizeram uma reunião. Disseram: “Nós precisamos de meninas para irem estar conosco lá, para elas cozinharem para nós. Enquanto nós vamos trabalhar, elas ficam atrás a cozinhar comida.” Era voluntário. Uma a uma as pessoas levantaram-se, e os seus nomes foram registados.’

Como Ana recorda, muitas meninas entraram nesse dia. Contudo, as meninas não trabalharam durante muito tempo na cozinha do acampamento. Não tardou a que lhes dissessem que começariam o treino militar. Na Base Locesi, fizeram alguns treinos rudimentares com bambu. Depois de aprenderem o básico, foi-lhes dito que seriam enviadas para Nachingwea para completarem o treino.

would return to the old *machambas* to get maize, manioc, sugar cane and bananas. People suffered a lot during this time. After living like that for a while, as Ana remembers, they were able to build grass huts and to open *machambas* in their new location. Sometimes they lived a whole week without bombings. But then the air planes would come, and their huts were burnt to the ground. When they were living in the bush, the guerrillas came to recruit girls to join them. As Ana narrates:

“They organized a meeting like this. The soldiers called the population together. They held a meeting. They said: “We need girls to be with us there, for them to cook for us. When we are going to work, they will stay behind and cook food.” It was voluntary. One by one people got up, and their names were written down.’

As Ana remembers, many girls entered that day. However, the girls did not work for long in the camp kitchen. They were soon told that they would start military training. At Base Locesi they did some rudimentary training with bamboo sticks. After learning the basics, they were told that they would be sent to Nachingwea for proper training.

According to Ana, at the time nobody liked the idea of having to leave their families and travel far away. None of them even knew where Tanzania was. But when the girls started to refuse, they were told that now it was no longer voluntary; it was obligatory. On the way to Nachingwea, many girls tried to escape. And,

De acordo com Ana, nessa altura ninguém gostou da ideia de ter de deixar a sua família e viajar para longe. Nenhuma delas sabia sequer onde ficava a Tanzânia. Mas quando as meninas começaram a recusar, foi-lhes dito que agora não era mais uma acção voluntária; que era obrigatório. A caminho de Nachingwea, muitas tentaram fugir. E, como Ana lembra, quando chegaram a Tunduru muitas das meninas estavam em lágrimas, a chorar.

Em Nachingwea treinaram por seis meses. No começo era difícil, mas depressa se habituaram à rotina. Como Ana descreve, disparar a arma não era difícil, mas as meninas tinham medo de matar alguém. Quando saiu de Nachingwea, ela era comandante de pelotão.

Depois do treino, Ana foi colocada na Base N’tiringwe em N’sawisi, mas o seu trabalho envolvia deslocar-se em missão a diferentes bases. Nas bases, a sua principal tarefa era mobilizar a população. Ela descreve o seu trabalho de mobilização nestes termos:

Saindo de N’sawisi, indo até outra base, indo lá conversar com a população, com os soldados, dando moral para que continuassem a lutar, para que não ficassem desmoralizados, para que não pensassem ‘aah, agora estou cansado, vou me embora’. Não. Dando educação política à população, aos soldados: ‘Vamos trabalhar, essa terra é nossa. Nós vamos conseguir lutar esta guerra. Quando acabar, vamos viver bem, sim.’

Ana teve muitas tarefas diferentes ao longo da guerra. Para além de mobilizar, as suas outras funções incluíam transportar material de guerra, fazer sentinela e cozinhar. Depois, trabalhou como socorrista, nos hospitais da FRELIMO e nos centros de saúde em N’sawisi e na Base Beira.

as Ana recalls, when they arrived in Tunduru many of the girls were in tears, crying.

In Nachingwea they trained for six months. In the beginning it was difficult but they quickly got used to it. As Ana describes, firing the weapon was not difficult, but the girls were afraid of causing someone to die. When she left Nachingwea, she was platoon commander.

After the training, Ana was stationed at Base N’tiringwe in N’sawisi, but her work also involved going on missions to different bases. At the bases, her main task was to mobilize the population. This is how she describes the work of mobilizing:

Leaving N’sawisi, going to another base, going there to converse with the population, with soldiers, giving morale for them to manage to fight, for them not to be demoralized, to start thinking that ‘aah, I am tired, I want to leave’. No. Giving political lessons to the population, soldiers: ‘Let’s work, this country is ours. We will manage to fight this war. When it ends, we will live well, yes.’

Ana had many different tasks during the war. Apart from mobilizing, her other tasks involved carrying war material, guarding the base and cooking. Later, she worked as a first aid nurse (*socorrista*) at the FRELIMO bush hospitals and health centres in N’sawisi and Base Beira.

During the war, she had two children. When they were old enough she had to leave them at the *infantários* where other DFs took care of them while she continued her work.

Durante a guerra teve dois filhos. Quando tinham idade suficiente, ela teve de os deixar no infantário, onde outras DFs tomaram conta deles enquanto ela continuava o seu trabalho.

Vida depois da independência

Depois da guerra Ana foi até Lichinga e aí trabalhou por alguns anos no quartel como socorrista. Depois de desmobilizada, continuou a trabalhar no quartel, cosendo uniformes.

Hoje em dia Ana tem nove crianças. Ela diz que, por vezes, quando os seus filhos e netos lhe pedem, ela conta sobre as suas experiências na guerra. Como ela descreve:

Costumam sentar e me perguntar: ‘Mãe, o que é que viu na luta?’ E eu costumo contar aquilo que eu vi: ‘Nós estávamos a fugir dos aviões, dos bombardeamentos. Eles vinham até lá. Nós corríamos, entrávamos na água para escapar. O fogo ardia na água, a gasolina.’ Assim eles ficam contentes: ‘Iih, mamã, viu isso?’ Eu respondo: ‘Sim, eu vi. [E eles perguntam:] ‘E como é que escondias dos aviões?’ Eu digo: ‘Ficávamos debaixo das árvores, escondidos no capim.’ [Rindo ela continua:] As crianças começam a rir, parece que era brincadeira. Pensam que era brincadeiras.

Ana diz viver bem agora que não há guerra, mas mesmo assim pensa que o governo devia fazer mais pelos ex-combatentes. As suas expectativas de uma vida boa depois da guerra não foram cumpridas. Outras pessoas estão a colher os benefícios do seu trabalho árduo no mato durante a guerra.

Life after independence

After the war Ana arrived in Lichinga and worked at the barracks as a first aid nurse for some years. After she was demobilized, she continued to work at the barracks sewing uniforms.

These days Ana has nine children. She says that sometimes when her children and grandchildren ask, she tells them about her experiences in the war. As she describes:

They sit down and ask me: ‘Mum, in the war what did you see?’ And I tell them what I saw: ‘We were fleeing the planes, the bombings. They were coming there. We were running, entering the water to escape. The burning fire in the water, the gasoline.’ Like that they are content: ‘Iih, mom, you saw that?’ I respond: ‘Yes, I saw. [And they ask:] ‘And how did you hide from the planes?’ I tell them: ‘We were staying under trees, hiding in the grass.’ [Laughingly she continues:] These children then start to laugh as if it were a game. They think it was a game.

Ana expresses living well now as there is no war, but she still thinks that the government should do more for ex-combatants. Their expectations of good life after the war have not been met. Other people are reaping the benefit of their hard work in the bush during the war.



Ana Alane em frente à sua casa em Lichinga.
Ana Alane in front of her house in Lichinga.

Assiato Muemedi



103

Assiato Muemedi nasceu em Nakawale, em Mavago, em 1931. O seu pai, Mwemedi Lupale, nasceu na Tanganica. Conheceu a mãe dela quando estava a viajar desde a Tanganica, através de Nakawale, para vender tabaco em Chiwambo. A sua mãe, Sula Bonomadi, nasceu em Mbalapata, em Mavago.

Memórias de infância antes da guerra

Assiato foi a mais nova de oito irmãos, e foi criada pelas suas irmãs mais velhas. Crescendo escutava a sua avó contar histórias sobre como as pessoas viviam antigamente. Ela lembra de ouvir sobre a guerra de Makwangwala, na qual as

Assiato Muemedi was born in Nakawale, in Mavago, in 1931. Her father Mwemedi Lupale was born in Tanganyika. He met her mother when he was travelling from Tanganyika through Nakawale to sell tobacco in Chiwambo. Her mother Sula Bonomadi was born in Mbalapata, Mavago.

Memories of childhood before the war

Assiato was the youngest of eight, and she was raised by her older sisters. Growing up she listened to her grandmother telling stories about how people lived in the old days. She remembers hearing about the war of Makwangwala in which people fought with spears. She also heard about

pessoas lutaram com zagaias. Ela ouviu também que há muito tempo atrás as pessoas não usavam roupas como as que usamos hoje. Usavam as peles de animais. Os homens também faziam roupas a partir das cascas interiores das árvores (conhecidas como *mawondo*).

A família de Assiato vivia numa zona plana perto de um grande rio. Ela recorda que a sua aldeia era bonita: as casas eram bem construídas e com quintais. Os seus amigos viviam perto, e brincavam muito juntos. Como lembra com um sorriso, eles adoravam correr de um lado para o outro nus. Gostavam especialmente de nadar e brincar no rio. Normalmente desciam o rio até estarem um pouco afastados da aldeia, para poderem brincar como queriam sem que os adultos interferissem na diversão. Como Assiato lembra rindo, como crianças eram bastante marotos e não gostavam de brincar bem. Por exemplo, eles gostavam de brincar a um jogo da apanhada chamado *chipadi*, que envolvia mergulhar na água.

Assiato recorda que nesses dias a sua família tinha grandes *machambas*, e que eles tinham um celeiro grande em que armazenavam o milho. Este milho durava até à nova estação das chuvas e até à nova colheita. Para além do milho, também cultivavam feijão, amendoim, feijão jugo, banana, batata e cana doce, que Assiato apreciava especialmente. Ela não se lembra de faltar nada enquanto era criança. Como a sua família produzia tanto, conseguiam vender parte dos seus produtos. Também por isso esta família não tinha problemas em pagar os seus impostos. Como ela descreve, apenas aguardavam chegar o dia, iam pagar os impostos, e guardavam o recibo no interior da casa.

Nesses dias ninguém da aldeia ia à escola porque não existiam escolas perto. Os pais trabalhavam nas *machambas*, e as crianças iam aprendendo a ajudar os seus pais conforme cresciam. Como ela descreve:

how a long time ago people did not use clothes like we do now. They wore the skins of animals. The men also prepared clothing out of the inner bark of trees (known as *mawondo*).

Assiato's family lived in a flat area close to a big river. She remembers that her village was beautiful: the houses were well-built with yards. Her friends lived close-by and they played together a lot. As she amusedly remembers, they loved to run around naked. They especially enjoyed swimming and playing in the river. Usually they went down the river further away from the village so that they could play as they wanted without adults intervening in the fun. As Assiato laughingly remembers, as children they were quite mischievous and 'didn't like to play well'. For instance, they liked to play a chasing game called *chipadi*, which involved diving in the water.

Assiato remembers that in those days her family had big *machambas*, and they had a big granary in which they stored the maize. This maize then lasted until the new rainy season and until the new harvest. In addition to maize, they also grew beans, peanuts, *jugo* beans, bananas, potatoes and sugar cane, which Assiato especially loved. She does not remember lacking anything as a child. Since her family produced so much, they were able to sell part of their yield. Also because of this her family did not have trouble paying their taxes. As she describes, they just waited for the day to arrive, went to pay the taxes, and then saved the receipt inside the house.

In those days no one in the village went to school as there were no schools close by. Their parents worked on the *machambas*, and as the children grew they all learned to help their parents. As she describes:

104

Os nossos mais velhos é que cultivavam. Nós também cultivámos enquanto crescemos com os meus irmãos mais velhos. E quando eles disseram: ‘Vocês têm que capinar. Não podem brincar enquanto capinam. Porque se não há comida em casa, há fome. Até roupa, não vai haver nada para vestir porque comprar bons tecidos depende de vender os produtos. Até para poderem viver aqui em casa.’ E nós capinávamos. Também os meus irmãos mais velhos e as minhas irmãs mais velhas capinavam. Quando nascia o sol íamos todos para a *machamba*. Capinávamos lá, regressávamos, e cozinávamos. Comer nunca acaba.

Participação na luta de libertação

Antes das guerrilhas chegarem à aldeia de Assiato, eles haviam já ouvido boatos de que as pessoas de Ce-Mataka tinham abandonado as suas casas. Isto foi no final de 1965. Pouco depois os soldados da FRELIMO vieram até à sua aldeia e levaram as pessoas para o mato. No mato os soldados explicaram-lhes que iam lutar contra os portugueses e que precisavam do apoio da população. Eles disseram que a população ficaria com eles no mato e faria contribuição de comida para que eles pudessem lutar a guerra. As pessoas foram também aconselhadas a não fugir. Como os soldados lhes disseram: Se eles fugissem, os portugueses iam matá-los. Primeiro, eles iam ser obrigados a mostrar aos portugueses o caminho para o acampamento da guerrilha. Mas como nessa altura o acampamento já tinha mudado de lugar, eles não o iam encontrar, e portanto eles iam ser mortos.

Assiato viveu durante aproximadamente três anos no mato com a população até que entrou na

Our elders were the ones who farmed. We also farmed when we grew up with my older siblings. And they said: ‘You have to farm. You cannot play around when farming. Because if there is no food at home, there is hunger. Even clothing, there won’t be anything to wear because getting good fabrics depends on selling farm produce. Even for you to live here at home.’ And we farmed. Also my older brothers and older sisters farmed. When it dawned, we all went to the *machamba*. Farming there, returning, and cooking. Eating is never done.

Participation in the liberation struggle

Before the guerrillas arrived in Assiato’s home village, they had already heard rumours that Ce-Mataka’s people had abandoned their homes. This was at the end of 1965. Soon after the FRELIMO soldiers came to their village and took the people to the bush. In the bush the soldiers explained to them that they were going to fight the Portuguese and they needed the support of the population. They said that the population would stay with them in the bush and produce food for them so that they could fight the war. The people were also warned against running away. As the soldiers told them: If they ran away, the Portuguese would kill them. First, they would be asked to show the Portuguese the way to the guerrilla camp. But because by this time the camp would have moved location, they would not find it, and so they would be killed.

Assiato lived for about three years in the bush with the population before she entered military life. She remembers that the population was suffering from dire hunger at the time. She was part of a group ordered to transport food and war

vida militar. Ela recorda que a população sofria de uma fome terrível nessa altura. Ela fazia parte de um grupo encarregue de transportar comida e material de guerra a partir da Tanzânia. No início teve medo, mas passado pouco tempo, conforme se começaram a movimentar e a participar em missões de transporte, o seu medo desapareceu. Por essa altura, Assiato já tinha uma criança, portanto participava nestas missões carregando a sua criança com ela. O grupo era composto por cerca de trinta pessoas: uns poucos homens guerrilheiros, alguns milicianos, muitas mulheres milicianas e membros do destacamento feminino. Aqueles que tinham crianças não traziam armas. Estes grupos caminhavam dia e noite, porque tinham medo de o inimigo também saber que na Base Central não havia mais munição. Durante os quatro dias que caminhavam da sua base até à fronteira tanzaniana eles dormiam muito pouco. Paravam para cozinhar e comer e continuavam o seu caminho. Assiato diz que se habituou a mexer bastante durante a guerra e que hoje em dia não consegue andar apenas um pouco.

A primeira base em que Assiato entrou quando se juntou às guerrilhas foi a Base Beira em N’kalapa. Daí foi transferida para a Base Central em N’sawisi. Ela diz que por causa de a sua criança ser tão nova quando foi capturada, o seu treino foi adiado e ela apenas treinou em N’sawisi. Como ela tinha uma criança, a sua principal tarefa durante a guerra foi transportar material de guerra. Depois foi transferida para a Base Mikwinya onde trabalhou até ao final da guerra.

Durante a luta, Assiato tomou o nome de Fátima. Ela disse que outras meninas também mudavam os seus nomes na tropa, por isso ela seguiu o seu exemplo. Depois da guerra ela regressou ao seu antigo nome, Assiato.

material from Tanzania. In the beginning she was afraid, but after a while when they started moving and going on transport missions, her fear went away. By this time, Assiato already had a child, and she went on these missions carrying her child with her. The group comprised of about thirty people: a few male guerrillas, some male *milicianos*, many female *milicianas* and members of the female detachment. Those who had children did not carry weapons with them. As they were afraid of the enemy, also knowing that at the Central Base there was no ammunition left, these groups used to walk day and night. During the four days that they walked from their base to the Tanzanian border they slept very little. They stopped to cook and eat and then continued their way. Assiato says that she got so used to moving a lot during the war that these days she ‘can’t manage to walk only a little’. Even these days she is constantly on the move.

The first base that Assiato entered when she joined the guerrillas was Base Beira in N’kalapa. From there she was transferred to the Central Base in N’sawisi. She says that because her child was so young when she was captured, her training was postponed and she only trained in N’sawisi. As she had a child, her main task during the war was to transport war material. Later she was transferred to Base Mikwinya where she worked until the end of the war.

During the war, Assiato took on the name Fátima. She said that other girls also changed their names in the army so she followed their example. After the war she went back to her old name, Assiato.

Vida depois da independência

Depois da independência Assiato continuou a trabalhar por dois anos no infantário de N’sawisi, tomando conta das crianças que haviam perdido os seus pais durante a guerra. Depois de ela desmobilizar ela seguiu o seu marido, também um ex-combatente, conforme ele ia sendo transferido de sítio para sítio. Eles mudaram bastante. Ele trabalhou como cambista, trocando divisas de Moçambique e do Malawi. Por exemplo, eles viveram em Cuamba, Interlagos, e Lichinga. Depois de Lichinga, mudaram de novo para Mavago.

Durante o período em que Assiato vivia em Mavago, a cidade cresceu. Quando ela regressou a Mavago depois da guerra com a RENAMO ela viveu nos arredores da cidade, mas agora vive no centro. Ela tem um terreno grande no qual pode construir três casas. Apesar de ter vivido em muitos sítios, ela sente-se mais em casa em Mavago. Ela é a mais velha da família hoje em dia. As suas sete crianças todas cresceram, mas vêm visitar, e referem-se ao sítio onde Assiato vive como a sua casa. Hoje em dia ela é avó de vinte crianças, e a sua casa está sempre cheia de netos.

Apesar de Assiato ser feliz com toda a sua família em Mavago, o seu sonho continua a ser ter uma casa condigna. Mas, como lamenta, o dinheiro que consegue juntar nunca é suficiente. A sua pensão some depressa quando divide o dinheiro pelos seus filhos. A casa onde dorme agora é na verdade um celeiro para guardar milho. Antes ela tinha uma casa pequena, que desabou. Como ela diz, o seu sonho é construir uma casa com três quartos e uma sala, com uma dependência com mais três quartos para as suas crianças.

Life after independence

After independence Assiato still continued working for about two years at the *infantário* in N’sawisi, taking care of the children who had lost their parents during the war. After she was demobilized, she followed her husband, also an ex-combatant, as he was transferred from one place to another. They moved around a lot. He worked as a money changer, trading in Mozambican and Malawian currency. For instance, they lived in Cuamba, Interlagos and Lichinga. After Lichinga they moved back to Mavago.

During the time that Assiato has lived in Mavago, the town has expanded. When she returned to Mavago after the war of RENAMO, she lived on the outskirts of the town, but now she is in the middle. She has a big piece of land on which she can build three houses. Although she has lived in many places, she feels most at home in Mavago. She is the eldest in her family these days. Her seven children have all grown up, but they come and visit, referring to where Assiato lives as home. These days she is also a grandmother of twenty, and her house is always full of grandchildren.

While Assiato is happy surrounded by her family in Mavago, her dream until today is to have a proper house. But, as she laments, the money that she manages to get is not enough. Her pension quickly disappears as she divides the money among her children. The house where she sleeps now is actually a granary for storing maize. She had a small house before but it collapsed. As she describes, her dream is to build a house that has three rooms and a living room and an out-building with three more rooms for her children.



Assiato Muemedi em frente à sua casa Mavago-Sede, Mavago.
Assiato Muemedi in front of her house in Mavago-Sede, Mavago.

Beatriz Assima



109

Beatriz Saimone Assima nasceu em Litunde, em Majune, em 1944.

Memórias de infância e da juventude antes da guerra

O seu pai Assima Manjore foi um sipaio durante o tempo colonial, e trabalhava e vivia em Vila Cabral. A sua mãe, Abibi Ntawula, era uma camponesa e curandeira. Ela ajudava muitas mulheres a engravidar, e as pessoas vinham de muito longe para lhe pedir ajuda.

A família da Beatriz tinha uma grande *machamba* onde produziam milho, *mapira*, feijão, feijão jugo, amendoim e mandioca. Eles cultivavam para o seu consumo pessoal, mas também

Beatriz Saimone Assima was born in Litunde, in Majune, in 1944.

Memories of childhood and youth before the war

Her father Assima Manjore was a *sipaio* during the colonial time, and he worked and lived in Vila Cabral. Her mother Abibi Ntawula was a farmer but also a traditional healer. She helped many women get pregnant, and people from far away came to seek her help.

Beatriz’ family had a big *machamba* where they produced maize, *mapira*, beans, *jugo* beans, peanuts and manioc. They mostly cultivated for

vendiam uma parte para suprir algumas das necessidades domésticas.

Enquanto criança, Beatriz e os seus amigos costumavam misturar trabalho com brincadeira. Por exemplo, aprender a cozinhar era uma actividade de grupo divertida para as crianças. Juntos procuravam lenha, alguma farinha e cozinham *chima*. Depois, os adultos vinham ver como se estavam a portar. Como Beatriz lembra sorrindo, muitas vezes o veredicto era que a *chima* não estava bem cozida! Mas era assim que eles aprendiam, brincando e trabalhando ao mesmo tempo.

Beatriz cresceu ao pé dos seus avós maternos. O avô Ntawura Namalomba era um régulo e um conselheiro do tribunal dos régulos (*ajumbe*). Quando as pessoas tinham disputas que precisavam resolver elas traziam esses problemas perante o tribunal. A avó da Beatriz, Alayika Matindanya, era uma *cawisi*, e ela assistia as mulheres quando elas estavam a morrer, ou quando era preciso organizar cerimónias *sadaka* (memoriais).

Havia uma escola na sua aldeia, e Beatriz conta que aprendeu a ler um pouco antes da guerra. Esta era uma madraça organizada pelos *chehes*, e tanto meninos como meninas tinham a oportunidade de se inscrever. Visitando o seu pai em Vila Cabral, Beatriz notou também que lá as crianças iam à escola do governo. Como se recorda, por uma semana recusou comer porque queria tanto ir para essa outra escola. Contudo o seu pai disse que o seu salário não era alto que chegue para livros e todas as coisas que eram precisas nessa escola.

their own use, but they also sold a bit in order to buy some household necessities.

As children Beatriz and her friends often mixed work with play. For instance, learning to cook was a fun joint activity among the kids. Together they would get firewood, some flour and then practice cooking *chima*. Later the adults would come and see how they were faring. As Beatriz laughingly remembers, often the verdict was that the *chima* was not properly cooked! But this is how they learned, playing and working at the same time.

Beatriz grew up living close to her maternal grandparents. Her grandfather Ntawura Namalomba was a chief and a counsellor of the tribunal of the chiefs (*ajumbe*). When people had disputes that they needed resolving they would bring those issues to the tribunal. Beatriz’ grandmother Alayika Matindanya was a *cawisi*, and she attended to women when they were dying or when *sadaka* ceremonies (remembrance feasts) had to be organized.

There was a school in her village, and Beatriz speaks of learning to read a bit before the war. This was a *madrassa* organized by the *chehes*, and both boys and girls had the opportunity to attend. Visiting her father in Vila Cabral, Beatriz also saw children going to a government school there. As she remembers, for a whole week she did not eat because she wanted to go to that school so badly. But her dad said that his salary was not enough for books and all the things you need in school.

110

Participação na luta de libertação

Para a Beatriz a guerra começou com o bombardeamento da sua aldeia. Nessa altura, Beatriz havia já se mudado para outro lugar com seu marido, mas nesse dia em particular ela estava de volta para visitar. O chefe da aldeia foi ferido no ataque, e as casas das pessoas e as *machambas* foram queimadas. Como Beatriz se recorda, pouco após os bombardeamentos, os soldados da FRELIMO (que refere como ‘wanya njomba’) vieram ter com a população. Os soldados disseram que não havia razão para ter medo, que eles tinham vindo para os proteger. Pediram à população que viesse com eles para o mato para os ajudar produzindo comida. Sem comida eles não seriam capazes de lutar contra os portugueses.

Beatriz conta como é que acabou entrando na vida militar:

Para eu entrar na vida militar, aconteceu assim. Nessa altura, aquelas pessoas lá, quando vieram procurar recrutas, milicianas e outros, eles não escolhiam. Eles queriam aqueles que fossem fortes. Rapazes e meninas teriam que lutar juntos. Por isso quando vimos que o nosso chefe tinha perdido a sua vida, nós ficamos baralhados, já não tínhamos o nosso dirigente. Então aqueles soldados tiveram mais uma reunião connosco. Eles disseram: ‘Não podem ficar desmoralizados. Antes não sabiam o que era a guerra, agora têm de saber que isto é a guerra. Vamos trabalhar juntos. Precisamos de meninas. De registar os nomes. Precisamos de rapazes. Vocês e nós juntos, vamos ter força. Vamos trabalhar.’

Participation in the liberation struggle

For Beatriz, the war started with the bombing of her village. At the time, Beatriz had already moved to another place with her husband, but that particular day she was there for a visit. The village chief was injured in the attack, and the people’s houses and *machambas* were burnt. As Beatriz narrates, shortly after the bombing, the FRELIMO soldiers (referred to as ‘wanya njomba’) came to meet with the population. The soldiers told the people that there was no need to be afraid for they had come to defend them. They asked the population to come with them to the bush and to support them by producing food. Without food they would not be able to fight the Portuguese.

Beatriz speaks of how she entered military life:

For me to enter into military life, it happened like this. That time, those people there, when they came looking for recruits, *milicianas* and others, they did not choose. They wanted those who were strong. Girls and boys have to fight together. So when we saw that time that our chief had lost his life, we were shuffled, we no longer had our leader. So those soldiers held another meeting with us. They told us: ‘You cannot be demoralized. Before you didn’t know what war is, now you have to know that this is war. Let’s work together. Here we need girls. Register names. We need boys. You and us together, we will have strength. Let’s work.’

Beatriz had her baby with her when she arrived at the Female Base of Katembe and thus stayed behind when the others were sent for training. When Base Katembe was destroyed, all the DFs

Beatriz tinha com ela o seu bebé quando chegou à Base Feminina de Katembe, e por isso ficou para trás quando os outros foram enviados para o treino. Quando a Base Katembe foi destruída, todas as DFs foram enviadas para a Base Central. Contudo, Beatriz com o seu bebé foi enviada para o acampamento Masonha, que havia sido criado nessa altura. Aí, as mulheres dos combatentes lutando na guerra estavam a tomar conta das crianças. Beatriz ficou lá até a sua criança começar a andar, e então teve de a deixar para trás quando foi enviada para treinar em Nachingwea.

Depois de regressar de Nachingwea, ela ficou de novo com a sua criança em Tunduro. Nessa altura, ela já estava à espera do seu segundo filho. Depois do segundo filho nascer e de ele começar a andar, Beatriz foi enviada para trabalhar como socorrista no hospital central em N’sawisi. Ela foi depois promovida para a posição de chefe de posto de saúde na Base Central, onde tratavam de casos de emergência que não podiam ser transferidos para o hospital central. Um pouco depois ela foi transferida para o hospital central, e mais tarde foi promovida a comandante do infantário em N’sawisi, onde continuou a trabalhar até ao final da guerra.

Vida depois da independência

Depois da independência Beatriz foi colocada primeiro no infantário de Lichinga, depois foi transferida para trabalhar num campo de reeducação em N’sawisi. Nessa altura, pessoas definidas pelo presidente Samora como ‘improdutivas’ eram enviadas de avião de Maputo para este campo. Lá eram ensinadas a cultivar a terra. Depois de ser desmobilizada, Beatriz regressou a Majune, onde juntamente com o seu marido manteve uma loja.

were sent to the Central Base. But Beatriz with her baby was sent to the Masonha camp that opened at the time. There, wives of combatants fighting in the war were taking care of the children. Beatriz stayed there until her child started to walk, then she had to leave her child behind as she was sent for training in Nachingwea.

After she returned from Nachingwea, she stayed in Tunduru again with her child. At the time she was already expecting her second child. After her second child was born and after he started walking, Beatriz was sent to work as a first aid nurse at the central hospital in N’sawisi. Later she was promoted to the position of head of the health post at the Central Base where they took care of emergency cases that could not be transferred to the central hospital. After a while she was transferred to work at the central hospital, and later she was promoted to the commander of the *infantário* in N’sawisi, where she continued working until the end of the war.

Life after independence

After independence Beatriz was first stationed at the *infantário* in Lichinga, then she was transferred to work at the re-education camp in N’sawisi. At the time, people defined by President Samora as ‘unproductive’ were sent from Maputo to this camp by plane. There they were taught how to farm the land. After she was demobilized, Beatriz returned to Majune, where together with her husband they kept a shop. However, the shop was destroyed by RENAMO, and that is when they returned to Lichinga. Beatriz has lived in Lichinga ever since.

During the war, as Beatriz describes, her expectation was that she would stay in her

Contudo, a loja foi destruída pela RENAMO, e foi então que eles regressaram a Lichinga. Beatriz vive em Lichinga desde então.

Durante a guerra, como Beatriz descreve, a sua expectativa era de vir a ficar na sua província e trabalhar. Ela pensava que ia ter o seu próprio ‘projecto’, o seu carro, a sua casa melhorada, e que teria pessoas de biscato a trabalhar na sua *machamba*, enquanto ela e as crianças comeriam bem. Mas estas são coisas que ela não conseguiu assegurar. Como ela defende, muitos ex-combatentes no Niassa sentem que a guerra não acabou para eles, porque estão ainda a sofrer e a lutar.

Beatriz diz que gosta de viver em Lichinga. Ela habituou-se à vida na cidade, mas apesar de não pensar sequer em regressar à sua casa de infância, o seu coração ainda lá está. Hoje em dia ela passa grande parte do tempo com os seus filhos e netos. No total teve sete crianças, mas apenas três ainda estão vivas. Algumas vezes os seus filhos e netos perguntam como é que ela conseguiu correr durante a guerra. Então ela explica que na altura ela era nova e tinha um corpo forte.

‘Essas crianças quando eu me sento com elas, eu costumo contar que elas tiveram uma mãe forte. Elas tiveram uma avó forte. “Vocês têm que saber que durante o tempo de guerra, nós carregávamos vocês nas nossas costas, aqui munições, aqui arma. Você, eu não te deixei. O inimigo disparava ‘papa-papa-papa’ e nós corríamos ‘kaka-kaka-kaka’, caindo e levantando.” Às vezes—três vezes este aqui caiu de mim na água, caindo para debaixo de água. Então era procurar por essa criança e apanhar.’

province and work. She thought that she would have her project, her car, her *casa melhorada*, and she would have day labourers working in her *machamba*, while she and her children would be eating well. But these are things she has not managed to do. As she argues, many ex-combatants in Niassa experience that the war has not ended for them as they are still suffering and struggling.

Beatriz says that she likes living in Lichinga. She has gotten used to life in the city, but while she cannot think of returning to her childhood homeplace, her heart is still there. These days she spends a lot of time with her children and grandchildren. Altogether she had seven children but only three survived to this day. Sometimes her children and grandchildren ask her how she managed to run during the wartime. Then she explains to them that at the time she was young and had a strong body.

‘These children when I sit with them, I tell them that they had a strong mother. They had a strong grandmother. “You need know that in our time of the war, we carried you on our backs, here ammunition, here weapon. You, I didn’t leave you. The enemy fired ‘papa-papa-papa’ and we ran ‘kaka-kaka-kaka’, falling and getting up.” Sometimes—three time this one fell from me into the water, falling under the water. Then looking for that child and grabbing hold.’



Beatriz Saimone Assima em Lichinga.

Beatriz Saimone Assima in Lichinga.

Bendita Ntuma



115

Bendita Ntuma nasceu em Ligogolo, Muembe, em 1959. O seu pai foi Ntuma Selemani, e ele era um médico tradicional. A sua mãe foi Anawabi Kandulu.

Memórias de infância antes da guerra

Bendita cresceu ao cuidado da sua avó, depois da sua mãe ter morrido quando ela tinha cinco anos de idade. Como ela recorda com afecto, a sua avó a ‘mimava muito’. Ela seguia a sua avó de perto ao longo das suas tarefas diárias e do seu trabalho na *machamba*. A sua avó cultivava produtos como milho, feijão, banana e amendoim. Ela também

Bendita Ntuma was born in Ligogolo, Muembe, in 1959. Her father was Ntuma Selemani and he was a traditional healer. Her mother was Anawabi Kandulu.

Memories of childhood before the war

Bendita grew up in her grandmother’s care after her mother died when she was five years old. As she fondly remembers, her grandmother ‘spoiled her a lot’. She followed her grandmother closely in her daily chores and in her work in the *machamba*. Her grandmother grew crops such as maize, beans, bananas and groundnuts. She was also a

era médica tradicional de mulheres, e viajava para diferentes aldeias para ajudar nos *unhagos*.

Bendita recorda uma infância livre de preocupações, brincando por aí com os seus amigos. Uma das suas memórias é a de uma subida grande junto ao rio. Enquanto crianças, um dos seus passatempos preferidos era cortar folhas de bananeira para usarem como trenós e deslizarem pela colina abaixo. Eles também gostavam de brincar às casas nas montanhas perto da sua casa. Changauzia, como ela lembra, era o nome de uma dessas montanhas. Os que costumavam brincar juntos eram aproximadamente sete meninas e sete meninos. Como Bendita recorda com um sorriso, eles organizavam casamentos de brincadeira, em que as meninas casavam com outras meninas, e os meninos com outros meninos. Eles também faziam palhotas juntos; o trabalho dos meninos era cortar paus, enquanto as meninas cortavam o capim.

Mesmo sendo crianças, eles tinham algumas tarefas que tinham que fazer em casa, como ir cartar água e varrer a casa. Contudo, por vezes quando os seus pais saíam para as *machambas*, as crianças ignoravam os seus deveres e fugiam para brincar no mato. Elas pilavam o milho que os seus pais haviam deixado, e levavam metade dele com elas para o mato. Elas também roubavam ovos para cozinhar com *chima* nos seus *masanje*. Contudo, como Bendita recorda, depois de estarem fora de casa o dia todo, elas eram recebidas por pais zangados, quando finalmente regressavam à noite. Para lhes ensinar uma lição, os seus pais não lhes davam jantar, e as crianças tinham de ir dormir com os seus estômagos vazios. Isso, como a Bendita descreve, era para elas aprenderem a pensar duas vezes antes de voltarem a fazer a mesma coisa.

traditional healer of women, and she travelled to different villages to assist in the *unhagos*.

Bendita remembers a carefree childhood playing around with her friends. One of her memories is that of a big hill by the river. As children, one of their favourite past-times was to cut banana leaves and to use them as sleds to slide down the hill. They also liked to play house in the mountains close to her home. Changauzia, as she remembers, was the name of one of the mountains. They were about seven girls and seven boys who used to play together. As Bendita laughingly recalls, they organized pretend weddings in which girls would marry girls and boys would marry boys. They also made huts together; the boys’ job was to cut the wood while the girls cut the grass.

Even as children they had certain tasks they had to do at home, such as fetching water and sweeping the house. However, sometimes when the parents left for the *machambas*, the children would skip their tasks and run to play in the bush. They pounded the maize their parents had left and took half of it with them to the bush. They also stole eggs to cook together with *chima* at their *masanje*. However, after staying out all day, as Bendita remembers, they were met by their angry parents when they finally returned home in the evening. To teach them a lesson, their parents denied them dinner, and the children had to go to sleep with empty stomachs. This, as Bendita describes, was so that they might learn to think twice before doing something like that again.

116

Participação na luta de libertação

Antes da guerra as pessoas costumavam viver em acampamentos familiares, pequenos e dispersos. Quando a FRELIMO começou as suas actividades militares na zona de Bendita, os portugueses mudaram toda a população para as proximidades da estrada principal. Isto foi feito para restringir o seu contacto com a FRELIMO. Depois, as pessoas foram mudadas para o aldeamento em Ligogolo. Bendita recorda o dia em que as guerrilhas os vieram salvar do aldeamento. A sua família criava galinhas, mas nesse dia eles mataram e assaram todas. Bendita recorda ter ficado admirada com isso, porque tal significava que eles não iam ter mais galinhas para se reproduzirem. Então, cedo durante a tarde, os adultos enviaram as crianças para a *machamba* e lhes disseram para esperar lá por eles. As crianças cumpriram o que lhes foi dito, e foram à frente para a *machamba*. Quando escureceu, como a Bendita recorda, eles ouviram tiros e viram pessoas a correr. Algum tempo depois disso, os seus mais velhos chegaram à *machamba* e lhes disseram para se levantarem; era altura de irem.

Nessa noite, eles caminharam para o mato junto com os soldados, até que chegaram a um acampamento onde encontraram outras pessoas que também haviam escapado do aldeamento. Eles acamparam ao relento durante a noite, mas na manhã seguinte acordaram cedo para cozinhar comida para a longa viagem que tinham pela frente. As guerrilhas também lhes disseram que quando eles vissem um avião precisavam se esconder. Como Bendita recorda, nesse dia eles andaram uma distância longa no mato, até chegarem a uma base chamada N’nowi. Eles não tiveram muito tempo

Participation in the liberation struggle

Before the war, people used to live in small, dispersed family settlements. When FRELIMO started its military activities in Bendita’s home area, the Portuguese moved all the population to the proximity of the main road. This was done to restrict their contact with FRELIMO. Later, the people were moved to the *aldeamento* in Ligogolo.

Bendita remembers the day that the guerrillas came to rescue them from the *aldeamento*. Her family kept chickens, but that day they killed and roasted all of them. Bendita recalls being bewildered by this as it meant that they would no longer have any chickens to breed. Then in the early afternoon, the adults sent the children to the *machamba* and told them to wait for them there. The children did as they were told and went ahead to the *machamba*. When it got dark, as Bendita remembers, they heard gun shots and saw people running. Sometime after this, their elders arrived at the *machamba* and told them to get up; it was time to go.

That night they walked in the bush together with the soldiers until they arrived at a campsite where they were met by others who had also escaped from the *aldeamento*. They camped out for the night, but early next morning they woke up to cook food for the long journey ahead. The guerrillas also told them that whenever they saw a plane they had to hide. As Bendita remembers, that day they walked a long distance in the bush until they arrived at a base called N’nowi. They did not have many days to settle down there; soon the Portuguese troops attacked them, and they had to flee. Next they arrived at Base Locesi.

para se instalarem lá; brevemente as tropas portuguesas atacaram, e eles tiveram que fugir. Depois, eles chegaram à Base Locesi.

Bendita tinha aproximadamente oito anos quando a guerra começou. A sua avó já tinha falecido, e ela foi para o mato com a sua irmã mais velha. Lá elas viveram com a população civil que suportava as guerrilhas. Como ela descreve, a sua família tinha que fornecer comida aos soldados quando eles iam para combate, e de carregar material de guerra. Eles também tinham seleccionado pessoas adultas da própria família para se juntarem às guerrilhas nas suas missões de transporte.

Depois de viver no mato por um número de anos, houve um ataque na base que a população estava a apoiar, e muitas pessoas, incluindo Bendita, foram capturadas. Bendita foi levada para a área controlada pelos portugueses, onde ela foi para a escola por um ano. Contudo, um dia, quando ela estava a viajar com um grupo de quinze pessoas para ir a uma celebração de *unhago* em Muembe, ela e outras foram capturadas pelos soldados da FRELIMO. Como Bendita descreve, as guerrilhas a levaram desde a Base Nampula e a Base Ntoto até à Base Central de N’sawisi.

Não tardou a receber treino militar. Era suposto o seu grupo treinar em Nachingwea, mas como se atrasaram, elas acabaram treinando na Base Central. Ela finalizou o seu treino mesmo antes de serem assinados os Acordos de Lusaca. Bendita também recebeu treino de instrutora militar.

Bendita was about eight years old when the war started. Her grandmother had already died, and she went to the bush with her older sister. There they lived among the civilian population that supported the guerrillas. As she describes, her family had to provide food for the soldiers when they went to combat and to carry war material. They also had to select grown-up people from within their family to join the guerrillas on their transport missions.

After living in the bush for a number of years, there was an attack on the base that the population was supporting, and many people, including Bendita, were captured. Bendita was taken to the Portuguese-controlled area where she went to school for about one year. However, one day when she was travelling in a group of fifteen people to attend an *unhago* celebration in Muembe, she and the others were captured by FRELIMO soldiers. As Bendita describes, the guerrillas took her through Base Nampula and Base Ntoto to the Central Base of N’sawisi.

She soon received military training. Her group was supposed to train in Nachingwea but as they were delayed, they trained at the Central Base instead. She finished her training just before the signing of the Lusaka Accord. Bendita also received training as a military instructor.

Vida depois da independência

Depois da guerra, Bendita começou por trabalhar como instrutora militar, antes de ser enviada para estudar mecânica em Marrupa. Ao mesmo tempo ela frequentou uma escola de condução. Quando engravidou, ela trabalhou na alfaiataria militar por um pouco, até regressar ao seu trabalho como mecânica. Em 1977, Bendita foi transferida juntamente com o seu marido para Boane, na Província de Maputo. Ela foi desmobilizada nesse mesmo ano. Em Maputo ela trabalhou na cantina militar por três anos, até que ela e o seu marido foram transferidos para a Beira. Bendita viveu na Beira por algum tempo, mas quando se separou do seu marido, ela pediu para ser transferida para Lichinga.

Bendita tem vivido em Lichinga desde 1981. Ela gosta de viver lá porque fica perto de Chiconono e da sua família. Quando a sua família precisa dela, ela pode facilmente os ir visitar e ajudar. As suas rotinas diárias em Lichinga giram em torno dos seus netos. As duas filhas de Bendita faleceram novas. Contudo, hoje em dia ela assume a responsabilidade pelos filhos e netos da sua falecida irmã. Ela cozinha para as crianças, e as prepara para a escola. Ultimamente ela também começou a estudar o Alcorão na mesquita local. Para além dessas actividades, ela está envolvida num grupo de dança que actua regularmente em festividades como o Dia dos Heróis Moçambicanos. A única coisa que Bendita lamenta na sua vida de hoje em dia é ela ainda não ter sido capaz de construir para si uma casa em condições. O seu sonho é ter uma casa grande, com quatro quartos para acolher todos os seus netos.

Life after independence

After the war, Bendita first worked as a military instructor, before she was sent to study mechanics in Marrupa. At the same time she went to driving school. When she became pregnant, she worked at a military sewing workshop for a while before resuming her work as a mechanic. In 1977 Bendita was transferred together with her husband to Boane in Maputo Province. She was demobilized the same year. In Maputo she worked at the military cantina for three years until she and her husband were transferred to Beira. Bendita lived in Beira for a while, but when she separated from her husband, she requested a transfer to Lichinga.

Bendita has lived in Lichinga since 1981. She enjoys living there as it is close to Chiconono and her family. Whenever her family needs her, she can easily go and visit and help them out. Her daily routines in Lichinga revolve around her grandchildren. Bendita’s two daughters both died young. However, these days she has assumed responsibility for her late sister’s children and grandchildren. She cooks for the children and prepares them for school. Recently she has also taken up studying Koran at the local Mosque. In addition to these activities, she is involved in a dance group that regularly performs at festivities, such as the Day of Mozambican Heroes. The only thing Bendita laments about her life these days is that she has not yet been able to build a proper house for herself. Her dream is a big house with four rooms to fit all her grandchildren.



Bendita Ntuma e Helena Baide em seus uniformes de veteranas, no Dia da Mulher Moçambicana, 7 de Abril, 2016.
Bendita Ntuma and Helena Baide in their veterans’ uniforms on Mozambican Women’s Day, 7th of April, 2016.

Fátima Buanadi



121

Fátima Buanadi nasceu em Nzizi. A sua mãe é aMbumba Nkalawile. O seu pai, Bwanadi Citone, era do distrito de Lago.

Memórias de infância e da juventude antes da guerra

Fátima tem boas memórias da sua infância. Ela lembra de como costumava brincar junto com os seus amigos. Eles gostavam de tomar banho no rio e faziam pequenas palhotas de capim no mato para brincarem dentro. Fátima também lembra de como costumava arranjar confusão. Ela e algumas outras crianças roubavam galinhas e as levavam para o mato. Aí os rapazes matavam as galinhas, as meninas cozinhavam a carne, e todos

Fátima Buanadi was born in Nzizi. Her mother is aMbumba Nkalawile. Her father Bwanadi Citone was from the district of Lago.

Memories of childhood and youth before the war

Fátima has good memories from her childhood. She remembers how she used to play together with her friends. They liked to bathe in the river and in the bush they made small huts out of grass to play in. Fátima also remembers how she used to get into mischief. She with some other kids would steal chickens and take them into the bush. There the boys would kill the chicken, then girls would cook the meat, and together they would

juntos faziam *masanje*. Depois, quando chegava a casa, ela levava porrada dos seus pais. Mas, como recorda com um sorriso, isso não a parava. Noutro dia roubava feijões.

Nesses dias, a sua família tinha grandes *machambas*. Cultivavam produtos, como *mapira*, milho, feijão *nyemba*, feijão *jugo*, mandioca e bananas. Também criavam cabritos, patos e pombos. Como muitos outros homens Yaawo dessa altura, os homens da sua família viajavam até aos países vizinhos para procurar dinheiro para pagar os impostos. O seu pai viajou para Joyni para trabalhar nas minas, e os seus tios para Chiwambo para vender tabaco, bem como para a Niassalândia para trabalhar nas plantações. Isso significava que os homens costumavam estar longe de casa por muito tempo. Por vezes não estavam em casas durante a época de pagamento de impostos. Uma vez, quando isso aconteceu, as mulheres foram aprisionadas no posto administrativo de Muembe, e foram forçadas a trabalhar numa nova estrada que estava a ser aberta desde o rio Luwila até Chiconono.

Participação na luta de libertação

Como Fátima lembra, na sua aldeia começaram a ouvir boatos sobre a guerra antes de terem visto qualquer movimento militar. Este era um assunto do qual as pessoas falavam no segredo da noite. Então uma tarde o seu régulo informou a população de que os guerrilheiros viriam de noite para os levar para o mato. Fátima já era casada na altura, e tinha uma criança. O seu marido estava fora a trabalhar no Malawi quando os guerrilheiros chegaram para os evacuar. Quando regressou das suas viagens, ele tentou recuperar a sua mulher da

have a *masanje*. Afterwards when she arrived home, she received a beating from her parents. But, as she laughingly remembers, this did not stop her. Another day she would steal beans.

In those days, her family had big *machambas*. They grew crops, such as *mapira*, maize, *nyemba* beans, *jugo* beans, manioc and bananas. They also kept goats, ducks and pigeons. Like many other Yaawo men at the time, men in her family travelled to the neighbouring countries to earn money to pay the taxes. Her father travelled to Joyni to work in the mines and her uncles to Chiwambo to sell tobacco as well as to Nyasaland to work on the plantations. This meant that the men were away from home a lot. Sometimes they were not home during tax collection time. Once when this happened, the women were imprisoned at the administrative centre of Muembe and forced to work on a new road that was being opened from the river Luwila to Chiconono.

122

Participation in the liberation struggle

As Fátima remembers, in her village they started hearing rumours about the war before they saw any war movement. This was something people talked about in the secrecy of the night. Then one evening their chief informed the population that the guerrillas would be coming that night to take them to the bush. Fátima was already married at the time, and she had one child. Her husband was away working in Malawi when the guerrillas came to evacuate them. When he came back from his travels, he tried to get his wife back from the base, but the soldiers would not let her go. The war thus caused the break-up of their marriage as they

base, mas os soldados não a deixaram ir. A guerra levou portanto ao fim do seu casamento porque eles ficaram separados um do outro. Infelizmente, o seu filho morreu depois no mato.

A Fátima vivia com a sua família quando entrou pela primeira vez no mato. Depois, passado um pouco, os guerrilheiros vieram ter uma reunião com a população, pedindo às pessoas para carregarem material de guerra. Foi assim que a Fátima foi recrutada para a vida militar. Com um grupo de meninas, ela foi enviada para ser treinada em Nachingwea. Contudo, como a Fátima conta, no seu caminho para lá foram bombardeados, e muitas das suas colegas morreram, outras fugiram. Depois desse ataque, os oficiais disseram às recrutas que sobraram que elas iriam treinar em Moçambique em vez de na Tanzânia. A Fátima completou os seus treinos em Nakatandi.

As principais tarefas de Fátima durante a guerra envolviam mobilizar a população. Ela também participou na recepção de delegações que chegavam na base e organizava a sua alimentação. Para além destas tarefas, ela participou no combate, onde a sua responsabilidade era a de carregar munições para os homens soldados. Ela lembra-se de que por vezes, quando regressavam do combate, os guerrilheiros cantavam canções da revolução juntos na base. Ela recorda como felizes esses momentos. No meio de todo o sofrimento da guerra, eles ganhavam moral através dessas canções.

Fátima trabalhou em muitas bases diferentes durante a guerra, mas a base em que ela se lembra ter trabalhado mais foi em Luwangwa na área de Majune.

were separated from each other. Sadly, their son also later died in the bush.

Fátima lived with her family when she first entered the bush. Then after a while, the guerrillas came to hold a meeting with the population, requesting for people to carry war material. This is how Fátima was recruited for military life. With a group of girls, she was sent for training to Nachingwea. However, as Fátima describes, on the way there they were bombed, and many of her colleagues died and others ran away. After this attack, the officers told the remaining recruits that they would be training in Mozambique instead of Tanzania. Fátima completed her military training in Nakatandi.

Fátima’s main tasks during the war involved the mobilization of the population. She also took part in receiving the delegations that arrived at the base and organizing food for them. In addition to these tasks, she participated in combat, where it was her responsibility to carry ammunition for the male soldiers. She remembers that sometimes when they returned from combat, the guerrillas would sing songs about the revolution (*canções da revolução*) together at the base. She remembers those as happy moments. In the midst of all the suffering of the war, they gained morale through those songs.

Fátima worked at many different bases during the war, but the base she remembers working most at was Luwangwa in the area of Majune.

Vida depois da independência

Fátima estava em Njsei quando ouviu que a guerra tinha acabado. Durante o governo de transição ela foi transferida para Lichinga, e celebrou o Dia da Independência lá. Ela foi desmobilizada pouco depois, mas ficou em Lichinga por um ano, antes de decidir mudar para Mavago para ficar perto da sua família. Durante a guerra, toda a sua família tinha vivido no mato perto de N’kalapa em Mavago. Fátima viveu em N’kalapa por muitos anos, e, como ela diz, se não tivesse sido por causa da guerra da RENAMO, ela teria continuado a viver lá. Mas quando os soldados da RENAMO começaram a queimar aldeias na sua área, ela e a família fugiram para Nzizi em Muembe.

Hoje em dia Fátima ajuda a tomar conta das crianças do irmão, porque a mãe delas morreu. Ela tem a sua *machamba* onde consegue cultivar que chegue para as alimentar. Já há muitos anos que recebe a sua pensão. Com o dinheiro, ela é capaz de pagar a trabalhadores para fazerem algum do trabalho nas suas *machambas*. O que ela ainda não conseguiu fazer é construir uma casa melhorada, uma casa de tijolo em condições, com um telhado de zinco. Como se lamenta, o dinheiro puro e simplesmente não chega. Ela também sonha com uma *moagem* (móinho) capaz de ajudar a sustentar a sua família.

Life after independence

Fátima was in Njesi when she heard that the war had ended. During the transitional government, she was transferred to Lichinga, and she celebrated Independence Day there. She was demobilized soon after, but she stayed in Lichinga for a year, before deciding to move to Mavago to be close to her family. During the war, her whole family had lived in the bush in the N’kalapa area in Mavago. Fátima lived in N’kalapa for many years, and, as she says, if it had not been for the war of RENAMO, she would have continued living there. But when the RENAMO soldiers started burning villages in their area, she and her family fled to Nzizi in Muembe.

These days Fátima helps to take care of her brother’s children as their mother died. She has her *machamba* where she manages to produce enough to feed them. She has been receiving her pension for many years already. With the money, she is able to pay day labourers to do some work on her *machambas*. What she has not yet managed to do is to build a *casa melhorada*, a proper brick house with a zinc roof. As she laments, the money simply is not enough. She also dreams of a grinding mill to help sustain her family.



Fátima Buanadi em frente à sua casa em Nzizi, Muembe.
Fátima Buanadi in front of her house in Nzizi, Muembe.



Um celeiro cheio de milho em N'kalapa, Mavago.
A full granary of maize in N'kalapa, Mavago.



Milho seco, pronto para ser guardado.
Dried maize ready for storage.

Carolina Saide



127

Carolina Saide nasceu em Lundale, em Muembe, em 1956. O seu pai foi Saide Mwemedi e a sua mãe A-Emi Aly.

Memórias de infância antes da guerra

Os avós de Carolina do lado do seu pai eram de uma área próxima a Montepuez, em Cabo Delgado. De acordo com o que lhe contaram, eles fugiram daí para Muembe por causa dos problemas que tinham com os elefantes que comiam as suas colheitas. Como Carolina se recorda, os seus avós contavam que os elefantes eram animais muito perigosos, e que não nos devemos aproximar deles. Tudo o que podemos fazer é bater

Carolina Saide was born in Lundale, in Muembe, in 1956. Her father was Saide Mwemedi and her mother A-Emi Aly.

Memories of childhood before the war

Carolina's grandmothers from her father's side came from an area close to Montepuez in Cabo Delgado. According to what they told her, they fled the area to Muembe because of the problems they were having with elephants eating their crops. As Carolina remembers, her grandparents told her that elephants are very dangerous animals and you cannot go close to them. All you can do is to clap your hands and

palmas e fazer barulho, o que assusta os elefantes para longe. Os seus avós contavam também histórias da guerra de Ngungunhane. Durante esta guerra, as pessoas procuraram refúgio no topo das montanhas de onde lançavam pedras para os seus inimigos.

Os pais da Carolina eram camponeses e o seu pai cultivava também tabaco, que levava para vender em Chiwambo. Depois, quando ele não partia mais nessas viagens, ele tornou-se um *chehe* e dedicava o seu tempo a dar lições sobre o Alcorão. Havia uma escola muçulmana na sua casa.

Como Carolina se recorda, a sua família não tinha grandes *machambas*, eram grandes que chegue para alimentar a família. Como não tinham sítio onde vender as suas colheitas, o que sobrava do ano anterior era deitado fora quando apodrecia. Enquanto crescia, os seus pais ensinaram a Carolina o valor do trabalho, conforme ela descreve:

'Quando eu cresci e comecei a perceber o que era a vida, eles me ensinaram a capinar, a pilar o milho, a ir lavar o milho no rio. Ir para as machambas, chegar lá, encontrar macacos nas machambas. Os meus pais disseram para eu esperar lá na machamba que os macacos chegassem, e então fazê-los fugir.'

A família da Carolina também tinha cabritos, mas um cabrito apenas era abatido quando alguém morria. Em vez de carne, eles costumavam comer peixe do rio. Para apanhar estes peixes, o seu pai usava um veneno chamado *ntuntu* que era feito de folhas especiais, que ele espalhava no rio. O veneno matava o peixe, e as crianças os apanha-

make noise, which scares the elephants away. Her grandparents also told stories of the war of Ngungunhane. During this war, people sought refuge at the top of mountains from where they dropped rocks on their enemies.

Carolina's parents were farmers and her father also cultivated tobacco, which he took to sell in Chiwambo. Later when he no longer went on these trips, he became a *chehe* and dedicated his time to giving lessons on the Koran. There was a *madrasa* (koranic school) in their house.

As Carolina remembers, although her family did not have big *machambas*, they were big enough to feed the family. As they did not have a place to sell their produce, what was left of the previous year's harvest was usually thrown away when it rotted. Growing up her parents taught Carolina the value of work, as she describes:

'When I grew up and started to understand what life was, they were teaching me to farm, to pound maize, to go wash the maize in the river. Going to the machambas, arriving there, finding monkeys in the machambas. My parents told me to wait there in the machamba for the monkeys to arrive and then chase them away.'

Carolina's family also had goats, but a goat was only killed when someone died. Instead they used to eat fish from the river. To catch these fish, their father used a poison called *ntuntu* made of special leaves, which he would spread in the river. This poison would kill the fish, and they the kids would then catch them into pots. As Carolina

128

vam em panelas. Conforme a Carolina explica, isto era algo que eles faziam naqueles dias antes da guerra, mas hoje em dia o governo proibiu o uso de veneno para apanhar peixe.

Graças às viagens do pai dela até Chiwambo para vender tabaco, nessa altura a família da Carolina não tinha problemas em pagar os impostos (chamados *nsongo*). Ela apenas testemunhou um dos seus tios a ser amarrado com cordas e batido por não conseguir pagar. Ele não tinha o dinheiro porque não costumava ir até Chiwambo com os outros homens. Como castigo, ele foi forçado a trabalhar no posto administrativo até ter pago a sua dívida.

As memórias de infância favoritas de Carolina são de fazer *masanje* no mato com as outras crianças. As meninas apanhavam gafanhotos e outros insectos, e os meninos apanhavam passarinhos. Eles então os preparavam e comiam junto com *chima*.

Participação na luta de libertação

Como a Carolina se recorda, levou algum tempo até ela ouvir o nome FRELIMO. Quando as pessoas começaram a falar sobre a guerra, diziam que os *wanya njomba* estavam a chegar. Estes boatos começaram um pouco tempo depois das tropas portuguesas começarem a evacuar a população da área para a *waya* em Luwila. Este acampamento era cercado com arame farpado e tinha apenas uma entrada.

De noite, no acampamento, o pai da Carolina disse à sua família que sabia como chegar até aos *wanya njomba* que se estavam a esconder no mato. Uma noite um pouco de tempo depois, o seu pai acordou-os e disse para

explains, this is something they did in those days before the war, but nowadays the government has forbidden the use of poison to catch fish.

Because of her father’s trips to Chiwambo to sell tobacco, Carolina’s family did not have problems paying the taxes (called *nsongo*) at the time. She only witnessed one uncle of hers being tied down with ropes and beaten for not being able to pay. He did not have money as he did not use to go to Chiwambo with the other men. As punishment he was forced to work at the administrative post until he had paid his debt.

Carolina’s favourite memories from her childhood are the *masanje* that she used to have in the bush with the other kids. The girls would catch grasshoppers and other insects, and the boys would catch small birds. They would then prepare and eat these together with *chima*.

Participation in the liberation struggle

As Carolina remembers, it took some time before she heard the name FRELIMO. When people first started talking about the war, they were saying that the *wanya njomba* were coming. These rumours started only a short time before the Portuguese troops began evacuating the population of the area to the *waya* in Luwila. This camp was fenced off with barb wire and it only had one entrance.

At night in the camp Carolina’s father told his family that he knew how to get to the *wanya njomba* who were hiding in the bush. One night soon afterwards her father woke them up and told them not to make any noise. He then led them to a hole in the fence and one by one they went through. After getting through they ran to

não fazerem nenhum barulho. Ele levou-os até um furo na cerca de arame e um a um eles passaram. Depois de passarem, eles correram para o rio que atravessaram e então encontraram um lugar para acamparem durante a noite. Conforme amanheceu eles continuaram a correr até chegarem ao Monte Nkuya, que era tão longe que eles sabiam que os portugueses não conseguiriam ir até lá. Lá, enquanto começavam a construir palhotas, eles encontraram soldados da FRELIMO. Estes soldados disseram-lhes que eram eles que estavam a fazer a guerra, e que eles estavam a lutar para forçar os portugueses a deixar o seu país em paz. No início, Carolina foi recrutada para carregar comida desde a povoação até à base, mas ela então disse ao seu pai que ela também queria juntar-se às guerrilhas. Ela recorda de ter ficado tão impressionada com os soldados e as suas armas que também quis ser como eles.

Na Base Central em N’tiringwe o primeiro treino começava com bambu. Os recrutas usavam cordas para fazerem alças para as suas varas, para poderem praticar carregá-las às costas como se fossem armas. Depois deste treino rudimentar, as recrutas femininas ficavam a saber que iam ser mandadas para Nachingwea para treinarem com armas verdadeiras. Quando o segundo grupo de meninas foi enviado para ser treinado em Nachingwea, para o final de 1967, o nome de Carolina também foi chamado. Em Nachingwea ela treinou por seis meses com instrutores chineses. Aí elas aprenderam não só a disparar armas de fogo mas também tiveram aulas de política sobre os objectivos da guerra.

Antes de ir treinar para Nachingwea, Carolina já trabalhava no posto de socorro. Isso foi antes do hospital central ter sido construído. Regressando a Moçambique depois do treino,

the river which they crossed and then found a place to set up camp for the night. As the morning dawned they continued running until they reached Mount Nkuya, which was so far that they knew the Portuguese would not make it there. There, as they started building huts, they encountered FRELIMO soldiers. These soldiers told them that they were the ones making war, and they were fighting to force the Portuguese to leave their country in peace. In the beginning Carolina was recruited to carry food from the population to the base, but then she told her father that she also wanted to join the guerrillas. She remembers being so impressed by the soldiers and their weapons that she also wanted to be like them.

At the Central Base in N’tiringwe the training first started with bamboo sticks. The recruits used rope to make sling belts for their sticks so they could practice carrying them on their backs like real weapons. After this rudimentary training, the female recruits were told that they would be sent Nachingwea to train with real weapons. When the second group of girls was sent for training in Nachingwea towards the end of 1967, Carolina’s name was also called. In Nachingwea she trained for six months with Chinese instructors. There they not only learned to fire weapons but also had political lessons on the objectives of the war.

Already before going for training to Nachingwea, Carolina was working at the first aid post. This was before the central hospital was built. Returning to Mozambique after the training, she continued working in the health sector. She first worked as a first aid nurse until she took a course at the central hospital in 1972 to become a midwife and a nurse. At the time she herself was pregnant, and she gave birth to her second child. While Carolina had two children during the war, she did not get to take care of

ela continuou a trabalhar na saúde. Trabalhou primeiro como socorrista, até ter feito um curso no hospital central em 1972, tornando-se parteira e enfermeira. Na altura ela estava grávida também, e deu à luz o seu segundo filho. Apesar de Carolina ter tido duas crianças durante a guerra, ela não cuidou de nenhuma delas. Assim que faziam um ano de idade, as crianças eram enviadas para o infantário, onde era cuidadas por outras DFs até ao final da guerra.

Vida depois da independência

Depois da independência, Carolina continuou a trabalhar no hospital central em N’sawisi. Em 1977 ela foi transferida para Marrupa, onde ela trabalhou no hospital por alguns meses, até ser transferida para Kandulo. Em 1979 ela foi transferida para Lichinga e daí para Cuamba, onde foi desmobilizada em 1980. Mesmo depois da sua desmobilização, Carolina continuou trabalhando nos quartéis, na área da saúde. Em 1981 ela foi transferida pra Lichinga. Um pouco depois começou a receber a sua pensão.

Hoje em dia Carolina sente-se em casa em Lichinga porque, como explica, ela consegue ir até à sua *machamba* e transportar comida de lá para a sua casa na cidade, onde come com as suas crianças. Ela também consegue visitar a sua família em Muembe. De momento ela tem dez filhos e trinta netos. Apesar de ela conseguir assegurar a família, ela defende que a pensão que recebe não é suficiente, tendo em conta o trabalho duro que ela fez durante a guerra e tudo o que ela sofreu no mato. Como ela lamenta, ‘apesar de termos sofrido para acabar com a pobreza, a pobreza continua até aos dias de hoje.’

them. As soon as they turned one, they were sent to the *infantário* where they were taken care of by other DFs until the end of the war.

Life after independence

After independence, Carolina continued working at the central hospital in N’sawisi. In 1977 she was transferred to Marrupa, where she worked at the hospital for some months until she was transferred to Kandulo. In 1979 she was transferred to Lichinga and from there to Cuamba where she was demobilized in 1980. Even after her demobilization Carolina continued working in healthcare at the barracks. In 1981 she was transferred to Lichinga. Soon after she started receiving her pension.

These days Carolina feels at home in Lichinga because, as she explains, she manages to go to her *machamba* and to transport the food from there to her house in the city to eat with her children. She also manages to go visit her family in Muembe. She has ten children and thirty grandchildren these days. While she manages to take care of her family, she argues that the pension she receives is not enough considering the tough work she did during the war and the way she suffered in the bush. As she laments, ‘while we suffered to end poverty, the poverty is continuing until today.’



Carolina Saide com a sua filha mais nova em Lichinga.
Carolina Saide with her youngest daughter in Lichinga.

Catarina Mbuana

133

Catarina Mbuana nasceu em Lugenda, em Mecula, em 1955. O seu pai, Ndelemaní Ciyoka, nasceu em Cabo Delgado. Ele mudou-se para Lugenda quando se casou com a mãe de Catarina. Nessa altura ele trabalhava como caçador e viajava com os brancos. A sua mãe, ce-mbiti-Adi, morreu durante o parto, juntamente com o seu irmão gémeo.

Memórias de infância antes da guerra

Catarina cresceu na casa da sua avó, mas foi criada pela sua irmã mais velha. Ela recorda com afecto como o seu pai tinha um carinho especial por ela, e de eles terem uma relação muito



Catarina Mbuana was born in Lugenda, in Mecula, in 1955. Her father Ndelemaní Ciyoka was born in Cabo Delgado. He moved to Lugenda when he married Catarina’s mother. At the time he was working as a hunter and travelling with the whites. Her mother Ce-mbiti-Adi died in childbirth with her twin brother.

Memories of childhood before the war

Catarina grew up in her grandmother’s house, but she was brought up by her older sister. She fondly remembers how her father was especially affectionate towards her, and they had a very close relationship. With her friends she was more

próxima. Com os seus amigos ela era mais difícil. Catarina lembra sorrindo como era uma criança que brincava mal e que não se entendia bem com as suas colegas.

A família de Catarina vivia muito próxima do rio Lugenda. Eles tinham as suas *machambas* nas margens do rio, e bebiam a água do rio. Assim que cresceu um pouco, Catarina começou também a ir pescar e matar peixe no rio. Como se recorda, tinha uma boa vida. O seu pai, avós e a irmã mais velha capinavam e traziam comida para casa para a alimentar. Eles capinavam milho, *mapira*, feijão jugo e mandioca. As bananas eram a sua comida preferida. Ela ia para o mato com as suas amigas fazer *masanje*, e aí preparava bolos com bananas e farinha de milho, cozinhando-os numa panelinha que o pai lhe tinha dado.

Os avós de Catarina cultivavam algodão para venda, e o dinheiro que ganhavam pagava os impostos. Nessa altura eles eram bastante auto-suficientes e não precisavam de dinheiro para muito mais.

Os avós dela contavam que antigamente eles não tinham *capulanas*, mas que as pessoas costumavam fazer roupas a partir de *mawondo*. Nessa altura para sal usavam *mijejela*, que é uma árvore que cresce no rio. Eles costumavam queimar essa árvore e usar a cinza como sal na sua comida. Nesse tempo também não tinham panelas e pratos como os de agora, mas outros feitos de barro. Isto é o que a Catarina ouvia dos seus avós.

Participação na luta de libertação

Na altura em que os boatos sobre a guerra se começaram a espalhar, os mais velhos decidiram que era melhor as pessoas deixarem a aldeia e

difficult. Catarina recalls with amusement how she was a naughty child who used to fight a lot with the other children.

Catarina’s family lived very close to the river. They had their *machambas* on the banks of the river, and they drank from the river. When she grew up a bit, Catarina also used to catch fish on the river. As she remembers, it was a good life. Her father, grandparents and her older sister were farming the land and bringing food home for her to eat. They grew maize, *mapira*, *jugo* beans and manioc. Plantains were her favourite food. With her friends she would go for *masanje* into the bush where she would prepare cakes with plantain and maize flour, cooking them in the little pot her father had gotten for her.

Catarina’s grandparents also grew cotton to sell, and this money paid the taxes. At the time they were quite self-sufficient and did not need money for much else.

Her grandparents told her about the old days when they did not have *capulanas* but people used to make clothes out of *mawondo*. In those days for salt they used *mijejela*, which is a tree that grows by the river. They used to burn this tree and use the ash as salt in their food. Also back then they did not have pots and plates like now but ones made out of clay. This is what Catarina heard from her grandparents.

Participation in the liberation struggle

At the time when rumours about the war started to spread, the elders decided that it was best for the people to leave the village and move to the smaller islands on the Lugenda River. As it was summer and the water was low, the population

134

mudarem para as ilhas mais pequenas do rio Lugenda. Como era verão e a água estava baixa, a população espalhou-se por estas ilhas, uma família por ilha. Como a Catarina recorda, menos de um ano passou até as guerrilhas que acampavam perto virem pedir ao seu tio que ele deixasse duas meninas solteiras da sua aldeia se juntarem a eles. O seu tio deu autorização, mas quando os guerrilheiros chegaram à aldeia descobriram que as meninas tinham fugido para o mato. Foi então que eles começaram a bater no seu tio até que a mãe e a tia dela trouxeram as meninas para os guerrilheiros, porque ficaram com medo que eles matassem o tio de Catarina. A partir daí as meninas foram levadas para a Base Central de N’tiringwe.

Catarina recorda ter tido muito medo no início, quando foi capturada pelos soldados. Eles só a levaram e não lhe explicaram nada. Contudo, na base central ela encontrou muitas mulheres jovens vestindo uniformes e com armas. Ela recorda pensar que também queria se tornar como elas.

Quase imediatamente, assim que chegou na base ela foi envidada para fazer treino militar em Nachingwea. Isto foi em 1967, e Catarina fazia parte do segundo grupo de jovens mulheres a serem enviadas para treinar em Nachingwea. Como ela se recorda, rastejar era a parte mais difícil do seu treino, mas acabou por se habituar. Em Nachingwea começou também a receber aulas políticas.

Depois de treinar, Catarina foi enviada de novo para a Base Central. Aí o seu trabalho envolvia transportar material de guerra da Tanzânia para Moçambique e ir mobilizar a população. Para além do mais, como ela descreve, as DFs também acompanhavam os soldados masculinos em missões de combate, durante as quais as suas tarefas

spread out across these islands, one family per island. As Catarina remembers, less than a year passed before the guerrillas who were camping close by came to her uncle asking that he let the two unmarried girls in his village to join them. Her uncle gave permission, but when the guerrillas came to the village they found that the girls had run away into the bush. This is when they started to beat her uncle until her mother and aunt brought the girls to the guerrillas as they were afraid the guerrillas would kill Catarina’s uncle. From there the girls were taken to the Central Base of N’tiringwe.

Catarina remembers being very afraid in the beginning when she was captured by the soldiers. They just took her and did not explain anything to her. However, at the central base she encountered a lot of girls wearing uniforms and carrying arms. She remembers thinking that she also wanted to become like them.

Almost immediately when she arrived at the base, she was sent for military training to Nachingwea. This was in 1967, and Catarina was in the second group of girls sent for training in Nachingwea. As she remembers, crawling was the most difficult part of her training, but eventually she got used to it. In Nachingwea she also started receiving political lessons.

After her training, Catarina was sent back to the Central Base. There her work involved carrying war material from Tanzania to Mozambique and going to mobilize the population. Moreover, as she describes, the DFs also accompanied the male soldiers on combat missions during which their job was to deliver the ammunition, mobilize and cook. When the men went to fight, the DFs stayed behind in a nearby location to cook for the men. During the war, Catarina also worked at the Base of Katembe in N’sawisi (which was a base

eram entregar as munições, mobilizar e cozinhar. Quando os homens iam combater, elas ficavam para trás, mas perto, para preparar comida para os soldados masculinos. Durante a guerra, A Catarina também trabalhou na Base de Katembe em N’sawisi (que era uma base feminina), na Base Central em N’sawisi, e na Base de Cayimiti em Marrupa.

Vida depois da independência

Hoje em dia a Catarina vive em N’sawisi e tem seis filhos. Não consegui realizar uma terceira entrevista com Catarina sobre a sua vida depois da guerra, porque ela estava doente e a tentar receber cuidados médicos na Tanzânia, quando a vim visitar pela última vez.

for women), the Central Base in N’sawisi, and the Base of Cayimiti in Marrupa.

Life after independence

These days Catarina lives in N’sawisi and has six children. I did not manage to conduct a third interview with Catarina about her life after the war as she was sick and seeking treatment in Tanzania when I came to visit her for the last time.



Catarina Mbuana em frente à sua casa em N'sawisi, Mavago.
Catarina Mbuana in front of her house in N'sawisi, Mavago.



O local histórico da Base Beira em N'kalapa, Mavago.
The 'historical locale' of Base Beira in N'kalapa, Mavago.

Celina Saide



139

Celina Saide nasceu em Mpelia, em Marrupa, 1947. O nome da sua mãe é Amina Wayiti. O seu pai, Ce-Sayidi, morreu quando era pequena, e ela não sabe o seu nome completo.

Memórias de infância antes da guerra

Enquanto a Celina crescia, os seus pais ensinaram-na a trabalhar. Como ela conta:

Celina Saide was born in Mpelia, in Marrupa, in 1947. Her mother’s name is Amina Wayiti. Her father Ce-Sayidi died when she was small, and she does not know his full name.

Memories of childhood before the war

When Celina was growing up her parents taught her how to work. As she narrates:

‘Eles ensinavam-nos: “Vocês devem varrer, vão cartar água. Vamos! Devem pilar.” Porque há muito tempo atrás nós pilávamos milho, batendo com um pilão, esmagando esse milho. Eles ensinavam como lavar os pratos. Assim é como os nossos mais velhos nos ensinavam. Eles ainda não nos ensinavam a capinar porque ainda éramos antes de crescer.’

Os pais da Celina cultivavam géneros alimentares como milho, *mapira* e feijão *nhemba*. Eles também cultivavam algodão. Algumas famílias não aceitavam cultivar algodão, e essas famílias tinham problemas a pagar os impostos.

Como a Celina era muito nova nessa altura, ela não tinha muitas responsabilidades. Como se recorda, muitas vezes enquanto os adultos trabalhavam, ela e os seus amigos fugiam para brincar. As suas memórias favoritas deste período são de fazer *masanje* e de dançar. Eles tinham uma dança de saltar à corda especial, que todas as crianças costumam fazer. Por vezes eles ficavam tão envolvidos nos seus jogos que falhavam a hora de jantar. Contudo, a sua mãe sempre guardava comida para ela. Quando chegava a casa, tomava um banho e comia. Como se lembra afectuosamente, a sua mãe tomava bem conta dela.

Celina não ia à escola nessa altura. Vivia em Mpelia, e a escola mais perto era no posto administrativo de Marrupa. Ela nem sabia que esta escola existia. No geral, as pessoas da sua família não viajavam muito, e Celina apenas ouvia falar de pessoas que tinham ido à Niassalândia e a Tanganica. Ela ouvia dizer que nesses sítios a vida

‘They were teaching us: “You have to sweep, go fetch water. Let’s go! You have to pound maize.” Because a long time ago we pounded maize, we pounded using a mortar, crushing that maize. They taught us how to wash plates. Like this our elders were teaching us. They weren’t teaching us to farm yet because we were still too young.’

Celina’s parents cultivated food crops such as maize, *mapira* and *nyemba* beans. They also grew cotton. Some families did not accept growing cotton, and those families had difficulties with paying the taxes.

As Celina was so young at the time, she did not have many responsibilities. As she remembers, often when the adults were working, she and her friends would run away to play. Her favourite memories of the time are of *masanje* and of dancing. They had a special rope jumping dance that the children used to play. Sometimes they were so involved in their games that they missed dinner time. However, her mom always saved food for her. When she arrived home, she would take a bath and eat. As she fondly remembers, her mother took good care of her.

Celina did not go to school at the time. She lived in Mpelia, and the closest school was at the Marrupa administrative post. Back then she did not even know that this school existed. In general, people in her family did not travel much and Celina only heard of other people who had gone to Nyasaland and Tanganyika. She heard that life in these places was beautiful and people had cars. But Celina, even when she was playing with her

140

era bela e as pessoas tinham carros. Mas Celina, mesmo quando estava a brincar com os seus amigos, não se aventurava para muito longe de sua casa. Uma das razões era porque na área onde vivia eles tinham problemas com leões.

Participação na luta de libertação

Celina ouviu pela primeira vez notícias da guerra que se aproximava dos seus mais velhos. Nessa altura a sua família vivia em Lugenda. Apenas uns meses depois de ouvir estes boatos, as guerrilhas apareceram na sua aldeia e levaram a população para o mato.

Depois de viverem no mato com a população por cerca de dois anos, Celina, juntamente com outras jovens, foi recrutada para as guerrilhas. Como ela recorda:

‘Um ano passou e então um segundo e estes soldados apareceram, e eles levaram-nos, as meninas. “Vamos para a Tanzânia.” [Nós perguntamos:] “Fazer o quê na Tanzânia?” Eles disseram: “Treinar. Devem ir para a Tanzânia, vocês vão treinar.” Eles levaram-nos para a base. Da base nós viajamos até à Tanzânia.’

Assim que as meninas foram recrutadas, elas foram levadas para a Base Central de N’tiringwe. Aí elas começaram a receber aulas de política, e aprenderam canções. As suas tarefas envolviam coisas como transportar água e cozinhar. Ficaram na base apenas por um curto período

friends, did not venture very far from her house. One reason was that in her home area they used to have problems with lions.

Participation in the liberation struggle

Celina first heard news about the approaching war from her elders. At the time her family was living in Lugenda. Only a few months after hearing these rumours, the guerrillas appeared in their village and took the population to the bush.

After living in the bush with the population for about two years, Celina, together with other youngsters, was recruited to join the guerrillas. As she remembers:

‘One year passed and then the second and those soldiers appeared, and they took us, us the girls. “Let’s go to Tanzania.” [We asked:] “To do what in Tanzania?” They said: “To train. You have to go to Tanzania, you are going to train.” They took us to the base. From the base we travelled to Tanzania.’

When the girls were first recruited they were taken to the Central Base of N’tiringwe. There they started receiving political lessons, and they were taught songs about the revolution. Their tasks involved things such as carrying water and cooking. They stayed at the base for only a short time before they were taken to Tanzania for training. Celina was part of the second group of girls who was sent from Niassa to Nachingwea. She remembers that she was crying all the way

antes de serem enviadas para treinar na Tanzânia. Celina fez parte do segundo grupo de meninas a serem enviadas de Niassa para Nachingwea. Ela recorda que chorou o caminho todo para Nachingwea, mesmo enquanto as meninas mais velhas a tentavam aconselhar e fazer sentir melhor. Eventualmente, com a ajuda das suas amigas, começou a se acostumar à vida militar.

Depois de treinar por seis meses, Celina foi enviada para a Base Central de N’sawisi. De acordo com ela, no começo as mulheres também tinham de participar no combate com as suas armas. Contudo, depois, os oficiais decidiram que as DFs não tinham que participar no tiroteio. Eles tinham medo que as DFs fossem mortas. O seu argumento era que as DFs não conseguiam correr tão bem como os homens. Durante a guerra, as principais tarefas das DFs envolviam transportar material de guerra da Tanzânia para Moçambique. Quando as DFs participavam em combate, elas apenas transportavam a munição para os homens soldados, e não se envolviam no tiroteio. Outras DFs ficavam para trás na base a cozinhar para os soldados, para que estes tivessem comida quando regressavam.

Depois de trabalhar por um pouco na base, a Celina foi escolhida para trabalhar como socorrista no hospital central de N’sawisi. Aí tratava de soldados feridos e evacuava os casos mais sérios para a Tanzânia. Ela descreve o seu trabalho nestas palavras:

Eu era uma socorrista. Aqueles doentes vinham, e eu os recebia. Eles eram transportados para o hospital e eu os tratava. Eu dava água para tomarem banho, tratava as suas feridas, e os levava para dormir na sala. Eu fazia assistência o tempo todo. Algumas vezes nós dormíamos lá para monitorizar a sua situação, a situação daqueles que estavam mais gravemente feridos.

to Nachingwea, even while the older girls were trying to make her feel better. Eventually with the help of her friends she started to get used to military life.

After her six-month training, Celina was sent to the Central Base of N’sawisi. According to her, in the beginning the women also had to participate in combat with their weapons. However, later, the officers decided that the DFs were not to participate in the shooting. They were afraid that the DFs would be killed. Their argument was that the DFs could not manage to run as well as the men. During the war the DFs’ main tasks involved carrying war material from Tanzania to Mozambique. When the DFs participated in combat, they only carried the ammunition for the male soldiers and did not engage in the shooting. Other DFs stayed behind at the base to cook for the soldiers, so they would have food when they returned.

After working some time at the base, Celina was chosen to work as a first aid nurse at the central hospital in N’sawisi. There she took care of the injured soldiers and evacuated the more seriously injured to Tanzania. She describes her work in these words:

I was a first aid nurse. Those sick people came, and I received them. They were taken to the hospital and I treated them. I gave them water to take a bath, treated their wounds, and took them to sleep in the hall. I watched over them all the time. Other times we even slept there to monitor their situation, the situation of the ones who were most badly wounded.

Vida depois da independência

Depois de a guerra acabar, Celina foi transferida para Lichinga onde ficou durante dois anos até ser desmobilizada. Como se recorda, a sua experiência de regressar à vida civil foi difícil porque ela se tinha habituado a que na tropa tratassem das suas necessidades básicas: alimentando, vestindo e dando alojamento a todos eles. Também foi difícil aprender a cultivar depois da guerra. Antes da guerra tinha sido nova demais para aprender. Quando se mudou para Mavago ela já tinha duas crianças. Felizmente, a mãe de Celina ainda estava viva, e ela a ensinou a capinar. Mas como Celina recorda, levou muito tempo a se acostumar a trabalhar na *machamba*.

Celina ainda não recebe a sua pensão. Apenas em 2014 recebeu a informação de que os seus documentos tinham sido processados. Hoje em dia a sua cabeça está cheia de ideias sobre o que irá fazer quando finalmente começar a receber a sua pensão. Por exemplo, ela quer construir uma casa melhorada e empregar pessoas para trabalhar na sua *machamba*, para que assim a possa expandir e fazer produzir mais. No total ela tem sete filhos. Como também tem netos, ela quer que a sua casa tenha dois quartos: um para ela dormir e outro para os seus netos. Como ela lamenta, os seus sonhos de uma vida boa ainda não se materializaram.

Life after independence

After the war ended, Celina was transferred to Lichinga where she stayed for about two years before she was demobilized. As she remembers, her experience of returning back to civilian life was difficult as she had gotten used to the army taking care of their basic needs: feeding, clothing and housing them. It was also difficult to learn to cultivate after the war. Before the war she had been too young to learn. When she moved to Mavago she already had two children. Fortunately, Celina's mother was still alive, and she taught her how to farm. But as Celina recalls, it took her a long time to get used to working in the *machamba*.

Celina has not yet received her pension. Only in 2014 did she receive information that her documents had been processed. These days her head is filled with ideas of what she will do when she finally starts receiving her pension. For instance, she wants to build a *casa melhorada* and employ people to work on her *machamba* so she can expand and produce more. Altogether she has seven children. Also, as she has grandchildren, she wants her house to have two rooms: one for her to sleep in and one for her grandchildren. As she laments, her dreams of a good life have not yet become a reality.



Celina Saide rodeada de família em Mavago-Sede, Mavago.
Celina Saide surrounded by family in Mavago-Sede, Mavago.

Fátima Issa Chipande



Fátima Issa Chipande nasceu em Litupula, em Mavago, 1946. O seu pai foi Issa Chipande e a sua mãe Aluna Lupale.

Memórias de infância e da juventude antes da guerra

A mãe da Fátima morreu quando ela era muito nova, e ela foi criada pela irmã mais nova da sua mãe. Quando era muito pequena, a sua família mudou de Litupula para o rio Likwesi. As crianças ajudavam as suas mães a ir buscar água ao rio e a juntar lenha, tendo depois tempo para brincar. Quando era criança, Fátima adorava dançar. Como ela recorda, a dança que achava mais bonita era a dança *sikiri*.

Fátima Issa Chipande was born in Litupula, in Mavago, in 1946. Her father was Issa Chipande and her mother Aluna Lupale.

Memories of childhood and youth before the war

Fátima’s mother died when she was very young, and she grew up with her mother’s younger sister. When she was very small her family moved from Litupula to the river Likwesi. The children would help their mothers by fetching water from the river and collecting firewood, after which they had time to play. As a child, Fátima loved to dance. As she remembers, the most beautiful dance for her was the *sikiri* dance.

Naqueles dias, a família da Fátima tinha uma *machamba* onde cultivava milho, feijão, *mapira* e feijão jugo. Também criava galinhas. Como Fátima lembra, a sua comida preferida era *chima*, arroz e papaia. Como recorda, ninguém passava fome na sua aldeia. Eles eram capazes de se sustentar graças às suas *machambas*. A sua família também conseguia pagar sempre os seus impostos a tempo. Eles faziam dinheiro cultivando tabaco e o vendendo-o em Chiwambo.

Participação na luta de libertação

A Fátima casou antes da guerra, mas ela e o seu marido não conseguiram viver juntos por muito tempo até que a guerra começou. Durante a guerra, o seu marido fugiu para o Malawi. Ela recorda que foi através do Régulo Kawunga Nampalya que as pessoas da sua aldeia ouviram falar primeiro sobre a guerra. Como ela conta:

Foi esse régulo que falou na aldeia. Foi esse régulo que nos disse tudo. Ele disse que a guerra está a chegar ao país. Durante esta guerra, é possível que nós não vamos viver na aldeia. É possível que nós entremos no mato.

Uma noite, não muito depois dessas notícias, os soldados da FRELIMO chegaram à aldeia e evacuaram a população para o mato onde eles tinham estabelecido uma base chamada Namiciga. Contudo, como eles não tinham comida lá, algumas pessoas tinham de regressar às antigas aldeias para ir buscar a comida que tinham deixado para trás. Foi assim que os soldados portugueses descobriram a sua localização no mato, e a população foi forçada a mudar para um outro lugar chamado Sakalanje. Aí eles conseguiram abrir *machambas* e

In those days Fátima’s family had a *machamba* where they grew maize, beans, *mapira* and *jugo* beans. They also kept chicken. As Fátima recalls, her favourite food at the time was *chima*, rice and papaya. As she remembers, no one went hungry in her village. They were all able to sustain themselves through their *machambas*. Her family also always managed to pay their taxes on time. They made money through cultivating tobacco and selling it in Chiwambo.

Participation in the liberation struggle

Fátima got married before the war, but she and her husband did not get to live together for a long time before the war started. During the war, her husband fled to Malawi. She remembers that it was through Chief Kawunga Nampalya that people in her village first started hearing about the war. As she narrates:

It was this chief that talked in the village. It was this chief who told us everything. He said that the war is coming to this country. During this war, it is possible that we won’t live in the village. It is possible that we will enter the bush.

One night, not long after this news, the FRELIMO soldiers arrived in their village and evacuated the population to the bush where they had established a base called Namiciga. However, as they did not have food there, some people had to return to their old villages to get the food that they had left behind. This is how the Portuguese soldiers discovered their location in the bush, and the population was forced to move to another place called Sakalanje. There they managed to open *machambas* and to cultivate food. Fátima

cultivar comida. Fátima recorda ter ficado lá junto com a família por aproximadamente um ano até ter entrado para a vida militar.

Fátima tinha muito medo quando foi levada para a Base Beira. Como ela descreve, ela não sabia para onde os soldados a estavam a levar e o que é que ia fazer lá. Os novos recrutas não ficaram na base por muito tempo, pelo contrário, foram quase imediatamente levados para a Tanzânia. Fátima recorda que no seu grupo havia vinte meninas e dez rapazes. Nessa altura receberam também algumas aulas de política, como ela se lembra:

Eles falaram connosco sobre o objectivo dizendo que a guerra que os mais velhos estavam a dizer que estava a vir era aquela que nós estávamos a lutar agora. Estamos a lutar pelo nosso país, para nós mandarmos, para nós vermos se vamos ter independência, para eles nos darem independência, sim. Nós temos que expulsar os portugueses para nós termos o nosso país.

Fátima treinou no primeiro grupo de DFs de Niassa, em 1967. Depois do seu treino de seis meses, ela foi colocada na Base Central. O seu trabalho envolvia transportar material de guerra da Tanzânia para as bases em Moçambique. Ela também recorda ter participado em três combates.

Durante a guerra, Fátima também foi mãe pela primeira vez. Ela recorda como foi difícil enquanto estava grávida. Houve um ataque à base, e todos os seus colegas fugiram em diferentes direcções. Ela acabou ficando escondida no mato por uma semana, com uma outra DF, até elas serem capazes de encontrar o caminho de volta para a base. Quando elas regressaram à base, os seus colegas no começo desconfiaram delas, como

remembers staying there together with her family for about a year before she was recruited for military life.

Fátima was very frightened when she was taken to Base Beira. As she describes, she did know where the soldiers were taking her and what she was going to do there. The new recruits did not stay at the base for long, instead almost immediately they were taken to Tanzania. Fátima remembers that in her group there were twenty girls and ten men. At the time they were also given some political lessons, as she remembers:

They talked to us about the objective saying that the war that the elders were saying that is coming is the one that we are now fighting. We are fighting for our country, for us to rule, for us to see if we will have independence, for them to give us independence, yes. We have to expel the Portuguese for us to take our country.

Fátima trained in the first group of DFs from Niassa in 1967. After her six-month training she was stationed at the Central Base. Her work involved carrying war material from Tanzania to the bases in Mozambique. She also remembers participating in three combats.

During the war, Fátima also became a mother for the first time. She remembers how she had a tough time when she was pregnant. There was an attack at the base and all her colleagues fled in different directions. She ended up hiding in the bush for a week with one other DF before they found their way back to the base. When they returned to the base, their colleagues were first suspicious of them as they thought that they were working for the enemy.

As she remembers, she was transferred between different bases during the war. The bases where she worked for longer periods were the

se eles pensassem que elas estavam a trabalhar para o inimigo.

Como recorda, ela foi transferida entre diferentes bases durante a guerra. As bases onde trabalhou por períodos mais longos foram a Base Central, Base Ngaselo, e Base Cayimiti em Marrupa.

Vida depois da independência

Depois da guerra Fátima foi transferida primeiro para o quartel em Marrupa. Em Marrupa ela foi seleccionada para um curso de costura, e aprendeu a coser usando uma máquina de costura. Ela ficou em Marrupa por cerca de dois anos até ser desmobilizada. O seu marido ex-combatente tinha entretanto sido transferido para Maputo, por isso ela seguiu-o até lá. Passado mais ou menos um ano, ele foi transferido para Mocímboa da Praia, em Cabo Delgado. Enquanto vivia em Mocímboa da Praia, ela adoeceu e o seu marido trouxe-a de volta para o Niassa. Mais tarde ela procurou tratamento na Tanzânia, ficando lá até ao fim da guerra da RENAMO, depois da qual ela mudou para Mavago, para ficar perto da sua irmã.

Hoje em dia Fátima tem uma *machamba* onde consegue produzir que chegue para alimentar a sua família e ainda vender uma parte da sua produção. Ela começou a receber a sua pensão há sete anos atrás. Há cinco anos atrás ela conseguiu construir uma pequena casa, o que a faz muito feliz. Ela ainda sonha ter uma *moagem*, que a ajudaria ainda mais a sustentar a família. Ela tem dois filhos, mas também oito enteados que pertencem ao seu falecido marido, com quem ela casou em Mavago. Hoje em dia, como ela diz, ela é feliz por viver perto da família e brincar com os seus netos.

Central Base, Base Ngaselo, and Base Cayimiti in Marrupa.

Life after independence

After the war Fátima was first transferred to the military barracks in Marrupa. In Marrupa she was selected for a sewing course, and she learned to sew using a sewing machine. She stayed in Marrupa for about two years before she was demobilized. Her ex-combatant husband had meanwhile been transferred to Maputo so she followed him there. After about a year, he was transferred to Mocímboa da Praia in Cabo Delgado. While she was living in Mocímboa da Praia, she became ill and her husband brought her back to Niassa. Later she sought treatment in Tanzania, staying there until the end of the RENAMO war, after which she moved to Mavago to stay close to her sister.

These days Fátima has a *machamba* where she manages to produce enough to feed her family and even sell a part of the produce. She started to receive her pension about seven years ago. Five years ago she was able to build a small house, which makes her very happy. She still dreams of having a grinding mill, which would further help her to sustain her family. She has two children, but she also has eight stepchildren belonging to her late husband, whom she married in Mavago. These days, as she says, she is happy to live close to her family and to play with her grandchildren.



Fátima Issa Chipande em Mavago-Sede, Mavago.
Fátima Issa Chipande in Mavago-Sede, Mavago.



Regressando da machamba em Muembe.
Returning from the machamba in Muembe.



Chegando em Chiuanjota dos lados de Ligogolo.
Arriving in Chiuanjota from the Ligogolo side.

Fátima Saide Assume



Fátima Saide Assume nasceu em Sasadi, em Nzizi. O seu pai foi Saide Nsuma, e a sua mãe Adija Rayidi.

Memórias de infância e da juventude antes da guerra

Enquanto criança, Fátima recorda viver uma vida despreocupada. Ela brincava com os seus amigos, ia nadar no rio, e fazia *masanje* no mato.

Os pais de Fátima eram camponeses. Eles tinham uma *machamba* onde cultivavam colheitas como milho, feijão, mandioca e cana doce. Eles apenas cultivavam para uso próprio pois a loja mais próxima era em Muembe, que era muito longe para se chegar a pé. A sua família também criava

Fátima Saide Assume was born in Sasadi, in Nzizi. Her father was Saide Nsuma and her mother Adija Rayidi.

Memories of childhood and youth before the war

As a child, Fátima remembers living a carefree life. She played around with her friends, went swimming in the river, and had *masanje* in the bush.

Fátima's parents were farmers. They had a *machamba* where they grew crops, such as maize, beans, manioc and sugar cane. They only cultivated for personal use since the closest shop was in Muembe, which was very far to travel by foot. Her family also kept goats and chicken. In the

cabras e galinhas. No tempo antes da guerra, o seu pai costumava viajar para a Tanganica para ganhar dinheiro para pagarem os impostos. Na Tanganica ele trabalhava em plantações de sisal.

Quando Fátima era criança, as pessoas viviam em povoações familiares dispersas. Como ela recorda, todos eles viviam o mesmo tipo de vida, não havia grandes diferenças de riqueza. Ela também recorda as pessoas da sua família terem dificuldades em pagar os impostos. Nesses dias, aqueles que não conseguiam pagar os seus impostos a tempo eram amarradas pelos sipaios e levados para o centro administrativo de Muembe onde eram batidos. Os seus familiares seguiam atrás, transportando milho para vender em Muembe e os libertar.

Participação na luta de libertação

Quando a guerra começou, Fátima já era uma mulher adulta. Ela era casada, e o seu marido era um comerciante que viajava bastante entre Moçambique e a Tanganica. Ele comprava sabão e *capulanas* em Tanganica, que depois vendia em Moçambique. Eles tinham uma criança juntos, mas a criança morreu antes da guerra.

Como a Fátima recorda, quando a FRELIMO iniciou as suas actividades militares no Niassa, ela começou a ouvir boatos de que a guerra estava a chegar ao seu país. Ela diz que era algo de que os homens falavam em segredo. As mulheres apenas escutavam eles falarem por acaso, sem perceberem completamente o que se estava a passar.

Fátima recorda que foi cedo de manhã, antes de eles terem sequer matabichado, que os soldados da FRELIMO vieram evacuar a povoação para o mato. Ela não sabe a data mas

time before the war, her father used to travel to Tanganyika to earn money to pay the taxes. In Tanganyika he worked at the sisal plantations.

When Fátima was a child, people lived in dispersed family settlements. As she remembers, they all lived the same kind of life, and there were no big differences in wealth. She also remembers that people in her family had trouble paying the taxes. In those days, people who could not manage to pay their taxes on time were tied up by the *sipaios* and taken to the administrative centre of Muembe where they were beaten. Their family members then followed behind, carrying maize to sell in Muembe to liberate them.

Participation in the liberation struggle

When the war started, Fátima was already a grown-up woman. She was married, and her husband was a trader who travelled a lot between Mozambique and Tanganyika. He bought soap and *capulanas* in Tanganyika which he then sold in Mozambique. They had a child together, but the child died already before the war.

As Fátima remembers, when FRELIMO first initiated its military activities in Niassa, she started hearing rumours that a war was coming to their country. She says that it was something that men spoke about in secret. Women just overheard them talking, not really knowing what was going on.

Fátima remembers that it was early in the morning, before they had even had breakfast, when the FRELIMO soldiers came to evacuate the population to the bush. She does not know the date but she remembers that it was a Tuesday because this is what her parents told her and it stuck in her mind. That day Fátima was also

recorda que foi numa terça-feira porque foi o que os seus pais lhe disseram, e isso ficou gravado na sua memória. Nesse dia Fátima também estava separada do seu marido, que estava fora em viagem. Os soldados da FRELIMO levaram todos para longe da aldeia. Eles caminharam do amanhecer ao pôr do sol até que finalmente acamparam nas margens de um rio. Como ela recorda, nessa altura a população tinha medo da FRELIMO.

Depois de viverem no mato por algum tempo, os soldados reuniram com a população para recrutar mulheres para trabalharem como milicianas, carregando a contribuição de comida da população para a base. Fátima foi escolhida para fazer esse trabalho, e continuou a fazê-lo até que um dia lhe foi dito que ela não regressaria mais à população. Ela ficaria a viver e a trabalhar na base. O seu trabalho seria cozinhar para os soldados do sexo masculino na base. Nessa altura ela também começou a receber aulas políticas e algum treino militar.

Fátima nunca foi a Nachingwea mas treinou na base. As suas principais tarefas envolviam transportar material de guerra da Tanzânia para as bases em Moçambique. Ela chegou mesmo a participar no combate. Devido aos ataques inimigos, durante a guerra as guerrilhas mudavam de sítio e construíam novas bases o tempo todo. Fátima lembra de ter estado, por exemplo, nas bases de Lusonesi, Chai, Lutwesi e Lugwalo.

Vida depois da independência

Depois da guerra, Fátima foi transferida primeiro para o centro administrativo de Muembe, onde ficou por cerca de um ano até ser desmobilizada e mandada regressar a casa para a sua família.

separated from her husband who was away travelling. The FRELIMO soldiers took them far away from the village. They walked from dawn until dusk until they finally made camp on the bank of a river. As she recalls, at the time the population was afraid of FRELIMO.

After living in the bush for a while, the soldiers held a meeting with the population to recruit women to work as *milicianas* to carry the food contribution of the population to the base. Fátima was selected for this job, and she continued this work until one day she was told that she would no longer be returning to the population. She would be living and working at the base. Her job was to cook for the male soldiers at the base. At the time she also started to receive political lessons and some military training.

Fátima never went to Nachingwea but trained at the base. Her main tasks involved carrying war material from Tanzania to the bases in Mozambique. She even participated in combat. Due to enemy attacks, the guerrillas were moving and building new bases all the time during the war. Fátima remembers staying, for instance, at the bases of Lusonesi, Chai, Lutwesi and Lugwalo.

Life after independence

After the war Fátima was first transferred to the administrative centre of Muembe, where she stayed for about a year before she was demobilized and told to return home to her family. As her mother had fled to Malawi during the war, Fátima had to go there to find her and bring her back home to Nzizi. The rest of the family that had fled to Malawi also returned with them to Mozambique.

Como a sua mãe tinha fugido para o Malawi durante a guerra, Fátima teve de ir até lá para a encontrar e trazer de volta para casa, em Nzizi. O resto da sua família que tinha fugido para o Malawi também regressou com elas para Moçambique.

Desde então, Fátima tem vivido em Nzizi. Durante a guerra da RENAMO, as pessoas da sua aldeia se escondiam no mato sempre que ouviam que os soldados da RENAMO se aproximavam. Durante estes ataques, a RENAMO queimava a sua aldeia, e quando as pessoas regressavam do mato tinham que reconstruir as suas casas. De acordo com Fátima isso aconteceu quatro vezes.

Falando da sua vida hoje em dia, Fátima diz que o que a faz feliz são os seus filhos. Ela tem seis filhos adultos: uma mulher e cinco homens. Todos eles vivem vidas independentes. Fátima tem uma *machamba* onde cultivava bananas, cana doce, feijão e milho. Alguns anos ela tem tanto feijão que consegue vender parte da sua colheita. A única coisa que a Fátima lamenta é ainda estar à espera de receber a sua pensão.

Since then, Fátima has lived in Nzizi. During the war of RENAMO, the people from her village would hide in the bush whenever they heard that RENAMO soldiers were approaching. During these attacks, RENAMO would burn their village, and when the people returned from the bush, they had to rebuild their houses. According to Fátima, this happened four times.

Speaking about her life these days, Fátima says that what makes her happy are her children. She has six adult children: one woman and five men. They are all living their independent lives. Fátima has a *machamba* where she grows bananas, sugar cane, beans and maize. Some years she gets so much beans that she is able to sell part of produce. The only thing that Fátima laments is that she is still waiting to receive her pension.



Fátima Saide Assume em frente à sua casa em Nzizi, Muembe.

Fátima Saide Assume in front of her house in Nzizi, Muembe.

Fátima Walusa

Fátima Walusa nasceu em Ngumbale, em Chiconono, em 1947. O seu pai foi Walusa Yasini, e a sua mãe Layaga Dimedime.

Memórias de infância antes da guerra

Fátima recorda que quando era criança ela via pessoas dormir em peles de animais usando *mawondo* como cobertores. Nesses dias eles também não tinham pratos como agora, mas a *chima* era servida em peneiras: uma para os homens, e outra para as mulheres e as crianças partilharem. Ninguém comia sozinho, todos comiam juntos.

Os seus avós eram muçulmanos devotos, e costumavam ensinar as suas crianças a ler



Fátima Walusa was born in Ngumbale, in Chiconono, in 1946. Her father was Walusa Yasini and her mother Layaga Dimedime.

Memories of childhood before the war

Fátima remembers how as a child she saw people sleeping on animal skin using *mawondo* as blankets. In those days they also did not have plates like now, but *chima* was served in a broad flat straw baskets: one for the men, one for the women and one for the children to share. Nobody ate alone, but everyone ate together.

Her grandparents and parents were devoted Muslims and they used to teach their children to

o Alcorão. Eles também lhes ensinavam a importância de mostrarem respeito pelos seus mais velhos. As crianças tinham sempre que ficar de joelhos quando cumprimentavam os seus mais velhos. Quando a sua mãe as chamava elas tinham de vir ter com ela e ajoelhar enquanto esperavam pelas suas instruções. Quanto elas viam que o seu pai estava a regressar a casa e que ele carregava alguma coisa, elas tinham de correr para ele, cumprimentar, e ajudar a carregar as coisas para casa. Nesses dias, como a Fátima descreve, se os pais diziam alguma coisa, as crianças não podiam responder, tinham só que ouvir e obedecer.

Naqueles dias o trabalho era dividido de forma a que as mulheres tivessem as suas tarefas e os homens as deles. Apesar dos pais de Fátima cultivarem juntos, a sua mãe regressava a casa um pouco antes para preparar o jantar para que, quando o seu marido regressasse, a comida estivesse já à sua espera. Fátima tinha dois irmãos, e enquanto os seus pais estavam na *machamba*, os avós tomavam conta das crianças. Era da responsabilidade das crianças ir buscar água e também aquecer água para que os seus pais se lavassem quando eles regressassem da *machamba*. Fátima também costumava varrer o quintal, lavar os pratos e limpar o interior da casa.

Quando Fátima era pequena, os seus pais viajaram para Tunduru na Tanzânia para trabalhar e comprar roupas. Durante esse período as crianças ficaram com os seus avós. Como Fátima se recorda, foi pouco depois de os seus pais regressarem da Tanzânia que a guerra começou.

read the Koran. They would also teach them the importance of showing respect to their elders. The children always had to kneel down when they greeted their elders. When their mom called them they had to come to her and kneel down as they waited for her instructions. When they saw that their father was returning home and he was carrying something, they had to run to him, greet him, and help him carry the things into the house. Back in those days, as Fátima describes, if the parents said something, the children could not respond, they just had to listen and obey.

In those days the work was divided so that women had their tasks and men had their tasks. While Fátima’s parents farmed together, her mother returned home a bit earlier to prepare their dinner, so when her husband returned, the food was already waiting. Fátima had two siblings and while their parents were in the *machamba*, the grandparents took care of the children. It was the children’s responsibility to fetch water and also to heat water for their parents to wash themselves when they returned from the *machamba*. Fátima also used to sweep the yard, wash the dishes and clean inside the house.

When Fátima was a child, her parents travelled to Tunduru in Tanzania to work and to buy clothes. During this time the children stayed with their grandparents. As Fátima remembers, it was soon after her parents’ return from Tanzania that the war started.

Participação na luta de libertação

A forma como a guerra teve início na sua zona em Chiconono, como Fátima recorda, foi com as tropas portuguesas a começarem por mudar a população para a *waya* de Ligogolo. Estes grandes aldeamentos eram localizados ao pé de estradas e cercados de arame farpado para que as pessoas não pudessem escapar e se juntar às guerrilhas. Nestes acampamentos, as pessoas eram sempre acompanhadas de soldados do governo quando iam ao rio ou quando iam buscar lenha fora do campo. Como Fátima se recorda, ela viveu no campo com os seus pais e avós durante o tempo seco e o tempo das chuvas seguinte. Então uma noite os soldados da FRELIMO organizaram uma fuga do acampamento. Fátima e a sua família fizeram parte do grupo de pessoas que conseguiu escapar nessa noite.

De acordo com Fátima, eles fugiram para um sítio chamado Mateceta. No mato, os guerrilheiros seleccionaram as meninas para cozinhar e fazer outros trabalhos na base. Foi assim que Fátima foi recrutada para a vida militar. Ela treinou em Nachingwea com o primeiro grupo de meninas de Niassa em 1967.

Durante a guerra, as guerrilhas eram frequentemente atacadas, e mudavam a base muitas vezes. Como Fátima descreve, elas era caçadas como presas, e forçadas a viver no mato como animais. Por exemplo, ela recorda quando uma vez aviões de bombardeio as atacaram quando estavam numa missão de transporte de material de guerra. Enquanto elas se escondiam no mato, o seu único pensamento era sobre como conseguir sobreviver de qualquer forma.

Participation in the liberation struggle

The way that the war started in her home area of Chiconono, as Fátima remembers, was that first the Portuguese troops moved the population to the *waya* in Ligogolo. These large settlements were located next to roads and fenced off with barbed wire so that people could not escape to join the guerrillas. At these camps, the people were always accompanied by government soldiers when they went to the river or when they went to fetch firewood from outside the camp. As Fátima remembers, she lived in the camp with her parents and grandparents through the dry season to the next rainy season. Then one night the FRELIMO soldiers organized a breakout from the camp. Fátima and her family were among the people who managed to flee that night.

According to Fátima, they fled far away to a place called Mateceta. In the bush, the guerrillas selected young girls to cook and do other work at the base. This is how Fátima became recruited into military life. She trained in Nachingwea with the first group of girls from Niassa in 1967.

During the war, the guerrillas were often attacked, and they moved base a lot. As Fátima describes, they were hunted down like prey and forced to live like animals in the bush. For instance, she remembers one time when bombers attacked them when they were on a mission transporting war material. While they were hiding in the bush, their only thought was to somehow try to keep alive. During the war Fátima remembers working at the bases of N’nowi, Locesi and Lupana. As a DF her main task was to carry war material.

Durante a guerra, Fátima recorda ter trabalhado nas bases de N’nowi, Locesi e Lupana. Como DF a sua principal tarefa era transportar material de guerra.

Vida depois da independência

Quando a guerra acabou, Fátima mudou para Chiconono e casou pouco depois. Nessa altura ela já tinha uma criança, e teve mais dois filhos enquanto viveu aí. Como a sua mãe tinha sido morta durante a guerra, Fátima também ficou responsável por criar os seus irmãos mais novos. Depois de muitos anos em Chiconono, Fátima mudou para o distrito de Lichinga, onde ela vive desde então. Ela teve mais dois filhos lá. Hoje em dia ela tem vinte e quatro netos. Ela diz que é feliz vivendo em Kolongo porque vive em harmonia com o seu marido e filhos. Ela recebe a sua pensão há já três anos, mas lamenta que o dinheiro não seja suficiente para cuidar da sua grande família.

Life after independence

When the war ended, Fátima moved to Chiconono and got married soon after. At the time she already had one child, and she had two more children while living there. As her mother had been killed during the war, Fátima was also responsible for bringing up her younger siblings. After many years in Chiconono, Fátima moved to the district of Lichinga, where she has been living ever since. She had two more children there. These days she has twenty-four grandchildren. She says that she is happy living in Kolongo as they live in harmony with her husband and children. She has been receiving her pension for three years now, but she laments that the money is not enough to take care of her big family.



Fátima Walusa com o seu marido Jaime Kaukuya, em Kolongo.
Fátima Walusa with her husband Jaime Kaukuya in Kolongo.

Fátima Wesje



Fátima Wesje nasceu em Chiuanjota, em Chiconono, em 1945. A sua mãe foi Atula Ambiti Wilow, e o seu pai Weje Kanupule.

Memórias de infância antes da guerra

Como Fátima recorda, desde pequena que os seus pais lhe ensinaram a importância do trabalho agrícola. Eles explicaram que ela teria de aprender a capinar para poder um dia tomar conta da sua própria família e não sofrer.

Antes do começo da guerra, Fátima ainda era uma criança muito pequena e portanto não tem muitas memórias desse tempo. Mas ela recorda que o seu trabalho nesses dias era expulsar os

Fátima Wesje was born in Chiuanjota, in Chiconono, in 1945. Her mother was Atula Ambiti Wilow and her father Weje Kanupule.

Memories of childhood before the war

As Fátima remembers, already as a child her parents taught her about the importance of farming. They explained to her that she would have to learn to cultivate to be able to take care of her own family one day and not to suffer.

Before the start of the war, Fátima was still a young child and she does not have many memories from that time. But she remembers that her

macacos da *machamba* dos seus pais. Ela também se lembra da sua família viver numa pequena casa feita de pau a pique. O milho era guardado nesse mesmo edifício, e eles também cozinhavam e dormiam no mesmo sítio. Então as suas panelas eram feitas de barro. Antes da guerra, o seu pai costumava viajar grandes distâncias para trabalhar. Por exemplo, ele trabalhou nas minas em Joyni. Quando ele regressava, ele trazia de volta roupas e outros utensílios domésticos para a família.

Participação na luta de libertação

Conforme a guerra se espalhou pela sua zona, Fátima recorda que eles começaram a ouvir notícias de pessoas serem mortas. No mesmo ano em que começaram estes boatos, os soldados portugueses vieram e mudaram a população da sua aldeia para a *waya* em Ligogolo. Contudo, como Fátima se recorda, eles não ficaram por muito tempo no campo. Os soldados da FRELIMO logo orquestraram uma missão de salvamento durante a qual conseguiram evacuar parte da população para o mato. Junto com a sua família, ela foi primeiro levada para a Base Lumumba na fronteira tanzaniana, depois para Ciwulesi na área da Base Katembe, e por fim para Cilumba (uma ilha no rio Lugenda). Como Fátima recorda, estes foram tempos muito duros porque a população não tinha comida, e tinha de sobreviver com frutas do mato.

Quando eles entraram no mato, Fátima viveu por algum tempo com a sua mãe e três irmãos. Mas então houve um bombardeamento em Cilumba, e a sua mãe e os seus dois irmãos foram mortos. Foi então que a sua prima Teresa Amuli a levou para a Tanzânia para ficar na

job in those days was to chase the monkeys away from her parent’s *machamba*. She also remembers that her family lived in a small house made of wattle and daub. The maize was stored in the same building, and they also cooked and slept in the same place. Back then their pots were made out of clay. Before the war, her father used to travel long distances for work. For instance, he worked at the mines in Joyni. When he returned, he brought back clothes and other basic household supplies for the family.

Participation in the liberation struggle

As the war spread to her home area, Fátima remembers that they started hearing news about people being killed. The same year that these rumours started, the Portuguese soldiers came to move the population from her village to the *waya* in Ligogolo. However, as Fátima remembers, they did not stay long at the camp. FRELIMO soldiers soon orchestrated a rescue mission during which they managed to evacuate part of the population to the bush. She together with her family were first taken to the area of Base Lumumba by the Tanzanian border, then to Ciwulesi in the area of Base Katembe, and later to Cilumba (an island on Lugenda River). As Fátima recalls, these were very tough times because the population did not have food, and they had to survive on fruits from the bush.

When they first entered the bush, Fátima lived for some time with her mother and three siblings. But then there was a bombing in Cilumba, and her mother and her two brothers were killed. This was when her cousin Teresa Amuli took her to Tanzania to stay at the FRELIMO school in

escola da FRELIMO em Tunduru. Aí ela viveu por alguns anos até completar a quarta classe. Depois de completar os seus estudos, ela foi enviada para a Base Central de N’sawisi. De acordo com ela, chegou lá durante o período dos bombardeamentos de Kaúlza de Arriaga, em 1970. Na Base Central a sua principal tarefa era transportar material de guerra da Tanzânia para as bases em Moçambique. Ela também participou no combate transportando a munição dos soldados do sexo masculino. Nessa altura, os soldados também tinham *machambas* onde produziam a sua própria comida.

Vida depois da independência

Depois de a guerra acabar, Fátima não ficou na base por muito tempo. Ela foi logo transferida para Marrupa, onde viveu dois anos até ser transferida para Lichinga. Lá, foi desmobilizada e mandada viver com a sua família. Foi então que veio até Chiuanjota, onde tem vivido desde então. Ela tem a sua própria casa e uma grande *machamba*.

Hoje em dia ela conta aos seus filhos e netos sobre a guerra e de como as pessoas lutaram e de como muitos morreram para que as pessoas pudessem viver livres em Moçambique. Ela defende que hoje é especialmente importante que os jovens estudem, para poderem construir uma vida melhor para si e suas famílias.

Tunduru. There she lived for some years until she completed fourth grade. After finishing her studies, she was sent to the Central Base of N’sawisi. According to her, she arrived there during the time of the bombings of Kaúlza de Arriaga in 1970. At the Central Base her main job was to carry war material from Tanzania to the bases in Mozambique. She also participated in combat carrying the ammunition for the male soldiers. At the time, the soldiers also had *machambas* where they produced food for themselves.

Life after independence

After the war ended Fátima did not stay at the base for long. She was soon transferred to Marrupa, where she lived for two years before she was transferred to Lichinga. There she was demobilized and told to go and live with her family. This is when she came to Chiuanjota, and she has lived here ever since. She has her own house and a big *machamba*.

These days she talks to her children and grandchildren about the war and how people fought and how many died so that people could live freely in Mozambique. She argues that these days it is especially important for the young people to study so that they can build a better life for themselves and their families.



Fátima Wesje em frente à sua casa em Chiuanjota, Muembe.
Fátima Wesje in front of her house in Chiuanjota, Muembe.

Lúcia Bala



Lúcia Bala nasceu em Namutunungu, em Rimbagwe, Chiconono, em 1952. O seu pai foi Bala Nsonjele e a sua mãe Fátima Kapanda.

Memórias de infância antes da guerra

Quando Lúcia era ainda bebé, a sua família mudou de Chiconono para a aldeia de Ce-Mataka, em Mbalapata, Mavago. A sua mãe morreu quando ela era muito nova, e ela cresceu na casa da sua irmã mais velha.

Antes da guerra, Lúcia não tinha sequer ouvido falar de escola. Ela costumava ajudar a sua irmã com os trabalhos de casa e, depois de terminar os seus deveres, saía para brincar com

Lúcia Bala was born in Namatunungu in Rimbagwe, in Chiconono, in 1952. Her father was Bala Nsonjele and her mother Fátima Kapanda.

Memories of childhood before the war

When Lúcia was still a baby, her family moved from Chiconono to the village of Ce-Mataka in Mbalapata in Mavago. Her mother died when she was very young, and she grew up in the house of her older sister.

At the time before the war Lúcia had not even heard about school. She used to help her sister with housework, and after finishing her tasks,

os seus amigos. Como ela descreve, eles adoravam brincar junto ao rio:

‘As nossas brincadeiras, porque nós costumávamos ir . . . Se era altura, já que tínhamos cumprido os nossos trabalhos de casa e o sol já estava alto, saíamos para o rio, para a ponte, para ir tomar banho e fazer “cawo cawo”, chapinhando na água assim. Isto era o que fazíamos. Quando ficávamos cansados, regressávamos para casa para comer chima. Sim, éramos crianças.’

Eles também jogavam futebol e tinham *masanje*. Nessa altura havia bastantes animais perigosos por perto, como leões, leopardos, elefantes e grandes cobras, e as pessoas tinham medo quando andavam no mato.

O pai da Lúcia tinha uma grande *machamba*, e as suas irmãs continuaram a trabalhar lá mesmo depois de casarem. Nas margens do rio eles também tinham uma grande *machamba* de tabaco. Os homens costumavam levar o tabaco para Chiwambo, para o vender lá. Lúcia recorda o seu pai dizer como era trabalho pesado carregar tabaco em cima da cabeça. Ela não se recorda da sua família ter quaisquer dificuldades em pagar os impostos.

Participação na luta de libertação

Como Lúcia recorda, o seu régulo Ce-Ngonjile foi a primeira pessoa a começar a falar sobre a guerra. Ele avisou as suas pessoas que a guerra

she would go out to play with her friends. As she describes they loved to play by the river:

‘Our past-times, because we used to go . . . If it was time, seeing that we had done our housework and the sun was already high, we left for the river, to the bridge, to go bathe and do “cawo cawo”, splashing in the water like this. That’s what we did. When we got tired, we returned home to eat chima. Yes, we were children.’

They also played football and had *masanje*. At the time there were a lot of dangerous animals around such as lions, leopards, elephants and big snakes, and people were afraid when walking in the bush.

Lúcia’s father had a big *machamba*, and her sisters continued to work there even after they got married. On the riverbank, they also had a large *machamba* of tobacco. The men used to carry the tobacco to Chiwambo to sell it there. Lúcia remembers her father saying how it was tough work to carry the tobacco on one’s head. She does not recall her family having any difficulties paying the taxes.

Participation in the liberation struggle

As Lúcia remembers, their chief Ce-Ngonjile was the first person to start talking about the war. He warned his people that war was coming. When the guerrillas entered her village, they came in the night. They told the population that the war

estava a vir. Quando os guerrilheiros entraram na sua aldeia, eles vieram de noite. Eles disseram à população que a guerra tinha começado, e que eles tinham que sair das aldeias para o mato. Eles também lhes disseram que eles deviam deixar para trás as suas galinhas, cabritos e outras coisas, porque apenas estariam fora uma semana.

No mato, os guerrilheiros levaram a população para um local perto das margens do rio Lisawu. Era duro viver lá, porque eles não tinham muita comida. Durante a noite, a população regressava para as suas *machambas* abandonadas para ir buscar comida para comerem no seu acampamento. No mato os soldados começaram a recrutar as meninas para cozinharem para eles na Base N’noweka. Foi assim que Lúcia entrou na vida militar.

Lúcia recorda que viveu na base por alguns meses, antes das guerrilhas a levarem para a Base Central. Como lembra, no seu grupo havia dez mulheres jovens, mas ela conheceu muitas meninas na Base Central, porque outras tinham sido trazidas de Chiconono para lá. Na base, as guerrilhas começaram a informar que também as meninas tinham de treinar para se tornarem soldados e assim poderem lutar na guerra. Lúcia recorda que não ficou por muito tempo na base. Elas foram quase imediatamente enviadas para treinar em Nachingwea.

Quando atravessaram para a Tanzânia, Lúcia e duas outras meninas foram primeiro obrigadas a ficar em Masonya. Elas eram tão baixas que os soldados começaram por pensar que ainda eram crianças, e por isso demasiado novas para o treino militar. Contudo, como Lúcia recorda com um sorriso, depois de algum tempo os guerrilheiros decidiram que se tinham enganado. Aquelas meninas não eram crianças; elas eram apenas baixas.

had started, and they had to leave their villages for the bush. They also told them that they should leave their chicken, goats and other things behind because they would only be gone for a week.

In the bush the guerrillas took the population to a place by the banks of the river Lisawu. It was tough living there because they did not have much food. In the nights the population would return to their abandoned *machambas* to get food to eat at their camp. In the bush the soldiers started recruiting girls to cook for them at Base N’noweka. This is how Lúcia entered military life.

Lúcia remembers that she lived at the base for some months before the guerrillas took her to the Central Base. As she remembers, in her group there were ten girls, but she met lots of girls at the Central Base, as others had been brought there from Chiconono. At the base the guerrillas started informing them that also girls had to train to become soldiers so that they could fight in the war. As Lúcia remembers, she did not stay long at the base. They were sent for training to Nachingwea almost immediately.

When they crossed over to Tanzania, Lúcia and two other girls were first made to stay in Masonya. They were so short that the soldiers first thought that they were still children and thus too young to enter military training. However, as Lúcia laughingly remembers, after some time the guerrillas decided that they had been mistaken. These girls were not children; they were just short. Lúcia then joined the second group of recruits from Niassa in Nachingwea.

Lúcia trained in Nachingwea for six months. During this time, as Lúcia recalls, their trainers also talked about women’s role in the struggle:

Lúcia juntou-se então em Nachingwea ao segundo grupo de recrutas do Niassa.

Lúcia treinou em Nachingwea por seis meses. Durante este período, como Lúcia recorda, os seus instrutores também falavam sobre o papel das mulheres na luta:

‘Eles falavam assim: “Nós que somos mulheres, os nossos corações devem ter paciência, precisamos de ter calma. O que os homens fazem, nós também temos de fazer se é para conseguir libertar o nosso país. Não devemos ser fracas e levianas.”

Depois do seu treino, Lúcia foi colocada na base de Ngaselo, que era uma base destinada apenas ao destacamento feminino. Teresa Amuli era a comandante das DFs de lá. Depois, quando Ngaselo foi destruída pelos portugueses, as DFs foram evacuadas. Lúcia foi transferida para a base de Lutyambila que também era apenas para DFs. Era localizada próximo do rio Rovuma. Mais tarde Lúcia trabalhou no infantário, primeiro no monte Matekenya, depois em Cilolo, quando se mudou para lá, e finalmente em N’sawisi.

As principais tarefas da Lúcia durante a guerra incluíam transportar material de guerra e mobilizar a população para esta não fugir para a Tanzânia, mas sim ficar no mato e apoiar as guerrilhas. Lúcia participou no combate apenas uma vez. Como ela recorda, foi numa missão de emboscada, e o seu trabalho era carregar a munição para os soldados.

Para além dos bombardeamentos e da luta, a fome foi uma das experiências mais duras que eles tiveram de suportar durante a guerra. Como a Lúcia descreve:

‘They talked like this: “We that are women, our hearts need to have patience, we need to be calm. What the men do, we also have to do the same if we are to manage to liberate our country. We shouldn’t be weak and soft.”

After her training, Lúcia was stationed at the Base of Ngaselo, which was a base only for the female detachment. Teresa Amuli was the commander of the DF there. Later when Ngaselo was destroyed by the Portuguese, the DFs were evacuated. Lúcia was moved to the base of Lutyambila which was also only for DFs. It was located close to the Rovuma River. Later Lúcia worked at the *infantário*, first at Mount Matekenya, then in Cilolo when it moved there, and then finally in N’sawisi.

Lúcia’s main tasks during the war included the transportation of war material and the mobilization of the population not to flee to Tanzania but to stay in the bush and support the guerrillas. Lúcia participated in combat only once. As she remembers, it was an ambush mission, and her job was to carry the ammunition for the male soldiers.

Apart from the bombings and fighting, hunger was one of the toughest experiences they had to endure during the war. As Lúcia describes:

‘I, when I was in the war, what I felt painful: We were forced to eat the roots of those plants from the bush, eating makulumu and eating ngwekwe, when we were running in the war hungry, when these our knees were tired. That’s what I experienced being difficult.’

‘Eu, quando eu estava na guerra, o que eu vi doer: Nós éramos forçados a comer as raízes das plantas do mato, comendo makulumu e comendo ngwekwe, quando andávamos a correr na guerra com fome, quando estes nossos joelhos estavam cansados. Isso foi o que eu vi ser difícil.’

Vida depois da independência

Pouco após o final da guerra, Lúcia foi transferida para Marrupa, onde ela trabalhou no infantário por um par de anos até ser desmobilizada. Depois de regressar à vida civil, ela viveu com a sua família em Mavago por um pouco, e depois em Cuamba por cerca de cinco anos, até se mudar de novo para Mavago.

Hoje em dia Lúcia vive com o seu marido, filhos e netos em Mavago. A sua rotina gira em torno das suas *machambas* e hortas, mas ir até à mesquita também é uma actividade importante para ela. Um par de anos atrás, Lúcia conseguiu construir a sua própria casa. Hoje em dia cinco dos seus netos vivem com ela. No total ela teve oito filhos, mas apenas quatro sobreviveram até hoje. O que ela ensina aos seus filhos e netos é a importância de estudarem, bem como de trabalharem na *machamba* para produzir comida para se sustentarem.

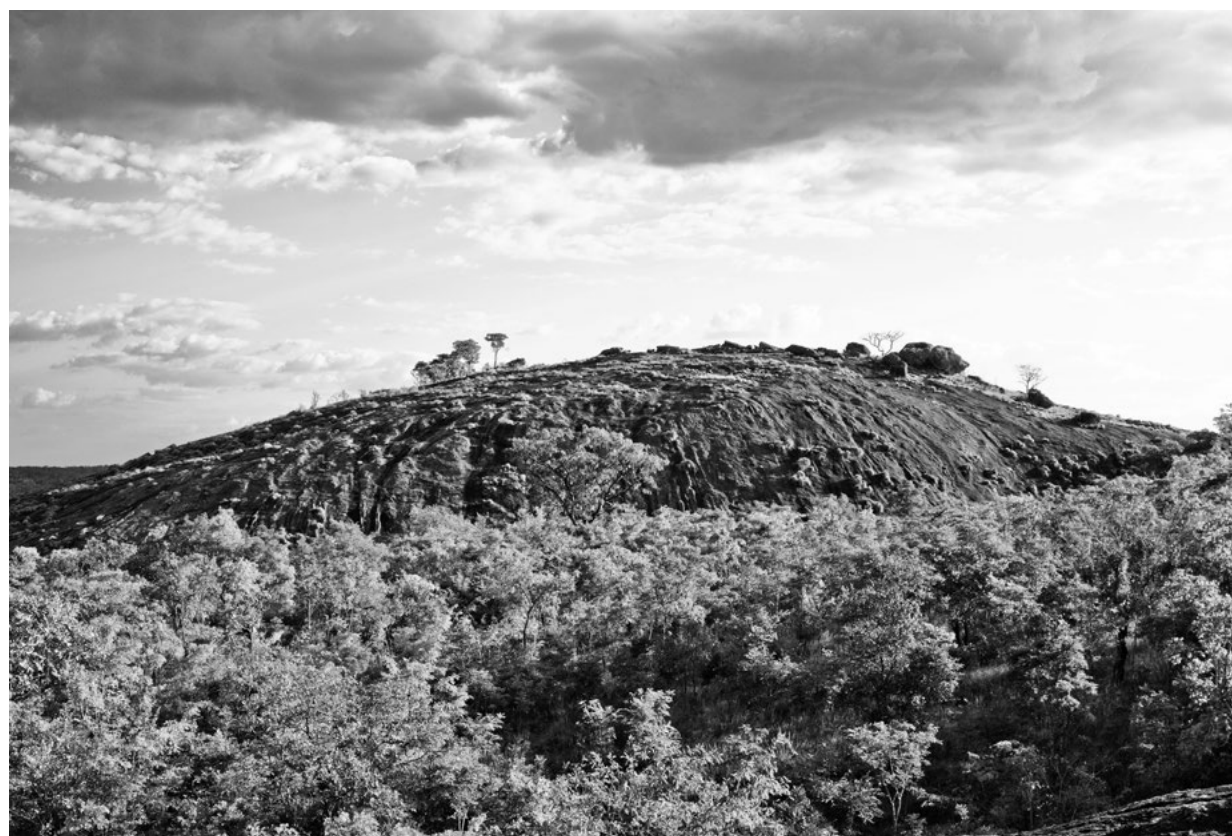
Life after independence

Soon after the war ended, Lúcia was transferred to Marrupa, where she worked at the *infantário* for a couple of years before she was demobilized. After returning to civilian life, she lived with her family in Mavago for a while, then in Cuamba for about five years, before she moved back to Mavago.

Nowadays Lúcia lives with her husband, children and grandchildren in Mavago. Her movement mostly revolves around her *machambas* and *hortas* but going to the mosque is also an important activity for her. A couple of years ago, Lúcia managed to build her own house. These days five of her grandchildren live with her. Altogether she had eight children but only four survived to this day. What she teaches her children and grandchildren is the importance of studying as well as working in the *machamba* to produce food to sustain themselves.



Lúcia Bala em frente à sua casa em Mavago-Sede, Mavago.
Lúcia Bala in front of her house in Mavago-Sede, Mavago.



A colina sagrada de Mbalapata, em Mavago.

The sacred hill of Mbalapata in Mavago.

Maria Issa

Maria Issa nasceu na aldeia de Ce-Nkwinda perto do rio Lutwatisi, em Mavago, em 1950. O seu pai foi Issa Kalambo, e a sua mãe Lúcia Kadeweile.

Memórias de infância antes da guerra

Maria recorda o seu lugar de infância ser belo porque, como ela descreve, não havia sofrimento lá. Eles viviam perto de um rio, e as suas vidas giravam em torno desse rio: as crianças costumavam brincar lá, e os mais velhos faziam armadilhas de bambu para apanhar peixe nas suas águas. Assim eles tinham sempre peixe para comer. Neste local eles também tinham mangueiras que o seu avô havia plantado, e que tinham crescido até



Maria Issa was born in the village of Ce-Nkwinda by the river Lutwatisi, in Mavago, in 1950. Her father was Issa Kalambo and her mother Lúcia Kadeweile.

Memories of childhood before the war

Maria remembers her childhood place as beautiful because, as she describes, they had no suffering there. They lived close by a river, and their lives revolved around that river: The children used to play there, and the elders used to make traps out of bamboo and catch fish in its waters. This way they always had fish to eat. In this place they also had mango trees that her grandfather

se tornarem bastante grandes. Como ela lembra afectuosamente, todas as mulheres costumavam reunir debaixo das árvores para conversar e passar o tempo juntas. Também corria uma ventania boa nesse lugar. Com os seus amigos, costumava brincar num baloiço que tinham feito com corda. Outras vezes ela e os seus amigos traziam comida e panelas de casa e organizavam um *masanje* no mato. Por vezes eles chegavam a trazer esta comida para os seus mais velhos comerem.

Nesses dias, os seus pais tinham uma *machamba* onde capinavam milho, feijão, amendoim, feijões *jugo*, batata doces, e um pouco de *mapira* e de cana doce. Eles também tinham uma *machamba* de tabaco. O seu pai transportava esse tabaco para Chiwambo, em Quelimane, para aí o vender. De lá ele comprava roupas, *capulanas* e sal.

Como antes da guerra a Maria ainda era muito nova para trabalhar na *machamba*, ela ajudava a sua mãe com os trabalhos de casa. Ela lavava os pratos, varria o quintal, pilava o milho e preparava a farinha. Pela manhã, antes de sair para a *machamba*, a sua mãe costumava deixar feijões a cozinhar no fogo, e cabia à Maria vigiar para que eles cozinhassem bem e não queimassem. Quando a sua mãe regressava da *machamba*, ela encontrava os feijões cozinhados e todas as tarefas cumpridas, e as crianças fora, a brincar. Então a sua mãe preparava a comida e chamava para virem comer quando ficava pronto. A mãe de Maria não tinha tido muitas crianças, e apenas duas haviam sobrevivido à primeira infância. Maria recorda que por essa razão a sua mãe tinha muito cuidado com ela, e ela não tinha de trabalhar muito.

had planted, and which had grown to be really big. As she fondly remembers, all the women used to gather under the trees to chat and spend time together. There was also a nice breeze in that place. With her friends they used to play on a swing they had made from rope. Other times she and her friends would take food and pots from home and organize a *masanje* in the bush. Sometimes they would even bring this food to their elders to eat.

In those days her parents had a *machamba* where they grew maize, beans, peanuts, *jugo* beans, sweet potatoes, and a bit of *mapira* and sugar cane. They also had a *machamba* of tobacco. Her father carried this tobacco to Chiwambo in Quelimane to sell there. From there he brought clothes, *capulanas* and salt.

As before the war Maria was still too young to work in the *machamba*, she helped her mother with the housework. She cleaned the plates, swept the yard, pounded the maize and prepared the flour. In the morning before taking off to the *machamba*, her mother used to leave beans to cook on the fire, and it was Maria’s job to watch over them so that they cooked well and did not burn. When her mom returned from the *machamba*, she would find the beans cooked and all the other tasks done, and the children out playing. Then her mother would prepare the food and call them to eat when it was ready. Maria’s mother did not have many children, and only two had survived past early childhood. For this reason, as Maria remembers, her mother was very careful with her and she did not have to work too much.

Participação na luta de libertação

Maria ouviu pela primeira vez falar da guerra que se aproximava dos seus mais velhos. Então, uma noite as guerrilhas apareceram e levaram a população para o mato. Nessa altura Maria era tão nova que não percebia o que se estava a passar, porque é que tinham que partir, e para onde iam. Ela lembra apenas de ter tido medo. Lá no mato eles também ouviram as notícias de que o Régulo Ce-Ciryano tinha morrido nos bombardeamentos em Majune.

No mato, os guerrilheiros reuniram com a população e pediram que lhes entregassem meninas para arranjam comida e cozinham para eles na base. Cerca de dez meninas foram levadas para a Base N’noweka nessa altura. Na base, os guerrilheiros começaram a mobilizar as meninas e a dizer porque é que estavam no mato e como iam lutar para libertar o país. Também lhes foi dito que, como eram crianças, seriam enviadas para a Tanzânia para estudar. Enquanto esperavam para serem enviadas para a Tanzânia, o seu trabalho era cozinhar comida para as guerrilhas, de forma a que quando os guerrilheiros regressassem para a base, depois de uma missão, eles tivessem comida que comer. Durante este período, como Maria recorda, eles mudaram de N’noweka para Magumbeje e então finalmente para Nsipu, onde a Base Central se localizava nessa altura. Daí as meninas foram finalmente enviadas para a Tanzânia.

Na Tanzânia, as meninas ficaram na escola em Tunduru por apenas cerca de uma semana. Como Maria recorda, então disseram que elas podiam escolher ficar em Tunduru a estudar, ou que podiam ir para Nachingwea treinar.

Participation in the liberation struggle

Maria first started hearing about the approaching war from her elders, then one night the guerrillas showed up and took the population to the bush. At the time Maria was so young that she did not understand what was going on, why they had to leave, and where they were going. She just remembers being afraid. There in the bush they also heard the news that Chief Ce-Ciryano had died in the bombing in Majune.

In the bush the guerrillas held a meeting with the population and asked them to give them girls to arrange food and cook for them at the base. About ten girls were taken to Base N’noweka at that time. At the base the guerrillas started mobilizing the girls and telling them why they were in the bush and how they were going to fight to liberate the country. They were also told that as they were children they would be sent to Tanzania to study. While they were waiting to be sent to Tanzania, their job was to cook food for the guerrillas so that when the guerrillas returned back to the base after a mission, they would have food to eat. During this time, as Maria remembers, they moved from N’noweka to Magumbeje and then finally to Nsipu where the Central Base was located at the time. From there the girls were finally sent to Tanzania.

In Tanzania the girls stayed for only about a week at the school in Tunduru. As Maria remembers, they were told that they could choose to stay in Tunduru and study or they could go to Nachingwea to train. However, those who wanted to study would have to stay in Tanzania while those who went for training would be sent back to Mozambique, where they would get to live with

Contudo, aquelas que quisessem ficar a estudar tinham de ficar na Tanzânia, enquanto aquelas que fossem treinar seriam enviadas de volta para Moçambique, onde poderiam viver com os seus pais. Este foi o argumento que levou as meninas a escolher Nachingwea. Em Nachingwea, como Maria descreve, elas receberam aulas de política, e depressa perceberam que não iam regressar para as suas famílias. Elas perceberam que iam regressar para Moçambique para lutar pela libertação do país. Maria treinou com o primeiro grupo de meninas do Niassa, em 1967.

Depois de treinar, Maria foi enviada de novo para Moçambique e posicionada na Base Central de N’tiringwe. Aí, o seu trabalho era mobilizar a população e recrutar mais mulheres. Na base ela ajudava a treinar essas meninas até elas estarem prontas para serem enviadas para Nachingwea. Como Maria descreve, apesar de terem que tomar algumas meninas à força, muitas se ofereciam como voluntárias, porque ficavam muito impressionadas ao verem uma mulher de uniforme com a sua arma.

Mais tarde Maria foi transferida para trabalhar como socorrista no hospital central em N’sawisi. Ela havia recebido treino de primeiros socorros em Nachingwea. Maria continuou a trabalhar como socorrista até ao final da guerra. Ela trabalhou no hospital central, mas também foi enviada para trabalhar em outras bases que não tinham as suas próprias enfermeiras. Para além de trabalhar como socorrista, Maria também tinha outras tarefas, como ir em missões para carregar material de guerra. Imediatamente após ter chegado de Nachingwea, ela participou também num combate, que teve lugar quando o inimigo queimou as reservas alimentares da população.

their parents. This was the reasoning that led the girls to choose Nachingwea. In Nachingwea, as Maria describes, they received political lessons and they soon realized that they were not going to return to their families. They understood that they were going to return to Mozambique to fight in order to liberate the country. Maria trained in the first group of girls from Niassa in 1967.

After training Maria was sent back to Mozambique and stationed at the Central Base of N’tiringwe. There her job was to mobilize the population and recruit more women. At the base she helped train these girls until they were ready to be sent to Nachingwea. As Maria describes, while they had to take some girls by force, many girls volunteered as they were very impressed by seeing a woman in uniform with her weapon.

Later Maria was transferred to work at the central hospital in N’sawisi as a first aid nurse. She had received first aid training in Nachingwea. Maria continued working as a first aid nurse until the end of the war. She worked at the central hospital but she was also sent to work at other bases that did not have their own nurses. In addition to working as a first aid nurse, Maria also had other tasks such as going on missions to carry war material. Just after arriving from Nachingwea, she also participated in one combat that took place when the enemy had burnt the food storages of the population.

Vida depois da independência

Quando a guerra acabou, Maria foi transferida para o quartel do destacamento feminino em Marrupa. Uns meses após a independência, foi dito a todas as DFs casadas que deviam ir e estar com os seus maridos. Maria foi transferida para Cuamba onde o seu marido estava destacado nessa altura. Depois de alguns anos em Cuamba, quando o seu marido foi transferido para Lichinga, Maria foi transferida com ele. Em Lichinga foi desmobilizada. Mas, passado aproximadamente um ano, ela foi chamada de novo para vir trabalhar no quartel. Aí o seu trabalho era cozinhar para os soldados do governo que estavam a lutar contra a RENAMO. Quando a guerra civil acabou, ela continuou a trabalhar no quartel até que começou a receber a sua pensão.

Quando Maria recebeu a sua pensão ela começou imediatamente a construir a sua casa. Hoje em dia a sua casa ficou pequena demais, porque a sua família cresceu ao longo dos anos. No total Maria teve dez filhos, mas apenas sete sobreviveram até hoje. Quando chegou a primeira vez a Lichinga o seu bairro era quase no mato, mas agora está cheio de casas e há pouco espaço para construir casas novas. Como ela diz, ela gostaria de ter outro talhão onde pudesse construir outra casa e deixar esta para um dos seus filhos. O problema para ela, como para muitos outros ex-combatentes, é que a sua pensão não chega, e não cobre todas as suas necessidades, mesmo enquanto ela continua a trabalhar nas suas *machambas*.

Life after independence

When the war ended, Maria was transferred to the barracks of the female detachment in Marrupa. A few months after independence, all the married DFs were told that they should go and be with their husbands. Maria was transferred to Cuamba where her husband was stationed at the time. After a few years in Cuamba, when her husband was transferred to Lichinga, Maria was transferred with him. In Lichinga she was demobilized. But after about a year she was called upon again to come and work at the barracks. There her job was to cook for the government soldiers fighting against RENAMO. When the civil war ended, she continued working at the barracks until she started receiving her pension.

When Maria received her pension, she immediately started building her house. These days her house has become too small as her family has grown over the years. Altogether Maria had ten children but only seven survived to this day. When she first arrived in Lichinga, her *bairro* (neighbourhood) was almost in the bush, but now it is full of houses and there is little space to build new houses. As she says, she would like to get another piece of land where she could build another house and leave this one for her children. The problem for her, as for many other ex-combatants, is that her pension is not enough, and it does not to cover all her needs, even while she still continues working on her *machambas*.



Maria Issa em frente à sua casa em Lichinga.

Maria Issa in front of her house in Lichinga.

Maria Kambongwe

Maria Kambongwe nasceu em Matukuta, em Majune, em 1950. O seu pai foi Kambongwe Saide, e a sua mãe Lidia Saide.

Memórias de infância antes da guerra

Enquanto criança pequena, Maria vivia na casa da sua avó. Quando cresceu um pouco, ela foi para uma madraça. Para além dos trabalhos escolares, ela também ajudava os seus pais com os trabalhos de casa enquanto eles iam para a *machamba*. Quando eles estavam a trabalhar na *machamba*, a sua tarefa era pilar o milho e cozinhar *chima* para os seus pais comerem quando regressassem a casa.



Maria Kambongwe was born in Matukuta, in Majune, in 1950. Her father was Kambongwe Saide and her mother Lidia Saide.

Memories of childhood before the war

As a small child, Maria lived in the house of her grandmother. When she grew up a bit, she attended a *madrasa*. Aside her school work she also helped her parents with the housework as they went to the *machamba*. When they were working in the *machamba*, her task was to pound the maize and cook *chima* for her parents to eat when they got home.

Na sua *machamba*, os pais da Maria cultivavam várias coisas, como por exemplo, amendoim, milho, *mapira*, arroz, feijão *jugo* e feijão *nkute*. Também criavam patos, galinhas e cabritos. Maria recorda que a sua comida preferida na altura era arroz com folhas de abóbora cozinhadas em água com sal.

O seu pai também cultivava tabaco que vendia na Niassalândia. Como Maria recorda, o seu pai falava do sofrimento que implicava viajar nessa altura. Ele descrevia como nessas viagens ele dormia mal e chegava a passar fome. Por vezes, quando eles tinham que viajar durante o tempo chuvoso, eles ficavam completamente encharcados.

Participação na luta de libertação

Maria recorda ter ouvido dos seus pais as primeiras notícias sobre a guerra. Eles avisaram que a guerra estava a chegar e que não tardava muito até toda a gente ter que fugir para o mato. Então, um dia as tropas portuguesas entraram na sua aldeia, e todos fugiram. Como a Maria lembra, muitas pessoas foram mortas nesse dia.

As pessoas tinham de viver escondidas no mato. Como a Maria recorda, o primeiro sítio onde eles ficaram era chamado Ntenga. No mato a população construiu palhotas, mas estava constantemente a mudar de um lugar para o outro, fugindo das tropas e dos bombardeamentos. Os pais da Maria foram os dois mortos durante este primeiro ano.

Quando a população estava a viver no mato há cerca de um ano, os soldados da FRELIMO começaram a recrutar jovens para se juntarem às guerrilhas. O recrutamento era compulsório.

In their *machamba* Maria’s parents grew many things, for instance, peanuts, maize, *mapira*, rice, *jugo* beans and *nkute* beans. The also kept ducks, chicken and goats. Maria remembers that her favourite food at the time was rice with pumpkin leaves cooked in water with salt.

Her father also grew tobacco which he sold in Nyasaland. As Maria remembers, her father spoke of the suffering that travelling involved at the time. He described how on these trips they would sleep badly and even suffer from hunger. Sometimes when they had to travel during the rainy season, they would get completely wet.

Participation in the liberation struggle

Maria remembers hearing the first news about the war from her parents. They warned her that war was coming and soon everyone would have to flee to the bush. Then one day the Portuguese troops entered their village, and they all fled. As Maria remembers, many people were killed that day.

People had to live hiding in the bush. As Maria recalls, the first place where they stayed was called Ntenga. In the bush the population built huts. But they were constantly moving from one place to another, fleeing the troops and the bombings. Maria’s parents were both killed during this first year.

When the population had been living in the bush for about a year, the FRELIMO soldiers started to recruit young people to join the guerillas. It was compulsory recruitment. However, as Maria describes, she was still so young that she was not thinking much about anything. She was just afraid that she would be killed. The recruits were first taken to the Base of Cosme and after

Contudo, como Maria descreve, ela ainda era tão nova que não pensava muito sobre nada. Ela apenas tinha medo de ser morta. Os recrutas foram primeiro levados para a Base de Cosme, e depois disso para a Base Central, em N’tiringwe. Nesta base, os soldados começaram a mobilizar, dizendo que não tinham de ter medo, que a guerra iria acabar e que todos seriam livres. Passados alguns meses na base, os recrutas foram trazidos para Nachingwea.

Depois de acabar o seu treino em Nachingwea, Maria foi enviada para a Base Central. Daí ela foi enviada para Tunduru para estudar, e ficou lá por aproximadamente três anos. Depois de Tunduru ela foi transferida para a Base N’kalapa, e depois de novo para a Base Central. Aí na base, o trabalho das DFs era mobilizar a população. Outras vezes elas transportavam material da Tanzânia para as bases em Moçambique.

Maria diz que nas bases havia pouca diferença entre os trabalhos dos homens e das mulheres. Tanto os homens como as mulheres cozinhavam e pilavam milho. As mulheres participavam mesmo no combate. Contudo, como a Maria descreve, as mulheres não se envolviam no tiroteio, a sua principal tarefa era transportar munição para os soldados.

Vida depois da independência

Maria casou com o seu marido combatente em 1975, e seguiu com ele para Maputo. Depois de um par de anos lá, o seu marido foi transferido para a Beira, depois para a Zambézia, depois para Cuamba. Maria ficou em Cuamba por um longo período, por muitos anos. Quando o seu marido morreu, ela decidiu mudar para Lichinga, onde nessa altura vivia o seu irmão.

that to the Central Base of N’tiringwe. At the base the soldiers started mobilizing them, saying that they need not be afraid, the war would end and they would be free. After some months at the base, the recruits were taken to Nachingwea.

After finishing her training in Nachingwea, Maria was sent to the Central Base. From there she was then sent to Tunduru to study, and she stayed there for about three years. After Tunduru she was transferred to Base N’kalapa and then again back to the Central Base. There at the base the job of the DFs was to mobilize the population. Other times they would carry material from Tanzania to the bases in Mozambique.

Maria says that there was little difference between men’s and women’s work at the bases. Both men and women cooked and pounded maize. Women even participated in combat. However, as Maria describes, women did not engage in fire-fight, their main job was to carry the ammunition for the male soldiers.

Life after independence

Maria married her combatant husband in 1975 and followed him to Maputo. After a couple of years there, her husband was transferred to Beira, then to Zambézia, then Cuamba. Maria stayed in Cuamba for a long time, for many years. When her husband died, she decided to move to Lichinga, where her brother was living at the time.

She started receiving her pension in 2005. With the help of this pension, she has been able to build her own house. These days she lives there together with her grandchildren.

Sometimes the grandchildren ask her about her experience in the war. Then she describes

Ela começou a receber a sua pensão em 2005. Com a ajuda dessa pensão, ela foi capaz de construir a sua própria casa. Hoje em dia ela vive lá com os seus netos.

Por vezes os netos perguntam pelas suas experiências durante a guerra. Ela descreve então como sofreram na guerra, como tiveram que dormir e comer mal, e como sofreram com pio-lhos e outros bichos e insectos do mato. Os seus netos fazem muitas perguntas. Por exemplo, eles perguntam se, quando lutavam contra as tropas coloniais, as balas atingiam mesmo as pessoas. ‘Sim, atingiam’, ela responde. ‘Era a guerra e as pessoas morriam.’

Hoje em dia a sua maior esperança é que os seus filhos e netos estudem muito e que vivam em paz para que não tenham nunca de ver nenhuma das coisas que ela experienciou no mato.

to them how they suffered in the war, how they ate and slept badly, and how they suffered from lice and other bugs and insects in the bush. Her grandchildren also ask a lot of questions. For instance, they ask if, when fighting the colonial troops, the bullets actually hit people. ‘Yes, they did’, she responds. ‘It was war and people died.’

These days her biggest hope is for her children and grandchildren to study well and to live in peace so that they never have to see any of the things that she experienced in the bush.



Maria Kambongwe em frente à sua casa em Lichinga.
Maria Kambongwe in front of her house in Lichinga.

Maria Mota

Maria Mota nasceu em Litunde, em Majune. O seu pai foi Mota Mbwana, e a sua mãe Lúcia Binadi.

Memórias de infância e da juventude antes da guerra

O pai da Maria era um sipaio. Como a Maria explica, ele controlava a produção de algodão e o pagamento de impostos. Como o seu pai vivia em Lichinga (então Vila Cabral), era a sua mãe que cuidava a maior parte das vezes de Maria. Da sua mãe, por exemplo, ela aprendeu a construir casas. Ainda hoje, como ela afirma com orgulho, ela consegue construir a sua própria casa. Por outro lado, como a sua mãe tinha perdido muitas



Maria Mota was born in Litunde in Majune. Her father was Mota Mbwana and her mother Lúcia Binadi.

Memories of childhood and youth before the war

Maria's father was a *sipaio*. As Maria explains, he controlled the production of cotton and the payment of taxes. As her father lived in Lichinga (then Vila Cabral), it was her mother who mainly looked after Maria. From her mother she, for instance, learned to build houses. Even today, as she proudly states, she is able to build her own house. Also, as her mother had lost many children, she was especially affectionate towards Maria. She

crianças, ela era especialmente afectiva em relação a Maria. Ela queria que ela estivesse perto e não a deixava dormir na casa da avó, apesar de ser no mesmo quintal. Para além do mais, Maria não estava autorizada a fazer nenhum trabalho pesado.

Maria recorda viver uma infância feliz, apesar de, quando pensa sobre isso agora, perceber que a sua mãe provavelmente passou dificuldades para cuidar de tudo para as suas crianças. As recordações mais gostosas que a Maria tem desse período são focadas nas mangueiras e papaieiras que os seus mais velhos tinham plantado. Enquanto crianças tinham sempre mangas e papaias para comer. Ela também se lembra com afecto de um jogo que costumava brincar com as suas três melhores amigas, em que elas fingiam que um irmão mais novo era seu filho. Elas então diziam aos seus irmãos para lhes chamarem de mãe e fingiam cozinhar *chima* de *matope* (lama) para eles; elas também fingiam fazer uma celebração de *unhago* (iniciação) para eles. Como recorda com um sorriso, como ela não tinha irmãos mais novos, ela pedia um emprestado às suas amigas para este jogo de faz de conta.

Conforme ia crescendo, Maria começou a aprender a trabalhar na *machamba* da sua mãe. A sua mãe também cultivava algodão para vender numa aldeia chamada Matukuta, onde um branco chamado Alfredo tinha uma loja. Tudo o resto que cultivavam era para o seu próprio uso. Nesses dias antes da guerra, Maria tinha dois tios que viajavam para Joyni para trabalhar lá nas minas. Até o seu pai viajou para lá uma vez, antes de começar a trabalhar como sipaio.

Maria casou e teve um filho antes do começo da guerra.

wanted to keep her close and did not let her sleep in the house of her grandmother, though it was in the same yard. Moreover, Maria was not allowed to do any heavy work.

Maria remembers living a happy childhood, although thinking about it now, her mother probably had a difficult time taking care of everything for her children. Maria's favourite memories of that time focus on the mango and papaya trees that their elders had planted. As children they always had mangoes and papayas to eat. She also fondly remembers a game they used to play with her three best friends in which they would pretend that a younger sibling was their child. They would then tell their sibling to call them their mum and they would pretend cook *chima* for them from *matope* (mud); they would also pretend to hold an *unhago* (initiation) celebration for them. As she laughingly remembers, as she did not have a younger sibling, she would borrow one from her friends for this game of make belief.

As she grew up, Maria started to learn to work in her mother's *machamba*. Her mother also cultivated cotton to sell at a village called Matukuta, where a white man called Alfredo had a shop. Everything else they cultivated was for their personal consumption only. In those days before the war, Maria had two uncles that travelled to Joyni to work in the mines there. Even her father travelled there once before starting to work as a *sipaio*.

Maria married and had a child before the start of the war.

Participação na luta de libertação

Um ano antes das guerrilhas virem à aldeia de Maria e levarem a população para o mato, eles começaram logo a ouvir boatos de que ataques e actividades militares estavam a ter lugar em diferentes localidades. Como Maria conta, eles também ouviram que havia pessoas no mato que não tinham um nome e que tinham pêlos como os animais. Quando os guerrilheiros finalmente chegaram, as pessoas perceberam que tal não era verdade. Eles também eram pessoas, e eles agiam como amigos. Os guerrilheiros disseram à população para os chamarem *wanya njomba*. Também os avisaram que os aviões viriam, e que quando eles viessem, as pessoas precisavam se deitar no chão para se esconderem. Se corressem, seriam mortas.

Pouco tempo depois, os bombardeiros chegaram, e ao mesmo tempo os portugueses acamparam perto de Ntelela. Nessa altura, como Maria descreve, os soldados começaram a capturar as pessoas para trabalharem para eles. Eles também começaram a levar as pessoas para os aldeamentos, por exemplo, em Chiconono. Esta foi uma altura em que muitas famílias foram separadas. Enquanto toda esta agitação tinha lugar, a mãe de Maria decidiu fugir para o Malawi, e ela levou com ela, para a segurança, a criança de Maria. Por sua vez, Maria foi para o mato com a população que fugiu com a FRELIMO.

No mato, Maria foi recrutada pela FRELIMO, ao começo para transportar farinha desde a povoação até à Base de Ludi. Um pouco depois, as guerrilhas decidiram que estas meninas também precisavam de receber treino, pois de contrário os soldados portugueses facilmente as

Participation in the liberation struggle

Already about a year before the guerrillas came to Maria’s village to take the population to the bush, they started to hear rumours of attacks and military activities taking place in different locations. As Maria recounts, they also heard that there were people in the bush who did not have a name and who had fur like animals. When the guerrillas finally arrived, the people realized that this was not true. They were also people, and they acted as friends. The guerrillas then told the population to call them *wanya njomba*. They warned them that planes would be coming, and when they come, people needed to lie on the ground hiding. If they ran, they would die.

Shortly after, the bombers arrived, and at the same time the Portuguese soldiers set up camp in close by Ntelela. At the time, as Maria describes, the soldiers started capturing people to work for them. They also started taking people to the fortified villages, for instance, in Chiconono. This was a time when many families were separated. While all of this turmoil was going on, Maria’s mother decided to flee to Malawi, and she took Maria’s child with her to safety. Maria herself followed the population that fled with FRELIMO to the bush.

In the bush Maria was first recruited by FRELIMO to carry flour from the population to the base of Ludi. After a short while, the guerrillas decided that these girls also needed to receive training, otherwise the Portuguese soldiers would easily capture them. This is when Maria was sent to Mataka to Base Beira and from there to Tunduru in Tanzania. On the way they stopped by the different bases collecting more girls to take to Tanzania. As Maria remembers, the girls

capturariam. Foi então que Maria foi enviada para Mataka, para a Base Beira, e daí para Tunduru na Tanzânia. Pelo caminho eles pararam em diferentes bases recolhendo mais meninas para levar para a Tanzânia. Como a Maria recorda, as meninas tinham muito medo do que se estava a passar e muitas acabaram fugindo. Contudo, lentamente, com a educação política Maria começou a se acostumar à vida militar. É assim que ela recorda a educação política que recebeu:

Porque quando eu estava aqui em Tunduru, nós ficamos seis meses, também em Nachingwea ficamos seis meses. Então lá, com aquelas políticas, começou a nos subir, até que conseguimos perceber. E foi nessa altura que nós finalmente dissemos, ‘Aah, sim, queremos fazer a guerra.’ Nós percebemos que eles estavam a dizer que ‘Apesar de tudo, lá em Moçambique com aquelas pessoas, aquelas pessoas que tinham chegado, elas tinham chegado de um outro país? Elas estavam a fazer as nossas famílias sofrer. Elas estavam a obrigar as nossas famílias a cultivar algodão, essas pessoas.’ Mas lá, nós também ficámos convencidas que também iríamos querer participar.

Em Tunduru, antes de serem enviadas para Nachingwea, as recrutas receberam um pouco de treino rudimentar sobre como marchar. Como Maria recorda, havia cerca de vinte meninas com ela em Tunduru. Todas elas tinham saudades de casa, pois até então nunca tinham estado separadas dos seus pais daquele jeito. Elas estavam confortáveis, no sentido de que estavam a ser bem alimentadas, mas elas estavam preocupadas pensando que nunca mais veriam os seus pais.

Como Maria recorda, ela trabalhou nas seguintes bases durante a guerra: N’tiringwe, Ngaselo, perto do rio Lugenda, Base Katembe,

were very afraid of what was going on and many ended up running away. However, slowly with the political education, Maria started getting used to the military life. This is how she remembers the political education she received:

Because when I was here in Tunduru, we stayed six months, also in Nachingwea we stayed six months. So there, with that politics, it started to sink into us until we managed to understand. And it was the time that we finally said, ‘Aah, yes, we want to make war.’ We understood what they were saying that ‘After all, there in Mozambique with those people, those people that arrived, they came from another country? They are making our families suffer. They are forcing them to cultivate cotton, those people.’ But there, we also became convinced that we will also want to participate.

In Tunduru, before being sent to Nachingwea, the recruits received some rudimentary training on how to march. As Maria remembers, there were about twenty girls with her in Tunduru. They were all very homesick, as they had never been separated from their parents like this before. They were comfortable in the sense that they were being fed well, but they worried that they would never get to see their parents again.

As Maria remembers, she worked at the following bases during the war: N’tiringwe, Ngaselo by the river Lugenda, Base Katembe, Mikwinya, N’sawisi, Lutyambila, the General Base of N’kalapa. She remembers participating in combat at Ngaselo and Katembe.

Maria was vice-commander of the DF in Niassa when she left Nachingwea, but she was demoted to section commander (*chefe de secção*) when she had children. Her main task at this time

Mikwinya, N’sawisi, Lutyambila, e a Base Geral de N’kalapa. Ela lembra ter participado em combate em Ngaselo e Katembe.

Maria era a vice-comandante do DF no Niassa quando deixou Nachingwea, mas foi despromovida a chefe de secção quando teve filhos. A sua principal tarefa nessa altura era transportar material de guerra. Quando as suas crianças cresceram que chegue, foram enviadas para o infantário.

Vida depois da independência

Maria estava na Base Central de N’sawisi quando a guerra acabou. Daí foi transferida para Marrupa, onde trabalhou por alguns anos como chefe do infantário. Ela foi então transferida para Lichinga, onde foi desmobilizada. Depois disso, ela foi com o seu falecido marido ex-combatente, conforme ele era transferido de um lugar para o outro no Niassa.

Hoje em dia Maria vive em Namwanika, que é a sua residência familiar e onde ela tem a sua *machamba*, mas ela vem até Lichinga todos os meses para receber a sua pensão. Ela também tem uma casa muito pequena em Lichinga. No total Maria teve cinco filhos, mas apenas três sobreviveram até hoje. Apesar da sua pensão a ajudar a fazer bastantes coisas, tal como a pagar a empregados para trabalhar na sua *machamba*, a comprar roupas e a suportar os estudos dos seus filhos, ela lamenta que a pensão seja pequena demais para satisfazer as necessidades da sua família. Ela ainda sonha, por exemplo, construir uma casa em condições para que ela própria e as suas crianças se estabeleçam em Lichinga.

was to carry war material. When her children were old enough, they were sent to the *infantário*.

Life after independence

Maria was at the Central Base of N’sawisi when the war ended. From there she was transferred to Marrupa, where she worked for a number of years as the head of the *infantário*. Then she was transferred to Lichinga where she was demobilized. After that she followed her late ex-combatant husband as he was transferred from place to place in Niassa.

These days Maria lives in Namwanika, which is her family home and where she has her *machamba*, but she comes to Lichinga every month to receive her pension. She also has a very small house in Lichinga. Altogether Maria had five children but only three survived to this day. While this pension helps her do a lot of things, such as paying for day labourers to work on her *machamba*, buying clothes and supporting her children in their studies, she laments that the pension is too little to cover the needs of her family. For instance, she still dreams of building a proper house for herself and her children and settling down in Lichinga.



Maria Mota em frente à sua casa em Lichinga. A sua outra casa é em Namwandika.
Maria Mota in front of her Lichinga house. Her other house is in Namwandika.

Maria Yassine



189

Maria Yassine nasceu na aldeia de Ce-Nkaka, junto ao rio Lwatisi, em Mavago, em 1945. O seu pai foi Yassini Pongolani, e a sua mãe Luna Ndambwe.

Memórias de infância antes da guerra

O pai de Maria era apicultor. Ele colhia o mel das abelhas no mato. Como Maria descreve, ele preparava colmeias de casca de árvore, que colocava em árvores para que as abelhas estabelecessem as suas colónias e produzissem mel. A sua mãe era camponesa. Os seus pais tinham uma grande *machamba*, porque as pessoas vinham trabalhar para o seu pai em troca de mel. Na sua *machamba*, os

Maria Yassine was born in the village of Ce-Nkaka by the river Lwatisi, in Mavago, in 1945. Her father was Yassini Pongolani and her mother Luna Ndambwe.

Memories of childhood before the war

Maria’s father was a beekeeper. He harvested honey from bees in the bush. As Maria describes, he prepared bark hives, which he put into trees for bees to establish their colonies and produce honey. Her mother was a farmer. Her parents had a big *machamba* because people came to work for her dad in exchange for the honey. On their *machamba*, her parents grew maize, beans, *nyemba*

seus pais cultivavam milho, feijões, feijão *nyemba*, mandioca, batatas, arroz e gergelim. Eles vendiam um pouco das suas colheitas para comprarem roupas. Eles também criavam cabritos, galinhas, patos e coelhos. Nesses dias antes da guerra, os seus primos mais velhos costumavam viajar até Chiwambo para vender tabaco.

Maria tinha dois irmãos mais velhos. Quando ela era ainda pequena, a sua irmã mais velha costumava cuidar dela enquanto os seus pais trabalhavam. A sua mãe ia trabalhar para a sua *machamba* e o seu pai verificar as suas colmeias. Era da responsabilidade das crianças lavar os pratos e varrer o quintal. Depois disso, elas podiam brincar. As meninas brincavam *ndodo* e os rapazes jogavam futebol. Eles também gostavam de fazer *masanje*, como ela descreve:

‘Os nossos jogos: as nossas mães davam feijões, elas acendiam o fogo na lareira, e davam panelas de barro, aquelas feitas de barro. E diziam, “Podem cozinhar a vossa masanje aqui.” E então cozinávamos com as nossas amigas. E também nos davam sal para por quando ficava cozinhado. Quando ficava pronto, nós tirávamos do fogo e dividíamos entre nós e comíamos. Isto é o que eu me lembro.’

Participação na luta de libertação

Maria recorda ter ouvido pela primeira vez notícias da guerra que se aproximava dos seus

beans, manioc, potatoes, rice and sesame. They sold a bit of their produce to buy clothes. They also kept goats, chicken, ducks and rabbits. In those days before the war, her elder cousins used to travel to Chiwambo to sell tobacco.

Maria had two older siblings. When she was small, her older sister took care of her as her parents worked. Her mother would go to work on her *machamba* and her father would go check on his hives. The children’s responsibility was to wash the dishes and sweep the yard. After that they could play. The girls played *ndodo* and the boys played football. They also liked having *masanje*, as she describes:

‘Our past-times: these our mothers they gave us beans, they lit the fire in the fireplace, and gave us clay pots, those made out of clay. And they told us, “You can cook your masanje here.” So we cooked with our friends. And they gave us salt to put there when it had cooked. When it was ready, we took it of the fire and divided it amongst us and ate. This is what I remember.’

Participation in the liberation struggle

Maria remembers hearing the first news about the approaching war from her grandparents. They told her that there were people in the bush who were coming to take them there also. As she remembers, she had just come back from *unhago* when the FRELIMO soldiers entered her village

190

avós. Eles disseram que havia pessoas no mato que estavam a vir para os levarem também para lá. Como ela recorda, ela tinha acabado de vir do *unhago* quando os soldados da FRELIMO entraram na sua aldeia e evacuaram a população. No mato, eles explicaram o que se estava a passar como Maria descreve:

‘Eles disseram: “Vocês, nós estamos a vir para cá, os da FRELIMO. Nós queremos fazer guerra e por causa disso entrámos no mato, e nós somos muitos soldados. Agora vocês têm de ser humildes, sim. Vocês têm de ser humildes, e nós vamos encontrar um sítio para vocês viverem.”

Os guerrilheiros levaram a população para muito longe da sua aldeia, primeiro para Likongola e depois para Cilola. Maria não ficou por muito tempo lá na população. Passado pouco tempo foi recrutada, juntamente com uma outra jovem, para trabalhar na base. Elas foram primeiro levadas para a Base Central de N’sawisi, e depois disso para a Tanzânia. Como Maria recorda, elas receberam algum treino rudimentar perto da fronteira com a Tanzânia, antes de serem enviadas para Nachingwea para treinarem em condições.

Depois de treinar, Maria foi enviada primeiro para Cabo Delgado mas, passados alguns meses, ela foi transferida para Niassa, onde trabalhou até ao final da guerra. Como ela recorda, ela trabalhou principalmente nas seguintes bases, no Niassa: a Base Central, Base Katembe, Base Lumumba, e Base Luwele. Durante a guerra, as suas principais actividades envolviam transportar material de guerra. Ela também

to evacuate the population. In the bush they explained what was going on, as Maria describes:

“They told us: “You, we are coming here, those of FRELIMO. We want to make war and because of that we entered the bush, and we are a lot of soldiers. Now you have to be humble, yes. You have to be humble, and we will search for a place for you to live.”

The guerrillas took them a long distance away from their village first to Likongola, then to Cilola. Maria did not stay for a long time with the population there. She was soon recruited with another girl to work at the base. They were first taken to the Central Base of N’sawisi and after that to Tanzania. As Maria remembers, they received some rudimentary training close to the border in Tanzania before they were sent to Nachingwea for proper training.

After training Maria was first sent to Cabo Delgado, but after a few months she was transferred to Niassa, where she worked until the end of the war. As she remembers, she mainly worked at the following bases in Niassa: the Central Base, Base Katembe, Base Lumumba and Base Luwele. During the war her main activities involved carrying war material. She also worked on the *machambas*. Another task she had was cutting grass to build huts. As their bases kept moving due to attacks by the enemy, the guerrillas were constantly constructing new huts. She also participated in combat by carrying the ammunition for the male soldiers.

trabalhava nas *machambas*. Uma outra tarefa que tinha era cortar capim para construir palhotas. Como as suas bases mudavam permanentemente por causa dos ataques do inimigo, as guerrilhas estavam constantemente a construir novas palhotas. Ela também participava em combate, carregando munições para os homens soldados.

Vida depois da independência

Depois da guerra, Maria foi transferida para Marrupa, onde trabalhou na agricultura. Daí, ela foi transferida para Ngaúma, e finalmente para Lichinga, para o Quartel do Aeroporto. Depois disso ela foi desmobilizada e transferida para Mavago, para ficar perto da sua família.

Em 1986 ela regressou a Lichinga por causa do seu casamento. Como ela diz, hoje em dia ela está contente porque tem a sua própria casa, depois de muitos anos de mudanças constantes. Ela também está feliz porque o seu filho a visita muitas vezes e toma conta dela, e pelos seus netos, que lhe trazem alegria.

Life after independence

After the war Maria was transferred to Marrupa where she worked in agriculture. From there she was transferred to Ngaúma and then finally to Lichinga to the *Quartel do Aeroporto*. After that she was demobilized and moved to Mavago to be close to her family.

In 1986 she returned to Lichinga because of her marriage. As she says, these days she is content because she has her own house after many years of moving around. She is also happy about her son who visits her often and takes care of her, and her grandchildren who bring her joy.



Maria Yassine em frente à sua casa em Lichinga.

Maria Yassine in front of her house in Lichinga.

Rosa Chalamanda

Rosa Chalamanda nasceu em Lisawu, em Mavago, em 1954. O seu pai foi Akimo Masanjala, e a sua mãe Rosi Nakamu.

Memórias de infância antes da guerra

Rosa não tem muitas memórias do sítio onde vivia antes da guerra porque, como ela explica, ela saiu de lá há tanto tempo atrás. Contudo, ela recorda brincar com os seus amigos no rio. Como ela lembra:



Rosa Chalamanda was born in Lisawu, in Mavago, in 1954. Her father was Akimo Masanjala and her mother Rosi Nakamu.

Memories of childhood before the war

Rosa does not have many memories from the place where she lived before the war since, as she explains, she left such a long time ago. However, she remembers playing with her friends in the river. As she recalls:

‘As recordações que eu tenho são de nós a brincar. Havia um rio, e nós costumávamos brincar lá no rio. Tinha lá muita água. Nós subíamos numa pedra que estava lá, e então atirávamo-nos para baixo, mergulhando no rio. Saltando para baixo e trepando de novo para cima.’

Rosa cresceu a mais nova de seis. Ela tinha três irmãs mais velhas e dois irmãos mais velhos. A sua irmã mais velha tomava conta dela enquanto criança. Nesses dias, as responsabilidades de Rosa envolviam ir cartar água ao rio, recolher lenha e ajudar os seus pais na *machamba*.

Nessa altura, sua família tinha uma grande *machamba*, onde capinava principalmente, por exemplo, milho e feijões. O seu pai também cultivava tabaco que vendia em Chiwambo. Daí ele trazia tecidos e outros mantimentos para a família. Os homens da família de Rosa também viajavam para os países vizinhos, à procura de dinheiro. Por exemplo, o marido da sua irmã viajou até Joyni para trabalhar nas minas. Como Rosa recorda, os homens contavam histórias sobre aquilo que sofriam nessas viagens:

Eles contavam muitas coisas. ‘Nós tínhamos sofrimento, a comida não prestava ao longo do caminho. Mesmo em Joyni, aqueles que não tinham sorte, era possível morrer nas minas.’ Era assim que eles falavam.

Eles também falavam sobre a dificuldade de viajar para Chiwambo, em Quelimane. Como ela narra:

‘The memories I have are of us playing. There was a river, and we used to play there by the river. It was deep, full of water. We climbed up on a rock that was there, and then we threw ourselves down, diving into the river. Jumping down and climbing up again.’

Rosa grew up as the youngest of six. She had three older sisters and two older brothers. Her elder sister took care of her as a child. In those days Rosa’s responsibilities involved fetching water from the river, collecting firewood and helping her parents in the *machamba*.

Her family had a big *machamba* at the time where they mainly grew, for instance, maize and beans. Her father also cultivated tobacco which he sold in Chiwambo. From there be brought cloths and other basic household supplies for the family. Men in Rosa’s family also travelled to neighbouring countries in search of money. For instance, her sister’s husband travelled to Joyni to work in the mines. As Rosa remembers, the men told stories about the suffering they encountered on those trips:

They told many things. ‘We had suffering, the food was bad on the way. Even in Joyni, those who weren’t lucky, it was possible to die there in the mines.’ That’s what they talked.

They also talked about the difficulty of travelling to Chiwambo in Quelimane. As she narrates:

‘Eles lamentavam que as viagens doíam; era muito longe para ir a pé. Saindo daqui, indo a pé até Quelimane. Doía, especialmente quando chovia.’

Participação na luta de libertação

No princípio, as pessoas ouviam boatos vindos de outras aldeias, de que havia pessoas estranhas passando ao pé, vindas da Zambézia. Passado algum tempo, as guerrilhas chegaram à aldeia de Rosa para evacuar a população para o mato. Isto foi em 1965, o mesmo ano em que Ce-Mataka aceitou levar para o mato o seu povo.

No mato, os guerrilheiros reuniram com a população e pediram que mulheres jovens viessem cozinhar para eles na base. Seis meninas foram recrutadas nesse dia juntamente com Rosa, e levadas para a base chamada Quelimane, junto ao rio N’noweka. Como Rosa recorda, passado pouco tempo de chegarem à base, os guerrilheiros começaram a explicar que elas também iam treinar para se tornarem soldados, e que lutariam para expulsar o colonialismo português.

No começo, o trabalho das meninas envolvia recolher milho das *machambas* abandonadas, pilar o milho e cozinhar comida para os soldados treinados. Na base, elas também começaram a receber algum treino militar rudimentar. Como Rosa recorda, nessa altura havia cerca de trinta mulheres jovens na base. Em 1967 a Rosa foi enviada para treinar em Nachingwea, no primeiro grupo de meninas e mulheres jovens do Niassa, junto com Mónica Chitupila e Teresa Amuli. Em Nachingwea elas encontraram um grupo de Cabo Delgado que havia acabado de terminar o treino.

‘They lamented that the trips were painful; it was far away to go by foot. Leaving from here, walking by foot until Quelimane. Especially when it rained it hurt.’

Participation in the liberation struggle

In the beginning people heard rumours from the other villages that there were strange people passing by coming from Zambézia. After some time the guerrillas arrived in Rosa’s village to evacuate the population to the bush. This was in 1965, the same year that Ce-Mataka accepted to take his people to the bush.

In the bush the guerrillas held a meeting with the population and asked to have girls to come and cook for them at the base. Six girls were recruited together with Rosa that day and taken to a base called Quelimane by the river N’noweka. As Rosa remembers, soon after they arrived at the base, the guerrillas started to explain to them that they would also train to become soldiers, and they would fight to expel Portuguese colonialism.

In the beginning the girls’ work involved gathering maize from the abandoned *machambas*, pounding the maize and cooking food for the trained soldiers. At the base they also started receiving some rudimentary military training. As Rosa remembers, there were about thirty girls at the base at the time. In 1967 Rosa was sent for training to Nachingwea in the first group of girls from Niassa together with Mónica Chitupila and Teresa Amuli. In Nachingwea they encountered a group from Cabo Delgado who had just finished their training.

Depois de Nachingwea, Rosa foi enviada para a Base Central, e daí para Mekunya, por pouco tempo, antes de ser destacada para a Base Katembe. Em Katembe o seu principal trabalho era transportar material de guerra desde a Tanzânia. Como ela recorda, quando ela estava na Base Katembe eles sofreram uma grande fome, e foram forçados a comer raízes de árvores. Quando Katembe foi atacada pelas tropas portuguesas, as DFs foram transferidas para a Base Central. Rosa também participou no combate durante a guerra, na Base Mekunya, por exemplo.

Vida depois da independência

Cerca de um ano depois da guerra acabar, Rosa foi transferida pra Lichinga, e daí para Metangula. Em Metangula ela viveu por aproximadamente um ano, antes de ser de novo transferida para Lichinga, onde foi desmobilizada. Daí ela decidiu regressar para Nsupi, para estar perto da sua família. Durante a guerra da RENAMO a área foi atacada, e a população fugiu para Chiconono. Depois da guerra, aqueles que tinham fugido regressaram, a sua família inclusive, e se estabeleceram em N’kalapa.

Desde então Rosa tem vivido em N’kalapa com o seu marido e filhos. Ela teve onze filhos no total, mas apenas seis sobreviveram até aos dias de hoje. Hoje em dia os seus filhos que vivem em N’kalapa ajudam nas suas *machambas* e hortas. Há dois anos atrás ela foi capaz de construir a sua casa, apesar de ela lamentar esta não estar ainda bem acabada, e de a querer ainda pintar e rebocar.

After Nachingwea Rosa was sent to the Central Base, and from there to Mekunya for a short while, before being stationed at Base Katembe. At Katembe her main job was to transport war material from Tanzania. As she remembers, when she was at Base Katembe they suffered from dire hunger and were forced to eat tree roots. When Katembe was attacked by the Portuguese troops, the DFs were transferred to the Central Base. During the war, Rosa also participated in combat, for instance, at Base Mekunya.

Life after independence

About a year after the war ended, Rosa was transferred to Lichinga and from there to Metangula. In Metangula she lived for about a year, before she was again transferred to Lichinga where she was demobilized. From there she decided to return to Nsupi to be close to her family. During the war of RENAMO, the area was attacked and the population fled to Chiconono. After the war, those who had fled returned, her family included, and settled down in N’kalapa.

Since then Rosa has lived in N’kalapa with her husband and children. She had eleven children altogether but only six survived to this day. These days her children living in N’kalapa help her on her *machambas* and vegetable garden. Two years ago she was able to build her house, though she laments that it is not quite finished yet, and she still wants to plaster and paint it.



Rosa Chalamanda em frente à sua casa em N’kalapa.
Rosa Chalamanda in front of her house in N’kalapa.

Rosa Mustaffa



199

Rosa Mustaffa nasceu em Mbungwe, em Chiconono. O seu pai foi Mustafa Makunganya, e a sua mãe Awetu Issa.

Memórias de infância antes da guerra

Como Rosa lembra, a sua família tinha uma *machamba* para milho e feijões, e na sua horta cultivava bananas, cana doce e batata. Eles vendiam uma parte das suas colheitas em Chiconono, onde havia uma loja e armazém. Nesses dias, o pai da Rosa costumava viajar, para trabalhar na Niassalândia, e para vender tabaco em Chiwambo. Como Rosa descreve, o seu pai não ia sozinho, mas sempre junto com grupos

Rosa Mustaffa was born in Mbungwe, in Chiconono. Her father was Mustafa Makunganya and her mother Awetu Issa.

Memories of childhood before the war

As Rosa remembers, her family had a *machamba* for maize and beans, and in their vegetable garden they grew bananas, sugar cane and potatoes. They sold a part of their crops in Chiconono, where there was a shop and a warehouse. In those days Rosa's father used to travel for work to Nyasaland and to sell tobacco in Chiwambo. As Rosa describes, her father did not go alone but always in bigger groups. There were no cars for

maiores. Não havia carros para eles usarem, e eles andavam distâncias muito longas a pé. Demoravam perto de um mês para caminhar até Chiwambo.

Nesses dias a maioria das crianças não ia para a escola. Havia uma escola em Chiconono, na aldeia do régulo, mas muitos pais proibiam as suas crianças de ir lá. Como Rosa descreve, eles tinham medo que eles lá comessem comidas impuras.

Na altura antes da guerra, Rosa ainda era uma criança e não tinha muitas responsabilidades. Ela era nova demais para aprender a capinar e passava o seu tempo fazendo trabalhos de casa e brincando. Como Rosa lembra, com as suas amigas ela costumava fazer palhotas no mato. Cada uma tinha a sua casa, onde elas costumavam cozinhar e fazer *masanje*. Como ela recorda com um sorriso, elas também fingiam ter celebrações do *unhago* lá. Ela também adorava brincar no rio, tomar banho e aprender a nadar com os seus amigos.

Participação na luta de libertação

Antes da evacuação para o mato, as pessoas na sua aldeia começaram a ouvir boatos sobre a guerra que se aproximava. Elas ouviam que outras aldeias tinham já sido abandonadas, e que as pessoas tinham sido levadas para o mato. Estas eram coisas que eram faladas em segredo, mas Rosa recorda de as ouvir e pensar no que se estava a passar, e em quando chegaria a sua vez. Nessa altura o seu pai era uma das pessoas que estavam a apoiar as guerrilhas em segredo.

Antes das guerrilhas terem tido tempo de os evacuarem, as tropas portuguesas chegaram

them to use, and they walked very long distances by foot. It took them about a month to walk to Chiwambo.

In those days most children did not go to school. There was a school in Chiconono in the village of the chief, but many parents forbade their children from going there. As Rosa describes, they were afraid that they would eat impure foods there.

At the time before the war, Rosa was still a child and did not have many responsibilities. She was too young to be learning to farm and spent her time doing housework and playing. As Rosa remembers, with her girlfriends she used to build huts in the bush. Each had their own house where they used to cook and have *masanje*. As she laughingly recalls, they also used to pretend to have *unhago* festivities there. With her friends she also loved to play in the river, bathing and learning to swim.

200

Participation in the liberation struggle

Before their evacuation to the bush, the people in her village started hearing rumours about the coming war. They heard that other villages had already been abandoned and the population had been taken to the bush. These were issues that were talked about in secret, but Rosa remembers hearing this talk and wondering what was going on and when their turn would come. At the time her father was one of the people secretly supporting the guerrillas.

Before the guerrillas had time to come and evacuate them, the Portuguese troops arrived and moved them to *waya* (fortified village) in Ligogolo, where people from the villages in

e mudaram-nos para a *waya* (aldeamento) em Ligogolo, onde as pessoas das aldeias da zona da Rosa estavam a ser reunidas para as manter longe da FRELIMO. Rosa recorda ter ficado na *waya* por aproximadamente um ano. Então, um dia a FRELIMO organizou uma fuga, e ajudou muitas pessoas a escapar para o mato com eles.

Como a Rosa descreve, no mato as populações ficaram a alguma distância da base militar. Apesar dos soldados controlarem a população, eles não viviam em conjunto com esta. Rosa não ficou por muito tempo com a população no mato. Passada uma semana, os soldados vieram recrutar meninas e meninos de catorze e quinze anos de idade para irem com eles para a base, para treinarem como soldados. A maneira como recrutavam era fazendo uma reunião com os mais velhos explicando que eles precisavam de mais jovens para ajudar a defender a população e a acabar com a guerra. Então, as famílias davam às guerrilhas as suas crianças de idade apropriada. Da família da Rosa, ela e a sua irmã foram levadas.

Nas bases, os novos recrutas começavam a receber educação política sobre o objectivo da guerra e o seu papel nela. A primeira base em que a Rosa entrou foi em N’noyi. Então eles mudaram-se para Locesi. Quando o inimigo atacava eles tinham sempre que mudar de localização. Como Rosa explica, as bases recebiam nome de acordo com os rios que eles encontravam lá no mato. Na base, Rosa e as outras novas recrutas aprenderam canções da revolução. Elas começaram também a receber algum treino rudimentar. Elas aprenderam a marchar e fizeram armas a partir de paus, com as quais praticavam carregando-as como armas reais. Elas também cozinhavam para os soldados e mobilizavam a população para dar comida aos soldados. Rosa descreve esta mobilização:

Rosa’s home area were being assembled to keep them away from FRELIMO. Rosa remembers staying at the *waya* for about a year. Then one day FRELIMO organized a breakout and helped many people escape to the bush with them.

As Rosa describes, in the bush the population stayed at a distance from the military base. While the soldiers controlled the population, they did not live together. Rosa did not stay a long time with the population in the bush. After a week soldiers came to recruit boys and girls of the age of fourteen and fifteen to go with them to the base to train to become soldiers. Their way of recruiting was to hold a meeting with the elders explaining to them that they needed more young people to help defend the population and to end the war. So the families gave their children that were of the appropriate age to the guerrillas. From Rosa’s family, she and her sister were taken.

At the bases the new recruits started receiving political education on the objective of the war and their role in it. The first base that Rosa entered was N’noyi. Then they moved to Locesi. Always when the enemy attacked they had to move location. As Rosa explains, the bases were named after the rivers that they encountered there in the bush. At the base Rosa and the other new recruits learned songs about the revolution. They also started receiving some rudimentary training. They learned to march and they made fake weapons out of sticks which they practiced carrying like real weapons. They also cooked for the soldiers and mobilized the population to give food to the soldiers. Rosa describes this mobilization:

‘Quando a ordem chegava: hoje temos de ir e mobilizar esta parte. Nós também íamos lá. Porque por vezes a população quando nos via, que éramos as suas filhas, nos seus corações eles sentiam dizer: “Epa, mas isto que eles estão a dizer é verdade, como vemos eles não estão a fazer nada de mal às nossas crianças. Elas também estão a aprender essas coisas da guerra. Aah, como isto, que temos que ver, talvez lá à frente, as outras coisas, de que eles estão a falar, também hão-de ser verdade.”

Depois do treino, Rosa regressou ao Niassa e continuou a trabalhar na Base Katembe. Lá a sua principal função era mobilizar a população e carregar material de guerra. Aproximadamente um ano depois ela foi seleccionada para ir para a escola da FRELIMO em Tunduru. Depois desta escola, ela foi enviada para o centro da FRELIMO em Mtwara, para estudar e se tornar numa parteira. Durante o governo de transição, depois de acabar este curso, ela regressou para Tunduru para lá trabalhar no infantário.

Vida depois da independência

Depois da independência, Rosa trabalhou nos hospitais militares em Mavago, Lichinga, Maniamba e Marrupa, até ser desmobilizada em 1978. Como o seu marido foi transferido para Nampula, ela foi com ele até lá. Ela viveu aí por muitos anos, e teve cinco filhos lá. Em 1997, quando se separaram, ela regressou ao Niassa

‘When the order came: today we have to go and mobilize this part. We also went there. Because sometimes the population when they saw us, we who were their children, in their hearts they felt saying: “Epa, but this what they are saying is true, as we see they are not doing anything bad to our children. They are also learning those things of war. Aah, like this we have to see, perhaps there ahead, the other things that they are talking about will become true.”

After the training, Rosa returned to Niassa and continued working at Base Katembe. There their main job was to mobilize the population and carry war material. After about a year she was selected to go to the FRELIMO school in Tunduru. When she finished this school, she was sent to FRELIMO’s centre in Mtwara to study to become a midwife. She concluded her studies during the transitional government and returned to Tunduru to work at the *infantário*.

Life after independence

After independence Rosa worked at military hospitals in Mavago, Lichinga, Maniamba and Marrupa until she was demobilized in 1978. As her husband was transferred to Nampula, she followed him there. She lived there for many years and had five children there. In 1997 when they separated, she returned to Niassa and moved straight to Muembe, where her family had relocated after the war. These days Rosa has a

e mudou directamente para Muembe. A sua família tinha mudado para lá depois da guerra. Hoje em dia Rosa tem uma *machamba* onde ela produz comida para a sua família. Ela começou a construir a casa onde vive agora em 2012, depois de receber a sua pensão.

Sobre a sua vida de hoje em dia, Rosa fala do trabalho físico duro que faz capinando com a sua enxada como camponesa, e como ela ainda aguarda que uma fase tecnologicamente mais avançada chegue ao Niassa, um tempo em que também os ex-combatentes possam descansar os seus corpos enquanto os tractores fazem o trabalho duro nas suas *machambas*.

machamba where she produces food for her family. She started building the house she lives in now in 2012, after receiving her first pension money.

About her life these days, Rosa speaks of the physically tough work she does as a farmer working with her hoe. As she says, she is still waiting for a more technologically advanced phase to arrive in Niassa—a time when also ex-combatants will be able to rest their bodies while tractors do the heavy labour in their *machambas*.



Rosa Mustaffa com os seus netos, em frente à sua casa em Muembe-Sede, Muembe.
Rosa Mustaffa with her grandchildren in front of her house in Muembe-Sede, Muembe.

Rosa Saide

Rosa Saide nasceu em Litunde, no distrito de Majune, em 1949. O seu pai foi Saide Lunda, e ele nasceu no Mavago. A sua mãe foi Awesa Nsonjele, e ela nasceu em Litunde.

Memórias de infância antes da guerra

Rosa não recorda muito de Litunde, pois a sua família mudou de lá para Mavago quando ela ainda era muito pequena. Ela cresceu em Mavago.

Nesses dias a sua família tinha uma grande *machamba* onde produziam milho, *mapira*, amendoim, feijão *jugo*, batata e mandioca, e junto ao rio cultivavam bananas. Enquanto os seus pais trabalhavam na *machamba*, cabia a Rosa ir



Rosa Saide was born in Litunde, in Majune, in 1949. Her father was Saide Lunda and he was born in Mavago. Her mother was Awesa Nsonjele and she was born in Litunde.

Memories of childhood before the war

Rosa does not remember much from Litunde, since her family moved from there to Mavago when she was very small. She grew up in Mavago.

In those days her family had a big *machamba* where they produced maize, *mapira*, peanuts, *jugo* beans, potatoes and manioc, and by the river they grew bananas. While her parents worked in the *machamba*, Rosa's job was to fetch water, wash the

buscar água, lavar os pratos e varrer o quintal. A sua família também cultivava tabaco perto do rio, que o seu pai, juntamente com os seus tios e outros homens, carregava pra Chiwambo para aí o vender. Quando eles regressavam, eles traziam coisas como *capulanas*, panelas e sal.

Crescendo, Rosa era a única menina na família. Ela tinha três irmãos mais velhos, mas todos tinham saído para a Niassalândia já antes de a guerra começar. Ela era tão nova nessa altura que nem sequer se recorda das suas caras. Assustados pelas guerras, os seus irmãos não voltaram para visitar, mas Rosa ouve notícias deles e sabe que estão bem na vida.

Rosa entrou na vida militar quando era muito pequena, como ela diz, 'antes de sair mãas'. Por essa razão, ela não se recorda de muito acerca da vida antes da guerra. Ela apenas vivia com a sua família, cumpria as tarefas que os pais lhe davam, e brincava com os seus amigos.

Do que ela se recorda é de que havia muitas crianças na sua aldeia, e de que todas juntas costumavam brincar no rio Lwatisi. Costumavam apanhar com *capulanas* peixes pequenos no rio, chamados *yindondolo*. Como Rosa explica, duas crianças seguravam um lado da *capulana*, enquanto duas outras seguravam o outro lado. Então, elas entravam na água e abriam o pano. Ao mesmo tempo, outras crianças chapinhavam na água, afugentando os peixes na sua direcção. Quando os peixes nadavam para a *capulana*, elas levantavam a *capulana* e, enquanto a dobravam, levavam o peixe para fora da água até à margem. As crianças traziam então o peixe para as suas mães cozinharem para a família. Como Rosa recorda com um sorriso, os seus pais não sofriam de falta de peixe devido às suas 'manobras na água'.

dishes and sweep the yard. Her family also grew tobacco by the river, and her father together with her uncles and other men carried it to Chiwambo to sell it there. When they returned, they brought back things like *capulanas*, pots and salt.

Growing up, Rosa was the only girl in the family. She had three older brothers, but they all left to Nyasaland already before the start of the war. She was so young at the time that she does not even remember their faces. Scared off by the wars, her brothers have not come back to visit, but Rosa hears news from them and knows that they are doing well.

Rosa entered military life when she was very small, as she says, 'before her breasts had even grown'. For this reason, she has few memories about their life before the war. She just lived with her family, did the jobs that her parents assigned her and played with her friends.

What she does remember is that there were a lot of children in the village and together they used to play by the river Lwatisi. They also used to catch small fish called *yindondolo* in the river with *capulanas*. As Rosa explains, two kids took hold of one side of the *capulana* and another two from the other side. Then they entered the water and spread it out. At the same time, other kids were splashing the water, scaring the fish in their direction. When the fish swam into the *capulana*, they lifted the *capulana* and folding it they took the fish out of the water to the shore. The children then took the fish to their mothers to cook for the family. As Rosa laughingly recalls, her parents did not suffer from the lack of fish due to their 'movement in the water'.

Rosa and her friends were resourceful children. In addition to catching fish, they also made traps to catch small birds which they then brought to their parents to cook for food.

Rosa e os seus amigos eram crianças inventivas. Para além de apanharem peixe, também faziam armadilhas para apanhar passarinhos, que depois traziam para os seus pais cozinharem para comerem.

Participação na luta de libertação

Antes do começo da guerra, Rosa recorda os mais velhos falarem com as crianças, dizendo que a guerra estava a chegar e que estava a entrar pelo Cabo Delgado para o Niassa. Nessa altura a Rosa não percebia muito o que se estava a passar, nem sequer o que a guerra significava. Mas, passado algum tempo do aviso dos seus pais, as guerrilhas chegaram e evacuaram a povoação para o mato. Como Rosa lembra, eles deixaram as suas palhotas e as suas *machambas*, levaram um pouco de comida com eles e seguiram as guerrilhas.

É assim que ela fala da sua integração na vida militar:

‘Então quando eles vieram, eles começaram a explicar à população que eles tinham vindo aqui para expulsar os colonos. [Como eles explicaram:] “Então nós vamos ter as nossas bases. A povoação deve estar um pouco deste lado, as nossas bases serão do outro lado. Mas nas nossas bases nós vamos estar com as meninas que vão ajudar com a preparação da comida. Como estamos um pouco afastados da povoação, estas meninas vão nos apoiar.” Então a população, o que a população fez foi que eles

Participation in the liberation struggle

Before the start of the war, Rosa remembers the elders talking to the children, telling them that a war was coming and it was entering through Cabo Delgado to Niassa. At the time Rosa did not understand much of what was going on or what war even meant. But some time after her parents’ warning, the guerrillas came and evacuated the whole population to the bush. As Rosa remembers, they left their huts and their *machambas*, took a bit of food with them, and followed the guerrillas.

This is how she speaks of her integration into military life:

‘So they when they came, they started to explain to the population that they had come here to expel the colonialists. [As they explained:] “So we will have our bases. The population will have to stay a bit on this side, our bases will be on another side. But at our bases we will be with the girls who will help with preparing food. As we are at a distance from the population, these girls will help us.” So the population, what the population did is that they brought flour, a bit of beans, which they left here at the base. So at the base we cooked chima for the troops, as this was before we took up arms at our bases. So we did that. Later, they then decided that these girls also have to take up arms. We will teach them how to take up arms because the war needs to have

trouxeram farinha, um pouco de feijões, que eles deixaram na base. Então na base nós cozinhamos chima para as tropas, pois isto foi antes de pegarmos em armas nas nossas bases. Então fazíamos isso. Mais tarde, eles decidiram que estas meninas também tinham de pegar em armas. Nós vamos ensinar a elas como pegar em armas, porque a guerra precisa de ter homens e mulheres, agora também com armas. Então nós estávamos nas nossas capulanas e eles organizaram bambus, bambus como estes para servirem de armas, e eles nos ensinaram a marchar.’

A primeira base em que Rosa entrou foi na Base Nsakalanje. Depois de ela receber algum treino rudimentar na base, ela foi enviada para treinar em Nachingwea. Ela entrou em Nachingwea como o primeiro grupo de meninas do Niassa, em 1967.

Depois de Nachingwea ela foi enviada para a Base Central perto do rio N’tiringwe. Aí ela trabalhou nos primeiros socorros. As suas tarefas também incluíam transportar material de guerra e fazer de sentinela na base. Ela apenas trabalhou na Base Central por cerca de um ano até ser ferida por uma bala, e transferida para o hospital em Tunduru, na Tanzânia. Depois de se recuperar ela ficou por algum tempo a estudar no centro em Tunduru. Ela também fez um curso de socorrista em Mtwara. Quando se recuperou completamente, foi enviada de novo para o hospital central em N’sawisi, onde continuou a trabalhar no sector da saúde.

men and women, now also with weapons. So we were in our capulanas and they organized bamboos, bamboos like this to serve as weapons, and they taught us how to march.’

The first base that Rosa entered was Base Nsakalanje. After receiving some rudimentary training at the base, she was sent for proper training to Nachingwea. She entered Nachingwea in the first group of girls from Niassa in 1967.

After Nachingwea she was sent to the Central Base of N’tiringwe by the river N’tiringwe. There she worked in first aid. Her tasks also included transporting war material and guarding the base. She only worked at the Central Base for about a year before she was wounded by a bullet and transferred to the hospital in Tunduru in Tanzania. After recuperating she stayed for a while studying at the centre in Tunduru. She also took a course in first aid in Mtwara. When she had fully healed, she was sent back to the central hospital in N’sawisi, where she continued working in the health sector.

Vida depois da independência

Depois da guerra, Rosa foi destacada para Lichinga, onde continuou a trabalhar como socorrista por aproximadamente dois anos, até ser desmobilizada. Depois, ela continuou a trabalhar no sector da saúde enquanto civil. Ela trabalhou em Majune por três anos, e em Manjamba por quatro anos, até regressar a Lichinga. Desde então tem vivido em Lichinga.

Até hoje os seus ferimentos de guerra causam a Rosa muitas dores no corpo. Por essa razão ela não consegue ter uma *machamba*, apenas uma pequena horta. No total ela tem cinco filhos e vários netos, três dos quais vivem com ela na sua casa. Ela lamenta não ter ainda conseguido construir uma casa melhorada, como aquelas que outras DFs têm. Como ela descreve, a sua casa de sonho teria quatro quartos e ela compraria cadeiras para se sentar dentro com os seus netos.

Life after independence

After the war Rosa was stationed in Lichinga where she continued to work as a first aid nurse for about two years before she was demobilized. Afterwards she continued working in the health sector as a civilian. She worked in Majune for three years, and Maniamba for four years, before returning to Lichinga, where she has lived ever since.

Even today her war injuries continue to cause her a lot of physical pain. For this reason she is not able to have a *machamba*, only a small garden. Altogether she has five children and lots of grandchildren, three of whom live with her in her house. She laments that she has not yet managed to build a *casa melhorada* like the ones that the other DFs have. As she describes, her dream house would have four rooms and she would buy proper chairs for her to sit inside with her grandchildren.



Rosa Saide em frente à sua casa em Lichinga.
Rosa Saide in front of her house in Lichinga.

O Destacamento Feminino do Niassa Austral

The Female Detachment of *Niassa Austral*

Fátima Aquili



Fátima Aquili nasceu em Massenjer, em 1946. O seu pai foi Akili Mbela, e a sua mãe Saina Ndala.

Memórias de infância e da juventude antes da guerra

Os pais da Fátima eram camponeses, e nas suas *machambas* produziam colheitas, tais como *mapira*, feijão, milho, gergelim, batata doce, batata rena e mandioca. O seu principal alimento era *chima* feita de milho com feijões. Eles produziam principalmente para consumo próprio, mas também vendiam uma parte da sua colheita na cidade. Eles também criavam cabritos, bois, galinhas e patos.

Fátima Aquili was born in Massenjer in 1946. Her father was Akili Mbela and her mother Saina Ndala.

Memories of childhood and youth before the war

Fátima's parents were farmers, and in their *machambas* they produced crops, such as *mapira*, beans, maize, sesame, sweet potatoes, regular potatoes and manioc. Their principal food was *chima* made from maize, which they ate together with beans. They mainly produced for personal consumption, but they also sold a part of their produce in the city. They also kept goats, oxen, chicken and ducks.

Fátima recorda as dificuldades que então as pessoas tinham em pagar impostos. Como ela conta:

Sobre os impostos no período colonial, eles vinham informar o régulo para ele cobrar os impostos. Portanto se o chefe não conseguisse cobrar os impostos, a polícia saía da cidade nessa mesma noite e chegava nas casas das pessoas batendo à porta. Aqueles que não tinham pago os impostos eram amarrados e levados para o posto administrativo. Os que tinham pago os impostos eram deixados estar. Havia uma fábrica de madeira nos arredores da cidade. Então não havia carros para carregar as taboas, não havia carros. Durante a noite, a polícia ia de um lado para o outro a bater nas portas. Então tanto mulheres como homens iam carregar as taboas nas suas cabeças para a trazer para a cidade.

A família da Fátima também sofria destas dificuldades, e ela mesma tinha que carregar estas taboas para a cidade. A pé era bastante longe. Nesses dias antes da guerra, como Fátima recorda, a educação e as tarefas que as meninas e os meninos recebiam dos seus pais eram muito diferentes. Como ela explica:

Era um pouco diferente por causa da maneira de trabalhar. A menina também tinha a sua maneira de trabalhar. Nessa altura nós não conhecíamos, nós não tínhamos *moagem* onde moer o milho. A menina pilava o milho, ia cartar água, não o rapaz. Ele não ia cartar água. O rapaz não ia buscar hortaliças à *machamba* para comer. Era a menina. O rapaz, o seu trabalho era só ir pescar e encontrar passarinhos no mato. O trabalho do rapaz era de brincar e correr de um lado para o outro, fazendo brinquedos como este, fazendo um

Fátima remembers the difficulties that people had paying taxes in those days. As she narrates:

About the taxes in the colonial times, they came to inform the chief to collect the taxes. So if the chief did not manage to collect the taxes, the police left from the city the same night and arrived at the houses of people knocking on their doors. Those who hadn't paid the taxes were tied up and taken to the administrative post. Those who had paid their taxes were let be. There was a timber factory outside the city. So there were no cars to carry the cut wood, there were no cars. The police would go around knocking on doors in the night. Then women like men would carry the timber on their heads to bring them to the city.

Fátima's family also suffered these difficulties, and she herself had to carry this wood to the city. By foot it was very far.

In those days before the war, as Fátima remembers, the education and the tasks that the girls and boys received from their parents were quite different. As she explains:

It was a bit different because of the way of working. The girl also had her way of working. At the time we didn't know, we didn't have grinding mills where to grind maize. The girl pounded the maize, went to fetch water, the boy not. He didn't go and get water. The boy didn't go and get greens (*hortaliça*) for food from the *machamba*. It was the girl. The boy, his work was only to go and fish and to find small birds in the bush. The job of a boy was to play and run around from one side to the other, making toys like this, making a car out of *matope* (mud), making a bicycle. That used to be the work that boys did. Isn't it different?

carro de matope, fazendo uma bicicleta. Esse costumava ser todo o trabalho que os rapazes faziam. Não é diferente?

Participação na luta de libertação

Fátima cresceu, casou e teve a sua primeira criança antes do começo da guerra. Quando a situação começou a piorar em Moçambique, e muitas pessoas foram aprisionadas pelo governo colonial, a sua família decidiu fugir para o Malawi.

Quando Fátima estava a viver no Malawi, ela encontrou soldados da FRELIMO que tinham vindo até lá mobilizar os refugiados moçambicanos. Ela participou de uma das reuniões que as guerrilhas organizaram na fronteira. Os guerrilheiros estavam a mobilizar os jovens para se juntarem a eles como soldados. Ela recorda que ficou muito impressionada quando na reunião viu Mónica Chitupila de uniforme com a sua arma. Como ela descreve:

‘Eu também senti, pensando que aquela, aquela é uma mulher que está com fardamento e com uma arma na sua mão. Eu também posso aguentar fazer esse trabalho. Logo entrei. Eu não fui capturada. Eu fui voluntária.’

Fátima também recorda como as oficiais femininas falavam do papel da mulher:

Elas falavam do papel da mulher, nos informando muitas coisas, dizendo que a mulher desde há muito tempo, o seu trabalho era

Participation in the liberation struggle

Fátima grew up, married and had her first child before the start of the war. When the situation deteriorated in Mozambique, and many people were being imprisoned by the colonial government, her family decided to flee to Malawi.

When Fátima was living in Malawi, she encountered FRELIMO soldiers who had come there to mobilize the Mozambican refugees. She attended one of the meetings that the guerrillas organized at the border. The guerrillas were mobilizing the youth to join them as soldiers. She remembers that she was very impressed when at the meeting she saw Mónica Chitupila in uniform with her weapon. As she describes:

‘I also felt, thinking that that one is a woman who is in uniform with a weapon in her hand. I can also manage to do that work. I soon entered. I wasn't captured. I volunteered.’

Fátima also remembers how the female officers talked about the role of women.

They spoke about the role of the women, informing us many things, saying that the woman since a long time ago, her work was only to take care of the children at home and cook. She didn't have other work. But now, the work of now doesn't have this thing of women, this thing of men, it is equal. If the man has a weapon, the woman also has a weapon. Let's fight together.

apenas cuidar das crianças em casa e cozinhar. Ela não tinha outro trabalho. Mas agora, o trabalho de agora não têm essa coisa de mulher, essa coisa de homem, ele é igual. Se o homem tem uma arma, a mulher também tem uma arma. Vamos lutar em conjunto.

Fátima trabalhou primeiro na Base Katur, no abastecimento de comida e a cuidar de órfãos, antes de ser enviada para treinar em Nachingwea, em 1967. Quando ela regressou do treino, ela continuou na Base Katur, onde se tornou comandante do destacamento feminino.

Durante a guerra as DFs tinham muitas tarefas, como a Fátima descreve. Uma das suas principais tarefas era a mobilização da população para produzir comida e para carregar material de guerra da Tanzânia para Moçambique. As DFs também tomavam conta das crianças dos infantários. Elas trabalhavam como socorristas nos hospitais. As DFs também participavam bastante nos combates junto com os homens. Como ela descreve:

‘Nós fazíamos o mesmo trabalho. Porque a mulher também tinha armas. A mulher também tinha armas. Os homens também tinham. Nós fazíamos o mesmo trabalho.’

Como Fátima argumenta, durante a guerra ela ganhou nova experiência trabalhando junto com homens. Todas as tarefas eram divididas igualmente entre homens e mulheres. Hoje em dia há mulheres ministras e administradoras, o que ela defende ser muito diferente de como era antes da guerra. Hoje em dia as mulheres são mais respeitadas.

Fátima first worked at Base Katur in food supply and taking care of orphans before she was sent for training to Nachingwea in 1967. When she returned from training she continued at Base Katur, where she became the commander of the female detachment.

During the war DFs had many tasks, as Fátima describes. One of their main tasks was the mobilization of the population to produce food and to carry war material from Tanzania to Mozambique. The DFs also took care of the children at FRELIMO’s *infantários*. They worked as first aid nurses in the hospitals. DFs also regularly participated in combat together with men. As she describes:

‘We did the same job. Because the woman also had weapons. Women also had weapons. The men also had. We did the same job.’

As Fátima argues, during the war she gained new experience of working together with men. All the tasks were divided equally between men and women. These days there are female ministers and administers, which she argues is very different from before the war. Nowadays women are more respected.

Life after independence

After the war ended, Fátima was in the first group of soldiers to enter Lichinga. In those early days of independence, the soldiers’ most important job was to go around the villages in the different districts mobilizing and explaining to the people that FRELIMO had liberated Mozambique. As Fátima

Vida depois da independência

Depois da guerra acabar, Fátima fez parte do primeiro grupo de soldados a entrar em Lichinga. Nesses primeiros dias da independência, o trabalho mais importante dos soldados era ir de aldeia em aldeia nos diferentes distritos mobilizando e explicando à população que a FRELIMO tinha libertado Moçambique. Como Fátima recorda, eles tinham que lhes explicar que a guerra tinha sido contra o sistema colonial, não contra uma raça, e que a população não devia atacar os brancos que viviam e trabalhavam nas suas áreas.

Fátima continuou a trabalhar no quartel do destacamento feminino em Lichinga por dois anos após a independência, como comandante de batalhão. Então ela trabalhou em Unango treinando soldados, e depois como chefe do infantário em Lichinga. Cerca de um ano depois, ela foi desmobilizada e foi com o seu marido para Nampula. Eles viveram em Nampula por oito anos, e ela trabalhou na alfaiataria militar que lá havia. Eventualmente eles se mudaram de novo para Lichinga, mas quando o seu marido morreu ela decidiu se mudar para Nawila e aí abrir uma *machamba*.

Hoje em dia Fátima tem três filhos e dez netos. Como ela descreve, é assim que ela lhes fala da sua experiência durante a luta de libertação:

remembers, they had to inform them that the war had been against the colonial system, not race, and the population should not attack the whites that were living and working in their areas.

Fátima continued working in the barracks of the female detachment in Lichinga for two years after independence as battalion commander. Then she worked in Unango training soldiers and then as head of the *infantário* in Lichinga. After about a year she was demobilized and followed her husband to Nampula. They lived in Nampula for eight years, and she worked at a military clothing workshop there. Eventually they moved back to Lichinga, but when her husband died she decided to relocate to Nawila to open a *machamba* there.

These days Fátima has three children and ten grandchildren. As she describes, this is how she talks to them about her experience in liberation struggle:

‘O que eu posso dizer aos meus filhos bem como aos meus netos é que durante a guerra havia muito sofrimento. E que nós vivíamos no mato. Nós nem sequer tínhamos casas, apenas dormíamos debaixo das árvores, a chuva caía nos nossos corpos. E quando o inimigo entrava na zona, todos os dias corríamos de um lado para o outro. Eu conto a eles muitas coisas sobre isso. Nós sofriamos de fome. As pessoas morriam na água. Atravessando um rio cheio de água, aqueles que não conseguiam nadar, morriam. Aquelos que conseguiam nadar atravessavam com o inimigo a correr atrás, a correr atrás deles. Nós sofremos muitas coisas. Mas há muitas coisas que eu posso contar aos meus netos bem como aos meus filhos.’

Quando os netos de Fátima lhe perguntam porque é que eles escolheram deixar as suas casas e sofrer desse jeito, ela explica que foi para libertar Moçambique e que as pessoas estavam a sofrer sob o jugo colonial. Como Fátima lhes conta, eles lutaram para libertar Moçambique para que as pessoas pudessem viver em paz.

‘What I can tell my children as well as my grandchildren is that during the war there was a lot of suffering. And we lived in the bush. We did not even have houses, we just slept under the trees, the rain falling on our bodies. And when the enemy entered the zone, all day we were running from one side to the other. I tell them many things about that. We suffered from hunger. People died in the water. Coming across a river full of water, those who didn’t manage to swim, died. Those who managed to swim crossed with the enemy behind running, running behind them. We suffered many things. But there are many things I can tell my grandchildren as well as my children.’

When Fátima’s grandchildren ask her why they chose to leave their houses to live in the bush and suffer like this, she explains that it was to liberate Mozambique as people were suffering under colonial rule. As Fátima tells them, they fought to free Mozambique so that people could live in peace.



Fátima Aquili em frente à sua casa em Nawila, Lichinga.

Fátima Aquili in front of her house in Nawila, Lichinga.

Helena Caisse



219

Helena Caisse nasceu em Makwinja, em Malemia, no distrito de Sanga, em 1951. O seu pai era Caisse Ntila, e a sua mãe Katesile Bulayimu.

Memórias de infância antes da guerra

Helena recorda viver bem em Makwinja. Enquanto criança, Helena e os seus amigos brincavam bastante. A sua família criava galinhas, e estas galinhas punham ovos por todo o lado. Por isso, quando os seus pais iam para a *machamba*, as crianças por vezes roubavam ovos e os levavam para o rio juntamente com farinha, onde os cozinhavam e faziam um *masanje*. Elas também brincavam às casas. As meninas iam buscar lenha

Helena Caisse was born in Makwinja in Malemia, in the district of Sanga, in 1951. Her father was Caisse Ntila and her mother Katesile Bulayimu.

Memories of childhood before the war

Helena remembers living well in Makwinja. As children, Helena and her friends played a lot. Her family kept chicken, and these chicken used to lay eggs all over the place. So when the parents went to the *machamba*, the children sometimes stole eggs and took them together with flour to the river, where they cooked and had a *masanje*. They also used to play house. The girls collected firewood, put the fire on, and then cooked *chima*.

e acendiam o fogo e cozinhavam *chima*. Entretanto, os meninos construíam pequenas palhotas para elas. Como Helena descreve com um sorriso, quando a comida ficava pronta, as meninas serviam nas palhotas aos meninos a *chima* com os ovos roubados.

Helena recorda que quando ela nasceu eles não tinham *capulanas* como agora. A sua mãe a carregava às costas num pano feito de *mawondo*. As suas roupas nessa altura também eram feitas desse mesmo material. O avô materno de Helena ia até ao mato extrair a casca da árvore e então a preparava e tornava leve para poder ser usada. Ele também vendia *mawondo* a outras pessoas na aldeia. Este tecido de casca de árvore também era usado para fazer sacos para guardar feijão. Como Helena recorda, foi durante a sua infância que mais e mais pessoas começaram a usar *capulanas*. As cores que se usavam nessa altura eram branco e preto. As pessoas vendiam uma parte dos seus feijões para poderem comprar *capulanas* na loja da missão em Mbemba (Missão de Santo António de Unango). Nesses dias também se usavam panelas e pratos feitos de barro, e a avó materna de Helena era uma das pessoas que os costumavam fazer.

Então, a maioria das *machambas* eram pequenas porque as pessoas não se preocupavam em vender as suas colheitas. Elas cultivavam acima de tudo para consumo próprio. Nas *machambas* da família da Helena eles cultivavam milho, feijão, *mapira*, amendoim e feijão *jugo*. Ambos os pais trabalhavam na *machamba*, mas o pai da Helena também viajava para o Lago Niassa para pescar.

Quando Helena era criança, um dos seus tios tinha uma fábrica de enxadas e machados. O trabalho dela era pegar numa vassoura pelas manhãs e ir varrer a oficina do tio e trazer água para ele com as panelas de barro que a mãe lhe

At the same time the boys built small huts for them. As Helena laughingly describes, when the food was ready, the girls served the *chima* and the stolen eggs to the boys in the huts.

Helena remembers that when she was born they did not have *capulanas* like now. Her mum carried her on her back in a cloth made of *mawondo*. Their clothes at the time were also made of the same material. Helena's maternal grandfather used to go to the bush to extract the tree bark and then prepare and soften it to make it wearable. He even sold *mawondo* to other people in the village. This tree bark cloth was also used to make sacks for storing beans. As Helena recalls, it was during her childhood that more and more people started wearing *capulanas*. The colours at the time were black and white. People would sell a part of their beans to buy *capulanas* at the shop by the mission in Mbemba (*Missão de Santo António de Unango*). Also, back in those days people used pots and plates made from clay, and Helena's maternal grandmother was one of the people who used to make them.

Most of the *machambas* in those days were small since people were not preoccupied with selling their produce. They mostly cultivated for personal consumption only. In Helena's family *machambas* they grew maize, beans, *mapira*, peanuts and *jugo* beans. Both of her parents worked on the *machamba*, but Helena's father also travelled to Lake Niassa to catch fish.

When Helena was a child one of her uncles had a workshop where he made hoes and axes. Helena's job in the mornings was to take a broom and go and sweep her uncles workshop and carry water for him with the clay pots that her mom provided for her. Then returning home she would fetch more water and wash the dishes. After completing these tasks, she was free to go and play.

220

Participação na luta de libertação

Quando as movimentações de guerra começaram na sua zona, a família de Helena fugiu para o mato e acampou perto das suas *machambas*. Mas antes de eles serem capazes de colher o milho, o seu pai foi atingido por uma bala disparada por soldados portugueses e ferido. Pouco tempo após este incidente, o seu pai decidiu que precisavam de fugir, e levou a sua família para o Malawi.

Helena viveu no Malawi por aproximadamente um ano. Um dia, quando ela estava a brincar com os seus amigos numa aldeia chamada Mpilipili, foi capturada pelas guerrilhas da FRELIMO. Elas levaram-na para uma base chamada Chala, que era uma base de segurança, na região da Base Katur. Quando ela chegou na base, o comissário político e o chefe de segurança começaram a sua mobilização informando das

During the colonial period many people had difficulties paying the hut taxes. Helena remembers seeing people who had not managed to pay their taxes tied together in a line by one long rope. Then boards were placed on their heads to carry. Up to twenty people were tied together like this. They were then beaten and forced to work until they had paid their debt. One of Helena’s aunts was imprisoned like this. Her husband was away working in Malawi and she did not have the money to pay the taxes. She was then taken to the administrative post of Unango where she had to work for a number of weeks at the *horta*.

Participation in the liberation struggle

When the war movement first started in her home area, Helena’s family escaped to the bush and camped out close to their *machambas*. But before they were able to harvest the maize, her father was wounded by a bullet shot by the Portuguese soldiers. Soon after this incident, her father decided that they needed to flee, and he took his family to Malawi.

Helena lived in Malawi for about a year. One day when she was playing around with friends in a village called Mpilipili, she was captured by FRELIMO guerrillas. They took her to a base called Chala, which was a security base, in the region of Base Katur. When she arrived at the base, the political commissar and the head of security at the base started mobilizing her. They informed her about FRELIMO’s politics and told her that men and women would have to work together to liberate Mozambique.

After this initial mobilization phase Helena was taken to Base Katur where she encountered

políticas da FRELIMO, e de como os homens e as mulheres teriam de trabalhar juntos para libertar Moçambique.

Depois desta fase de mobilização inicial, Helena foi levada para a Base Katur, onde ela encontrou muitas outras meninas e mulheres. Como ela recorda, a primeira DF que ela encontrou vestindo uniforme e com a sua arma foi Fátima Aquili. Helena apenas ficou nessa base por uns poucos meses, até ser enviada para treinar em Nachingwea.

Depois de regressar de Nachingwea, Helena trabalhou na Base Katur. Na base, ela foi destacada para o posto de saúde, onde ela começou a aprender como tratar dos doentes: por exemplo, a dar injeções e remédios, e a cuidar de feridas. Como ela recorda, eram sete pessoas a trabalhar no posto: quatro DFs e três combatentes masculinos. Ela também participou em missões de combate com os homens. Por exemplo, ela participou uma vez quando a missão era minar a linha de combóio. Isso foi antes da colocação de minas em caminhos de ferro ter sido proibida por Samora. Noutra altura, ela participou no ataque aos portugueses na base do Liwoni.

Apesar de a Base Katur ter sido a sua casa durante toda a guerra, o trabalho de Helena exigia que ela se mudasse constantemente entre diferentes bases. A Base Katur também era fortemente atacada pelas tropas portuguesas. Como Helena recorda, a certa altura os guerrilheiros dormiam nos seus fardamentos e com as suas armas a seu lado, para estarem constantemente em estado alerta, prontos para fugir. Na base também sofriam bastante com a fome. Havia alturas em que apenas bebiam um tipo de chá feito com folhas do mato, somente para encherem os seus estômagos com alguma coisa. Mas, como Helena recorda, durante este

many other girls and women. As she remembers, the first DF she encountered in uniform with her weapon was Fátima Aquili. Helena only stayed at the base for a few months before she was sent to Nachingwea for training.

After returning from Nachingwea, Helena worked at Base Katur. At the base, she was assigned to the health post where she started to learn how to take care of the sick: for instance, how to give injections and medicine and how to treat wounds. As she remembers, they were seven people working at the post: four DFs and three male combatants. She also participated in combat missions with men. For instance, she participated once when their mission was to mine the railroad. This was before the mining of the railroads was forbidden by Samora. Another time she participated in an attack on the Portuguese base of Liwoni.

But while Base Katur was Helena’s home base throughout the war, her work required her to continuously move between different bases. Base Katur was also heavily attacked by the Portuguese troops. As Helena remembers, at one point the guerrillas used to sleep in their uniforms with their weapons by their sides so that they were constantly in the state of preparedness, ready to move. At the base they also suffered a lot from hunger. There were times when they only drank a type of tea made with leaves from the bush, just to fill their stomachs with something. But, as Helena remembers, during this time they had a strong sense of unity, and they evenly shared the little food that they had.

Life after independence

After independence Helena was transferred to Cuamba. She continued working in the health

período eles tinham unidade, e partilhavam de forma equilibrada a pouca comida que tinham.

Vida depois da independência

Depois da independência Helena foi transferida para Cuamba. Ela continuou a trabalhar no sector da saúde. Quando ela foi desmobilizada, mudou para Lumbisa para ficar perto da sua família. Como ela recorda, ela vivia bem lá, e foi apenas por causa da guerra da RENAMO, e dos violentos ataques e matanças na área, que ela se mudou para Lichinga. Neste período, muitas pessoas estavam a fugir da guerra para a cidade.

Helena viveu por muitos anos em Lichinga, até que há um ano atrás se mudou para Malulu, para ficar perto do seu filho que vive lá. Ela deu a sua casa em Lichinga aos seus filhos, e está a construir uma nova casa em Malulu com o seu marido, que também é um antigo combatente. No total ela tem sete filhos.

Como muitos outros ex-combatentes no Niassa, hoje em dia Helena critica o facto de as promessas de uma boa vida feitas durante a guerra ainda não se terem realizado. Como Helena lamenta, ainda hoje muitos dos antigos combatentes, que lutaram e sofreram vivendo no mato durante toda a guerra, não têm casas convenientes, carros, ou sequer boa comida.

sector. When she was demobilized, she moved to Lumbisa to be close to her family. As she remembers, she lived well there, and it was only because of the RENAMO war and the violent attacks and killings in the area that she moved to Lichinga. At this time great numbers of people were fleeing the war to the city.

Helena lived for many years in Lichinga until a year ago when she moved to Malulu to be close to her son. She gave her house in Lichinga over to her children there and is building a new house with her ex-combatant husband in Malulu. Altogether she has seven children.

Like many other ex-combatants in Niassa, these days Helena is critical of the fact that the promises of good life made during the war are yet to be realized. As Helena laments, even today many of the ex-combatants who fought and suffered living in the bush throughout the war do not have proper houses, cars, or even decent food.



Helena Caisse em frente à sua casa em Malulu, Sanga.
Helena Caisse in front of her house in Malulu, Sanga.

Rosa Salimu



Rosa Salimu nasceu na aldeia de Ce-Kalanje em Unango, em Sanga, 1955. O seu pai foi Salimo Amide, e a sua mãe Lúcia Assane.

Memórias de infância antes da guerra

Rosa lembra que a sua família tinha uma *machamba* onde eles cultivavam, por exemplo, milho, amendoim e feijão. Eles costumavam trocar parte do feijão e do milho por sal, açúcar e *capulanas* na loja portuguesa perto de onde viviam. Eles também criavam galinhas e cabritos. Nesses dias, alguns dos homens da sua família viajavam para a Tanganica para trabalhar nas plantações, e um dos seus tios foi até Joyni para

Rosa Salimu was born in the village of Ce-Kalanje in Unango, in Sanga, in 1955. Her father was Salimo Amide and her mother Lúcia Assane.

Memories of childhood before the war

Rosa remembers that her family had a *machamba* where they grew, for instance, maize, peanuts and beans. They used to trade a part of the beans and maize for salt, sugar and *capulanas* at a Portuguese shop close by to where they lived. They also kept chickens and goats. In those days some of her male family members travelled to Tanganyika to work at the plantations, and an uncle of hers went to Joyni to work at the mines.

trabalhar nas minas. Como Rosa recorda, quando regressou ele trouxe uma bicicleta.

Apesar de haver uma escola na missão em Unango, Rosa não estava autorizada a estudar lá, porque os seus pais diziam que lá se comia porco. Como ela ainda era tão nova, ela não tinha muitas responsabilidades. Ela recorda uma vida sem preocupações, brincando com as crianças das aldeias próximas. Elas faziam jogos como o *ndodo*. Elas também adoravam tomar banho, brincar no rio e fazer *masanje*.

Enquanto criança, Rosa lembra não perceber que as pessoas portuguesas que ela vira ao longo da sua infância tinham originalmente vindo de outro país. Ela presumia que todos tinham nascido em Moçambique. Ela pensava que o seu país era Lourenço Marques e Vila Cabral. Apenas durante a luta de libertação é que ela começou a perceber que Lourenço Marques e Vila Cabral eram Moçambique, e que as pessoas brancas tinham vindo de muito longe, de lugares chamados Lisboa e Portugal.

Participação na luta de libertação

Quando Rosa ouviu pela primeira vez falar da FRELIMO, ela aprendeu que havia pessoas chamadas *njomba* que estavam a vir para começar uma guerra. De acordo com estes boatos, estas pessoas deslocavam-se durante a noite e eram muito perigosas. Mas, como Rosa ainda era uma criança nesta altura, ela não prestou muita atenção a esta conversa. Ela apenas recorda ocasionalmente escutar os adultos a discutir estes assuntos em segredo, e de imaginar que tipo de pessoas poderiam ser estes *njomba*.

As Rosa recalls, upon his return, he brought a bicycle.

While there was a school at the mission at Unango, Rosa was not allowed to study there as her parents said that people there ate pork. As she was still so young, she did not have many responsibilities. She remembers a carefree life, playing around with the children from close-by villages. They played games like *ndodo*. They also loved to bathe and play in the river and have *masanje*.

As a child Rosa remembers not understanding that the Portuguese people she saw in her home area had originally come from another country. She assumed they had all been born in Mozambique. She thought their country was Lourenço Marques and Vila Cabral. Only during the liberation struggle she started to understand that Lourenço Marques and Vila Cabral were Mozambique, and that the white people had come from far away, from places called Lisbon and Portugal.

Participation in the liberation struggle

When Rosa first heard about FRELIMO, she learned that there were people called *njomba* who were coming to start a war. According to these rumours, the *njomba* moved in the night and they were very dangerous. But as Rosa was still a child at the time, she did not pay much attention to this talk. She just remembers occasionally overhearing the adults discussing these things in secret, and she wondered what kind of people these *njomba* could be.

It did not take long after the first rumours before the guerrillas showed up in her village. They arrived in the night, and they told the people

Depois dos primeiros boatos não demorou muito até aos guerrilheiros aparecerem na sua aldeia. Eles chegaram de noite, e disseram às pessoas para arranjam as suas coisas, pois estava na altura de eles saírem para o mato. A maioria das pessoas tinha recebido previamente a informação de que a FRELIMO estava a vir, e por isso estava preparada. Nessa altura a FRELIMO tinha pressa em mudar as populações para o mato, porque as tropas coloniais tinham começado a mover as pessoas para os aldeamentos. De acordo com Rosa, a FRELIMO chegou mesmo a queimar algumas casas, quando os seus donos foram teimosos e recusaram deixar a aldeia. Eles queimavam as casas para que as pessoas não pudessem mais regressar.

Como Rosa recorda, os soldados levaram a população para Luchiringo primeiro. Rosa não viveu por muito tempo junto com os seus pais na povoação. Em breve os guerrilheiros organizaram uma reunião, na qual pediram aos pais para os deixarem levar os meninos e as meninas para Tunduru, para aí estudarem. Nesse dia Rosa e outras três meninas foram recrutadas.

Contudo, as meninas não foram enviadas para Tunduru para estudar, foram levadas para a base para trabalharem. Como Rosa recorda, a primeira base em que entraram foi a Base Njeri. Desde aí foram mudadas para a Base Geral de Maniamba, e finalmente foram enviadas para Chityale. Como Rosa descreve, aí, na Base Chityale, elas encontraram muitas outras meninas e começaram a trabalhar junto com elas. Chityale era uma base de apoio à Base Central, e tinha sido criada apenas para as meninas e as mulheres.

Rosa ficou em Chityale por aproximadamente um ano. Na base elas começaram a receber algum treino rudimentar, praticando com bambus. O seu trabalho também era mobilizar a população.

to pack their things since it was time for them to leave for the bush. Most people had received information beforehand that FRELIMO was coming so they were prepared. At the time FRELIMO was in a hurry to move the population to the bush because the colonial troops had started relocating people into the fortified villages. According to Rosa, FRELIMO even burnt some houses when their owners were being stubborn and refusing to leave the village. They burnt the houses so that the people could no longer return.

As Rosa remembers, the soldiers first took the population to Luchiringo. Rosa did not live together with her parents in the civilian camp for long. Soon the guerrillas organized a meeting in which they asked the parents to let them take their boys and girls to Tunduru to study there. That day Rosa and three other girls were recruited.

However, the girls were not sent to Tunduru to study, they were taken to work at the base. As Rosa remembers, the first base they entered was Base Njeri. From there they moved to the General Base of Maniamba, and finally they were sent to Chityale. As Rosa describes, there at Base Chityale they encountered a lot of other girls and they started working together with them. Chityale was a support base to the Central Base and it had been created just for girls and women.

Rosa stayed at Chityale for about a year. At the base they started receiving some rudimentary military training, practicing with bamboo sticks. Their job was also to mobilize the population. When the Base of Chityale was attacked, the girls were moved to the Central Base. However, they did not stay long there before they were sent to Nachingwea for training. Rosa trained in the second group from Niassa.

Quando a base Chityale foi atacada, as meninas foram mudadas para a Base Central. Contudo, elas não ficaram lá por muito tempo, até serem enviadas para treinar em Nachingwea. Rosa treinou com o segundo grupo do Niassa.

Depois do seu treino de seis meses em Nachingwea, Rosa foi enviada para Ngungunyane e de lá para Base Katur. Em Katur o seu trabalho incluía estar de sentinela e sair em patrulha, trazer farinha do Malawi, transportar material de guerra, e cozinhar. Ela também participava em missões de combate durante as quais a sua principal tarefa era carregar munição. Por outro lado, enquanto Katur foi a sua base, o trabalho da Rosa era móvel, e ela viajavam entre diferentes bases. Rosa trabalhou em Katur até 1973, quando foi ferida num bombardeamento e capturada pelas tropas portuguesas. Ela foi levada primeiro para o hospital em Lichinga, e depois para a cadeia, mas passados alguns meses ela foi libertada.

Vida depois da independência

Depois da guerra, quando a FRELIMO entrou na cidade, Rosa foi levada de novo para o serviço militar, e continuou a trabalhar no quartel em Lichinga. Mais tarde ela foi transferida para Metangula, e trabalhou lá na produção por aproximadamente um ano. Depois disso, ela foi transferida para Lichinga, onde foi desmobilizada. Como a família de Rosa estava em Lichinga, ela ficou na cidade. Depois foi recrutada para trabalhar na quinta estatal (Empresa Agrícola de Matama) bem como na quinta cooperativa em Matama. Durante este período, ela aprendeu a manobrar um tractor. Depois deste trabalho ter

After her six-month training in Nachingwea, Rosa was sent to Ngungunyane and from there to Base Katur. In Katur her work included being on watch and guarding the base as well as going on patrol, getting flour from Malawi, transporting war material and cooking. She also participated in combat missions during which her main task was to carry the ammunition. Also, while Katur was Rosa’s home base, her work was mobile and she travelled between the different bases. Rosa worked at Katur until 1973, when she was wounded in a bombing and captured by the Portuguese troops. She was first taken to the hospital in Lichinga and then to prison, but after a few months she was set free.

Life after independence

When FRELIMO entered the city after the war, Rosa was taken back into military service, and she continued working at the barracks in Lichinga. Later she was transferred to Metangula, and she worked there for about a year in agricultural production. After Metangula she was transferred to Lichinga, where she was demobilized. As Rosa’s family was in Lichinga, she stayed in the city. Later she was recruited to work at the at the state farm (*Empresa Agrícola de Matama*) as well as at the cooperative farm in Matama. During this time, she learned to operate a tractor. After this job ended, she worked at the Provincial Office of the Ministry of Combatants until she started receiving her pension.

Already during the war, Rosa remembers dreaming of settling in the city, of building her house there, and buying a car to get around with. After all, as Rosa says, during the war the guerrillas were promised that the city would be theirs at

acabado, ela trabalhou na Direcção Provincial dos Combatentes, até que começou a receber a sua pensão.

Já durante a guerra, Rosa recorda sonhar estabelecer-se na cidade, construir a sua casa aí, e comprar um carro para se deslocar. No final de contas, Rosa diz, durante a guerra foi-lhes dito que a cidade seria sua depois da independência. Para Rosa, a vida depois da independência não se desenrolou da forma como ela esperava. Como os seus colegas ex-combatentes, ela lamenta a falta de dinheiro. Ela gostava de poder ter um projecto capaz de gerar rendimentos, porque ainda tem forças para trabalhar. Hoje em dia ela começou a estudar na madraça, e esta tornou-se uma das suas actividades diárias mais importantes.

independence. For Rosa, life after independence has not turned out that way she had hoped. Like her ex-combatant colleagues, she laments the lack of money. She wishes that she could have an income generating project as she still has strength to work. These day she has taken up studying at the *madrassa*, and this has become one of her most important daily activities.



Rosa Salimu em frente à sua casa em Lichinga.
Rosa Salimu in front of her house in Lichinga.

Notas / Notes

1 Entrevista com Paulina Mateus N’Kunda, 16 de Junho de 2009, Maputo. Paulina serviu como Secretária Geral da OMM de 1996 até 2011. Ela faleceu em Outubro de 2013. Entrevista com Marina Pachinuapa, 25 de Julho de 2009, Maputo. Ela estava a trabalhar no Gabinete da Primeira Dama de Moçambique na altura da entrevista. Maria é uma das poucas veteranas de guerra que atingiu a patente de coronel na reserva das forças militares.

2 Ver também ‘23 Mozambican Girls Participate in the Armed Struggle’, *Mozambican Revolution* 21 (Setembro de 1965), 7.

3 As mulheres não sabiam com precisão o ano do seu nascimento, ou a data, porque estas informações não eram registadas na altura em que elas nasceram. Os anos de nascimento que eu incluí nas suas histórias foram escolhidos para elas quando elas receberam os seus cartões de identificação, depois da independência.

4 David Francisco Xadrique Ndegue, *A luta de libertação na frente do Niassa*, Volume 1 (Maputo: JV Editores, 2009).

5 Ver também os testemunhos em Organização da Mulher Moçambicana (OMM) e Benigna Zimba, *A mulher moçambicana na luta de libertação nacional: memórias do destacamento feminino* (Maputo: CPHLLN, 2012).

6 As bases de mulheres no Niassa Oriental incluíam a Base Ngaselo (na proximidade de N’sawisi, junto ao rio Lujenda); Base Katembe (depois de N’sawisi, na direcção de Mecula); e Base Lutyambila, que era para as DFs com crianças (perto do Rio Rovuma). A Base Feminina de Chityale, no Niassa Ocidental, foi atacada por tropas portuguesas no início de 1967, e as mulheres foram transferidas para a Base Central de Mipoche. No Niassa Ocidental nenhuma bases femininas existiram depois disto, e as mulheres não foram mais separadas dos homens. No Niassa Oriental, algumas bases femininas continuaram a existir ao longo da guerra, apesar de, depois da Base Katembe ter sido destruída por Kaúlza de Arriaga, a maioria das DFs trabalhar em bases mistas. No Niassa Austral nunca existiram bases femininas.

7 De acordo com o antigo comandante militar do Niassa Oriental, Eduardo Silva Nihia, na parte final da guerra, a força de guerrilha da FRELIMO no Niassa contava com

1 Interview with Paulina Mateus N’kunda, 16 June 2009, Maputo. Paulina served as Secretary-General of the OMM from 1996 to 2011. She died in October 2013. Interview with Marina Pachinuapa, 25 July 2009, Maputo. She was working in the Cabinet of the First Lady of Mozambique at the time of the interview. Marina is one of a handful of female war veterans who hold the rank of colonel in the military reserve force.

2 See also ‘23 Mozambican Girls Participate in the Armed Struggle’, *Mozambican Revolution* 21 (September 1965), 7.

3 The women did not know their exact birth years or dates as these were not recorded when they were born. The birth years that I have included in their stories were chosen for them when they received their identification cards after independence.

4 David Francisco Xadrique Ndegue, *A luta de libertação na frente do Niassa*, Volume 1 (Maputo: JV Editores, 2009).

5 See also testimonies in OMM and Benigna Zimba, *A mulher moçambicana na luta de libertação nacional: memórias do destacamento feminino* (Maputo: CPHLLN, 2012).

6 Women’s bases in *Niassa Oriental* included at least Base Ngaselo (in the proximity of N’sawisi, by the Lujenda river); Base Katembe (after N’sawisi in the direction of Mecula); and Base Lutyambila, which was for DFs with children (by the Rovuma River). The female-only Base of Chityale in *Niassa Ocidental* was attacked by Portuguese troops in the beginning of 1967, and the women were moved to the Central Base of Mipoche. In *Niassa Ocidental* no female-only bases existed after this, and women were no longer separated from men. In *Niassa Oriental*, some female-only bases continued throughout the war, although after Base Katembe was destroyed by Kaúlza de Arriaga, most DFs worked at mixed bases. *Niassa Austral* never had female-only bases.

7 According to ex-military commander of *Niassa Oriental* (the eastern sector of the Niassa liberation front) Eduardo Silva Nihia, in the later part of the war FRELIMO’s guerrilla force in Niassa amounted to about 2000 soldiers. Interview with Eduardo Silva Nihia, 2 July 2014, Maputo. Henriksen estimates that in 1968 FRELIMO had about 4000 soldiers while the Portuguese forces consisted of about 50,000. By

cerca de 2000 soldados. Entrevista com Eduardo Silva Nihia, 2 de Julho de 2014, Maputo. Henriksen estima em 1968 a FRELIMO tinha aproximadamente 4000 soldados, enquanto que as forças portuguesas consistiam em cerca de 50 000. Em 1974, a FRELIMO tinha 10 000 soldados empregues por todo o país. Thomas H. Henriksen, *Mozambique: A History* (Londres: Rex Collings, 1978), 190.

8 Sobre o desenvolvimento da luta de libertação no Niassa, ver José Alberto Raimundo, ‘Frente do Niassa’, in Joel das Neves Tembe (ed), *História da luta de libertação nacional*, Volume 1 (Maputo: Direcção Nacional de História, Ministério dos Combatentes, 2014), 453–550; e Ndegue, *A luta de libertação*.

9 Ver, por exemplo, Ndegue, *A luta de libertação*; Raimundo, ‘Frente do Niassa’; José Phahlane Moiane, *Memórias de um guerrilheiro* (Maputo: King Ngungunyane Institute, 2009).

10 Ndegue, *A luta de libertação*.

11 Ibid., 177.

12 Ver também, por exemplo, Kathleen Sheldon, *Pounders of Grain: A History of Women, Work, and Politics in Mozambique* (Portsmouth, NH: Heinemann, 2002); João Paulo Borges Coelho, ‘Politics and Contemporary History in Mozambique: A Set of Epistemological Notes’, *Kronos* 39, no. 1 (2013): 21–22. A disputa entre duas facções dentro da liderança da FRELIMO é parte da história oficial da FRELIMO da luta de libertação. Ver Frelimo, *História da FRELIMO* (Maputo: FRELIMO, 1981), 17–21. Nos anos mais recentes, os historiadores começaram a defender que a luta política dentro da liderança da FRELIMO não teve contornos tão nítidos como a FRELIMO quer que as pessoas pensem. Ver por exemplo, Paula Meneses, ‘Xiconhoca, o inimigo: Narrativas de violência sobre a construção da nação em Moçambique’, *Revista Crítica de Ciências Sociais* 106 (2015): 9–51.

13 As políticas de género da FRELIMO ficaram mais formalizadas entre 1969 e 1972. Ver Allen Isaacman e Barbara Isaacman, ‘The Role of Women in the Liberation of Mozambique’, *Ufahamu: Journal of the African Activist Association* 13, no. 2 (1984): 128–185; Isaacman and Isaacman, *Mozambique: From Colonialism to Revolution, 1900–1982* (Boulder: Westview, 1983). Ver também Josina Machel, ‘The Role of Women in the Struggle’, *Mozambique Revolution* 41 (1969): 24–27. O texto da Josina Machel exemplifica este discurso sobre género emergente. Na sua forma completamente constituída, é possível percebê-lo no discurso de Samora Machel na abertura da Primeira Conferência da OMM, em 1973.

1974, FRELIMO had 10,000 soldiers employed across the country. Thomas H. Henriksen, *Mozambique: A History* (London: Rex Collings, 1978), 190.

8 On the development of the liberation struggle in Niassa see José Alberto Raimundo, ‘Frente do Niassa’, in Joel das Neves Tembe (ed), *História da luta de libertação nacional*, Volume 1 (Maputo: Direcção Nacional de História, Ministério dos Combatentes, 2014), 453–550; and Ndegue, *A luta de libertação*.

9 See e.g. Ndegue, *A luta de libertação*; Raimundo, ‘Frente do Niassa’; José Phahlane Moiane, *Memórias de um guerrilheiro* (Maputo: King Ngungunyane Institute, 2009).

10 Ndegue, *A luta de libertação*.

11 Ibid., 177.

12 See also e.g. Kathleen Sheldon, *Pounders of Grain: A History of Women, Work, and Politics in Mozambique* (Portsmouth, NH: Heinemann, 2002); João Paulo Borges Coelho, ‘Politics and Contemporary History in Mozambique: A Set of Epistemological Notes’, *Kronos* 39, no. 1 (2013): 21–22. The fight between two factions within the FRELIMO leadership is part of FRELIMO’s official history of the liberation struggle. See Frelimo, *História da FRELIMO* (Maputo: FRELIMO, 1981), 17–21. In more recent years, historians have started to argue that the political struggle within the leadership was not as clear-cut as FRELIMO wanted the people to think. See e.g. Paula Meneses, ‘Xiconhoca, o inimigo: narrativas de violência sobre a construção da nação em Moçambique’, *Revista Crítica de Ciências Sociais* 106 (2015): 9–51.

13 FRELIMO’s gender politics become more formalized between 1969 and 1972. See Allen Isaacman and Barbara Isaacman, ‘The Role of Women in the Liberation of Mozambique’, *Ufahamu: Journal of the African Activist Association* 13, no. 2 (1984): 128–185; Isaacman and Isaacman, *Mozambique: From Colonialism to Revolution, 1900–1982* (Boulder: Westview, 1983). See also Josina Machel, ‘The Role of Women in the Struggle’, *Mozambique Revolution* 41 (1969): 24–27. Josina Machel’s text exemplifies this emerging gender discourse. In its full-fledged form it is perceivable in Samora Machel’s speech at the opening session of the First Conference of OMM in 1973. Samora Machel, ‘The Liberation of Women is a Fundamental Necessity for the Revolution’, in *Mozambique: Sowing the Seeds of Revolution* (Harare: Zimbabwe Publishing House, 1981), 17–31.

Samora Machel, ‘The Liberation of Women is a Fundamental Necessity for the Revolution’, in *Mozambique: Sowing the Seeds of Revolution* (Harare: Zimbabwe Publishing House, 1981), 17–31.

14 Entrevista com Maria Ajaba, 18 de Agosto, 2013, Lichinga.

15 Ver também Isabel Maria Casimiro, ‘Repensando as relações entre mulher e homem no tempo de Samora,’ in *Samora: homem do povo*, ed. António Sopa (Maputo: Maguezo, 2001).

16 Cassimo Dilondo numa entrevista de grupo com antigos combatentes no distrito de Muembe, 14 de Junho, 2013.

17 Ver também, por exemplo, ‘First Conference of Mozambican Women’, *Mozambique Revolution* 54 (1973), 22–24.

18 Entrevista com Rosa Mustaffa, distrito de Muembe, 30 de Maio, 2014.

19 Entrevista com Helena Baide, Lichinga, 26 de Novembro, 2012.

20 Ver por exemplo Machel, ‘The Role of Women in the Struggle’.

21 Entrevista com Helena Baide, Lichinga, 26 de Novembro, 2012.

22 Daniel Assahel Polela defende que mais tarde durante a guerra foi decidido que as mulheres não deveriam participar no combate. Polela, nascido no Niassa, serviu como chefe adjunto do comando provincial de Cabo Delgado e, depois de 1972, como comandante provincial de artilharia, no Niassa. ‘Daniel Assahel Polela’, in Ana Bouene Mussanhane, *Protagonistas da luta de libertação nacional* (Maputo: Marimbique, 2012), 287.

23 Os infantários não existiram durante os primeiros anos da guerra.

24 Estas fizeram parte da investigação para o meu projecto de Doutoramento. Ver Jonna Katto, ‘Beautiful Mozambique: Haptics of Belonging in the Life Narratives of Female War Veterans’ (dissertação de Doutoramento, Universidade de Helsínquia, 2017).

25 Os testemunhos de Teresa António Chaiba Anaiva e Teresa Amuli também foram publicados em Mussanhane, *Protagonistas*.

14 Interview with Maria Ajaba, 18 August 2013, Lichinga.

15 See also Isabel Maria Casimiro, ‘Repensando as relações entre mulher e homem no tempo de Samora,’ in *Samora: homem do povo*, ed. António Sopa (Maputo: Maguezo, 2001).

16 Cassimo Dilondo in a group interview with male ex-combatants in the district of Muembe, June 14, 2013.

17 See also e.g. ‘First Conference of Mozambican Women’, *Mozambique Revolution* 54 (1973), 22–24.

18 Interview with Rosa Mustaffa, district of Muembe, May 30, 2014.

19 Interview with Helena Baide, Lichinga, November 26, 2012.

20 See e.g. Machel, ‘The Role of Women in the Struggle’.

21 Interview with Helena Baide, Lichinga, November 26, 2012.

22 Daniel Assahel Polela argues that later in the war it was decided that women should not participate in combat. Polela, born in Niassa, served as vice-chief of the provincial command of Cabo Delgado, and after 1972 as provincial commander of artillery in Niassa. ‘Daniel Assahel Polela’, in Ana Bouene Mussanhane, *Protagonistas da luta de libertação nacional* (Maputo: Marimbique, 2012), 287.

23 The child care centres did not exist in the first years of the war.

24 This was part of my PhD research project. See Jonna Katto, ‘Beautiful Mozambique: Haptics of Belonging in the Life Narratives of Female War Veterans’ (PhD dissertation, University of Helsinki, 2017).

25 The testimonials of Teresa António Chaiba Anaiva and Teresa Amuli were also published in Mussanhane, *Protagonistas*.

Glossário / Glossary

ACLLN	Associação dos Antigos Combatentes da Luta de Libertação Nacional	ACLLN	<i>Associação dos Antigos Combatentes da Luta de Libertação Nacional</i> , Association of the Former Combatants of the Liberation Struggle
casa melhorada	casa feita de tijolos de barro e com um tecto de zinco; em Ciyaawo: <i>nyumba ga malata</i>		
DF	Destacamento Feminino, o destacamento feminino do exército da FRELIMO; também usado para se referir aos seus membros individuais	<i>capulana</i>	a colourful printed cloth women commonly wear wrapped around their waist
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique	<i>casa melhorada</i>	improved house made of clay bricks and zinc roofing; Ciyaawo: <i>nyumba ga malata</i>
Frelimo	Partido Frelimo	<i>chapa</i>	mini-van transport
<i>masanje</i>	picnic	<i>chima</i>	stiff maize porridge; in Ciyaawo: <i>ugadi</i>
<i>mawondo</i>	tecido feito com a casca interior de uma árvore	DF	<i>Destacamento Feminino</i> , the Female Detachment of the FRELIMO army; also refers to its individual members
milicianas/os	homens e mulheres civis que ajudaram as guerrilhas durante a guerra	FRELIMO	<i>Frente de Libertação de Moçambique</i> , Mozambique Liberation Front
Niassa Austral	o sector Sul da frente militar do Niassa	Frelimo	<i>Partido Frelimo</i> , the Frelimo party
Niassa Ocidental	o sector Oeste da frente militar do Niassa	<i>machamba</i>	cultivated field in the highland; in Ciyaawo: <i>ngunda</i> , pl. <i>migunda</i>
Niassa Oriental	o sector Este da frente militar do Niassa		
OMM	Organização da Mulher Moçambicana	<i>mapira</i>	type of cereal grass like sorghum or millet; botanical name, <i>Sorghum bicolor</i> L. Moench
RENAMO	Resistência Nacional Moçambicana		
Guerra da RENAMO	O termo utilizado pelos entrevistados para se referirem à guerra entre a FRELIMO	<i>masanje</i>	picnic
		<i>mawondo</i>	cloth made from the inner bark of a tree

	e a RENAMO durante o período de 1977 a 1992. O que começou por ser uma guerra de destabilização apoiada pela Rodésia e a África do Sul do <i>apartheid</i> acabou por depois se desenvolver e transformar numa guerra civil.	<i>milicianas/os</i>	civilian women/men that assisted the guerrillas during the war
		<i>Niassa Austral</i>	the southern sector of the Niassa military front
		<i>Niassa Ocidental</i>	the western sector of the Niassa military front
Renamo	Partido Renamo	<i>Niassa Oriental</i>	the eastern sector of the Niassa military front
sipaio	soldados africanos que trabalhavam para o governo colonial	OMM	<i>Organização da Mulher Moçambicana</i> , Organization of Mozambican Women
<i>unyago</i>	o termo geral usado tanto para referir os rituais de iniciação masculinos como femininos; <i>nsoondo</i> , o ritual de iniciação feminino	RENAMO	<i>Resistência Nacional Moçambicana</i> , Mozambican National Resistance
<i>wanya njomba</i>	‘os tios’, um termo usado no Niassa durante a guerra para referir as guerrilhas da FRELIMO	RENAMO war	The term was used by the interviewees to talk about the war between FRELIMO and RENAMO during the period 1977 to 1992. What started out as a destabilization war supported by Rhodesia and apartheid South Africa later developed into a civil war.
<i>waya</i>	aldeamento ou campo de concentração	Renamo	<i>Partido Renamo</i> , the Renamo party
		<i>sipaio</i>	African soldiers working for the colonial government
		<i>unyago</i>	the umbrella term for both male and female initiation rites; <i>nsoondo</i> , the female initiation rite
		<i>wanya njomba</i>	‘the uncles’, a term used in Niassa during the war to refer to the FRELIMO guerrillas
		<i>waya</i>	fortified villages; in Portuguese: <i>aldeamento or campo de concentração</i>